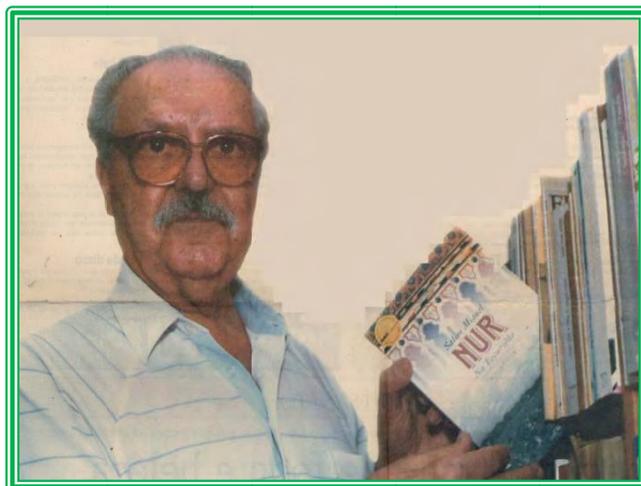


**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias relacionadas ao Livro Nur na Escuridão

Organização e digitalização:
Iraci Borszcz, Kariane Regina Laurindo, Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

Número	Referências das materiais publicadas em jornais
001	JORNADA literária: Dois Brasis vencem em Passo Fundo. Zero Hora . Porto Alegre, 29 ago. 2001. Impresso.
002	MUNIZ, Alethea. Ficção popular. Correio Brasiliense . Brasília, 19 mar. 2000. p. 5.
003	VERAS, Luciana. Antônio Torres: prêmio e fama. Diário de Pernambuco . Recife, 12 set. 2001.
004	NOGUEIRA, Fernanda. Escritores e leitores unidos na mesma conversa. Jornal da Tarde . São Paulo, 17 set. 2001.
005	Dois autores são premiados na jornada de literatura. Gazeta Mercantil . Porto Alegre, 30 ago. 2001.
006	ESCRITORES dividem o prêmio da Jornada de Literatura de PF. Diário Popular . Pelotas, 29 ago. 2001. p. 14.
007	ESCRITORES recebem prêmio na jornada. Correio do Povo . Porto Alegre, 30 ago. 2001. p.28.
008	LUZ Nas Trevas. Lingurudos . Santa Catarina, nov./dez. 2000.
009	PRÊMIO dividido. Diário da Manhã . Passo Fundo, 29 ago. 2001. Chamada de capa
010	MENDES, Moisés. O canibal que virou cavalheiro francês. [s.l.], 1 set. 2001. Cultura, p.2-3.

011	CAMPANHA. Diário Catarinense . Florianópolis, 6 mar. 2010. Variedades, p. 8.
012	BUSS, Deluana. A internacionalização de Salim Miguel. A Notícia . Florianópolis, 28 dez. 2004. Anexo, p. C5.
013	SALIM Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 22 set. 2009. Guia Hagah,
014	MACHADO, Ricardinho. Nur. A Notícia . Florianópolis, 12 abr. 2003. Variedades, p. 5.
015	SILVESTRE, Glauco. Catarinense ganha o prêmio máximo de literatura do País. O Estado . Florianópolis, 30 ago. 2001. Variedades, p. 10.
016	SARTORI, Raul. Terceira edição. A Notícia . Florianópolis, 4 maio. 2003. Anexo, p. C2.
017	LIVROS. Nur na Esguridão. Linguagem Viva . São Paulo, 8 out. 2002. p.7.
018	O QUE eles estão lendo: Luciana Sandroni. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 7 set. 2002. p.5.
019	VACAÇÃO para a escrita desde cedo. Diário Catarinense . Florianópolis, 22 nov. 2001. p. 5.
020	ALVES, Rodrigo. Luzes para Santa Catarina. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 8 set. 2001. Idéias, p.7.
021	SANDRONI, Cícero. Prêmios para Salim e Torres. Jornal do Comércio . Recife, 2 set. 2001. p. A-7.

022	SEREZA, Haroldo Ceravolo. Encontro reúne Antônio Torres e Salim Miguel. O Estado de São Paulo . São Paulo, 24 set. 2001. p. D7.
023	HOMENS de letras são consagrados no ano. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 dez. 2001. p. 12.
024	BENVENUTTI, Moacir. Homenagem a Salim. A Notícia . Florianópolis, 14 OUT. 2001. Social, p. C7.
025	MENEZES, Cacau. Luz Obscura. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 out. 2001. Cacau Menezes, p. 47.
026	RIVOIRE, Valéria. A saga de uma família libanesa. Diário Catarinense . Florianópolis, [s.d]. Variedades.
027	BUSS, Deluana. O tempo é o senhor da razão. A Notícia . Florianópolis, 20 mar. 2005. Anexo. p. 5
028	LIMA, Jéferson. Quais são os autores ausentes. A Notícia . Florianópolis, 2 mar. 2007. p. 3.
029	A LUZ da literatura Jornal Árabe-Brasileiro . Curitiba, [s.d]. Cultura. p. 6.
030	LANÇAMENTOS no Brasil. O Estado de São Paulo . São Paulo, 20 fev. 2000. Caderno 2/ Cultura, p. D3.
031	LOTH, Moacir. Luz na escuridão. A Notícia . Florianópolis, 4 ago. 2002. Anexo. p. C3.
032	HASSE, Geraldo. Mascate de memória familiar. Gazeta Mercantil . Pernambuco. 20 abr. 2001. Cultura. p. 3.
033	FRANCALACCI, Patrícia. Salim Miguel e seu Nur na Escuridão. O Estado. Florianópolis , 22 abr. 2000. Magazine, p. 3.
034	TALENTO NOSSO. [s.l.], [s.d].
035	SANCHES NETO, Miguel. Um atávico desejo de linguagem. Gazeta do Povo . Curitiba, 02 out. 2000.p. 8.

036	MILLEN, Mânia; ROLLEMBERG, Marcelo. A luz da terra estrangeira. O Globo . Rio de Janeiro. 25 dez. 1999. Prosa & Verso, p.6.
037	SANTOS, Sílvio Coelho dos. Um Livro muito especial. O Estado . Florianópolis, 24 fev. 2000.
038	BARCELLOS, Claudia. Prêmio marca os 50 anos de carreira de Salim Miguel. Valor Econômico . São Paulo, 10 set. 2001. EU&CULTURA, p. D10
039	SALIM Miguel anuncia nova obra para este ano. A Notícia . Florianópolis, 30 ago. 2001. Anexo, p. C3.
040	BIANCHINI, Fábio. Luz de Salim Miguel em francês. Diário Catarinense . Florianópolis, 13 ago. 2004. Variedades, p. 1.
041	PRÊMIO Passo Fundo Zaffari & Bourbon: dois autores dividem os R\$ 100 mil. O Nacional . [s.l.], 29 ago. 2001. Geral, p.15.
042	CARPEGGIANI, Schineider. A PORÇÃO LIBANESA DO Brasil. Jornal do Comércio . Recife, 2 out. 2001. Escrita, p. 2.
043	ANGIOLILLO, Francesca. Salim Miguel ganha troféu Juca Pato. Folha de São Paulo . São Paulo, 6 jun. 2002. Ilustrada, p. E7.
044	HASSE, Geraldo. Tricampeão de copas literárias. Gazeta Mercantil . Florianópolis, 23 ago. 2002. p. 11.
045	CAGIANO, Ronaldo. Estou lendo... Estado de Minas . Minas Gerais. 19 nov. 2000.
046	SALIM. Diário Catarinense . Florianópolis, 6 maio 2003. Visor. p.3.

047	SUGESTÕES: "Nur na Escuridão". Diario Catarinense . Florianópolis, 16 maio 2003. Literatura, p. 6
048	SARTORI, Raul. Expurgo? A Notícia . Florianópolis, 9 set. 2001. Anexo, p.C2.
049	MENEZES, Cacau. Premiado. Diário Catarinense . Florianópolis, 30. mar. 2000. Cacau Menezes, p. 63.
050	SALIM Miguel faz palestra na UFRJ. O Globo . Rio de Janeiro. 09 abr. 2000.p. 9.
051	WINCK, Alexandre. Escritor à beira-mar. Diário Catarinense . Florianópolis, 4 fev. 2000. Gente, p.3.
052	DAMIÃO, Carlos. O Brasil sob a ótica dos libaneses. A Notícia . Florianópolis, 21 jan. 2000. Anexo., p. 3.
053	PEREIRA, Mário. Saga familiar, um mergulho na memória. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 jan. 2000. Variedades, p. 6.
054	O JORNALISTA Salim Miguel lançará seu 18º livro. Carta do Líbano . São Paulo, ago. 1999. Literatura, p. 13.
055	SARTORI, Raul.Jubileu. A Notícia . Florianópolis, 21 ago. 2001. Anexo, C2.
056	GIORDANO, Rafaela. Prêmio para Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 29 ago. 2001. Variedades, p. 31.
057	MIGUEL, Salim. Meu clássico. O Globo . Rio de Janeiro, 01 set. 2001. Prosa & Verso, p. 5.

058	ARAUJO, Paulo. Entre a ficção e a vida real. Correio Brasiliense . Brasília, 28 set. 2000.p. 7.
059	FEIJÓ, Marcia. Maior encontro literário do país abre hoje no RS. Diário Catarinense . Florianópolis, 28 ago. 2001. Variedades, p. 8.
060	MAIS Transpiração do que inspiração. O Estado . Florianópolis, 07,08 e 09 set. 2001.
061	A REALIDADE de um escritor catarinense. O Estado . Florianópolis, 07,08 e 09 set. 2001. Literatura, p. 3.
062	PAGANINI, Joseana. Saga de uma família libanesa. Jornal de Brasília . Brasília, 28 set. 2000. Arte e Lazer, p. D5.
063	A CULTURA em O Estado. O Estado . Florianópolis, 13 e 14 maio 2000. Suplemento especial, p. 33.
064	HISTÓRIA pela visãodo romancista ganha o prêmio. Diário do Amanhã . Passo Fundo, 29 ago. 2001. p.7.
065	HOMENAGENS revivem os 20 anos de jornada de literatura. Diário do Amanhã . Passo Fundo, 29 ago. 2001. p.6.
066	MADALENA, Antonio. Torres e Salim Miguel dividem prêmio. O Globo . Rio de Janeiro, 29 ago. 2001.
067	VIANNA, Natália. Salim Miguel é premiado em Passo Fundo. Gazeta Mercantil- Santa Catarina , 29 ago. 2001.
068	ALVES, Rodrigo. Evento premia escritores. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 30 ago. 2001. p. 4.

069	OLIVEIRA, Adriana. Salim Miguel anuncia nova obra para este ano. A Notícia . Joinville, 30 ago. 2001. Anexo, C3.
070	PRÊMIO Zaffari & Bourbon sai para autores consagrados. O Cidadão . Passo Fundo, 30 ago. 2001.
071	DOIS autores consagrados ganham o Prêmio Zaffri & Bourbon de literatura. O Cidadão . Passo Fundo, 01 ago. 2001.
072	SARTORI, Raul. Prêmio para SC. A Notícia . Joinville, 30 ago. 2001. C2.
073	FEIJÓ, Marcia. "Este livro tem me dado sorte", diz Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 ago. 2001. Variedades.
074	SILVESTRE, Glauco. Escritor catarinense concorre a prêmio. O Estado . Florianópolis, 31 ago. 2001. p. 10.
075	NOSSO querido Antônio Torres. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 01 set. 2001.
076	AMORIM, Maristela. Salim Miguel recebe homenagem. Diário Catarinense . Florianópolis, 05 set 2001. Variedades.
077	O PERSONAGEM Salim Migeul. Diário Catarinense . Florianópolis, 10 set. 2001. Visor. p. 3.
078	MENEZES, Cacau. Salim é sucesso. Diário Catarinense . Florianópolis, 06 jul. 2000. Cacau Menezes, p.55.
079	GUTKOSKI, Cris. Sonhos sólidos, páginas impressas. Zero Hora . Porto Alegre, 08 set. 2001. Literatura, p.2.

080	GUTKOSKI, Cris. A consagração de odis Brasis. Zero Hora . Porto Alegre, 29 ago. 2001.
081	NEQUETE, E. Clarão de Nur. Jornal do Comércio . Rio de Janeiro. 13 jan. 2000. Perspectivas, p. A18.
082	ARAUJO, Paulo. Plano piloto. Correio Brasiliense . Brasília, 28 set. 2000. p. 7.
083	MACHADO, Ricardinho. Em alta. A Notícia . Florianópolis, 10 abr. 2000. Variedades, p. 5.
084	"NUR na escuridão". Carta do Líbano . São Paulo, jan. 2000. Atualidades, p. 4-5.
085	SANTIAGO, Antoninha. A saga de imigrantes libaneses nos caminhos do Brasil. Gazeta Mercantil . Florianópolis, 30 nov. 1999. p. 6.
086	RIVOIRE, Valéria. A saga de uma família libanesa. Diário Catarinense . Florianópolis, 29 nov. 1999. Variedades, p. 12.
087	OLIVEIRA, Maurício. Cultura catarinense é condenada. A Notícia . Florianópolis, 25 nov. 1999. Anexo, p. C1.
088	CRÍTICOS de arte elegem melhores. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 16 dez. 1999.
089	MILLEN, Mânia; PIRES, Paulo Roberto. Luzes da memória. O Globo . Rio de Janeiro, 31 jul. 1999. Prosa & Verso, p. 5.
090	SARTORI, Raul. Romance. A Notícia . Florianópolis, 15 nov. 1999. Anexo, p. B2.

091	MÉRITO catarinense. Diário Catarinense . Florianópolis, 24 nov. 1999. Variedades.
092	LIVRO. Diário Catarinense . Florianópolis, 26 nov. 1999. Visor. p.3.
093	PEREIRA, Moacir. Salim. O Estado . Florianópolis, 30 nov. 1999. p. 2.
094	BALDISSEROTTO, Alexandra. Lançameto. Diário Catarinense . Florianópolis, 03 dez. 1999. Variedades, p. 4.
095	PRÊMIO. Diário Catarinense . Florianópolis, 15 dez. 1999. Visor. p. 3.
096	JORNALISTA e escritor transforma a história de sua família em romance. O Globo . Rio de Janeiro, 17 dez. 1999. p. 3.
097	PENA FILHO. A saga libanesa de Salim Miguel. A Notícia . Florianópolis, 30 nov. 1999. Anexo, p. 3.
098	WEISS, Ana. APCA divulga a lista dos melhores de 99. O Estado de São Paulo . São Paulo, 15 dez. 1999. Caderno 2, p. D7.
099	VASSALO, MÁRCIO. Livro é o melhor presente. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 18 dez. 1999. Idéias/livros, p.4.
100	PERSONAGENS da época. A Notícia . Joinville, 31 dez. 1999. Especial, p. G7.
101	ANGEL, Hildegard. Paratodos. O Globo . Rio de Janeiro, 01 jan. 2000. Segundo Caderno, p.3.

102	SARTORI, Raul. Segunda edição. A Notícia . Florianópolis, 01 jan. 2000. Anexo, p. C2.
103	MALLMANN, Regis. Ano encerra com sucessos na área cultural. A Notícia . Florianópolis, 01 jan. 2000. Variedades, p. 7.
104	SALIM Miguel: um bom texto é o que provoca e faz pensar. Correio das Artes . João Pessoa, 02 jan. 2000. p. 8-9.
105	SILVA, Noberto. Bom tempo para relaxar e ler. A Notícia . Florianópolis, 06 jan. 2000. p. 3.
106	CARPEGIANI, Schineider. Nemórias longe da escuridão. Jornal do Comércio . Recife, 18 jan. 2000. Caderno C, p. 3.
107	SANCHES NETO, Miguel. O Líbano e o Brasil sob a luz de Nur. Diário do Nordeste . Fortaleza, 13 fev. 2000. Recortes do Brasil, n. 13, p. 5.
108	SARTORI, Raul. Romance. A Notícia . Florianópolis, 03 fev. 2000. Anexo, p. C2.
109	DERENGOSKI, Paulo Ramos. Salim Miguel: "Nur na Escuridão" Correio Lageano . Lages, 05 fev. 2000. Opinião do Leitor, p. 7.
110	SARTORI, Raul. Redenção. A Notícia . Florianópolis, 06 fev. 2000. Anexo, p. C2.
111	DUNDER, Karla; SAMPAIO, João Luiz. Lançamentos: no Brasil. O Estado de São Paulo . São Paulo, 20 fev. 2000. Cultura. p. D3.
112	MENEZES, Ana Cláudia. Para ser lido fora de SC, escritor elege editira do Rio. A Notícia . Florianópolis, 20 fev. 2000. Anexo, p. C4.

113	TEJERA, Elaine. Memória Joga luz sobre o passado. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 26 fev. 2000. Idéias, p. 5.
114	Nur na escuridão. Magazine View . Joinville, mar. 2000. Literatura, p. 38.
115	OS MELHORES de 1999. O Estado de São Paulo . São Paulo, 26 mar. 2000. Literatura, p. D19.
116	ALVES, Rodrigo. Agenda. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 08 abr. 2000. Idéias, p. 2.
117	COSTA, Célia; MILLEN, Mânia. Palestra. O Globo . Rio de Janeiro, 9 abr. 2000. Prosa & Verso, p. 5.
118	MACHADO, Zury. Saga Libanesa é tema de obra de Salim Miguel. O Estado , Florianópolis, 24 nov. 1999. Cultura, p. 8.
119	MELATTI, Sílvio. "Nur" ganha prêmio de romance do Ano. A Notícia . Florianópolis, 15 dez. 1999. Anexo, p. C6.
120	SARTOI, Raul. Gloria. A Notícia . Florianópolis, 10 abr. 2000. Anexo, p. B2.
121	TEIXEIRA, Maria Célia. Eles dizem, eles fazem. Tribuna da Imprensa . Rio de Janeiro, 12 abr. 2000. p. 6.
122	SILVA, Deonísio da; BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Especial Vogue: quem fez acontecer a cultura brasileira. Vogue . São Paulo, maio 2000. p. 58.
123	BORTOLIN, Rosana. Salim Miguel. Ô Catarina . Florianópolis, maio/jun. 2000. Agenda, p. 15.

124	SALIM Miguel, o brilho da palavra. Estampa . Florianópolis, jul. 2000. Personagem, p. 8.
125	MELATTI, Sílvio. O grande clã de escritores. A Notícia . Florianópolis, 23 set. 2000. Anexo, p. C3.
126	MACÁRIO, Carol. De volta ao Líbano: tradução. Romance de Salim Miguel, “Nur na Escuridão”, será lançado no Libano amanhã. Notícias do Dia, Florianópolis, 06 de mar. de 2013. Plural, pag. 5
127	LA SAGA des Arabes d’Amerique: Dossier. Quantara: Magazine des culture árabe et méditerranéenne. n. 56, p. 25 - 2005

ZERO HORA

ANO 38 - Nº 13.157

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2001

JORNADA LITERÁRIA

Dois Brasis vencem em Passo Fundo

TADEU VILANI/ZH



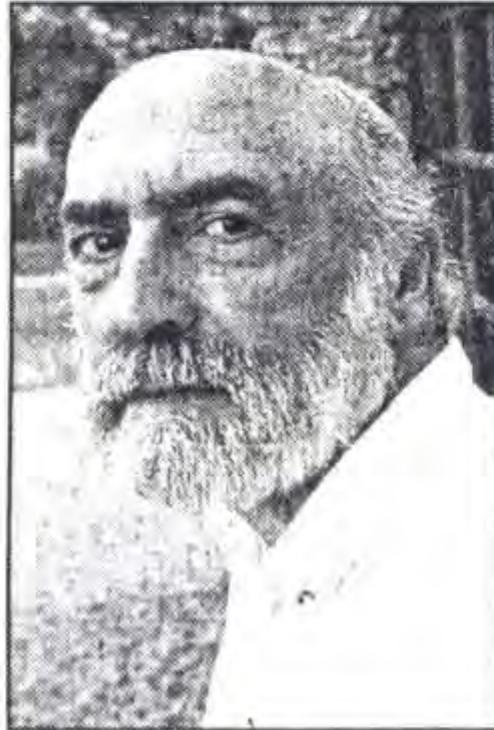
Salim Miguel e Antônio Torres dividiram o 2º Prêmio de Literatura. Caderno Jornada Literária

JAMIL SNEGE / ESCRITOR

"Acabo de ler dois livros de contabilidade de autores sulinos. Da mais resignada e nostálgica — aquela que contabiliza as perdas e lucros do insano

exercício de viver. Refiro-me a Dias e Noites, poesia, de Paulo Hecker Filho e Nur na Escuridão, romance, de Salim Miguel.. Em ambos, o impulso de capturar, numa sutil teia de palavras, o hálito, o odor, a carnadura daqueles que enredam seus afetos aos nossos nessa voragem, às vez divertida, a que chamamos vida."

Anderson Schneider 09.02.2000



LUX JORNAL	165		
Diário de Pernambuco – Recife - PE			
Data: 12/09/2001		6	1
VIVER			

Antônio Torres: prêmio e fama

Luciana Veras
especial para o DIÁRIO

Ele começa a entrevista refutando quaisquer noções de que seja mais aclamado lá fora do que no Brasil. "É uma impressão errada", vaticina o baiano que, na semana passada, viu *Meu Querido Canibal* dividir com Nur na Escuridão, de Salim Miguel, os R\$ 100 mil do prêmio Zaffari & Bourbon de literatura, entregue no fim da 9ª Jornada Literária de Passo Fundo ao melhor romance de 2000. Ao ressaltar que o reconhecimento de crítica e público o acompanham desde o início da carreira, nos já longínquos primeiros anos da década de 70, Antônio Torres não só paga tributo a todos os que já o elogiaram mas também deixa claro o importante papel que exerce na literatura contemporânea tupiniquim.

Ou um "lugar bem confortável", como prefere o autor de mais de uma dezena de livros e vencedor do prestigiado prêmio Machado de Assis do ano passado. Números são válidos para confirmar os argumentos do escritor nascido no Junco ("hoje é Sátiro Dias", corrige a si mesmo), pequeno município encravado no sertão baiano. Essa Terra, sua obra mais famosa, encontra-se na 15ª edição. Publicada em 1976 com a espantosa tiragem inicial de 30 mil exemplares, já vai na casa dos 150 mil vendidos. Tem tradução em 15 idiomas e lugar fixo na lista de leituras obrigatórias n Sorbonne e nas prateleiras das livrarias, onde reside uma edição especial lançada em junho para comemorar os 25 anos de existência.

Ainda é cedo para determinar os caminhos que o novo "filho" de Torres percorrerá no mercado, mas não é exagero apostar que o livro vá tão longe quanto os títulos anteriores. Redigido após uma rigorosa pesquisa na qual o autor imergiu por quatro primaveras, *Meu Querido Canibal* (editora Record, 188 páginas, R\$ 22,00) versa sobre um gigante de dois metros e 14 mulheres, cujos hábitos alimentares incluíam lordes portugueses, apelidado de Cunhambebe.

Essa figura história, qual o escritor tropeçou enquanto coletava dados para outro livro, era o grande personagem pelo qual ele ansiava. "Ele foi o primeiro grande herói brasileiro, que uniu as tribos indígenas e fez o pau comer", comenta o autor sobre aquele que de 1554 a 1567 presidiu a Confederação dos Tamoios. O que menos importa são as características do protagonista. "Escravidão ou morte, essa era a questão", aponta.

A fim de abordá-la com propriedade, o ex-publicitário, que agora se orgulha de viver de sua produção literária, se afundou em referências bibliográficas e arquivos do passado. "Meu Querido Canibal foi uma experiência fascinante porque eu estava escrevendo uma história que não existe. O índio é excluído da História", expõe. "De um pedacinho de fatos, fiz uma colcha de retalhos, jogando o molho do ficcionista em cima, com sal e pimenta", brinca.

Torres diz que o livro, uma canibalização histórica e literária, vem sendo estudado em ambas as disciplinas em escolas cariocas e que isso é o de mais gratificante. "Até agora os historiadores têm se referido à pesquisa como irrepreensível", conta. Essa precisão tem garantido cadeira cativa para o autor em diversos eventos. Até fevereiro, o baiano terá passado por São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e França, onde fica os primeiros dois meses de 2002.

Aproveitará o tempo para fuçar a vida de René Duguay-Trouin, corsário de Luís XIV responsável pelo "seqüestro" da Cidade Maravilhosa em 1711, candidato a personagem principal do projeto vindouro. Alguma visita ao Recife em mente? "Estou com saudades daí. A última vez que estive em Pernambuco foi durante a feira do livro em 97. Quero voltar para cantar o Frevo N° 2 de Antônio Maria", confessa Antônio Torres, que, acostumado ao ir e vir do ofício, se define como um retirante. Antes de mais nada.

LUX JORNAL	165		
Jornal da Tarde – São Paulo - SP		7	1
Data: 17/09/2001			

Variedades

Escritores e leitores unidos na mesma conversa

O projeto Esquina da Palavra, que começa hoje no Itaú Cultural, vai promover conversas informais com autores, de várias editoras e de áreas distintas

Toda noite de lançamento é a mesma coisa. Você fica horas em uma fila de autógrafos e ganha, no máximo, um sorrisinho agradecido do autor esgotado.

Foi pensando em tornar este encontro mais produtivo que Milú Villela, presidente do MAM/SP, criou o projeto Esquina da Palavra, no Itaú Cultural.

"Queremos promover a reflexão e a discussão sobre os assuntos abordados pelos autores e outros temas", explica Milú.

Para organizar a programação e mediar os debates, ela convidou - por indicação do escritor e religioso Frei Betto - Claudiney Ferreira, que apresentou durante 18 anos o programa de rádio Certas Palavras, em várias emissoras de São Paulo.

"Serão conversas informais, de cerca de 45 minutos, com autores de editoras e áreas diferentes", diz Claudiney.

Quem abre a programação é Roberto Drummond que lança, em São Paulo, O Cheiro de Deus. O romance mistura realidade e sobrenatural - marca do autor de Hilda Furacão - para narrar a saga de uma matriarca mineira. Ele conversará com o público sobre sua obra, seu processo de criação e projetos futuros.

Também estão agendadas conversas com personalidades, encontros entre autores e saraus. No dia 24, os escritores Salim Miguel, de Nur na Escuridão, e Antonio Torres, de Meu Querido Canibal, ambos vencedores do Prêmio Passo Fundo, comentam seus romances.

Esquina da Palavra - hoje, às 19 h, no Itaú Cultural (Av. Paulista, 149, tel.: 3268-1700). Grátis.

Fernanda Nogueira

Dois autores são premiados na Jornada de Literatura

Dois autores foram contemplados com o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura, divulgado na abertura da 9ª Jornada Nacional de Literatura, que acontece até amanhã em Passo Fundo.

Antônio Torres, autor de *Meu Querido Canibal*, publicada em 2000, dividiu o prêmio com Salim Miguel, autor de *Nur na Escuridão*. Cada um deles recebeu R\$ 50 mil, valor que utilizarão para financiar novos projetos.

A Jornada continua hoje com o debate sobre Intercâmbio de Registros, Literatura, Cinema e Teatro, que será apresentado às 14h30 por Patrícia Melo. Em seguida os

escritores Lucas Figueiredo, Mário Prata, Walter Galvani, Mário Pontes e Edgard Telles Ribeiro discutem sobre A Formação do Leitor do Futuro: Para o Livro ou Para o E-Book. O painel Cinema e Televisão: Elo na Evolução do Livro ao E-Book, que será analisado por Alcione Araújo, Fernando Moraes, Ziraldo e Maria Adelaide Amaral começa às 19h30.

Amanhã à tarde Alberto Manguel, Antonio Torres, Cláudio de Muora Castro, Emir Sader, Frei Betto e Joel Birman, participam do debate A Preservação da Identidade Cultural no Contexto da Globalização.

Escritores dividem o prêmio da Jornada de Literatura de PF

Dois escritores levaram o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura na 9ª Jornada Nacional de Literatura, que se realiza em Passo Fundo. Salim Miguel, com o livro *Nur na escuridão*, e Antônio Torres, com o livro *Meu querido canibal*, dividiram o prêmio de R\$ 100 mil.

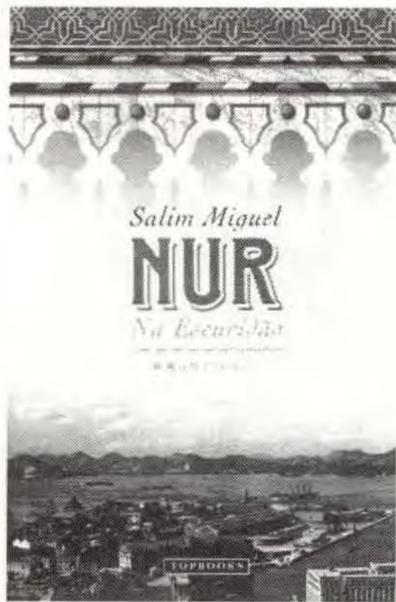
Esta é a segunda vez que o evento premia o melhor romance escrito em língua portuguesa nos últimos dois anos. Ao todo, 190 autores do país e do exterior enviaram suas obras para serem analisadas pela comissão julgadora. Desses, 11 foram finalistas. Em 1999, o prêmio foi conquistado pelo escritor e jornalista ga-

úcho Sinval Medina.

O Prêmio Menção Honrosa deste ano foi para a obra *A cocanha*, de José Clemente Pozenatto. A comissão julgadora foi composta pelos escritores Ignácio de Loyola Brandão, Luís Coronel, Deonísio da Silva e pelos professores doutores Paulo Becker e Tânia Rosing.

Escritores recebem prêmio na Jornada

"NUR na Escuridão", de Salim Miguel, e "Meu Querido Canibal", de Antônio Torres, são os vencedores do Prêmio Zaffari&Bourbon de Literatura. Os escritores dividem o prêmio de R\$100 mil. "A Cocanha", de José Clemente Pozenatto, recebeu menção honrosa. O Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura foi anunciado no dia da abertura da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, na última terça-feira. A Comissão Julgadora foi composta pelos escritores Ignácio de Loyola Brandão, Luís Coronel, Deonísio da Silva, e pelos professores doutores Paulo Becker e Tânia Rösing. A jornada termina no dia 31.



LUZ NAS TREVAS

Salim Miguel teve seu livro "Nur na escuridão", editado pela carioca Top Books, escolhido como o melhor romance do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Mas sua distinção mais preciosa veio do público e da crítica. A obra ganhou páginas e páginas da grande imprensa especializada e, como uma alimenta a outra, alçou um raro desempenho nas livrarias, esgotando rapidamente duas edições. Uma terceira fornada está para ser servida, ainda neste fim de ano. Com o vento favorável de leitores e críticos, Salim se tornou a referência mais recorrente da literatura destas plagas. Afinal, levando-se em conta o pouco espaço que há para o livro na imprensa brasileira, "Nur..." foi um verdadeiro fenômeno, com generosa atenção da mídia.

O autor explica o bom desempenho do romance pela fuga ao convencional. "Não é um romance histórico com estrutura linear; joga com labirintos, desvios, compõe-se de blocos, períodos, jogos, ires e vires, com uma linguagem cinematográfica", define Salim. Além do mérito literário, contribui para seu desempenho o fato de ser o primeiro romance de ficção que trata da imigração libanesa para o Brasil. O estranho título também ajuda: as pessoas querem saber o que é "nur". O esmerado tratamento gráfico da edição acrescenta o atrativo final.

Confirmando os ventos favoráveis, a recém lançada "Antologia poética da Geração 60" inclui três catarinenses de boa safra: Lindolf Bell, Péricles Prade e Rodrigo de Haro. Lançado pela Editora Nankin, de São Paulo, o volume organizado pelos

professores Álvaro Alves de Faria e Carlos Felipe Moisés, traça uma panorâmica da poética dos sessenta. Os catarinenses dividem a obra com, entre outros, Jorge Mautner, Claudio Willer, Roberto Piva, Bruno Tolentino e Carlos Felipe Moisés.

Dos catarinenses morando fora do estado, saíram dois novos romances com boa aceitação na praça. Deonísio da Silva lançou "Os Guerreiros do campo" (leia entrevista com o escritor na página 8), pela Siciliano, e Godofredo de Oliveira Neto editou "Marcelino Nambra", pela Nova Fronteira, obra que está ambientada em Santo Antônio de Lisboa. Pela editora Movimento, de Porto Alegre, o romance "Geração do deserto", de Guido Wilmar Sassi (que serviu de base ao filme "A Guerra dos Pelados", de Sylvio Back), chega à terceira edição. Vale o registro também da reimpressão de "Chica Pelega", de Aulo Sanford de Vasconcelos, contador de histórias que aborda nesse texto aquela importante figura da história do Contestado.

O OESTE MAIS VISÍVEL

Entre as editoras catarinetas, a de maior visibilidade neste já moribundo ano do senhor foi a Griffos, casa editorial da Unoesc, de Chapecó. Com apenas três anos de estrada e quatro dezenas de livros lançados, a Griffos nem parece editora universitária, ainda mais de uma cidade interiorana de um estado fora do eixo. Exclusivamente pela qualidade de suas produções, vem recebendo prêmios e angariando reconhecimento da imprensa nacional especializada.

Todos os livros de Machado de Assis serão relançados com novo projeto gráfico e comentários da organizadora da coleção, professora Ana Luiza Andrade, PHD sobre o autor do Cosme Velho. Os dois volumes já publicados, "A Casa Velha" e "A Cartomante", tiveram seu projeto gráfico premiado. Outro lançamento premiado foi "Uma História Crítica do Fotorjornalismo Ocidental", de Jorge Pedro Souza, de Florianópolis, em co-edição com a Letras Contemporâneas. Êxito de público também é a coleção "Histórias ao pé do ouvido", dedicada ao público infanto-juvenil.

A Griffos está em plena expansão, inclusive com muita procura de autores de outros estados. Vem sendo assediada por distribuidores e grandes editoras nacionais em busca de parcerias, como a Editora da Universidade Federal de Minas Gerais e a Cia. das Letras. A primeira interessada em

LINGUARUDOS
SANTA CATARINA
NOV/Dez de 2000 nº 00

absorver seu conhecimento em projetos gráficos, enquanto a gigante do mercado literário Cia. das Letras, de Roberto Schwartz, pretende distribuir os livros editados em Chapecó.

A receita do sucesso parece simples: pelo menos não existe nenhum ingrediente miraculoso. Como toda editora universitária, tem uma comissão que analisa e aprova as obras que serão publicadas. A equipe que, literalmente, põe a mão na massa é formada por Hilário dos Santos, Gisele dos Santos, Marli Maronesi, sob a direção segura do editor Valdir Crigól. "Temos qualidade de projeto gráfico e conteúdo muito interessante. Somos uma equipe que lê muito, pesquisa muito, tenta inovar. Somos três funcionários, todos jovens, abaixo de 27 anos. Todo mundo é muito dinâmico e buscamos fazer um trabalho coletivo, trocando muita idéia", é o resumo da ópera, nas palavras de Marli Maronesi.

FÔLEGO UNIVERSITÁRIO

Para a mais tradicional editora universitária catarinense, a EdUfsc, 2000 não foi um ano bom. Uma greve de três meses dos funcionários da universidade e, depois, uma reforma na gráfica quase que paralisaram os trabalhos no primeiro semestre. Mesmo assim, deve terminar o ano com 45 títulos lançados. Segundo o editor Alcides Buss, o primeiro compromisso da editora é com a publicação de livros acadêmicos, para 3º grau e textos de cunho universitário com divulgação científica.



Diário da Manhã

Quarta-feira, 29 de agosto de 2001 - Ano 66 - Nº 196 - Preço R\$ 1,20

www.diariodamanha.com



Prêmio dividido

O Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon saiu para dois escritores. Salim Miguel e Antônio Torres dividiram os R\$ 100 mil entregues pelo prefeito Osvaldo Gomes e pelo poeta Luís Coronel

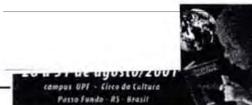
Págs. 6 e 7



Zero Hora.
SÁBADO, 1º DE SETEMBRO DE 2001

CULTURA

CULTURA



Entrevista: Antônio Torres, escritor

O canibal que virou

MOISÉS MENDES

Quatro horas depois de ter recebido a notícia de que venceu o Prêmio Passo Fundo Zaffari Bourbon de Literatura, da 9ª Jornada Nacional de Literatura – dividido com o catarinense Salim Miguel, autor de NUR na Escuridão –, o baiano Antônio Torres ainda exclamava: “Que bom, que bom”. Comemorava o feito do romance *Meu Querido Canibal* (Record, 188 páginas) como se fosse um novato. Na vida desde os anos 70, quando publicou *Essa Terra*, considerado hoje um clássico – estudado nas universidades europeias –, Torres já escreveu 12 livros, traduzidos na Europa e nos Estados Unidos (Um Cão Uivando para a Lua, Balada da Infância Perdida, Os Homens dos Pés Redondos, O Cachorro e o Lobo, Um Táxi para Viena D’Áustria, entre eles). O prêmio chega no momento em que *Essa Terra*, a história do retorno de um retirante as suas origens, é reeditado, depois de merecer versões em 15 idiomas. Torres nasceu em Junco, no sertão baiano, e completa 61 anos no dia 13 de setembro. É um dos mais aplaudidos sobreviventes da geração de 70 de resistência da literatura brasileira. Foi jornalista, publicitário, vive da sua ficção como um retirante adaptado ao Rio e tem na parede de casa o diploma de Chevalier des Arts et des Lettres, concedido pelo governo francês. Nessa entrevista, ele fala do índio tupinambá Cunhambebe, o querido canibal, de como se mantém best-seller e do novo romance que vem aí.

Zero Hora – Por que um autor consagrado reagiu ao prêmio com o entusiasmo de um escritor iniciante?

Antônio Torres – Jamais imaginariao que significa esse prêmio para um baiano que nasceu no sertão, num lugarejo sem rádio e sem notícia das terras civilizadas. Lembro do dia em que apareceu a professora na escola rural. Ela levava como novidade um livrinho chamado *Seleta Escolar*, com textos de Machado de Assis, José de Alencar, Gonçalves Dias, Eça de Queirós.

Foi ali que eu me encantei de tal maneira com a palavra escrita. A professora percebeu isso e passou a me pedir que lesse todos os dias em voz alta e que eu escrevesse uma redação. Fui para a escola com sete anos, já alfabetizado nas primeiras letras pela minha mãe, Durvalice. Me encantei de tal maneira que decidi que queria ser um escritor.

ZH – O sr. começou no jornalismo?

Torres – De Junco, fui para uma cidade maior, chamada Alagoinhas, para estudar no

ginásio. Sempre encantando com essa coisa de ler e escrever. Depois fui para Salvador, onde entrei no *Jornal da Bahia*. Tinha 18 anos. Aos 20, fui para São Paulo e trabalhei na Última Hora. Era bancário, fazia tudo errado, e ao mesmo tempo jornalista.

ZH – Seu início como repórter foi um fracasso?

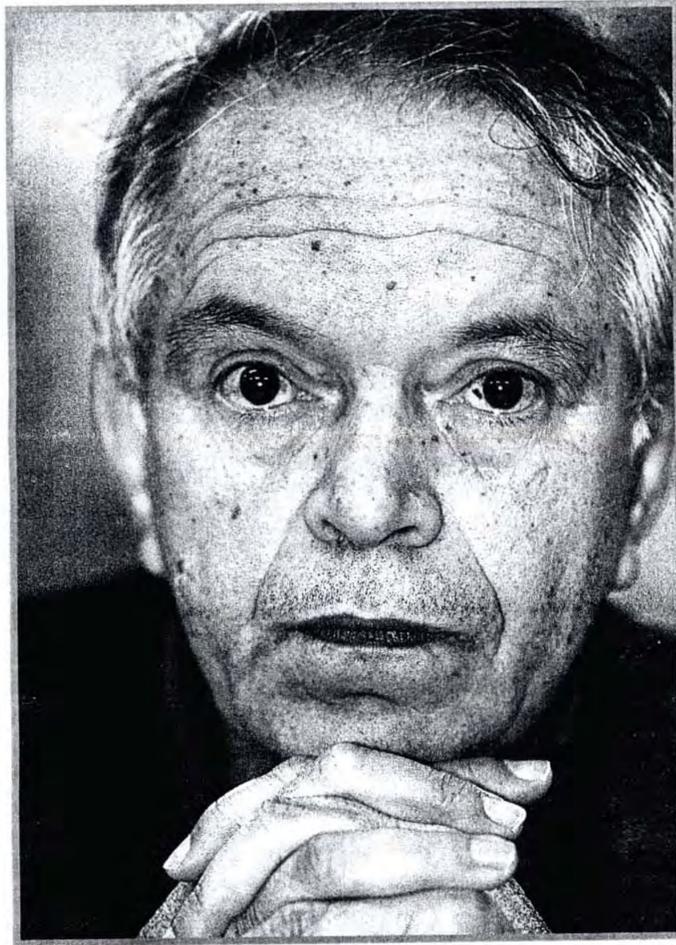
Torres – Decidiram que eu seria setorista do cais do porto. Era foca. Fui e pesquisei na gerência do porto o movimento dos navios que zarpavam e atracavam. Fiz o movimento do porto, algo bem burocrático. No dia seguinte, o chefe de reportagem me esfregou na cara as notícias dos outros jornais, com tirocínio, contrabando, o diabo. Como castigo, me mandaram fazer uma reportagem no necrotério. Tinha um negão estirado no estrado. Nunca esqueci do que vi: os pés com uma etiqueta. Era um jovem que tinha se suicidado. Me lembrei de um poeta baiano, chamado Godofredo Filho, que falava do absurdo de se morrer aos 20 anos. Pensei: hoje eles não me pegam. Comecei a matéria com o poema. Mas o editor do jornal, Ariovaldo Matos, achou uma porcariada e me disse: “Você pensa que isso aqui é literatura? Isso aqui é um jornal”. Me passou um livro americano, *Introdução ao Jornalismo*. Me mandou para casa e pediu que só voltasse depois de ler o livro. Li o livro em uma noite.

ZH – O que o sr. aprendeu com o livro?

Torres – O livro dizia em síntese que você não pode fazer reportagem sem responder às perguntas clássicas do quem, onde, como, quando e por quê. Hoje, também como romancista, eu sei que devo responder a essas perguntas. O que sou hoje, essencialmente, é repórter. *Meu Querido Canibal* é o trabalho de um repórter que vai investigar os fatos.

ZH – O que tem de ficção e história na construção de Cunhambebe?

Torres – Não existia a história de Cunhambebe. Ele foi o grande guerreiro, o primeiro chefe supremo da Confederação dos Tamaiois, presumivelmente entre 1554 e 1557, quando morreu. A confederação durou até 1567, quando Mem de Sá e fez aquela carnificina no Flamengo, na Praia Vermelha, que tem esse nome por causa do sangue dos índios. Fui repórter e romancista. O romancista faz a fabulação. Sempre fui influenciado pelos norte-americanos, que foram antes de tudo repórteres. Hemingway, Truman Capote e Norman Mailer foram grandes repórteres. No Brasil, temos o Antônio Callado.



O ficcionista premiado paga tributo ao jornalismo: “Hoje, essencialmente, sou um repórter”

Antônio Carlos:
A entrevista com o Salim Sai Saba do próximo no Caderno de Cultura do ZH. Amz

cavalheiro francês

ZH – Como foi que Cunhambebe provocou esse encantamento?

Torres – Fiz um trabalho de pesquisa para um livrinho de 40 páginas de uma coleção chamada *Cantos do Rio*, do Instituto Rio Arte, da Secretaria Municipal de Cultura do Rio. Escrevi sobre o centro da cidade. Ali comecei a tropeçar em grandes personagens. Pensei: Cunhambebe? Quem foi Cunhambebe? Todo mundo sabe quem foi Touro Sentado, mas ninguém sabe quem foi Cunhambebe. A imagem dele até agora era a de um selvagem repelente. Pensei: não pode, esse cara foi um grande guerreiro. Tinha quase dois metros de altura, era feio como uma peste, mas tinha 14 mulheres, enquanto os outros caciques tinham quatro. Amigos e inimigos o respeitavam. Os portugueses tremiam quando ouviam seu nome. Ele uniu todas as tribos inimigas e fez a terra tremer. Morreu de uma epidemia presumivelmente trazida pelos brancos. Morreram com ele 300 membros da sua tribo.

ZH – Quanto tempo de pesquisa?

Torres – Levei quatro anos pesquisando em bibliotecas, sebos, museus. Quando terminei o livro, morri de medo do que os historiadores iriam dizer. As histórias são contraditórias. A Escola Cunhambebe no Rio tem um texto sobre o patrono em que tudo está errado. Dizia que ele tinha lutado contra os franceses, que tinha sido batizado por José de Anchieta. Ele nem conheceu Anchieta. Era amigo dos franceses, foi recebido por eles como chefe de Estado.

ZH – E a reação dos historiadores?

Torres – Foi muito boa. O livro está sendo estudado como história e literatura. É estudado como uma espécie de canibalização histórica e literária. Na Sorbonne, é adotado como livro de Literatura. Em colégios do Brasil, é usado na área da História. Alguns setores da Igreja não gostaram, por causa da minha visão do Anchieta e do papel dos jesuítas. O papel de Anchieta foi muito ambíguo, a serviço de Deus e de ele-rei, apesar de Anchieta dizer que não concordava com as atrocidades cometidas pelos portugueses e de defender a paz. A TFP (a entidade conservadora *Tradição, Família e Propriedade*) também não gostou, porque um escritor brasileiro estaria defendendo o canibalismo.

ZH – Como o sr. faz para lidar com tantas controvérsias?

Torres – Tentei contar uma história do ponto de vista do nativo. Claro que há um certo parcialismo. Todos foram parciais. Eu decidi ser parcial do outro lado. E delirei.



“Gosto de uma certa vagabundagem mental”

Aí entrou o romancista delirando. Sem delírio e indignação não existe literatura.

ZH – Por que essa é uma história de canibalização? O sr. acha que é uma volta à antropofagia?

Torres – A nossa história é de canibalismo sempre. Assim se entende melhor Oswald de Andrade. Isso é o nosso lado positivo. Há um lado de influência e outro de canibalismo, na literatura, no jornalismo, na propaganda. Fomos influenciados pelo grande romance americano dos anos 20, 30 e do pós-guerra, pelos franceses, ingleses. Machado fez a antropofagia dos ingleses, sobretudo de Sterne (*Laurence Sterne, criador de Tristram Shandy*). Clarice Lispector tem pontos de conexão com Virginia Woolf. Os beatniks também nos influenciaram. Continuemos canibalizando. Acho muito saudável. Não se trata mais de comer carne humana, mas de devorar a criação universal.

ZH – Por que o sr. diz que há o lançamento de um livro por dia e que a concorrência o preocupa?

Torres – Procuo acompanhar a produção dos mais novos, para saber o que a moçada está fazendo, para não perder o pique. Até

por esperteza. Em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, há uma fala, acho que do capitão Corisco, que relembra conversas com Lampião, que teria dito: “Se eu morrer, nasce outro”. O pessoal novo que está aí é tecnicamente muito bom.

ZH – Quais são os novos autores que o impressionam?

Torres – Gosto muito do Bernardo Ajzenberg, autor de *Variáveis Goldeman*. Em Minas, tem o Carlos Herculano Lopes. Em Pernambuco, Raimundo Carrero, que já não é tão novo. O Arnaldo Bloch é do Rio. Essa gente me dá pilha. Tony Bellotto, guitarrista famoso, já escreveu três romances. Você lê num tacho. Ele tem conhecimento de literatura. Leio por prazer e por esperteza. Tenho que saber o que eles estão fazendo.

ZH – O sr. vai voltar a lidar com literatura de raiz, na linha de *Essa Terra*?

Torres – Vou. Nos anos 70, em *Essa Terra*, eu trato do deslocamento, da migração. Eu pego 20 anos depois o cara que vem para a

cidade grande e volta. Vou voltar, até porque me pedem. Estive no Junco, para os cem anos da minha avó, minha madrinha Maria, e um cidadão que foi meu colega de escola me disse: “Você pode fazer outro livro como aquele”. Disse que tinha sido da polícia e que tinha muitas histórias de suicida para me contar. Ele estava falando do meu personagem de *Essa Terra*, que volta para a Bahia para se matar. Ele me disse que há muito suicídio de crianças.

ZH – O sr. se sente um homem deslocado, fora da sua terra?

Torres – Durante muito tempo convivi com esse sentimento. Mas hoje não me sinto deslocado graças à literatura. A literatura me deu bem-estar. Ando por esse país e por esse mundo e sempre encontro um certo aconchego. Faça o que fizer, meu lado retirante aparece. Fui à Serra da Bocaina, quando estava escrevendo *Meu Querido Canibal*, e vi aquela tribo, aqueles indiozinhos brincando com graveto, aquelas mães nas portas das casas com as crianças nuas, aqueles meninos sujos de terra. Eu me vi naquelas crianças. Vi os índios fazendo mutirão para construir as casas uns dos outros. Eu intuí que sou índio e não sabia, que mi-

nha experiência de vida tinha sido tribal, essa coisa do coletivo. Isso nunca vai se afastar de mim. O cineasta Paulo Thiago me telefonou e disse: “Teu personagem não está mais em São Paulo, está nos Estados Unidos, está no mundo”. Agora, a colônia invade o colonizador.

ZH – E a sua ligação com a música?

Torres – Se me perguntarem quem é mais importante, se Graciliano Ramos, Faulkner, Fitzgerald, Guimarães Rosa ou Miles Davis, eu digo que em alguns momentos é o Miles Davis, é aquele trompete tão dilacerado, tão pungente. Cortázar escreveu muito sobre isso. Tem a melodia, o improviso, a nota inesperada. O músico está se surpreendendo, ele surpreende a si mesmo. Uma música de Thelonious Monk está sempre nos meus ouvidos. Se chama *Blue Monk*. É assim (faz como se tocasse piano na mesa). Tem uma pontuação melódica. Trabalho isso nas oficinas. A música nos ajuda a escrever, é subliminar, entra pelos sentidos. A palavra tem som, imagem, cheiro.

ZH – Sua rotina como escritor é disciplinada, operária?

Torres – Tenho um ritmo disciplinado, mas gosto de uma certa vagabundagem mental. Dizem que o presidente Lincoln teria dito que cultura só é adquirida no ócio. Eu acho que criatividade também. Às vezes, fico com um certo complexo de culpa quando fico muito tempo sem escrever. Mas depois percebo que isso é necessário para uma realimentação das baterias, que se processa pelas conversas, pela observação, pela leitura. É o que está em voga aí com o Domenico De Masi com o ócio criativo.

ZH – Quem é o personagem de seu próximo livro?

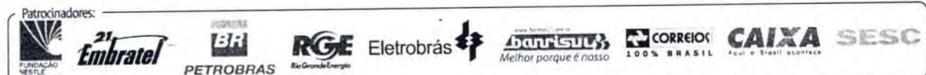
Torres – É René Duguay-Trouin, corsário do rei Luís XIV, que fez o primeiro seqüestro do Rio em 1711. Mas ele não derrubou só uma cidade e um governador. Ele derrubou o Augusto Boal, que fez uma peça sobre ele nos anos 80, *O Corsário do Rei*, com música do Chico Buarque e do Edu Lobo. A peça foi um fracasso. Ele já causou grandes estragos ao Brasil, e eu quero me vingar dele contando uma boa história. Na França, há estátuas dele em toda parte, nome de rua, museu. É um herói da França e um vilão no Brasil. Ele apavorou o Rio, arrasou, saqueou a cidade.

ZH – Caetano Veloso disse que o Rio Grande do Sul é a verdadeira Bahia. O que o sr. acha do Sul?

Torres – Caetano é um provocador. O que me impressiona, desde que estive aqui pela primeira vez, no início dos anos 70, é o contraste em relação ao meu agreste, ao meu sertão. E gosto da sonoridade da palavra Sul. Agora, volto e recebo este prêmio do Sul. Para um homem de lá de um remoto lugar da Bahia, é um presenteço.

2001: uma jornada na galáxia de Gutenberg
9ª Jornada Nacional de Literatura
28 a 31 de agosto/2001 - campus UFF
Círculo de Cultura - Passo Fundo - RS - Brasil

A Universidade de Passo Fundo agradece aos patrocinadores por ajudarem a escrever uma nova página no apoio à cultura deste país.



2001: uma jornada na galáxia de Gutenberg
9ª Jornada Nacional de Literatura
28 a 31 de agosto/2001 - campus UFF
Círculo de Cultura - Passo Fundo - RS - Brasil

A Universidade de Passo Fundo agradece aos patrocinadores por ajudarem a escrever uma nova página no apoio à cultura deste país.



8

RENÊ MÜLLER - INTERINO

Variedades

SÁBADO, 6/03/2010 | DIÁRIO CATARINENSE

rene.muller@diario.com.br

☎ 3216-3596

contracapa

104

CAMPANHA

Depois de ler que os pré-candidatos à Academia Brasileira de Letras começaram a ligar para os imortais da prestigiosa instituição mal havia sido anunciado o falecimento de José Mindlin, lanço a campanha Salim Miguel para a ABL. Sim, e por que não? Tem gente que escreveu menos e com menor qualidade do que a referência maior na literatura contemporânea catarinense, e já é imortal da Academia. Não falo de um só.

Ziraldo, Martinho da Vila, Eros Grau, Geraldo Holanda Cavalcanti, Muniz Sodré e Marco Lucchesi já oficializaram a candidatura. Bom se Martinho da Vila, Ziraldo e Eros Grau podem estar na disputa, nosso Salim também pode.

Na foto ao lado, o acadêmico Lêdo Ivo (D) entrega a Salim Miguel o Prêmio Machado de Assis 2009, em maio do ano passado, em reunião da ABL.



RICHAM SAMIR, DIVULGAÇÃO

Ricardo Mega 2/11/2003



A internacionalização de Salim

Cristiane Fontinha



Reforço do acaso aproximou Luciana Rassier de Salim Miguel

Duas obras do escritor catarinense, "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia" e "Nur na Escuridão", estão sendo traduzidas para o francês

DELUANA BUSS

Florianópolis — As obras "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia" (Editora José Olympio) e "Nur na Escuridão" (Topbooks), ambas do escritor Salim Miguel, deverão ser traduzidas para o francês. A responsável pela iniciativa é a professora Luciana Wrege Rassier, gaúcha de Pelotas que há dez anos mora na França.

Formada em letras e literatura brasileira, com mestrado sobre Guimarães Rosa e doutorado sobre Raduan Nassar, Luciana deu aulas sobre literatura brasileira na universidade de

Montpellier e atualmente dirige, na litorânea universidade de La Rochelle, um mestrado de línguas estrangeiras aplicadas a negócios internacionais.

A vontade de traduzir Salim teve ajuda do acaso. Ela estava interessada em fazer um trabalho, na área de literatura, sobre migração. Pesquisando na Internet, acabou encontrando o nome do escritor, que nasceu no Líbano e chegou em Santa Catarina ainda criança. "Estava em Paris num colóquio sobre o Brasil, e fui conversar com uma das participantes, que morava em Brasília. Perguntei se conhecia o autor, e descobri que ela era ninguém menos que a nora dele", diverte-se.

A coincidência permitiu que os contatos fossem facilitados, agilizando o processo. A previsão é que "Narrativas da Cadeia" seja publicado em outubro de 2005, ano do Brasil na França, pela Editora L'Harmattan, que está abrindo espaço para escritores sul-brasileiros. "Existe um interesse dos franceses pelo Brasil. Eles gostam porque é exótico", conta a professora. Já "Nur" deverá ficar para 2006, provavelmente por uma editora maior.

Luciana já tem experiência com tradução. Ela passou para o francês "Péquod", de Vitor Ramil, e "Valsa para Bruno Stein", de Charles Kiefer, que será lançado em maio. "A obra de Salim é ótima. Acho que 'Narrativas da Cadeia' vai gerar interesse por falar da época da ditadura", avalia a tradutora, que esteve com o escritor e sua mulher em Florianópolis. Ela conta que a visita a capital catarinense também serviu para assinatura de um convênio com a Secretaria de Estado da Educação e Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe), para intercâmbio de docentes e alunos, organização de encontros e publicações.

Miguel

ESTANTE

Fotos Divulgação

O Anjo

MAIS DE UM MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS!

SEMANA OUSADA DE ARTES

Até este sábado acontece a 2ª Semana Ousada de Artes UFSC & Udesc, em Florianópolis. Haverá exposições de artes, mostra de dança, performances teatrais, oficinas e outras atrações. Hoje haverá a apresentação de *Curtas na UFSC*, na Sala Preta 402, às 15h; da peça *Para Tartuficar-se*, no Auditório Garapuvu da UFSC, às 20h30min; da banda Bodoque, às 12h30min; da Orquestra de Câmara da UFSC, às 18h, no CTC da UFSC; e do show *A Corda em Si: O Som do Vazio*, às 18h, no Teatro da UFSC.

Informações pelos telefones (48) 3321-8035 (Udesc) e (48) 3721-9279 (UFSC). Programação completa: www.semanaousada.ufsc.udesc.br. Os eventos são gratuitos.

ZININHO EM CENA

O documentário *Um Manezinho de Apelido Zininho*, conta a história de Cláudio Alvim Barbosa, o poeta Zininho, que foi radioator, cantor, diretor e compôs mais de cem músicas na época de ouro do rádio, como *A Rosa e o Jhasmi*, *Princesinha da Ilha*, *Deixa a Porta Aberta* e *Rancho de Amor à Ilha*. O coquetel de lançamento do filme será hoje às 20h, na Casa da Memória (Rua Padre Miguelinho, 58, Centro, Florianópolis).

FOTOS DIVULGAÇÃO



QUANDO A LUZ CHEGAR

O fotógrafo francês Eric Garault é autor do livro *Quando a Luz Chegar*, que retrata como a energia elétrica influencia e muda a vida das pessoas. Cerca de 40 fotos do livro foram selecionadas e ampliadas para compor a exposição homônima à obra, que está aberta para visitação no Hall da Eletrosul (Rua Dep. Antônio Edú Vieira, Pantanal) de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h e na Aliança Francesa (Rua Visconde do Ouro Preto, Centro), ambos em Florianópolis, das 8h às 21h, até dia 28 deste mês. Gratuito. 📌

FANTASTIC BALL

O Fantastic Ball está no Shopping Iguatemi em Florianópolis (Av. Madre Benvenuta, 687, Santa Mônica, 48/3239-8700) até 31 de outubro.

O brinquedo consiste em andar em grandes bolas de plástico sobre uma piscina, trazendo a sensação de estar sobre a água, sem se molhar. A brincadeira tem duração de 5 minutos e qualquer pessoa de até 100kg pode participar. Horário: das 10h às 22h. Ingressos por R\$ 10.



SALIM MIGUEL

O escritor Salim Miguel, que acaba de receber o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, participa hoje de palestra na Semana Cultural da Universidade do Vale do Itajaí. Após o bate-papo ele autografa os livros *Jornada com Rupert* e *Nur na Escuridão*.

O evento começa às 14h, na Univali (Rua Uruguai 458, Centro, Itajaí, 47/3341-7984).

DES

Salim Miguel

5

Sábado, 12/4/2003

apresentações diárias do músico Fábio dos Santos Schlosser.

NUR • *O ex-diretor da editora da UFSC, Salim Miguel, acaba de ganhar uma terceira edição pela editora Top Books do premiadíssimo livro Nur na Escuridão como melhor romance do ano, da Associação Paulista de Críticos de Arte, e Prêmio Zaffari & Bourbon, da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, além do troféu Juca Pato e o Doutor Honoris Causa pela UFSC.*

VARIEDADES

10

LITERATURA • SALIM MIGUEL VENCEU AO LADO DO ESCRITOR ANTÔNIO TORRES

Catarinense ganha o prêmio máximo de literatura do País

Inscritas no concurso 190 obras, a maioria de escritores brasileiros

GLAUCO SILVESTRE

O LIVRO "NUR NA ESCURIDÃO", do escritor catarinense Salim Miguel, venceu, ao lado do escritor Antônio Torres, com o romance "Meu Querido Canibal", o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, considerado o maior do país e, segundo a revista Veja, um dos maiores do mundo, na categoria literária.

O concurso contou com 190 obras inscritas, a maioria delas de escritores brasileiros, mas autores internacionais marcaram presença. A seleção final contava com 11 escritores. Os vencedores dividiram o prêmio de R\$ 100 mil.

A Comissão Julgadora foi composta pelos escritores Ignácio de Loyola Brandão, Luís Coronel, Deonísio da

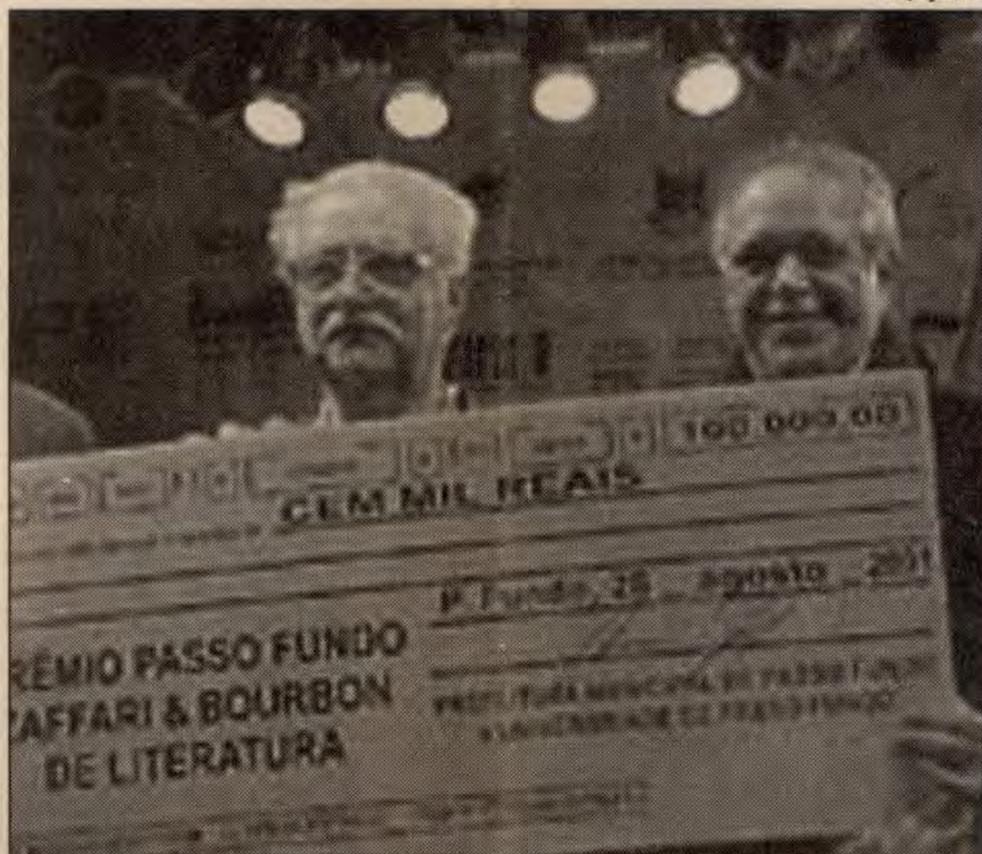
Silva, e pelos professores doutores Paulo Becker e Tânia Rosing.

O Prêmio destina-se a autores de romance escrito em língua portuguesa e cuja primeira edição tenha sido publicada entre junho de 1999 e 30 de maio de 2001. Em 1999, o vencedor foi o jornalista Sinval Medina, com o livro Tratado da Altura das Estrelas.

O prêmio foi instituído através da Lei nº 3366 de 28 de agosto de 1998, e em sua segunda edição, consolida a política de valorização do escritor, nos países de língua portuguesa, que vem sendo implementada durante 20 anos pelas Jornadas Literárias de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

O livro de Salim Miguel também levou o prêmio Romance do Ano da Associação de Escritores de São Paulo no início do ano.

Divulgação/OE



Escritor concorreu com outras 11 obras selecionadas para a final

“Nur na escuridão”... decifre o enigma

O QUE É NUR? Nome de mulher; luz; símbolo; liberdade? Pode ser isso tudo ou nada. Muito mais ou muito menos. Quem sabe um signo premonitório?

Embora haja uma pista logo na primeira página do livro, fica a sugestão ao leitor para que decifre o enigma, pois um texto é tanto mais instigante quanto maiores possibilidades que a leitura oferece. Além da fruição, ele precisa

provocar e fazer pensar.

O romance é calcado em dados reais, trabalhados ficcionalmente. Busca resgatar a saga de uma família de imigrantes libaneses que, almejando ir para os Estados Unidos, acaba trilhando os caminhos do Brasil, bem como a complexa adaptação à nova terra. Maktub! Começa e se fecha em fins dos anos 70 e início dos anos 80. O núcleo central transcorre

entre as décadas de 20 e 50. Sem cronologia fixa, circula pelo Líbano, Rio de Janeiro, Santa Catarina, aqui mais especificamente Biguaçu e Florianópolis. Montado como um jogo-de-arma, sua estruturação não é a de um romance convencional. Comporta labirintos, meandros, idas-e-vindas, interrogações, alegrias e desencantos, dívidas e certezas, ratificações e retificações.

Os descendentes de libaneses no Brasil ultrapassam 6 milhões, igualando a população do Líbano. No entanto, a bibliografia a respeito é extremamente rarefeita.

O livro visa ser mais uma contribuição para alargar o conhecimento de uma etnia, parte do leque das etnias constituidoras do diversificado universo sócio-cultural brasileiro.

Terceira edição

Começou a ser distribuída nacionalmente, pela Editora Topbooks, a terceira edição do premiado romance "Nur na Escuridão", do catarinense Salim Miguel. O relato histórico da vinda da família do escritor do Líbano para o Brasil, ganhou o prêmio de Melhor Romance do Ano (2001), da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), e o Prêmio Zaffari & Bourbon, da 9ª Jornada Nacional de Literatura, de Passo Fundo (RS). O livro está na lista do vestibular 2005 da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fato que acelerou a nova impressão.

SAZONALIDADE • *As causas, conseqüências e soluções para a sazonalidade turística em Santa Catarina, que sofre com o excesso de turistas no verão e da falta deles no resto do ano, serão tema de audiências públicas que a Comissão de Turismo e Meio Ambiente da Assembléia Legislativa vai promover em várias cidades do Estado. A primeira será dia 24, em Balneário Camboriú. Outras serão realizadas em Chapecó, Treze Tílias, Lages, Criciúma, Blumenau, São Francisco do Sul e Florianópolis.*

HORÓSCOPO

Salim

QUIROGA ■ Internet: www.quiroga.net E-mail: astro@o-quiroga.com

Concursos

Livros

Inscrições Abertas:

PRÊMIO NEWTON PAIVA DE LITERATURA CONTOS E CRÔNICAS, promovido pelo Centro Universitário Newton Paiva, de Belo Horizonte, patrocinado pelo Credicar e Telemig Celular, com **premiação** de R\$ 3 mil, R\$ 2 mil e R\$ 1 mil para os classificados em 1º, 2º e 3º lugares de cada categoria. Os trabalhos devem ser enviados em cinco vias, identificados com o título e pseudônimo do autor. Em envelope lacrado contendo a ficha de inscrição com os seguintes dados: nome, endereço completo, e-mail, idade e número do documento oficial de identidade. Mais uma declaração de que a obra é inédita. Modelos da ficha de inscrição e da declaração estão disponíveis no site www.newtonpaiva.br. As obras devem ser enviadas para a Rua Goitacazes, 1762, Barro Preto, CEP 30190-052, Belo Horizonte, MG. Cada concorrente pode inscrever apenas uma obra por categoria e cada obra deve ter, no mínimo, 3 laudas (crônica) e 5 laudas (conto). Para ambas as categorias o máximo é de 15 laudas. Mais informações pelo telefone (031) 3295-6200.

6º CONCURSO PRÊMIO MISSÕES, promoção da Igaçaba Produções Culturais e órgãos oficiais da municipalidade, inscrições até o dia 14 de novembro, tema livre, **contos** (linha clássica: narrativa breve, com diálogos e final surpresa), **crônicas** estilo livre, com ou sem diálogo), **poesia** (versos metrificados e com rima) e **trovas**. Os trabalhos deverão ser inéditos, datilografados ou digitados em espaço dois, em papel ofício, em 4 vias, subscrito com pseudônimo, podendo inscrever até dois trabalhos por categoria, sem utilizar pseudônimo usado em concursos anteriores. Em envelope menor, separado, sem identificação externa, incluir informações sobre título do trabalho, pseudônimo, nome, xerox de identidade e endereço completo do autor, mais um resumo biográfico e foto 3x4 (para divulgação dos vencedores e publicação no livro, se for classificado). **Remeter** para: 6º Prêmio Missões, Rua Padre Nóbrega, 245, Roque Gonzales, RS, CEP 97970-000. **Premiação:** os classificados em primeiro lugar receberão o troféu Igaçaba.

Resultados:

RESULTADO VII PRÊMIO ESCRIBA DE POESIA: 1º lugar: João Goulart de Souza Gomes (Salvador, BA), 2º lugar: Igor Teixeira Silva Fagundes (Rio de Janeiro, RJ), 3º lugar: Carla Ceres Oliveira Capeleti (Piracicaba, SP). **Menções Honrosas:** Elbea Priscila de Souza e Silva (Caçapava, SP), Demétrio de Azeredo Soster (São Leopoldo, RS), José Carlos da Silva (Jandira, SP), Marcus Vinicius Teixeira (Rio Comprido, RJ), Maria Elizabeth Candio (Palmas do Tremembé, SP), Flávio Vila-Lobos (Campinas, SP) e João Edesson de Oliveira (Sobral, CE). **Selecionados para a Antologia:** Maria Helena Hess Alves (Vitória, ES), Loíde Rita Pizani da Silva (Limeira, SP), Carmen Moreno (Rio de Janeiro, RJ), Maria Cristina Ehmke Carvalho (Bauru, SP), Carlos Augusto da Luz (Foz do Iguaçu, PR), Cleilson Pereira Ribeiro (Barro, CE), Silas Corrêa Leite (São Paulo, SP), Antonio César Ribeiro (Dois Vizinhos, PR), Benedito José Almeida Falcão (Cerquilha, SP), Vinicius Olanda de Castro (Santos, SP), Tanussi Cardoso (Rio de Janeiro, RJ), João de Abreu Borges (Rio de Janeiro, RJ), Mary Ferreira Borges de Castilho (São Paulo, SP), André Bueno Oliveira (Piracicaba, SP), Sérgio Bernardo (Nova Friburgo, RJ), Sarita Barros (Bagé, RS), Vanderlei Oliveira de Timóteo (Belo Horizonte, MG), Patrícia Claudine Hoffmann (Joinville, SC) e Márcio Davie Claudino da Cruz (Curitiba, PR).



POÉSIE DU BRÉSIL, antologia, 2º volume, organizado por Ademir Antonio Bacca, traduções de Haidê Vieira Pigatto, edição do Projeto Cultural Sur/Brasil, 164 páginas. Um livro editado para um público que fala o francês, com a participação dos poetas Adélia Woellner, Ademir Antonio Bacca, Angela Togeiro, Beatriz Alcântara, Débora Novaes de Castro, Eliana Sebben Pedrotti, Eunice Bueno, Fernanda Frazão, Fernanda Galheigo, Haidê Vieira Pigatto, Jacob Selbach, João Carlos Selbach, Julieta Taranto, Lourdes Sarmento, Marciano Vasques, Marilú Duarte, Neusa Peres, Nina Tubino, Remy de Araújo Soares, Ritamar Invernizzi, Roberto Stavalle, Rosa Maria B.

Cosenza de Oliveira, Rosemari De Gaspari Foppa, Silva Barreto e Sueli de Freitas Ino.

TRANSVERSAL DO TEMPO, contos e crônicas, de Francisco de Assis Nascimento, Editora Kelps, 116 páginas. O livro, laureado com o Prêmio Nacional Literário Benedito Rodrigues Nascimento, reúne vinte e seis trabalhos do autor goiano, conhecido como bom poeta, mas com os contos e crônicas ora apresentados se revela um prosador, esbanja talento e inscreve seu nome no rol dos bons escritores goianos.



NUR NA ESCURIDÃO, romance, de Salim Miguel, Editora Topbooks, 2ª edição, 258 páginas. Este livro ganhou o Prêmio APCA (1999), romance autobiográfico, conta a saga da sua família, libanesa, que chegou ao Brasil em maio de 1927 e se estabeleceu em Santa Catarina. Sua leitura, como tudo que Salim Miguel escreve, encanta e enseja o conhecimento da importante contribuição dos descendentes de libaneses, um contingente de seis milhões de brasileiros, na formação sociocultural da nossa nacionalidade. A obra de Salim Miguel, laureado este ano com o troféu Juca Pato, em decorrência de sua escolha como Intelectual do Ano, está merecendo uma reedição e a importância de seus trabalhos justifica a proposta.

A SEDUÇÃO DA PALAVRA, ensaios e crônicas, de Affonso Romano de Sant'Anna, Editora Letraviva, 246 páginas. Quem habituado a ler os textos do autor publicados aos sábados no caderno *Prosa e Verso* do jornal *O Globo*, se reencontra com o prazer através da leitura das crônicas deste livro e também enriquece sua cultura com os ensinamentos transmitidos pelos ensaios, que reunidos representam mais um bom trabalho do grande escritor.



*Tradição em anúncios
legais e financeiros
(cumprindo a lei 6.604/76)*

**É ECONOMIA CERTA
JORNAIS PARA TERCEIROS**

A TRIBUNA
DIÁRIO MATUTINO PIRACICABANA
FUNDADO EM 01-08-1974

Rua Rangel Pestana, 94
- Piracicaba -
Telefax: (0xx19) 3433-3099

especie de romance de formação

rapaz, por sua vez, percebe no pacto sinistro que firma com

O que eles estão lendo



LUCIANA SANDRONI
ESCRITORA

Estou lendo *Nur: luz na escuridão*, de Salim Miguel, Prêmio Juca Pato da UBE de São Paulo. É a história da saga da família de Salim, que veio do Líbano e chegou ao Rio de Janeiro no início da década de 20, indo depois para o interior de Santa Catarina. Ele fala das dificuldades para se adaptar à nova língua e à nova vida no Brasil. A primeira palavra que eles aprenderam em português foi luz, que é *nur*, em árabe.



ALEXANDRE MORCILLO
ATOR E DRAMATURGO

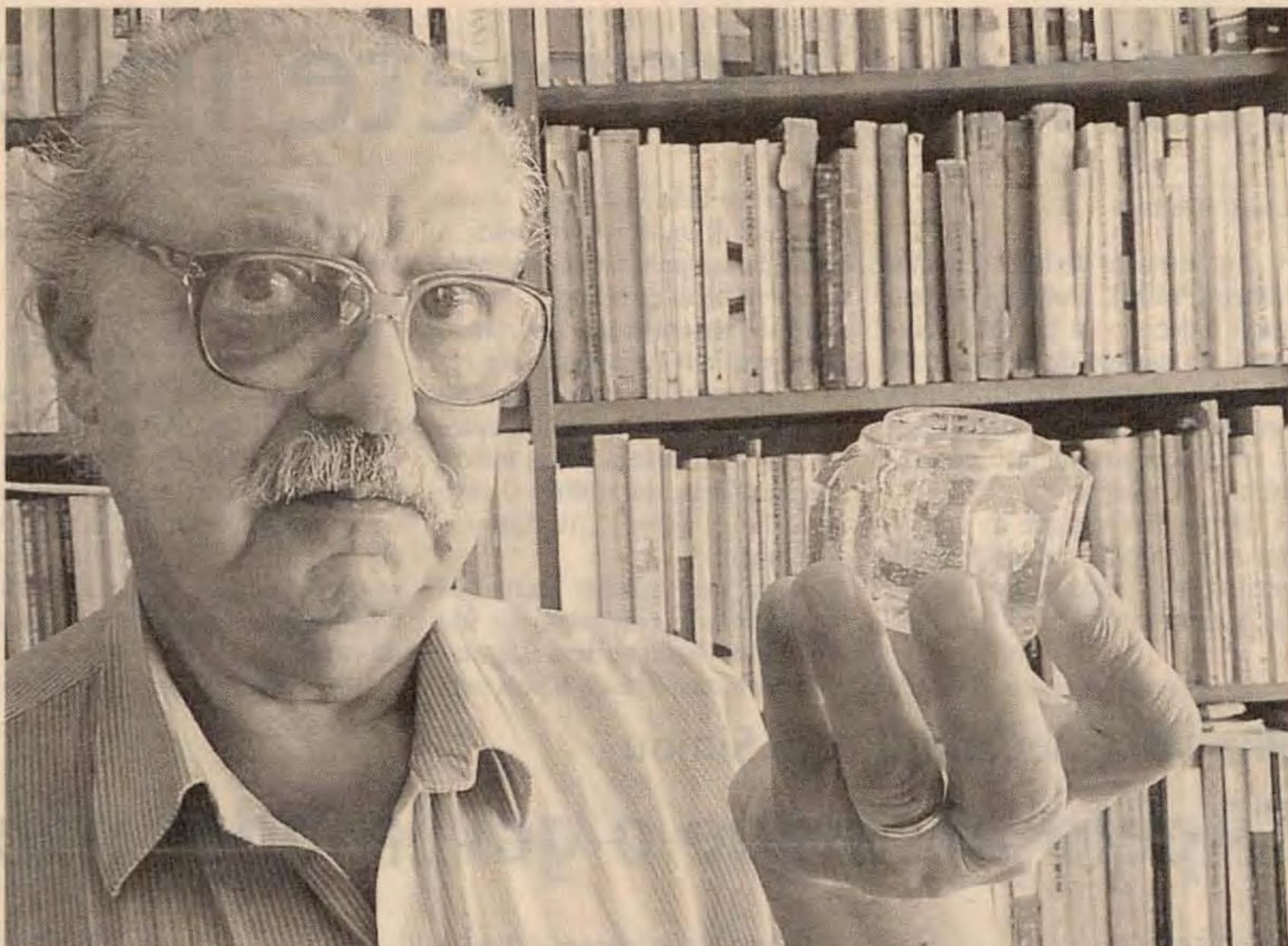
T
suic
deu
Alb
lanç
traz
guer
expl
e rev
cruc
S

22/11/2001

DIÁRIO CATARINENSE

5

ROBERTO SCOLA/DC/FLORIANÓPOLIS



PRÊMIO: Salim Miguel, que só falava árabe, ganhou da professora um tinteiro por dominar o português

Vocação para a escrita desde cedo

Um tinteiro marcou a trajetória do escritor Salim Miguel, de 77 anos, que aos três chegou do Líbano em Santa Catarina, junto com os pais. Do episódio, ele não esquece da protagonista, a professora Alaíde Amorim, e de sua primeira vitória, ao dominar a língua portuguesa.

Depois de um ano de aulas, a professora, na frente da classe, apontou para Salim, que chegou na escola falando árabe e algumas palavras em alemão.

"Vejam só. Chegou ontem, não sabia nada de português, é turco, e agora lê e escreve melhor que vocês", lembra o escritor, que na época, com sete anos, freqüentava a Escola Professor José Brasilício de Souza, que ainda existe em Biguaçu. "Caí no choro", conta o escritor,

embora ainda hoje não saiba se de alegria pelo elogio ou por ter sido chamado de turco. Libaneses e sírios detestam ser confundidos com turcos porque durante séculos foram dominados pelo Império Otomano, da Turquia.

Livro conta saga de imigrantes no Sul do Brasil

Mas este fato não abalou a vontade de aprender do aluno Salim. Ganhou um tinteiro da professora pelo seu desempenho e, a partir daí, mergulhou na biblioteca. Seu pai, José Miguel, ao vê-lo sempre às voltas com a escrita, perguntou-lhe o que queria da vida. "Ler e escrever", respondeu Miguel, quando tinha 10 anos, e ouviu um lacônico "espero que consigas".

A última obra do escritor, *Nur na Escuridão*, que conta a saga

de imigrantes libaneses no Sul do Brasil e dividiu o primeiro lugar do prêmio Zafary-Bourbon com *Meu querido canibal*, do baiano Antônio Torres, representa o melhor trabalho para Salim, dentro de uma concepção muito particular.

"A última produção ou o trabalho em elaboração é sempre o melhor. Senão perde o sentido continuar escrevendo", acredita Salim, autor de 20 livros, além de sua atuação na crítica literária.

Salim considera a escola como uma referência em sua vida e por isso lamenta a falta de investimentos do governo. "O professor tem que ser bem remunerado e as escolas aparelhadas. Somos o que a infância nos faz e infância se faz na escola", afirma o escritor.

O sucesso da Jornada de Literatura de Passo Fundo é uma das provas da força da literatura gaúcha

Luzes para Santa Catarina

155

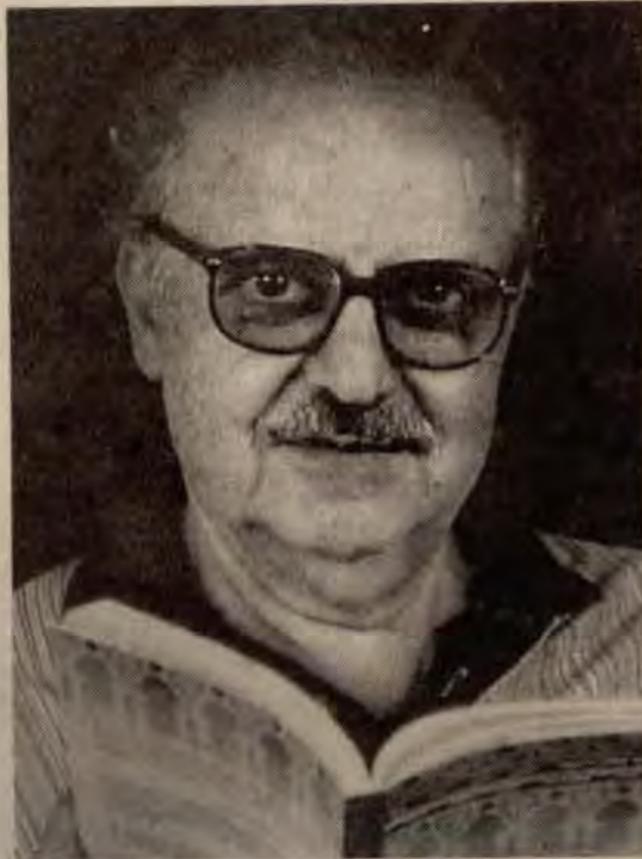
Reprodução

A efervescência literária dos sulistas não se restringe ao Rio Grande do Sul e freqüentemente encontra eco nos estados vizinhos. Exemplo disso é o jornalista e escritor Salim Miguel, que vive em Santa Catarina e dividiu com Antonio Torres o tão cobiçado prêmio de R\$ 100 mil cedido pela Jornada de Passo Fundo. Com a divisão da premiação e a mordida do Imposto de Renda, o valor caiu para R\$ 35 mil, o que parece não ter diminuído em nada a felicidade do autor do excelente *Nur na escuridão* (Topbooks).

“Costumo repetir uma frase de Jorge Amado, que dizia que o maior prêmio de um escritor é ser lido. Eu, que não sou nenhum Jorge Amado, fico satisfeito por causa do aumento do interesse por meu livro”, diz Salim, admitindo que a satisfação pessoal também deve ser levada em conta. “É claro que massageia o ego.”

A mensagem começou em 1999, quando *Nur na escuridão* foi eleito romance do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Mas o prêmio da jornada em um gosto especial para o autor. “Em Passo Fundo participei de conversas paralelas com 200 pessoas, das quais a maioria já me conhecia. O trabalho de preparação que eles fazem é algo ríssimo”, elogia.

Boa parte dos R\$ 35 mil vai para a pesquisa do próximo livro, *Viver a vida: narrativa de um exílio no Rio*, que Salim espera terminar até a metade do ano que vem. O projeto é uma espécie de continuação do livro *Primeiro de*



Salim Miguel: prêmio de R\$ 35 mil

abril, no qual o autor narrou sua experiência no período da ditadura, quando foi preso com 60 pessoas em um alojamento da polícia militar de Santa Catarina. “Esse texto termina exatamente no momento em que eu e minha família fomos para o Rio de Janeiro, onde ficamos *exilados* durante 14 anos”, conta. Como não fez nenhuma anotação nesse período, Salim pretende empregar o dinheiro em pesquisas e na compra de livros sobre o assunto.

Romance histórico – Enquanto não começa a pesquisa, o autor curte o sucesso do livro premiado, que parte de um fato autobiográfico – a imigração de sua família do Líbano para o Brasil – para construir um romance que ele evita rotular de histórico. “Não gosto do

termo. Eu só aproveitei uma realidade para trabalhar ficcionalmente uma família que aos poucos vai deixando de ser libanesa e se tornando brasileira”, justifica. O editor da Topbooks, José Mário Pereira, preferiu manter no título o termo árabe “*nur*”, que significa luz e acabou se tornando um símbolo de várias idéias no decorrer do texto.

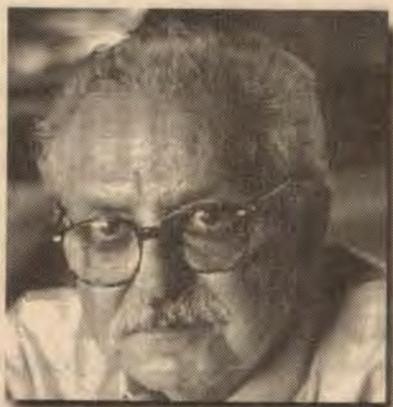
Salim veio para o Brasil aos 3 anos, com os pais, duas irmãs e um tio. Morou durante um ano em Magé, no Rio de Janeiro, e depois se mudou para São Pedro de Alcântara, “um município catarinense de colonização alemã que não deu certo, por isso ninguém fala nele”.

Ainda em Santa Catarina, a paixão pela cultura – especialmente pelo cinema – levou o autor a criar o grupo Sul. “Tivemos a audácia de fazer o primeiro longa-metragem produzido no estado”, lembra. Segundo ele, *O preço da ilusão* mesclava expressionismo alemão com neo-realismo italiano.

Nos anos 70, Salim foi um dos criadores da revista *Ficção*, ao lado de sua esposa Eglê e de Cícero Sandroni, Laura Sandroni e Fausto Cunha. “A revista fez um mapeamento da história curta no Brasil e reativou o interesse pela ficção, numa época que o conto estava em alta no Brasil”, recorda.

Hoje, o escritor dedica-se quase em tempo integral à literatura. O trabalho em jornalismo resume-se apenas a colaborações esparsas em jornais catarinenses. “Tenho a sorte de viver da minha aposentadoria como jornalista”, diz, aliviado. (R.A.)

Prêmios para Salim e Torres



Salim Miguel

Cidade do interior do Rio Grande do Sul, Passo Fundo transformou-se na capital literária do Brasil. Todos os anos a cidade organiza um festival de literatura, onde, sob a lona de um circo, escritores e leitores celebram os ritos da arte de ler. Trata-se de uma festa de cultura que oferece o maior prêmio literário do país, no valor de cem mil reais.

Este ano, o prêmio foi dividido entre Salim Miguel, pelo seu livro "Nur" (luz, em árabe) e Antônio Torres, com "Meu querido canibal". Autor de importante obra da literatura brasileira contemporânea, no ano passado Torres recebeu o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Pelo valor dos seus textos, receber prêmios passou a ser uma rotina na vida de Torres.

Salim Miguel nasceu no Líbano e aos dois anos desembarcou com a família em Santa Catarina. Em Biguaçu, hoje distrito de Florianópolis, ele descobriu a literatura. Leu muito e começou a escrever, dois hábitos que conserva até hoje, às vésperas dos 80 anos e depois de meio século de sua estréia literária.

Na juventude, com amigos escritores e sua futura mulher Eglê Malheiros, também escritora, fundou o grupo Sul, que lançou uma revista, fez um filme, "O Preço de uma Ilusão", cujas cópias se perderam, e criou o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, apoiado por Marques Rebelo.

Romancista, contista e jornalista e livreiro, Salim foi perseguido pelos vencedores de 1964, - sua livraria foi incendiada e ele preso pelo crime de vender livros. O nazismo tropical, que havia vicejado no sul nos anos vinte e trinta deitou fundas raízes. Libertado, veio para o Rio, onde seu amigo Adonias Filho, o grande escritor e acadêmico baiano o ajudou a escapar da sanha dos "revolucionários". Aqui ele prosseguiu na sua obra literária - hoje com mais de vinte títulos - e em 1976, com Fausto Cunha, Eglê, Laura Sandroni e este colunista, lançou revista de contos de saudosa memória, Ficção, que durante quatro anos publicou mais de quinhentos autores brasileiros.

O prêmio dado ao romance "Nur" consagra autor que os seus colegas de ofício e parte do público já conheciam como um dos melhores escritores de sua geração. Salim é figura humana incomparável, amigo de todas as horas, grande incentivador dos escritores jovens e também dos mais velhos, que às vezes se desencantam com seu ofício.

"Nur" é o romance de formação de um menino e a história de sua família libanesa que encontram no Brasil a terra da promessa... que nem sempre cumpre o que promete. Leiam o livro, que está em todas as livrarias.

LITERATURA

Encontro reúne Antônio Torres e Salim Miguel

Escritores dividiram prêmio na última Jornada de Literatura de Passo Fundo

HAROLDO CERAVOLO SEREZA

Os escritores Antonio Torres, autor de *Meu Querido Canibal* (Record), e Salim Miguel, de *Nurna Escuridão* (Topbooks), participam hoje da Esquina da Palavra, no Itaú Cultural, um projeto que busca promover o encontro de autores e leitores. Com esses romances, eles dividiram recentemente o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, um dos mais importantes do País.

“Foi uma honra dividir o prêmio com Salim Miguel, um nome importantíssimo das letras brasileiras, um dos organizadores da revista *Ficções*”, diz Torres. No ano passado, ele recebeu o Machado de Assis, concedido pela Academia Bra-

sileira de Letras, pelo conjunto da obra. Tanto Torres quanto Miguel devem falar com o público sobre essas obras.

“No Brasil, todo prêmio ajuda a carreira de um livro”, diz Salim Miguel, lembrando que *Nurna Escuridão* já foi considerado o melhor romance, em 1999, pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA).

Na opinião de Torres, há uma certa afinidade entre as duas obras. “São dois livros de história, escritos por romancistas.” *Meu Querido Canibal* tem como protagonista (“Ação é personagem, já dizia Fitzgerald”, citou Torres) Cunhambebe, líder dos tamoios e aliado dos franceses na luta contra os portugueses no século 16.

“Quando ele pisava o chão, fazia a terra tremer”, diz. “Meu livro é uma canibalização da história e da literatura; talvez o maior ganho da obra tenha sido pessoal, pois ela mudou meu olhar para a história.”



Reprodução

O escritor Salim Miguel, que vive em Santa Catarina, autor do premiado 'Nur na Escuridão'

Já *Nurna Escuridão* narra a trajetória de uma família de imigrantes libaneses no Brasil, a partir dos anos 20 aos 50. “Nesse período, a família vai deixando de ser libanesa para se tornar brasileira”, disse Salim Miguel. Por isso, no primeiro capítulo, há muitas palavras de origem árabe, que vão se diluindo ao longo da obra. Nur significa luz em árabe. Antes do lançamento, em 1999, Miguel achava que o título do livro poderia atrapalhá-lo, mas acha que aconteceu justamente o contrário. “O estranhamento acabou ajudando.”

Torres prepara agora um livro sobre o pirata francês René Duquay-Trouin, corsário do rei Luís

XIV, responsável por um cerco ao Rio – que o escritor considera o primeiro seqüestro carioca. Já Miguel trabalha num projeto intitulado *Viver a Vida – Narrativas de um Exílio no Rio*, que dá continuidade a um de seus livros, *Primeiro de Abril*. Miguel era assessor de Imprensa do governo de Santa Catarina em 1964, quando foi preso pelo regime que se instalava.

SERVIÇO

Esquina da Palavra. Com Salim Miguel e Antonio Torres. Hoje, às 19 horas. Itaú Cultural. Avenida Paulista, 149, tel. 3268-1832

EVENTO

Homens de letras são consagrados no ano

DANIEL CONZI/DC/FLORIANÓPOLIS

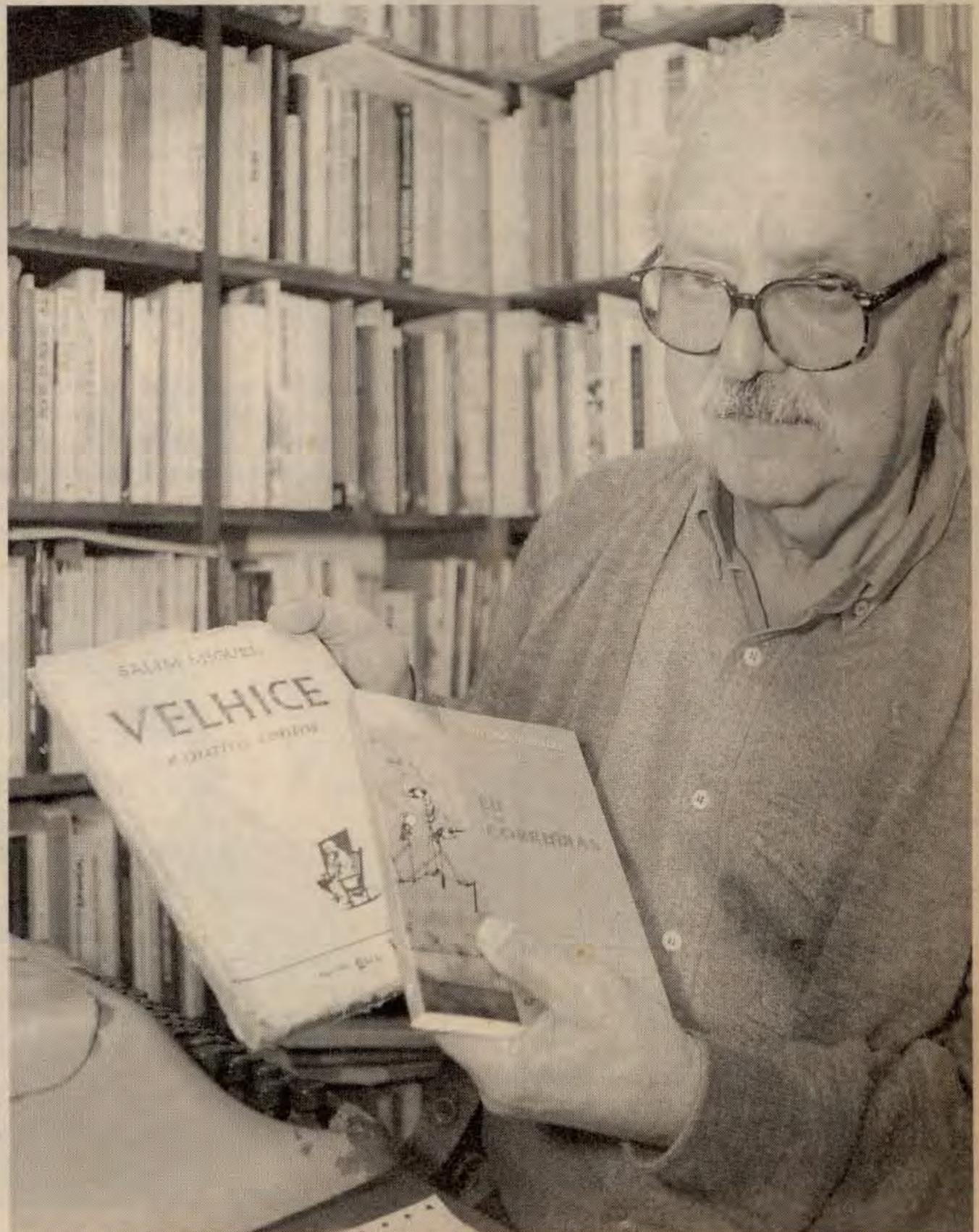
De uma forma ou de outra, 2001 fica marcado como o ano dos homens das letras. Foi o ano da consagração do maior escritor catarinense em atividade, o libano-biguaçuense Salim Miguel, vencedor do 2º Prêmio Passo Fundo Zaf-fari Bourbon de Literatura, concedido durante a 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

Aos 77 anos, Salim Miguel recebeu o prêmio pelo romance NUR na Escuridão. Ele dividiu o primeiro lugar com o baiano Antonio Torres (eles repartiram o valor de R\$ 100 mil, o maior prêmio em dinheiro oferecido no país na área literária). NUR na Escuridão já havia recebido, em 2000, o título de romance do ano na avaliação da renomada Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Em 2001, Salim Miguel comemorou 50 anos de vida literária, iniciada em 1951 com a publicação do livro Velhice e outros contos. Naquela época, Salim formava ao lado da mulher Eglê Malheiros, de amigos escritores como Aníbal Nunes Pires, Adolfo Boos Júnior, Guido Wilmar Sassi e dos artistas plásticos Hiedy Assis Corrêa (o Hassis) e Meyer Filho, entre outros, o Grupo Sul, um dos mais importantes movimentos culturais de Santa Catarina.

Preso em 1964 após o Golpe Militar, Salim Miguel mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1979 trabalhando como jornalista, crítico e editor, quando retornou para Santa Catarina. Desde então, tem publicado regularmente. Sua obra mais recente foi o livro de crônicas Eu e as corruíras (2001).

Atualmente, ele prepara uma obra sobre o período da ditadura na época em que residia no Rio de Janeiro.



RECONHECIMENTO: Catarinense Salim Miguel recebe prêmio em Passo Fundo

renzen

Divulgação



HOMENAGEM A SALIM

Com cinco décadas dedicadas ao livro, o premiado escritor catarinense Salim Miguel recebeu homenagem oficial da Câmara Municipal de Florianópolis, no Palácio Dias Velho. A distinção, aprovada por unanimidade, foi proposta pelo vereador Márcio de Souza, logo após o escritor ter conquistado o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura, com o livro "Nur na Escuridão" - que relata o desembarque de imigrantes libaneses no Rio de Janeiro. Presentes na solenidade, a mulher Eglê Malheiros, o filho Paulo Sérgio, neto e irmãos, além dos amigos Alcides Buss, Adolfo Boos Jr. e Jair Hamms. No clic: vereador Márcio de Souza, Eglê Malheiros, Salim Miguel, Jair Hamms e o vereador Jaime Tonello (presidente da Câmara Municipal).

Luz obscura

Luiz Tito Carvalho anda azedo: depois de disparar contra Bin Laden e os inimigos da América, o polêmico advogado mira sua metralhadora giratória em direção ao escritor Salim Miguel:

“Infelizmente, e não estou sozinho nesta postura, adotada silenciosamente por pessoas igualmente credenciadas, discordo com veemência das homenagens e elogios emprestados a *NUR*, o livro premiado do escritor catarinense, porque, após acurada e atenta leitura, nada de novo me transmitiu, nada me mostrou, nada me disse, além das patéticas e triviais obviedades do cotidiano da vida de todos nós.”

A saga de uma família libanesa

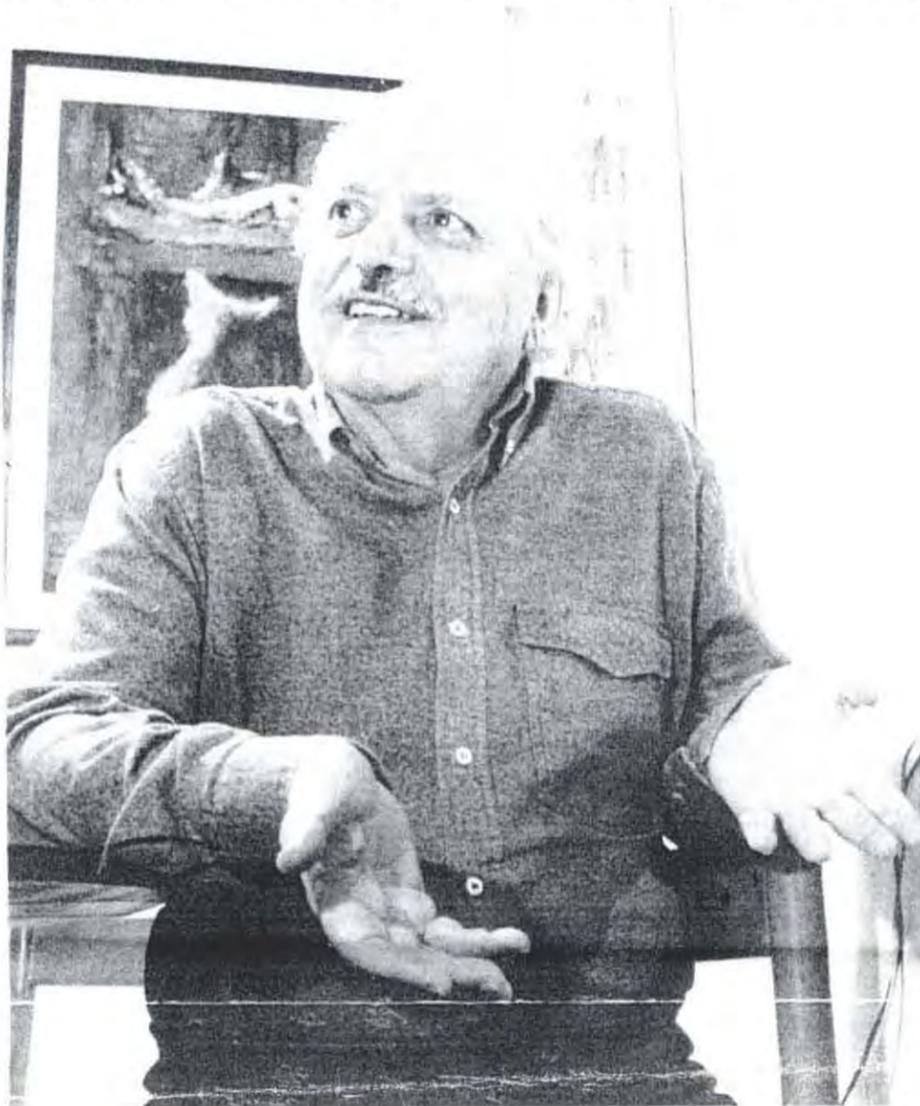
Escritor Salim Miguel lança amanhã o livro *Nur - Na Escuridão e joga luz no passado de SC*

Valéria Rivoire
FLORIANÓPOLIS

O escritor e jornalista Salim Miguel lança amanhã, às 20h, no Museu Cruz e Sousa, em Florianópolis, seu 18º livro.

Nur - Na Escuridão é um romance que retrata o Brasil das décadas de 20 a 50 através das histórias de uma família de imigrantes libaneses. A obra da Topbooks Editora, do Rio de Janeiro, possui 258 páginas e é um dos poucos trabalhos lançados no Brasil que fala da etnia libanesa.

Natural de Farssouroun, Líbano, Salim Miguel chegou ao Brasil ainda criança. Depois de deixar o interior do Rio de Janeiro, ele seguiu com a família para Biguaçu, onde permaneceu dos cinco aos 19 anos. "Costumo dizer que sou um cidadão libano-biguaçuense", brinca o escritor. O livro faz um passeio entre Biguaçu e Florianópolis, dá um pulo ao interior do Rio de Janeiro, passa rapidamente por dois municípios libaneses e em Marselha, na França, traçando o trajeto destes imigrantes. "São apenas fragmentos de minha gente que estão no livro", adianta. O projeto é um antigo sonho seu. Foram quase dois anos trabalhando na busca de informações através de pesquisa, depoimentos e levantamento de dados. O resultado é uma obra curiosa que não teve a pretensão de narrar a história do Brasil, mas sim contá-la através das situações vividas por integrantes de uma família libanesa.



ROBERTO SCOLA/DC

Diário Catarinense - O que quer dizer a palavra árabe *Nur*?

Salim Miguel - Quer dizer luz, mas pode ser símbolo, liberdade, o nome de uma mulher, um dos nomes de Alá, ou um signo premonitório. Há vários significados e eu procurei jogar com todos eles dentro da estrutura do romance.

DC - Do que se trata o romance?

SM - Fala de uma família de imigrantes libaneses no período entre 1927 até a década de 50. Sua história se confunde com a história do Brasil e suas transformações com a queda de Washington Luiz, a vitória de Getúlio em 1930, a chamada Intentona Comunista de 1935, o golpe de 1937, a guerra de 1939, a entrada do Brasil na Grande Guerra. Tudo vai sendo visto, não através de um elemento histórico, mas a partir desta família de imigrantes. Cinquenta por cento da história se passa entre Florianópolis e Biguaçu onde morei dos cinco aos 19 anos. Outra parte vai para o interior do Rio de Janeiro, em Magé onde foi o primeiro lugar que a família morou. Há ainda uma pequena parte que em Marselha, na França, e em dois municípios libaneses, o Amiun, cidade natal de minha mãe, e Farssouroun, onde nasceu meu pai, eu e minhas duas irmãs. A família aumentou depois no Brasil e em São Pedro de Alcântara, que também está no livro, nasceu minha primeira irmã brasileira.

DC - Trata-se de uma ficção que fala

MUITOS NOMES: Salim Miguel diz que *Nur* pode ser símbolo, liberdade e signo

de uma família, mas que tem como pano de fundo a história do Brasil. Como é esta família?

SM - São seis pessoas e é a minha própria família, ou melhor, fragmentos de minha família. Os nomes são todos verdadeiros. Já preveni meus parentes para que não procurem no livro a sua história. Os elementos básicos são montados em cima do que ia acontecendo. Por exemplo: o primeiro capítulo que se chama *Luz*, começa com o desembarque no dia 18 de maio de 1927, no cais do porto da Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Isso está nas seis primeiras linhas. De repente, já não se está mais no cais do porto. Passamos para as histórias de um velho, que é o meu pai, que conta como foi a sua chegada ao Brasil.

Sem saber para onde ir, ele lembra que anotou numa caderneta o nome e endereço de um patrício. Ele chama um motorista de táxi que conhece o local. O motorista é negro e seu filho, com apenas três anos de idade, fica muito espantado porque no Líbano não existiam negros. Este motorista terá uma importância mais tarde na vida desta criança e que é contada mais adiante. E assim o livro segue com situações deste tipo.

"Tive a preocupação de fazer com que o leitor entendesse as muitas palavras em árabe sem que fosse preciso usar chamadas de pé de página"

Diário Catarinense - O senhor passou por quatro editoras para poder lançar o livro. Como foi esta busca?

SM - Passei por quatro editoras. Uma de São Paulo e três do Rio de Janeiro. Duas não me responderam, a terceira aprovou o livro no início do ano, mas depois entrou em crise. Era uma grande editora brasileira que não convém citar o nome, pois esteve praticamente pra fechar. Se interessou mas me pediu para que eu segurasse o projeto. Resolvi segurar até conseguir outra. De repente, a Topbooks do Rio, que também havia recebido o projeto, me telefonou dizendo que o livro estava aprovado.

DC - A editora Topbooks já conhecia seu trabalho?

SM - Sim, inclusive me conhecia como jornalista.

A editora é comandada por José Mário Pereira, que também é um jornalista. Ele ficou muito entusiasmado com o livro também pelo fato de estarmos entrando no ano 2000. Pois a obra é sobre uma etnia que, praticamente, não tem literatura no Brasil, embora os descendentes de libaneses no país sejam em torno de seis milhões de pessoas, o que corresponde à população do Líbano.

DC - Como você explica esta falta de referência literária da etnia libanesa, já que há tantos descendentes no país?

SM - O que acontece é o seguinte: somos dezenas de etnias, mas qual é a que predomina? A alemã e a italiana. Então, o que existem de livros tanto na área de ficção como de estudos destas duas etnias é imponderável, não tem como contar. Das outras etnias já é menos e de sírios e libaneses é mais raro ainda. Tem um estudioso em Santa Catarina que está fazendo um levantamento de tudo que existe de documentos, artigos, depoimentos, livros reportagens de sírios e libaneses. Ele disse que não chegam a 300 títulos reunindo tudo. Então o meu romance chega num momento oportuno?

DC - O livro tem 30 capítulos divididos em cinco blocos. Esta divisão foi feita justamente para ajudar o leitor neste vão tempo?

SM - Sim. O primeiro bloco é o mais extenso com mais de 20 capítulos. Nele é narrado a história da família e dos períodos que ela vai atravessando. Depois segue com outros vários blocos, um deles chamado *Fios* que traz coisas que não foram definidas no primeiro, mas que serão resolvidas neste. Já *Perfis* traz algumas pessoas que marcaram a vida da família. Em *Mortes* são narradas as perdas de seus integrantes. Como dá pra notar, não se trata de um romance linear com começo, meio e fim, embora eu ache que ele tem fluência, ou seja, a pessoa vai gostar da história, vai se envolver.

DC - Como foi a escolha do título do livro, que não deixa de ser curioso?

SM - Ele teve três títulos. O primeiro era *Makui Tub* que significa "estava escrito, aquilo que tem pra acontecer, acontece". Neste meio tempo apareceu um livro com este mesmo nome, então tive que trocar. O segundo era *Sementes* porque pouco antes do meu pai falecer, em 1981, ele me viu muito abalado e pediu para que eu sentasse ao seu lado na cama. Pegou na minha mão e disse: "o que você queria, que eu ficasse pra sempre?". Acontece que me alertaram que com este título meu livro iria acabar nas prateleiras de agricultura (risos). Depois surgiu *Nur - Na Escuridão* que foi uma idéia de meu filho. Fiquei em dúvida e perguntei para o editor José Pereira o que ele achava e ele respondeu: "Ou este título vai ajudar a alavancar as vendas ou não, vamos tentar."

DC - O senhor utiliza muitas palavras árabes no livro. Como o leitor vai entender seu significado?

SM - Tive a preocupação de fazer com que o leitor entendesse estas palavras sem que fosse preciso usar chamadas de pé de página. Perderia o sentido e não seria mais um romance. É um torneio de frases pelo qual eu não preciso explicar colocando em seguida da palavra seu significado. A maneira como eu resolvi isso foi simples. Tem um capítulo, por exemplo, que se chama *Nard* que em português quer dizer gamão, o jogo. O leitor vai saber do que se trata no desenvolvimento do capítulo.

O tempo é o senhor da razão

Autores catarinenses que se aproximam ou já passaram dos 80 anos falam de suas experiências de vida, da perspectiva de morte e de literatura

DELUANA BUSS

Florianópolis — Quando eles nasceram, a Primeira Guerra Mundial tinha acabado de terminar. Eram crianças quando o mundo enfrentou a crise de 1929, e adolescentes quando a segunda grande guerra mudou a vida de milhares de pessoas. Viram surgir a bossa nova, os hippies, o festival de Woodstock. Viram a estreia da TV no Brasil e, mais tarde, por meio dela, o homem pisando na lua pela primeira vez. Viram cair o muro de Berlim, assim como a ditadura militar chegar, machucar, matar e morrer no Brasil. Viram John Kennedy ser assassinado a tiros de luzil na cabeça. Eram crianças quando a ponte Hercílio Luz, na Capital, estava "luzindo" de novo, e alguns, lá vovós quando ela foi fechada para o tráfego de carros. Viram o telefone celular surgir e virar objeto quase imprescindível, e observaram suas máquinas de escrever ficarem obsoletas, dando lugar aos computadores e à enxurrada de informações da Internet.

Todos que vieram ao mundo na década de 1920 passaram basicamente pelas mesmas transformações. Mas, no meio dessa massa de viventes, alguns tiveram uma irresistível atração pelas palavras. E as usaram para, de uma maneira ou outra, escrever sobre os mesmos assuntos vivenciados por todos, só que de uma maneira vivida apenas por eles, sob a ótica deles. Liberais naturalizados brasileiros, Salim Miguel, 81 anos, gosta de contar que começou a amar as letras quando ainda era uma criança lá em Biguaçu, cidade da Grande Florianópolis onde passou a infância e adolescência. Atualmente morando em Florianópolis, onde se divide entre o apartamento na Carvoeira durante o inverno e a casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus no verão. Salim tem 25 livros publicados no currículo. O primeiro — grande coincidência! — é também o último, "Velhice e Outros Contos", que foi o livro de



Salim Miguel
Nascimento: 30 de janeiro de 1924
Nascimento: de Klarsudorff (Lübeck)
Naturalidade: "Velhice e Outros Contos"
Algumas obras: "A Morte do Tenente e Outros Mortes", "Na Morte do Escrivão"
Outras obras: "Na Morte do Escrivão"

cada livro foi trabalhando mais", esclarece: Foi assim com "Nuz na Escuridão" (Topbooks), sucesso de público e crítica que já está indo para a quinta edição. O último capítulo foi reescrito oito vezes. "Era um acontecimento marcante, a morte do patriarca da família. Não queria que ficasse seco nem derramado", explica.

"Nuz", de 1999, acabou se transformando no livro mais vendido de Salim, que credita o sucesso à maior empatia com os leitores, que temem quando do texto fluído. O próprio autor admite que escreveu algumas obras que exigiam bastante empenho de seus leitores, como o romance "A Voz Submersa", publicado em 1984 pela editora Global. O texto, sobre uma mulher que não consegue se comunicar, é o diálogo de alguém com a mãe, só que as respostas da mãe não aparecem, ou seja, acabou virando um monólogo onde o que se pode fazer é imaginar as respostas. Tudo se passa em 126 páginas, sem pontos nem vírgulas. "Dos meus livros, é o mais difícil", admite.

AUTOCRÍTICA

Salim Miguel: "Fiquei 18 anos sem publicar um livro. Eu escrevia e rasgava"



Leatrice Moslimann
Nascimento: 2 de abril de 1925
Nascimento: de Florianópolis
Algumas obras: "Contos de Amor", "Contos de Amor", "Amor e Morte"

Leatrice Moslimann: "Sou uma mulher ardente"

Com saúde, terceira idade não é ruim

O maior sonho de Almiro Caldeira, 84 anos, ele já realizou: ser escritor. Com 19 livros no currículo, ele prepara agora uma novela na qual o cenário, as situações e os personagens, reais e fictícios, vivem na Florianópolis dos anos 1970 a 1980. O uso de uma base histórica em suas obras é uma constante. Seu primeiro livro, "Rocamarinha" (1961), fala sobre a travessia do Atlântico pelos casais açorianos no século 18. Já o último, "A Estrela da Terrestre", publicado em 2002, se passa em 1839 e tem por tema a República Juliana, contando a história de heroísmo, aventura e amor de Giuseppe e Anita Garibaldi. Caldeira mora em Porto Alegre. Tem três filhos, seis netos e seis bisnetos. "A família nos oferece autoconfiança, valorização pessoal, acolhida, compreensão, apoio", acredita. Questionado sobre a melhor época de sua vida, diz que "há a da mocidade, como todos ao chegarem à velhice. Se bem que a terceira idade com saúde não é, em si, má e infeliz condição", afirma. Ele começou a escrever aos 16 anos, fazendo jornalismo. "Depois criei a primeira agência de propaganda em Santa Catarina e uma das primeiras no Brasil. Mas tarde produz, entre 1949 e 1952, programas de rádio. 'Prensa Minha' era de folclore lírico, e 'Lendas de Todo o Mundo' era um radioteatro. O mais difícil foi começar a escrever contos e novelas, pois me faltava vocabulário. Tive de aprender palavras em português como se fossem de um idioma estrangeiro", recorda. Sobre os sonhos, diz que já realizou todos. "Modestamente os formulei e plenamente consegui torná-los realidade. Não

grande coincidência! — e também o último. "Velhice e Outros Contos", que foi o livro de estreia, em 1951, pela Edições Sul, acaba de ganhar nova e caprichada edição, agora pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Uniasul).

O livro, que na nova edição não teve seus textos medidos para mostrar exatamente "a visão da época em que foi escrito", tem já no título um dos quatro temas constantes na obra do escritor: velhice, morte, tempo e memória. "Eu sempre fui preocupado com esses temas, desde seis, sete anos. A morte é inevitável, quem nasce um dia morre. Tudo o mais a gente resolve, a doença, o deserto familiar, os problemas do País, mas a morte não", diz, completando que seu sonho é ter mais alguns anos com saúde e capacidade de trabalho, para poder tocar adiante novos projetos de livros, além, claro, de viver um pouco mais com a família. "Não tenho queixas, todos já estão encaminhados. Mas quero ficar um pouco mais por esse lado".

Se a morte não tem solução, os textos têm. Com o passar das décadas, Salim começou a ficar mais e mais crítico com seus próprios escritos. Nas últimas páginas que escreveu, dedicou à revisão o dobro do tempo gasto na redação. "Fui me tornando cada vez mais rigoroso comigo mesmo. Não me satisfizo com a primeira versão, apesar desse primeiro jato ser gostoso como um orgasmo, e reescrever e cortar ser uma luta, porque cortamos algo que veio de dentro". Na avaliação do próprio Salim, muitos escritos antigos seus poderiam ser "tesouros". "Meu primeiro livro tem contos muito longos, daria para tirar um terço", avalia. O que mudou de lá para cá no seu jeito de escrever? "Passei a enxugar meus textos, a

Altamente crítico, Salim também não tem papas na língua para condenar. Seu livro de histórias "Alguma Gente", publicado pela Edições Sul em 1953, é considerado uma porcaria, segundo suas próprias palavras. "Se pudesse, queimava todos os exemplares", garante, rindo. Mas foi só depois do romance "Bede", publicado pela mesma editora em 1955, que Salim achou que o negócio não estava bom e que o melhor era dar uma parada para repensar sua maneira de escrever. "Fiquei 18 anos sem publicar um livro. Eu escrevia e rasgava", recorda. O retorno aconteceu com "O Primeiro Gesto", volume de contos publicado pela editora Movimento em 1973. "Não me satisfiz". Nova parada e, seis anos depois, em 1979, saiu "A Morte do Tenente e Outras Mortes", pela Editora Antares. "Foi um livro pensado, repensado e trabalhado, e acabou sendo escolhido como o melhor livro de contos do ano", diz. Com o caminho reencontrado, Salim não parou mais.

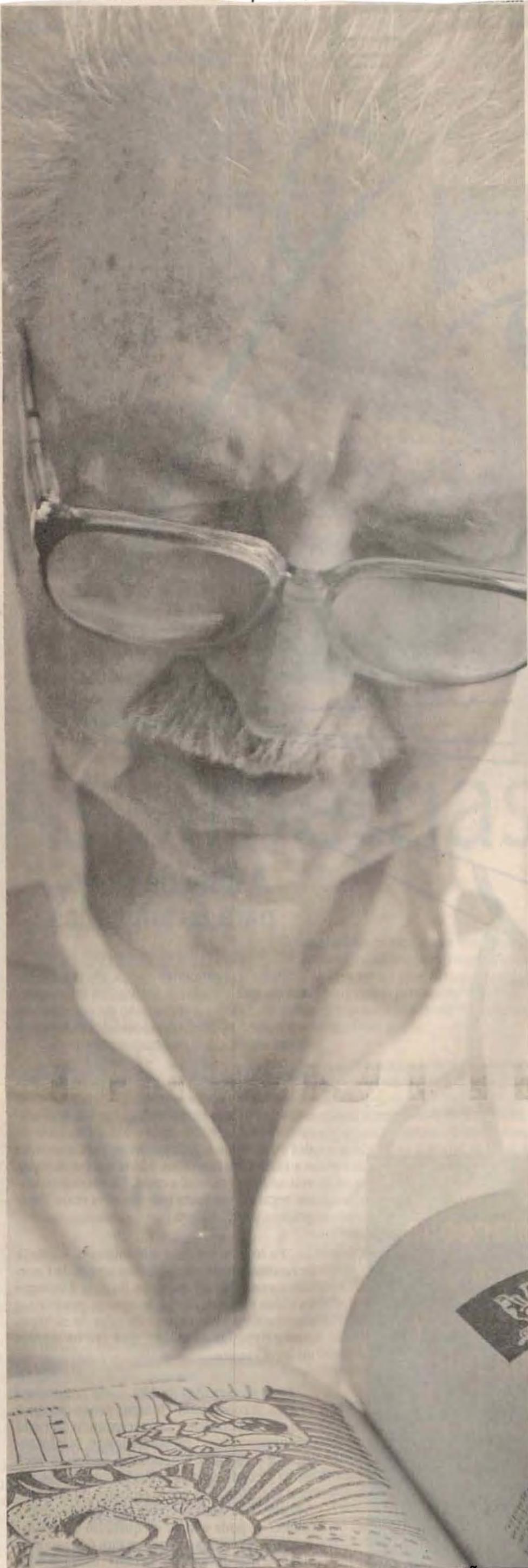
A dificuldade atual do escritor é com a vida. Como sempre muito penoso, não consegue mais ler. Para escrever, fez uma adaptação no computador. Passa quase cinco horas por dia escutando música. Também gosta de estar com os familiares e com os amigos. "Tenho muitos conhecidos mas poucos amigos", diz. Quando está na casa de praia, é sagrada a caminhada matinal pela areia, sempre com a companheira Egli Malheiros. "Estamos juntos há 58 anos. Ter conhecido Egli foi a maior sorte de minha vida. As vezes cantamos sem trocar uma palavra. Ela sempre sabe se estou aborrecido, tenso, ou preparando um conto".

e plenamente conseguia torná-los realidade. Não tenho de que me queixar", completa. (DB)

Almiro Caldeira: "A família nos oferece autoconfiança, valorização pessoal e acolhida"



Almiro Caldeira
Nascimento: 6 de março de 1921
Nascimento: de Florianópolis
Algumas obras: "Rocamarinha", "Amor e Morte", "A Estrela da Terrestre"



Quais são os autores ausentes

O professor Lauro Junkes, presidente da Academia Catarinense de Letras, avalia que duas grandes ausências na lista do vestibulares das universidades catarinenses são Virgílio Várzea e Othon D'Eça. Do primeiro, Junkes indica "Mares e Campos", um livro de contos publicado originalmente em 1895 que situa a Ilha de Santa Catarina e a colonização açoriana, com histórias de pescadores e agricultores. De Othon D'Eça, Junkes considera injusta a não-inclusão do livro "Homens e Algas", publicado pela primeira vez em 1930 e que relata, por meio de contos, a vida de pescadores no litoral catarinense.

Junkes é professor voluntário do mestrado e doutorado na pós-graduação em literatura. Entre outras disciplinas, lecionou literatura catarinense no curso de letras. Atualmente, a matéria não é mais obrigatória e é oferecida como optativa em semestres alternados. Embora defenda a obrigatoriedade da disciplina para o curso de letras, o professor diz que a matéria passou a atrair mais alunos quando foi transformada em optativa, em meados dos anos 90.

Conforme Maria Luiza Ferraro, coordenadora pedagógica da Coperve, a escolha dos títulos é feita por um grupo composto por representantes das comissões do vestibular da Udesc e da UFSC, juntamente com professores do departamento de língua e literatura vernáculas da UFSC e professores do ensino médio. São adotados alguns critérios. Periodicamente é feita uma pesquisa na escolas de ensino médio junto a professores, mas somente 20% respondem as indagações da Coperve.

A lista de obras para o concurso foi adotada em 1992. Maria Luiza lembra que, para a escolha, são também levados em consideração os títulos que podem propiciar a formação de leitores críticos entre os estudantes.

A comissão ainda observa a alternância de autores consagrados e contemporâneos, inclusão de escritores catarinenses, adequação ao público-alvo e a cobertura de diferentes gêneros. Para o próximo vestibular, foi adotada, ainda, uma peça teatral. A escolhida foi "O Santo e a Porca", de Ariano Suassuna, que comemora 80 anos em 2007. (JL)

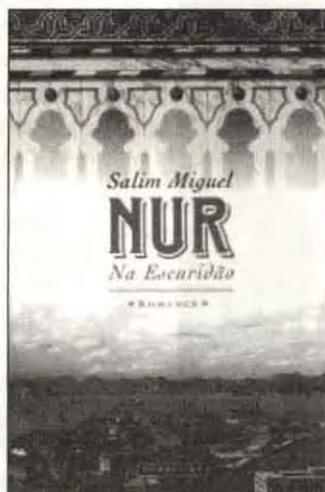
Salim Miguel, incluído na lista do vestibular de 2005 com "Nur na Escuridão", teve a publicação transformada em um livro-resumo

A luz da literatura

Livros de memória constituem um dos ramos da literatura. Não contam como biografias ou trabalhos de historiadores – baseados em documentos, provas, análises de cálculos e comparações para construir, de certa forma, uma realidade – as histórias e fatos do passado. Existem vários exemplos bem-sucedidos de como a memória, no fundo, pode se fundir com a ficção, como o excepcional *Quase Memória*, de Carlos Heitor Cony.

O passado, ao ser reestruturado, é manejado, influenciado, trabalhado pelo tempo, pode ser cortado em cenas, idas e vindas, como um roteiro cinematográfico, bem ao estilo de *Morangos Silvestres*, de Ingmar Bergman. A influência da linguagem do cinema é uma das marcas do livro *Nur na Escuridão* (Topbooks, 258 p.), de Salim Miguel, lançado no início do ano.

Miguel nasceu na vila de Kfarssouroun, no Líbano, e veio para o Brasil trazido pelos pais, em 1927, quando tinha apenas três anos. O livro remonta a saga da família, que desembarcou na Praça Mauá em meio a uma confusão de vozes em diversas línguas, menos o conhecido árabe. O pai de Youssef, décadas depois, ainda se emocionava ao recontar o momento



em que, ao se dirigir a um motorista de táxi, aprendeu a primeira palavra em português: “luz”. Nur na escuridão.

A história começa e termina em fins dos anos 70 e início dos 80, mas tem o núcleo narrativo entre 1920 e 1950. É uma contribuição relevante do autor para se compreender como o povo árabe chegou ao Brasil e criou raízes, mesmo com a saudade da terra natal.

Uma das epígrafes do livro, de William Faulkner, diz: “O passado nunca está morto; ele nem mesmo é passado”. O autor sabe, o passado vai sendo redescoberto e organizado pelo leitor. Por isso, consegue um resultado detalhista e que emociona.

Autor se considera um “libanês-biguaçuense”

O autor Salim Miguel conta que se considera um libanês-biguaçuense (de Biguaçu, cidade da região de Florianópolis onde sua família se instalou depois de um curto período no Rio de Janeiro), cuja escrita é tanto uma continuação da tradição árabe – da oralidade da narrativa e do fantástico das Mil e Uma Noites.

Isso não acontece por acaso. O escritor participou do Grupo Sul, da van-

guarda catarinense, nas décadas de 40 e 50, escreveu roteiros de cinema (daí a estrutura que compõe seu último livro), como uma adaptação do conto A Cartomante, de Machado de Assis, e do romance Fogo Morto, de José Lins do Rego.

Ele já escreveu 18 livros, entre eles As Várias Faces e Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia, que conta sua experiência na prisão logo depois do golpe de 1964.



Não perca a chance de visitar o site www.libanoshow.cjb.net. Nele, é possível obter mais informações sobre o cantor libanês Kamal, que é natural de Rachaya e reside em São Paulo. Pode ser encontrada também a biografia do cantor, imagens do Líbano, links para jornais e revistas, além de estarem disponíveis músicas em MP3, a última “onda” na Internet, possibilitando fazer download para o computador e dispor de suas músicas.



No site oficial da cantora fairouz www.fairouz.com, o fã vai encontrar a biografia da cantora e também informações sobre os Irmãos Rahbani. O site, em inglês, contém ainda artigos com informações sobre álbuns de Fairuz, entrevistas e artigos publicados na imprensa.

Na seção de interatividade, o internauta pode assinar o livro de visitas, escutar clipes e se conectar a um *chat room* para trocar um diálogo com outros fãs da cantora. Imperdível.



Sabe qual o lugar ideal para receber o Jornal Árabe-Brasileiro?

Onde você quiser.

Apenas R\$ 50,⁰⁰ por um ano de assinatura.

Aproveite a promoção e assine já. Ligue (41) 222-3241

XIQUITA®

MODA INFANTIL

PEDRO IVO, 287 FONE: (41)322-3335
PRAÇA TIRADENTES, 520
MAL. FLORIANO PEIXOTO, 05
FONE: (41) 322-3777

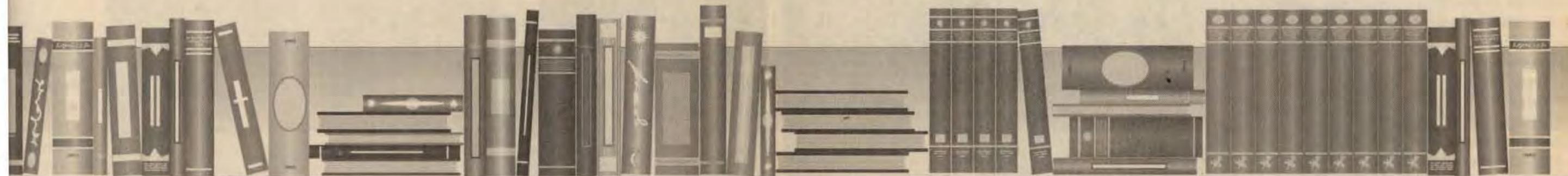
TUDO EM 4X SEM JUROS
E SEM ENTRADA.



CADERNO 2/CULTURA

LANÇAMENTOS

NO BRASIL



Milênio

de Felipe Fernández-Armesto

as de malha, s de Diet e, bronzes Benin, cerâmicas chinesas, gios de plás- reunidos uma vitrine um museu ctico, com quinte placa: "Planeta Terra, 1-2000 da Era Cristã." Felipe Fernández-Armesto, em *Milênio* (Editora Record, 997 páginas, R\$ 24,90), adota a posição do curador: esse museu para reconstruir a história dos últimos mil anos meio de uma nova perspectiva. O capitalismo não é mencionado exceto em um ou dois conceitos definidos e com significado limitado. Há nobres, cavaleiros e japoneses, mas não há feudalismo. O socialismo é abordado pelo ângulo americano que, no Renascimento é visto pela Hungria que Itália. A caixa de surpresas.



Navegantes, Bandeirantes... A Boa

de Synesio Sampaio Goes Filho

Os navegantes, os bandeirantes e diplomatas constituem elementos típicos da história brasileira. O autor sublinha o papel desses três agentes sociais e os apresenta na pele de homens com nome e currículo e com sua motivação única: a formação das fronteiras do País. *Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas - Um Ensaio sobre a Formação das Fronteiras do Brasil* (Editora Martins Fontes, 331 páginas, R\$ 24,50), de Synesio Sampaio Goes Filho, é um livro que leva à reflexão. O livro é uma edição revizada, ampliada de uma tese originalmente apresentada ao Curso de Altos Estudos do Ministério das Relações Exteriores, o CAE. O autor é diplomata e atual embaixador do Brasil em Lisboa.



de Aimar Labaki

Um bom texto, ainda mais de teatro, sempre tem a capacidade de despertar inquietações, de clarear as perguntas, mais do que dar respostas. Uma jovem encontra, vivendo na rua, um ex-colega de faculdade. Insiste em levá-lo para sua casa para devolvê-lo à sociedade, mas a bondade fracassa. Em *A Boa* (Editora Boitempo, 71 páginas, R\$ 12), Aimar Labaki é duro, radical em suas opiniões. O perfil das personagens foge do mero psicologismo, tornando-as seres "sociais". As discussões estão em torno de valores morais e religiosos. Reformismo ou revolução? Acomodação ou ruptura? Bondade, paternalismo, protecionismo, esmola, salvam o homem? Essas e outras questões surgem e provocam uma discussão instigante.



Dança, Sexo e Gênero

de Judith Lynne Hanna

Partilhando o mesmo instrumento - o corpo -, a dança e a sexualidade atravessaram séculos alternando comportamentos, tabus, construções e reconstruções de modelos. Fisiologia, genética, prazer e papéis sociais são temas comuns nos dois campos do universo humano. Foi nesse viés que Judith se debruçou para fazer *Dança, Sexo e Gênero* (Rocco, 420 páginas, R\$ 34). O livro reúne informações históricas e uma análise social, para traçar um mapa das imagens de homens, mulheres e gays dentro e fora dos palcos. Não se limita a bailarinos e opções sexuais. O interesse está nos desdobramentos que as escolhas sexuais de criadores e bailarinos podem ter na construção de papéis sexuais em cena.



Crônica da Casa ...

de Lúcio Cardoso

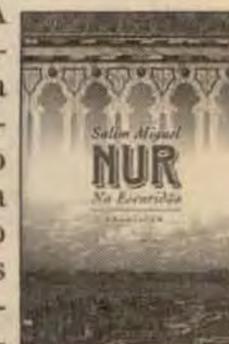
Uma obra-prima, assim pode ser denominada *Crônica da Casa Assassina* (Civilização Brasileira, 517 páginas, R\$ 40), de Lúcio Cardoso, que está sendo relançada em comemoração aos 40 anos de sua primeira edição. O autor utiliza, sem perder o domínio da narrativa, todos os expedientes para dar acabamento à sua obra: diários, anotações, teatro, flash-backs e flash-forwards - um tumulto de atmosferas opressivas e de ambientes convulsionados. A trama vaga em um simbolismo entre a luz e as trevas no cerne de uma família em franca degradação social e moral. O leitor, ao sair da casa assassina, não conseguirá ser mais o mesmo.



Nur na Escuridão

de Salim Miguel

O que é nur? A pista está na primeira página do livro, mas fica a sugestão ao leitor para que decifre o enigma, pois um texto é tanto mais instigante quanto mais possibilidades de leitura oferece. *Nur na Escuridão* (TopBooks, 258 páginas, R\$ 25), de Salim Miguel, é um romance baseado em dados reais trabalhados ficcionalmente. Busca resgatar a saga de uma família de imigrantes libaneses que, almejando ir para os Estados Unidos, acabam chegando ao Brasil. O núcleo central transcorre entre as décadas de 20 e 50, mas não possui uma cronologia fixa e circula pelo Líbano, Rio e Santa Catarina. A estrutura do romance não é convencional e ajuda a alargar os conhecimentos sobre a cultura dos libaneses.



31. LOTH, Moacir. Luz na escuridão. A Notícia. Florianópolis, 4 ago. 2002. Anexo. p. C3.

Luz na escuridão

MOACIR LOTH
ESPECIAL PARA O ANEXO

Consagrado autor catarinense, Salim Miguel dignifica a literatura brasileira

Florianópolis — O escritor, jornalista e animador cultural Salim Miguel vem recebendo o reconhecimento merecido na comemoração do lançamento dos 50 anos do seu livro de estreia: "Velhice e Outros Contos", publicado pelas Edições Sul, em 1951. Além de conquistar, aos 77 anos, dois prêmios nacionais com o livro "Nur na Escuridão", romance sobre seus familiares libaneses no Brasil, o ex-diretor da Editora da UFSC (EdUFSC) foi o autor catarinense homenageado do Circuito Cultural Banco do Brasil, cuja "Roda de Leitura com Nelson Motta" aconteceu em Florianópolis. Salim vive um momento extremamente gratificante: em 1999, o livro "Nur", (Editora Topbooks) recebeu o prêmio de melhor romance do ano, uma distinção da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). E no final de agosto de 2001, dividiu com o escritor Antônio Torres ("Meu Querido Canibal") o Prêmio Zaffari & Bourbon da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS), considerado o maior evento do gênero na América Latina. Autor de 20 obras, Salim é o primeiro escritor de Santa Catarina a ganhar os dois prêmios. O 21º livro já está a caminho: "Viver a Vida: Narrativas de um Exílio no Rio". Na sua finalização, investiu parte dos recursos da premiação. Os 50 anos de vida literária de Salim Miguel renderam também sessões especiais da Assembléia Legislativa e da Câmara Municipal de Florianópolis, provocando emocionados depoimentos do homenageado. Igualmente, o governo do Estado distinguiu o autor com a Medalha Anita Garibaldi. Os escritores catarinenses, reunidos em encontro estadual em São Bento do Sul, fizeram homenagem unânime, oferecendo-lhe um troféu, contendo frase de seu ídolo, José Saramago: "Literatura é vida". Para fechar com chave de ouro a comemoração dos 50 anos de literatura, além do *honoris*, Salim foi agraciado com o Prêmio Juca Pato 2002, conferido ao Intelectual do Ano pela União Brasileira de Escritores (UBE) e jornal "Folha de S. Paulo". O recente livro "Salim na Claridade", reunindo 24 depoimentos de intelectuais brasileiros sobre o autor, foi organizado para a FCC Edições pelo escritor e ex-diretor da Imprensa Oficial de Santa Catarina (Ioesc), Flávio José Cardozo, retratando, além da obra, o cidadão, o jornalista e o animador cultural. A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC), levando em conta a contribuição à literatura catarinense e brasileira, indicou Salim Miguel para receber da UFSC o título de *doutor honoris causa*, principal honraria que a instituição pode dar a alguém. A distinção foi dada em 1999 ao Prêmio Nobel de Literatura José Saramago, de quem Salim é leitor e admirador desde antes da fama. O autor de "Ensaio sobre a Cegueira" chegou a encaminhar material para a "Revista Sul", dirigida por Salim, nos anos 40/50. Durante sua estada em Florianópolis, o português foi saudado, em nome dos escritores catarinenses, pelo autor de "Nur na Escuridão". O escritor Salim Miguel, conhecido nacionalmente também como jornalista (escreveu na grande imprensa, principalmente carioca), considera-se cidadão libano-biguaçuense, pois nasceu no Líbano em 1924 e chegou ao Brasil (Rio) em 1927. Após dois anos, a família mudou para Biguaçu, na Grande Florianópolis, onde Salim morou dos 5 aos 19 anos. Em 1943, a família Salim vai morar em Florianópolis, onde o intelectual inicia sua longa e profícua jornada cultural. Crítico literário e jornalista atuante, Salim amargou 48 dias de cadeia em 1964, durante a ditadura militar. A "experiência" inspirou obras, entre as quais, o livro "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia", e o próximo lançamento "Narrativas de um Exílio no Rio". Com Eglê Malheiros, a mulher, e E. M. Santos, o escritor produziu o argumento e roteiro do primeiro longa-metragem catarinense: "O Preço da Ilusão". Ainda em Florianópolis criou e liderou o movimento cultural conhecido como Grupo Sul, que revolucionou o panorama literário catarinense, nos vários gêneros, mantendo intenso intercâmbio nacional e internacional. Ao deixar a prisão, Salim e Eglê seguiram para o Rio de Janeiro. Lá, além de continuar no cinema e na literatura, Salim atuou durante quase 15 anos em jornais e revistas. Durante dez anos foi colaborador assíduo do caderno "Idéias", do "Jornal do Brasil" (JB), editado por Mário Pontes. Nas empresas do Grupo Bloch foi redator, repórter especial e chefe de redação. Crítico de literatura brasileira e hispano-americana, redigiu verbetes sobre escritores para a Enciclopédia Delta-Larousse. Também no Rio foi um dos editores da revista "Ficção". Nos anos 80 começou vida nova na capital catarinense. De 1983 a 91, dirigiu e consolidou a EdUFSC e durante quatro anos foi superintendente da Fundação Franklin Cascaes (FFC), que cuida da cultura de Florianópolis, período que imprimiu-lhe uma nova dinâmica que permitiu uma maior visibilidade nacional. Além dos 20 livros, Salim integrou e organizou numerosas antologias, participando igualmente em eventos literários na Alemanha, na Argentina e em Portugal. Na comemoração dos 50 anos de literatura publicou "Eu e As Corruíras" (Editora Insular). Entre os seus prêmios, destaca-se ainda o da União Brasileira de Escritores (UBE/RJ) para "Primeiro de Abril — Narrativas de Cadeia". Ao prêmio da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo concorreram 190 obras publicadas entre junho de 1999 a maio de 2001, algumas do exterior e de vários importantes escritores do Brasil. Trata-se do maior evento literário da América Latina, tanto em participação como em premiação (R\$ 100 mil para o primeiro colocado). "O prêmio que recebi também é um reconhecimento à qualidade do que está se produzindo em Santa Catarina", sublinha Salim, acrescentando que "não sou melhor nem pior do que outros escritores que estão em plena atividade no Estado". Para ele, vários colegas poderiam ter conquistado o mesmo prêmio. "Espero, portanto, que em 2003 outro catarinense reprisa a façanha." Salim falou repetidas vezes nas entrevistas e palestras que "Nur" estava dando sorte ao autor. Mas a verdade é que a qualidade da obra é que tem garantido um sabor especial à festa dos 50 anos de literatura. Não é por nada que a obra já está no forno para a sua terceira edição. O poeta Carlos Drummond de Andrade, ao comentar "Os Nossos Iguais", um dos textos de Salim, destacava a sua "consciência literária" e o "sutil aproveitamento que consegue obter dos valores da linguagem". O poeta estava carregado de razão. Salim lia, quando menino em Biguaçu, para um velho cego em troca de livros. Hoje, com a perda quase total da visão, Salim encontra luz na escuridão: sua inseparável companheira, a escritora e teatróloga Eglê Malheiros, lê para ele. Luz é a palavra mágica que ilumina a obra e dá um brilho especial ao escritor na festa de meio século de literatura.

Prêmios nacionais, homenagens, convites, livros — uma festa que não acaba para o escritor Salim Miguel, que vive o seu tempo de glória

■ MOACIR LOTH, jornalista, assessor de imprensa da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC)

Estante

Foto: Divulgação

GUERRA DOS BÁLCÃS

JOHN REED



"Guerra dos Bálcãs", de John Reed, Conrad Editora. Um dos melhores retratos da Primeira Guerra Mundial, inaugura o jornalismo moderno. Mostra um mundo desabando, os limites da barbárie de uma guerra no calcanhar da Europa. É considerado um ponto de partida para uma profunda reflexão sobre o real significado da guerra. É fulminante ao apresentar a guerra como ela é, apresentando os fatos e o cotidiano de um mundo em transe imposto pelos interesses das potências militares. Conrad Editora, John Reed, tradução de Ludmila Hashimoto, 279 páginas, R\$ 35,00.

ANTÔNIO ARAÚJO

A TERRA E O CIO DA TERRA



"A Terra e o Cio da Terra", de Antônio Araújo, Armazém de Idéias. Esta obra sucede "Frutos Amargos", publicada ano passado e incluída entre os dez melhores romances na lista do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Polêmico e corajoso, o autor estrêante, cria personagens que amam seu pedaço de terra a ponto de matar por este amor. É uma das poucas obras literárias brasileiras que vêem o problema das invasões de propriedade no campo a partir do dono da terra que, evidentemente, não concorda com elas. Armazém de Idéias, R\$ 29,00.

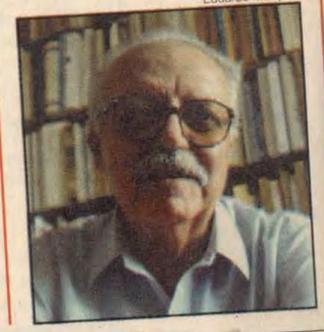


"Humanos", de André Masini, edição do autor. O escritor e geólogo paulista apresenta uma alegoria da saga de um ser humano no mundo por meio de uma história original de ficção científica. O protagonista vive o espanto, o sofrimento, a luta e as incertezas experimentadas diante da vida, a partir do momento em que é raptado por algo desconhecido. Mergulhado na incompreensão, enfrenta a dificuldade de comunicação com outros seres e a necessidade de manter a coragem para seguir em frente. Informações (11) 223-3447. Edição do autor, R\$ 20,00.

SUCESSO DE PÚBLICO
ELEITO PELA GALERIA O FILME DO MOMENTO

MILLA JOVOVICH MICHELLE RODRIGUEZ
RESIDENT EVIL
O Hospede Maldito

LITERATURA
A saga dos imigrantes libaneses, pelo catarinense Salim Miguel
3



GAZETA MERCANTIL

FIM DE SEMANA

SEXTA-FEIRA, 20, E FIM DE SEMANA, 21 E 22 DE ABRIL DE 2001

www.gazetamercantil.com.br/fimdesemana

CULTURA

LITERATURA

Mascate da memória familiar

Com 50 anos de vida literária e 18 livros publicados, Salim Miguel vê a trajetória dos imigrantes libaneses no país

GERALDO HASSE
de Florianópolis

Aos 77 anos, "na pior idade", o escritor Salim Miguel vê tudo, mas já não enxerga as letras mais miúdas. Uma retinopatia degenerativa embaça-lhe a vista, privando-o de um velho prazer, a leitura. Ele dribla a limitação com uma lupa. Ou então recorre a Eglê, companheira desde 1947. Poeta, formada em direito, história e comunicação, Eglê Malheiros lê em voz alta para Salim, que fez o mesmo na juventude em Biguaçu, a pequena cidade onde se criou, entre o litoral e a Serra do Mar, a 20 quilômetros de Florianópolis.

A história está registrada em livro, mas Salim não se cansa de repeti-la. Tinha uns 10 anos quando o pai lhe perguntou o que queria ser na vida. Salim já não tinha dúvidas:

— Quero ser leitor e escritor.

— Espero que consiga — respondeu o velho, passando-lhe a mão na cabeça.

Não demorou muito, Salim passou a ler para o cego João Mendes, livreiro e poeta em Biguaçu. Foi assim que aprendeu a gostar de Eça de Queiroz e Machado de Assis. Muitos anos depois, lendo "A História da Leitura", do argentino Alberto Manguel, hoje professor no Canadá, soube que na adolescência, durante cerca de dois anos, ele ganhava "uns trocados" para ler para o escritor argentino Jorge Luis Borges, autor de "História Universal da Infância". Modesto, mas sempre crítico, Salim Miguel não se furta de um comentário perverso: "Cada escritor tem o cego que merece." Reconhece, porém, a extrema dedicação da companheira, que "deixa de escrever para ler para mim".

Eglê Malheiros era professora quando foi presa em 1964 por pertencer ao Partido Comunista Brasileiro. Liberada, ficou em prisão domiciliar, vigiada pelo Dops e pelos quatro filhos pequenos, que não a deixavam sair à rua, temerosos de que ela fosse fazer companhia ao pai, encarcerado por subversão, palavra colocada na moda naquele outono.

Salim não era do partido, mas tinha fama de comunista. Quem pagou o pato foi o novo dono da Livraria Anita Garibaldi, conhecida como "a livraria do Salim", seu fundador e sócio até 1959. No dia 8 de abril de 1964, a livraria, situada no centro de Florianópolis, foi invadida e depredada por um grupo de "revolucionários" liderados por um professor. Os livros foram queimados na esquina da rua Conselheiro Mafra com a praça XV de Novembro. Entre as obras condenadas à fogueira, figurava "A Capital", de Eça de Queiroz, confundido

com "O Capital", de Karl Marx. A imprensa catarinense não registrou o episódio, contado por Salim Miguel no livro "Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia" (José Olympio, Rio, 1994). Quando viu a fogueira, o padre jesuíta Braun, diretor do Colégio Catarinense, que vivera na Alemanha, exclamou: "Será que estamos voltando aos tempos de Hitler?"

Muitos e muitos outonos depois, o ponto da extinta livraria abriga hoje uma farmácia; o professor incendiário continua atuante nos meios culturais catarinenses; e o casal, mais unido do que nunca, mora num apartamento na Carvoeira, bairro de classe média encravado no pé do Morro da Cruz, o ponto mais alto da ilha de Florianópolis. Salim e Eglê vivem entre livros, assunto predileto e vício familiar. Agitaram a vida cultural da capital catarinense nos anos 40, 50 e 60, "exilaram-se" no Rio por 15 anos e desde a anistia política de fins de 1979 estão de volta à cidade, onde continuam a exercer o papel de gurus intelectuais, cada um a seu modo — Salim na linha de frente, Eglê mais na retaguarda, como um típico casal formado há mais de 50 anos.

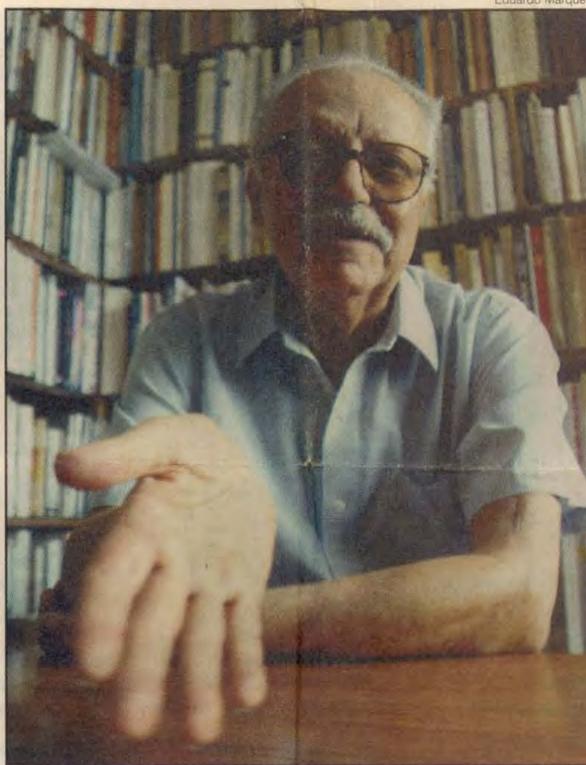
Fazendo traduções e revisões para ajudar no orçamento doméstico, Eglê descuidou da própria carreira. Publicou um livro de poemas, outro sobre

literatura infanto-juvenil e uma dissertação de mestrado sobre a dificuldade de produzir cinema no Brasil (baseou-se em "Fogo Morto", dirigido por Marcos Farias). "Preguiçosa", não teve alternativa senão se dedi-

car aos cinco filhos enquanto o marido ganhava a vida como jornalista profissional. Escritor compulsivo, ele publicou uma dezena de livros de contos, mas só adquiriu renome nacional em 1999, quando seu livro "Nur na Escuridão" (editora Topbooks) recebeu da Associação Paulista de Críticos de Arte o prêmio de melhor romance do ano. Eglê ajudou na revisão e aparece na dedicatória, "ainda-sempre".

Premiado como romance, "Nur" é um livro de memórias. Conta a saga brasileira da família Miguel, que chegou do Líbano em 1927. Salim, nascido em 1924, era o primogênito de uma penca de sete. O pai, ex-professor no Líbano, mascateou algum tempo antes de se estabelecer com uma venda em Biguaçu. A matéria-prima de "Nur" (luz, em árabe) são as lembranças do autor mescladas às memórias paternas, estas escritas à mão, na língua natal, no caderno "Minha Vida", relíquia familiar.

Salim Miguel não é o primeiro descendente de libaneses a figurar na literatura brasileira. Ele cita outros como Raduan Nassar, Milton Hatoum, João Almansur Haddad e Bety Milan.



Miguel: "Jamais ganhei nada de direitos autorais"

Lembra que os "turcos" apareceram como figurantes em obras de autores consagrados como Jorge Amado e Mário Palmério. Segundo Salim, "Nur" é o primeiro livro em que os imigrantes árabes aparecem como personagens centrais. Os 6 milhões de descendentes de libaneses existentes no Brasil são uma remota esperança para Salim. "Sempre vivi da palavra. Jamais ganhei nada de direitos autorais." "Nur" está na segunda edição.

Com 50 anos de vida literária — seu primeiro livro, "Velhice e Outros Contos", foi lançado em 1951 —, Salim vive um momento muito especial. Seu prestígio nos círculos de esquerda transborda para outras camadas da população. Aposentado como diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem recebido convites para palestras. Na semana passada, falou sobre literatura catarinense para duas dezenas de pessoas no Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC. Em agosto participará de um encontro de escritores em Passo Fundo (RS).

Acompanhado por Eglê, ele recebe duas moças que desejam conhecer o "Graciliano Ramos catarinense". A líder da dupla tem 20 anos, estuda jornalismo e morou na Europa com a mãe exilada, amiga do escritor desde os tempos do Rio. Chama-se Florence

(pronuncia-se "Fló-rance", diz ela, com um sotaque baiano-parisiense). Começam a conversar e, daí a pouco, Salim mascateia com gosto suas lembranças. Sua prosa oral não inclui os três anos vividos no Líbano. Suas referências geográficas básicas são Biguaçu, Florianópolis e o Rio de Janeiro.

Escreve desde a adolescência, imitando os autores que lia, de José de Alencar a Schopenhauer. Tinha talvez 19 anos quando se mudou de Biguaçu para Florianópolis, acompanhando a família. Ajudava o pai no comércio e estudava o curso clássico, mas seu afã era a literatura. Desde os tempos em que lia para o cego de Biguaçu a busca por novas leituras o transformara numa espécie de mercador de livros, a serviço de pessoas que lhe delegavam a tarefa de encomendar obras não disponíveis no Estado. Em sociedade com dois amigos, na década de 50, acabou montando a Livraria Anita Garibaldi, logo transformada num ponto de encontros, agitações e controvérsias. Ali se reuniam os membros do grupo cultural que editou a revista literária "Sul" por dez anos, montou "O Muro", de Sartre, sob a direção de Ody Fraga (que acabou produzindo filmes pornô na Boca do Lixo, em São Paulo), e produziu o

Miguel e Eglê
agitaram a vida
cultural da
capital
catarinense nos
anos 40, 50 e 60

TRECHO

Derrota esquiva, vitória alardeada

A palavra mascate, por exemplo, tem um poder mágico, faz com que recue até a chegada a Magé. Esclarece, antes: pouco importa o que uma pessoa tenha sido ou queira ser, pouco importam sonhos, desejos, aspirações, fantasias. Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro, sorri e acrescenta, só bem mais tarde irão tomar conhecimento do outro significado da palavra trouxa. Se estão se dando bem e o mascatear dá certo, vão deixar de ser trouxas, não demora adquirir um cavalo, uma carrocinha, depois podem ter uma vendola, um armazém, loja de tecidos, quem sabe uma fabricata; bem poucos enriquecem, mas as novas gerações acabam por esquecer os sacrifícios dos pais, dos que não tiveram nasib, some a vez dos perdedores, dos tarraçada que não deram certo, dos fakir, os pobres, e o que fica, para os que estão querendo se aventurar, é a fama dos raros que fizeram fortuna na boa terra, animando outros para que se aventurem, pois se a derrota se mantinha esquiva, a vitória era trombeteada." (De "Nur na Escuridão")

primeiro longa-metragem do Estado, "O Preço da Ilusão", com argumento de Eglê Malheiros e Salim Miguel e direção de Nilton Nascimento, que mantém uma produtora de cinema até hoje em São Paulo.

O filme conta a história de uma moça que vende votos para ser a Rainha do Verão e de um garoto que angaria doativos para montar um boi-de-mamão, grupo folclórico em Florianópolis. As duas histórias correm paralelas e se encontram na ponte Hercílio Luz, onde a tragédia se consuma, misturando o neo-realismo italiano e o expressionismo alemão. O filme estreou em noite de gala diante das principais autoridades estaduais e fez breve carreira, sem conseguir remunerar as cotas vendidas no comércio local. Dele restam dez minutos na cinemateca da UFSC e a trilha sonora completa, que mostra a riqueza musical de Florianópolis.

Numa época em que circulavam mais de 40 revistas literárias no Brasil, a "Sul" fez sua parte em Santa Catarina. Além de editar mais de 20 livros, entre eles os dois primeiros de Guido Wilmar Sassi, lageano que vi-

no Rio, a revista publicou brasileiros ainda não alcançados pela fama, como Vinícius de Moraes, e portugueses censurados pelo salazarismo, como Fernando Pessoa, falecido em 1935 e até então pouco conhecido. Graças à revista, Salim animou-se a enviar crônicas, contos e resenhas literárias para os jornais, que sempre apreciaram colaborações gratuitas. Desses vínculos, o mais antigo é com o "Correio da Paraíba". Escreve para seu suplemento há mais de meio século sem ganhar um vintém. Em 1999, sentiu-se remunerado ao receber o convite para a festa dos 50 anos do caderno, em João Pessoa.

A primeira colaboração remunerada ele jamais esquecerá. Foi uma surpresa proporcionada pelo suplemento literário do "Correio do Povo", de Porto Alegre, que lhe encomendara um texto. Atendeu prontamente e já se esquecia do pedido quando recebeu uma carta do jornalista e historiador Carlos Reverbel, agradecendo a colaboração. Dentro do envelope havia um cheque. Salim guarda a carta até hoje. Ela o ajudou a conseguir seu primeiro emprego de carteira assinada, em 1952, como redator do "Diário da Manhã", de Florianópolis. Pouco depois ele e Eglê se casaram.

O golpe militar de 31 de março de 1964 deu novo rumo às vidas de Salim e Eglê. Ele foi preso dia 2 de abril e ficou retido por 48 dias no quartel da Polícia Militar, ao lado de 60 outras pessoas. No dia 5, teve rescindido o contrato de trabalho na assessoria de imprensa do governador Celso Ramos. Manteve-se, porém, no seu outro emprego, como redator da Agência Nacional, que produzia notícias sobre o governo federal. Em 1965, para livrá-lo das perseguições na província, o escritor Adonias Filho, o diretor da AN, transferiu-o para o Rio.

Um dos presos em Florianópolis era um agiota muito atuante em São Joaquim, a cidade mais fria do Estado. Toda vez que um oficial da PM aparecia no xadrez, o pobre homem se punha a chorar e pedia: "Me solta, por favor, eu não tenho nada a ver com essa agitação. Estou aqui por maldade dos meus credores. Eu não sou agitador, sou agiota!"

Esta e outras histórias estão contadas direta ou indiretamente nos 18 livros de Salim Miguel, a maioria de contos. Apesar de ser um escritor só conhecido regionalmente até o lançamento de "Nur", Salim recebeu resenhas elogiosas de figuras notáveis da crítica literária brasileira como Fausto Cunha e Hélio Pólvoira. Agora com tempo para planejar novos vôos, ele se prepara para lançar "Eu e as Corruínas", o livro de crônicas e outros escritos com que comemora seus 50 anos de vida literária. Nele está incluída a crônica "Um Fantasma Rentente", na qual conta como não consegue se livrar da perseguição do filme "O Preço da Ilusão".

Salim Miguel e seu Nur na escuridão

O escritor mistura realidade e ficção narrando a imigração de sua família do Líbano para o Brasil, dando ênfase a Biguaçu

Patrícia Francalacci

"No dia 18 de maio de 1927, três libaneses na faixa dos 20 anos e três crianças - o mais velho com três anos, a caçula com cinco meses - desembarcam no cais do porto do Rio de Janeiro. É noite, eles ouvem gritos e imprecações, gritos e perguntas em inglês, francês, espanhol, italiano, alemão - e nenhuma voz em árabe. Sem ninguém para recebê-los no país desconhecido, se afligem, não sabem a quem recorrer, mas um motorista de táxi aproxima-se fazendo gestos. Mostram-lhe um endereço anotado; está escuro, o brasileiro não consegue ler, risca um fósforo e diz: "luz". A chama se apaga; ele acende outro palito e com ênfase repete o mesmo, letra por letra, l,u,z, antes de mais um luz - e só aí o pai entende a palavra que jamais esquecerá e lhe abre as portas do novo mundo. Abana a cabeça. O motorista volta a sorrir: luz. O pai também: luz. Nur"

Assim começa *Nur na Escuridão* (Topbooks, 1999, 258 pg.), do escritor catarinense Salim Miguel, o filho mais velho de Youssef - que tinha apenas três anos no desembarque tumultuado da praça Mauá, onde narra a saga da família que veio do interior do Líbano e se estabeleceu em Santa Catarina. A história - que foi lançada em novembro do ano passado e no dia 28 de março deste ano ganhou o prêmio de melhor romance de 1999, pela Associação Paulista de Críticos de Arte - começa e termina em fins dos anos 70, início dos 80. O núcleo central está localizado entre 1920 e 1950 e a trama é montada como um jogo de armazém: comporta labirintos, deslocamentos no tempo, idas e vindas, dúvidas e certezas, retificações e ratificações. Confira abaixo a entrevista ao *Jornal O Estado* concedida na última semana, onde o autor explica quando começou a escrever o livro e a construir a narrativa.

OE - Como surgiu a idéia de escrever o livro? Quanto tempo levou para finalizá-lo?

Salim Miguel - Comecei a pensar em escrever o livro logo depois do falecimento de meu pai, em 1981. Pensei em fazer o balanço de uma vida. E não só o retrato da imigração libanesa para o Brasil, mas o retrato de outros imigrantes. Porque todos passam pelas mesmas dificuldades que minha família passou: Ter que fazer o traslado de um país para o outro, se acostumar à outra cultura... Mas não é um romance histórico não. Há vários fatos com invenção. São coisas que poderiam ter acontecido misturadas à realidade.

As primeiras anotações foram feitas em 1981. Depois parei por um tempo e continuei a partir de 1990, 91 até 93, quando surgiu a 6ª versão. Depois disso publiquei outros três livros e foi somente em 1997 e 98 que finalizei a obra.

OE - Como é a narrativa? Explique melhor estas indas e vindas.

SM - A narrativa é feita em falsa terceira pessoa. Digo isto porque os diálogos não são convencionais, com travessão, por exemplo. São baseados em lembranças que tenho de toda uma vida e em relatos de familiares, que me ajudaram a esclarecer diversas coisas, além de uma autobiografia anotada por meu pai. Dentro do texto não há conversas e sim a essência das conversas. Tudo isto além das partes de ficção.

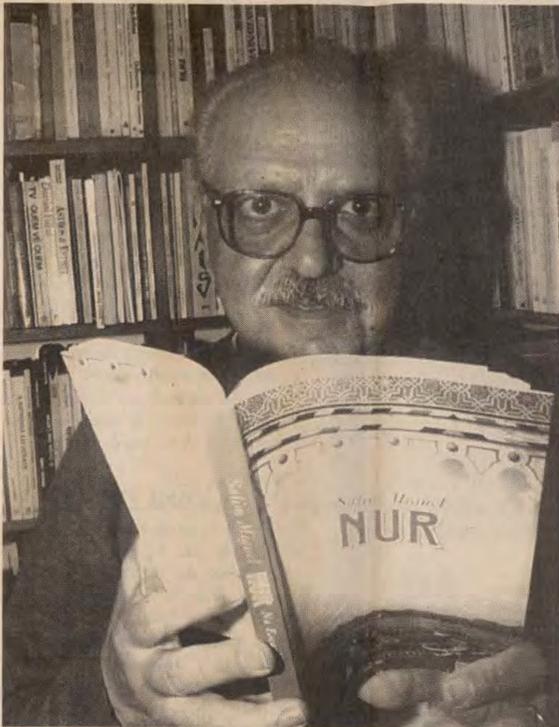
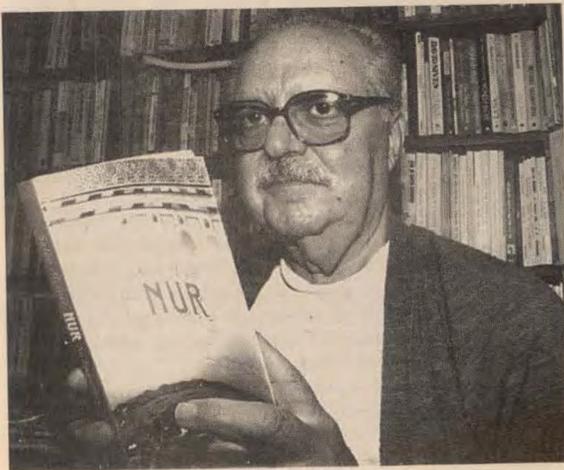
Quanto às indas e vindas do livro posso esclarecer melhor: O primeiro capítulo é descrito como uma cena de cinema, relatando a chegada da família. Do 2º até o 26º acontece toda a trajetória da família desde o abrigo em Magé até a vida em Biguaçu: De Magé para Florianópolis, de Florianópolis para São Pedro de Alcântara, - onde nasceu meu quarto irmão, o primeiro brasileiro da família; de São Pedro de Alcântara para Alto Biguaçu e, finalmente, Biguaçu - um microcosmo que reflete um macrocosmo.

No capítulo 27 - fios - são descritas cenas da vida da família, em fios de memória. O capítulo 28 traz figuras que me marcaram em Biguaçu, personagens que estão em vários dos meus livros. No 29º as mortes da família e no 30º - Sementes - as palavras de meu pai antes de morrer, falando do ciclo da vida, das sementes que deixou.

OE - O que representa esta obra em sua vida?

SM - Este livro se confunde com a minha vida e me acompanha desde que nasci. Há fragmentos desta obra em quase todas as outras que escrevi.

Este livro se confunde com a minha vida e me acompanha desde que nasci. Mas não é um romance histórico



Salim Miguel começou a escrever o livro em 1981 e finalizou-o em 98

OE - Quando começou o seu interesse por literatura?

SM - Assim que aprendi a ler gostava de folhear jornais velhos, revistas, almanaques, bulas de remédio e de freqüentar bibliotecas. Aos 10 anos tornei-me amigo de um poeta cego livreiro de Biguaçu - João Mendes - que me cedia livros. Ele gostava muito de ler e como não podia, pedia-me para ler os livros em voz alta, 4 a 6 horas por dia.

Foi nesta época que tive os primeiros contatos com a obra de Machado de Assis, Eça de Queirós, José Lins do Rego, Cruz e Sousa e Chopinhuier. Aos 12 anos, adorava ficar contando histórias para a criançada em frente à minha casa em Biguaçu e com 16 para 17 anos escrevi minha primeira crônica, falando sobre a importância do rio Biguaçu.

OE - Poderia explicar como surgem as idéias para se escrever uma história de ficção?

SM - É um processo que tem e não tem haver com a vontade do escritor. É a história que te procura. Um exemplo é *Velhice e Outros Contos*, publicado em 1951. Na época estava desempregado e fui con-

Assim que aprendi a ler gostava de folhear jornais velhos, revistas, almanaques, bulas de remédio e de freqüentar bibliotecas

trata- do para trabalhar no Senso, onde tive contato com várias famílias e entrevistei algumas delas. Este livro traz 8 histórias, três delas a respeito de três das famílias. As outras são contos. Se não fosse o trabalho no Senso, não teria escrito o livro.

Outro fato é que alguns personagens sempre me acompanham em minhas histórias e acabam criando vida própria, como é o caso do livreiro João Mendes ou como o Ti Adão, um preto velho, também de Biguaçu. A escolha destes perfis, entre tantos outros, pode parecer aleatória. Tem e não tem explicação lógica. Por que logo eles, num universo tão amplo? Por um estranho processo de composição, até mesmo inexplicável, que foge ao controle, estes se impuseram. Embora no decorrer da história apareçam e transmitam seus recados, não se deram por satisfeitos. Exigiram mais espaço. Enfim, todos estes personagens são retrabalhados. Eles adquirem vida própria.

O Ti Adão era um preto velho que sentava num caixão de sabão e ficava contando histórias que eu ouvia, rememorando fatos sobre a escravidão, a lei áurea, os navios negreiros atropetados, gentes morrendo durante a viagem, a libertação dos escravos pela princesa Isabel, a proclamação da República. Ti Adão tinha um método só dele. Podia, por exemplo, interromper um caso hoje e retomá-lo dias depois, intercalando com outro, ou nunca mais retomá-lo

OE - Se você fosse escrever algum artigo em homenagem aos 500 anos do Brasil, que ponto abordaria?

SM - Faria um resgate destes últimos 500 anos, e daria ênfase a coisas que não estão sendo lembradas nas comemorações, como o massacre dos índios, por exemplo. Nada disto está sendo abordado.

OE - Poderia citar alguns de seus autores e obras brasileiras

prediletas?

SM - Machado de Assis (Dom Casmurro), Graciliano Ramos (São Bernardo), Mário de Andrade (Macunaima), Carlos Drummond de Andrade, Eça de Queirós.

OE - E estrangeiros?

SM - Tchecov, Cervantes, Thomas Mann - que releio com freqüência, Daniel Percec (Vida, Modo de Usar) e Joyce (Ulisses), entre muitos outros, como As Mil e Uma Noites, que influenciaram bastante no meu processo de criação.

OE - Qual a parte do livro que te emocionou mais ao escrever?

SM - Sem dúvida foi a morte de meus familiares e principalmente a de meu pai. "O pai estende a mão, como em câmara lenta, mão fria, enregelada, pega na do filho, as duas mãos juntas, faz novo movimento, que o filho aproxime a cabeça, baixe-a mais, mais, mais, até quase as cabeças se tocarem, o filho compreendeu, aproxima o ouvido da boca do pai, e as palavras, com um bafio de morte, vão saindo, sílaba, pausa, sílaba, pausa, até formarem a frase que sempre se fixaria, de forma indelével, na mente do filho, e que foram as derradeiras que o pai pronunciou com coerência: ibn, habib, é o ciclo da vida, o que querias, o que queriam você, por Allah, que eu ficasse para semente, dahaba, partir, está na hora, chegou a hora, demorei demias para ir ao encontro da Tamina, do Samir, da Fadia...", assim está descrito, no último capítulo do livro, o trecho com as últimas palavras que Salim escutou do pai.

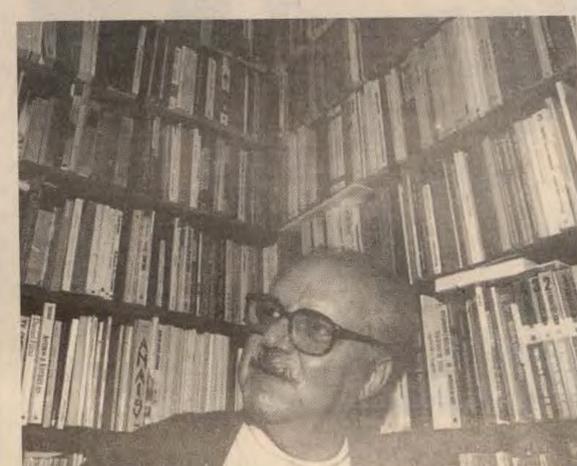
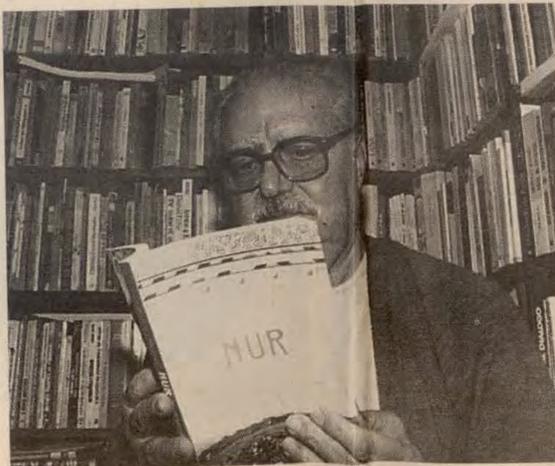
*Salim Miguel nasceu em Kfarssouroun, no Líbano e depois da curta temporada em Magé (RJ), viveu dos cinco aos 19 anos em

Ficção é um processo que não tem nada a ver com a vontade do escritor. É a história que te procura e os personagens criam vida

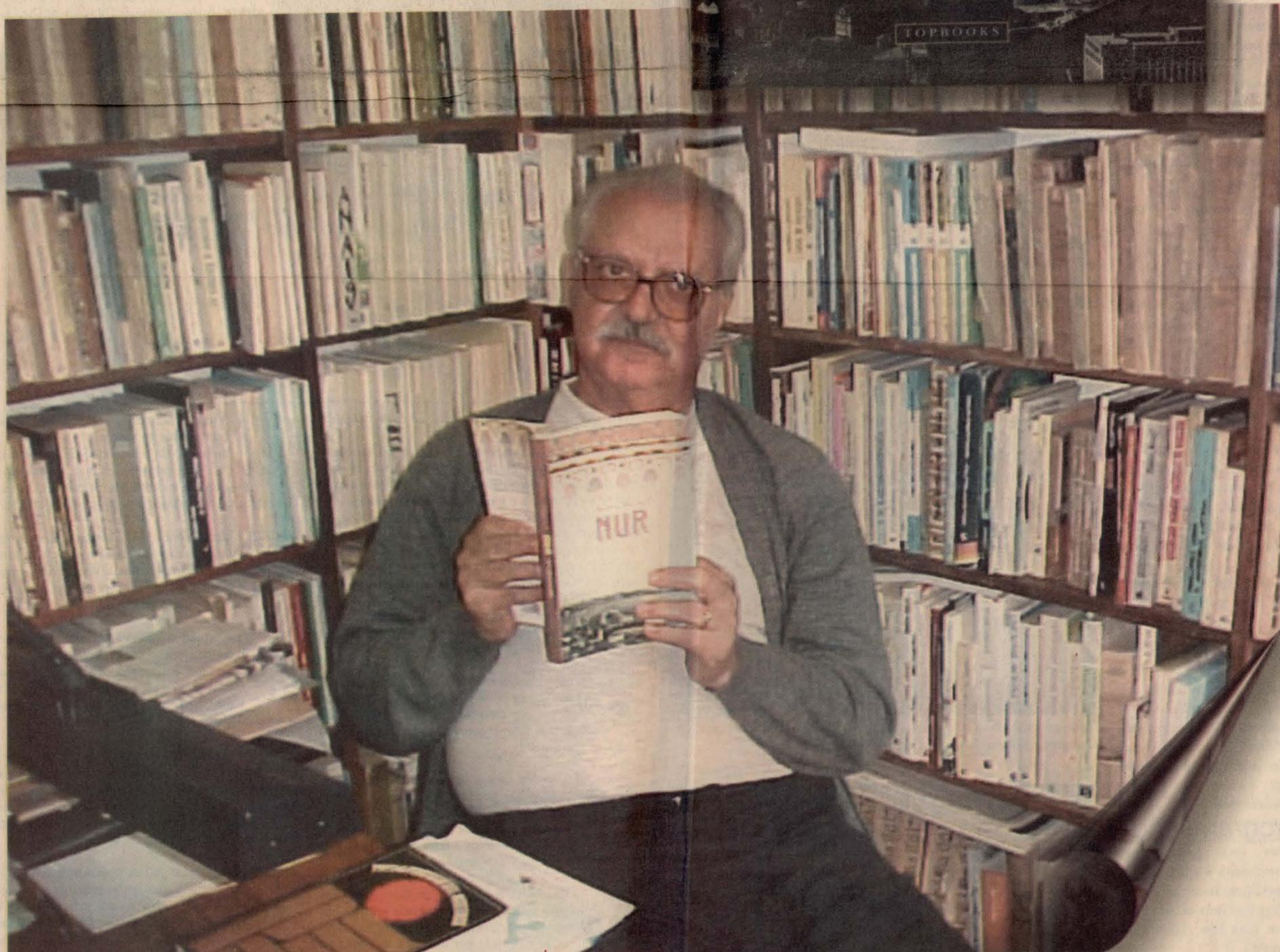
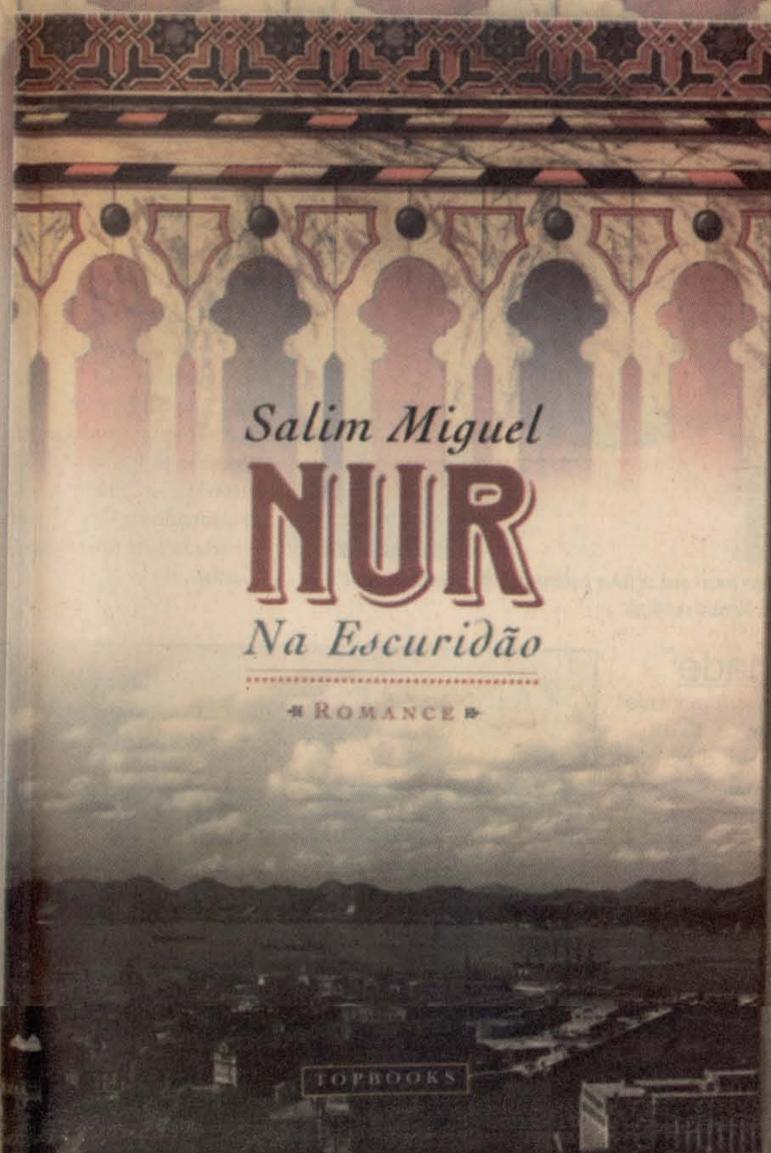
Biguaçu, que já serviu de cenário para alguns de seus livros, e se considera um libano-biguaçuense. E foi lá que Salim - já então um dos líderes do Grupo Sul, movimento artístico-cultural que agitou Santa Catarina nas décadas de 40 e 50 - estreou na literatura, em 1951, com *Velhice* e outros contos.

Jornalista - entre outros veículos trabalhou no *Jornal O Estado* por muitos anos - escritor e crítico literário há 50 anos, Salim estava em sua sala de trabalho na Agência Nacional de Florianópolis, no dia 2 de abril de 1964, quando foi "detido para averiguações". Depois de passar 48 dias preso - experiência que 30 anos mais tarde transformou no livro *Primeiro de Abril: Narrativas na cadeia* - mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu 15 anos fazendo livros e escrevendo em jornais. Foi um dos editores da revista literária carioca *Ficção* (1976-1979).

Em 1957 escreveu com a mulher Eglê Malheiros, o argumento e roteiro do primeiro longa metragem realizado em Santa Catarina - *O preço da ilusão* - e no período em que morou no Rio, assinou, com Eglê e Marcos Farias, a adaptação e roteiro cinematográfico do conto "A Cartomante", de Machado de Assis, e do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego. Dirigiu a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (1983-1991) e a Fundação de Cultura de Florianópolis (1993-1996). Com *Nur na escuridão*, Salim Miguel totaliza 18 livros publicados.



Talento nosso



Escritor catarinense Salim Miguel recebe o Prêmio Melhor Romance de 1999, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte, por seu livro “Nur na Escuridão”. Confira entrevista na página 3.

MIGUEL SANCHES NETO

Um atávico desejo de linguagem

Em segunda edição, o romance pouco divulgado de Salim Miguel mostra que a boa literatura é auto-suficiente

UM GRANDE romance é antes de tudo uma experiência existencial, na qual o leitor vive no outro um confronto com a diversidade, experimentando-se em vidas alheias que, numa mágica, passa a ser próxima. Quando este livro é fundado nas vivências mitificadas do autor e não em truques narrativos ou de marketing, esta projeção no outro é mais completa e frutuosa. Salim Miguel, ao publicar o seu mais importante livro, *Nur, na escuridão* (Topbooks, 2ª edição, 2000) nos leva a viver numa fronteira de identidade, numa família libanesa vinda para um país que, apesar de sua luz tropical, era uma escuridão de hábitos e de linguagem para o povo de Youssef, desembarcado no Rio de Janeiro sem saber nada da língua da nova pátria.

O primeiro grande evento deste patriarca é a descoberta da palavra que traduziria o país de forma indelével na memória de seus filhos. Ainda na saída do porto ele pronuncia a palavra árabe *nur*, chegando à sua correspondente na nova língua: "O pai não entende o que o motorista quer dizer, em vão o homem repete mais alto, mais alto, luz. Luz. E faz uma careta, coça a cabeça, abre um sorriso que lhe revela os dentes perfeitos, puxa do bolso uma caixa de fósforos (a mãe murmura *tagur*), tira um palito, acende, repete indicando a trêmula chama que logo se extingue, luz, rápido, acende outro palito, com ênfase, repete o mesmo, letra por letra, l, u, z, antes de mais um LUZ – e só aí o pai entende a palavra que jamais esquecerá e lhe abre as portas do novo mundo. Abana a cabeça. O motorista volta a sorrir: a luz. O pai também: luz. *Nur*" (p.25). Este episódio é de uma beleza comovente tanto pelos recursos narrativos usados pelo autor, quanto por sua simbologia dentro da semântica do livro. A descoberta desta palavra axial é um novo gênese, o começo do mundo bíblico para os imigrantes que aqui chegam. É o *fiat lux* original, impondo aos seres primeiros de uma nova descendência o caminho do entendimento.

Num nível mais narrativo, podemos ainda encontrar nesta passagem o próprio antagonismo de forças que caracteriza o romance – um romance que oscila entre a autobiografia e a ficção, que é hoje uma das mais visíveis radicalizações da arte de narrar. Já no título, fica cifrada a oposição entre a luz (grafada em árabe) e a escuridão. Ou seja: luz e sombra representadas pela língua desconhecida e pela conhecida. É nesta junção de contrários que encontramos não apenas o eixo do romance como também a sua poética narrativa. Contra o passado visto como escuri-



dão, Salim Miguel mantém acesa a luz da memória. É com esta lâmpada seletiva que ele percorre um tempo perdido, pleno das trevas do esquecimento, para traçar um caminho luminoso de recuperação de imagens.

Nascido no Líbano, o autor/narrador (por si só uma entidade posta no entre-dois) é um intermediário entre mundos e línguas extremadas pela distância e pela diferença. Se o pai permanecerá sempre na divisa entre as duas línguas e os dois mundos, o narrador conquistará a nova pátria, tornando-se escritor, ou seja um patrimônio cultural dela. É significativo que seu grande livro seja o que trata justamente desta transcendência da saga familiar, revelando assim a potência de uma literatura que não é apenas reflexo de um eu restritivo,

mas obra de um grupo maior, ao qual o narrador pertence e para o qual funciona como porta-voz.

Se não se sente isolado em uma situação narrativa idiossincraticamente sua, ele se abre para que o alheio o povoe, não apenas como imagens e palavras herdadas, mas como parte ativa do texto. Este, inclusive, é um recurso romanesco extremamente ousado no livro. Somando-se à voz do narrador, há a de Youssef, que se faz presente no discurso do filho, tendo parte de sua autobiografia *Minha vida*, escrita originalmente em árabe, transcrita no corpo do texto. É, mais uma vez, a idéia de interseção do outro no próprio, que pode ser definido como o grande elemento identificador de *Nur, na escuridão*, uma obra que se quer como condensação de

uma trajetória tribal. Esta presença de uma história dentro da outra vai ter correspondência na própria mistura de português e árabe, marca registrada da personalidade do patriarca que foi magistralmente percebida por Salim Miguel: "Até o fim da vida iriam ter dificuldades com algumas palavras, bresente, borcaria, barrato, misturando expressões portuguesas com árabe, jura bra freguês, *maksut, salam* pra você, algumas vezes a mistura nem era na frase, mas na própria palavra, balsa em lugar de casa, mistura de *bait* e casa, em outras interrompem o que iam dizer em busca de um termo exato – ou um correspondente, deslembado o português e esquecido o árabe" (p. 71).

A base de todo o romance é esta idéia da mistura, da contaminação de

um universo pelo outro, nascida, provavelmente, desta latitude no limite de dois idiomas, marca de toda a vasta faixa de imigrantes árabes. Salim Miguel tirou desta mistura, vista na maioria da vezes de forma caricaturesca, a estrutura de seu romance e a própria força humana de um povo obstinado na luta pela conquista de uma condição social melhor num meio adverso.

O fundo histórico do romance será justamente o relato desta luta para se estabelecer no Brasil, mais precisamente em Santa Catarina. O narrador acompanha todos os passos deste trajeto humano marcado por preconceitos e por dificuldades, impondo à figura paterna uma dimensão de alegre herói da sobrevivência e da adaptação, sempre disposto a viver com tranqüilidade a sua sina e sua saga de desterritorializado. O romance, portanto, também pode ser lido como súplica da imigração árabe por dar visibilidade a uma etnia pouco presente em nossa cultura.

Uma de suas páginas antológicas é a da volta da cachorrinha Taira, outro símbolo do primado do passado que caracteriza esta obra. Depois de mudar de Biguaçu para Florianópolis, onde deixou a cachorra, depois de ter perdido a companheira, Youssef recebe a inesperada visita da cachorrinha já morta. Embora seja uma outra, mais nova um pouco, ela reaparece como a própria Taira, afeiçoando-se de imediato ao pai do narrador, que a interpreta como a volta do que ficou preso nas trevas: "é o passado que retorna, que ressurgue, que nos invade, bom se a mãe, a mulher, Tanina, estivesse aqui, também retornasse..." (p.107). É este o papel que o narrador assume, o de fazer com que as coisas reapareçam e vivam com espessura de linguagem numa narrativa do retorno. O passado é como o canivete do tio do narrador (um objeto tão ligado a quem o possuía a ponto de se tornar metonímia dele), que ficou desaparecido por muito tempo, sendo encontrado apenas após sua morte: "O mágico reencontro numa reentrância de parede nos fundos da casa. Era como se o tio tivesse renascido" (p.242).

Todo este romance, que é extremamente memorialístico sem perder a sua identidade ficcional, funciona no sentido de fazer renascer um mundo e uma gente que ficaram no escuro, não obstante toda a sua perda luminosa. Melhor romance catarinense de todos os tempos, um dos grandes livros contemporâneos, *Nur, na escuridão* revela a força revivescente de um escritor que soube dar forma e comoção ao desejo de linguagem de seus antepassados.

A luz da terra estrangeira

Salim Miguel transforma a trajetória de sua família em romance e é premiado pela APCA

Leonardo Aversa

Mânia Millen

O enredo já estava pronto desde o dia 18 de maio de 1927 quando, por armadilhas do destino, uma família de libaneses aportou no Rio de Janeiro sem saber uma palavra de português. Igual a tantas outras famílias de imigrantes, ela começou ali a escrever sua história numa nova língua. "Luz" — "nur", em árabe — foi a primeira palavra registrada e entendida pelo patriarca Yussef (rebaptizado José em solo brasileiro) e foi como se ela de fato tivesse iluminado, dali em diante, os caminhos de sua gente naquela terra estrangeira, tanto que nunca deixou de lembrar essa história aos filhos. Um deles é o jornalista e escritor Salim Miguel, que chegou naquele mesmo navio, aos três anos de idade, com os pais e tios, e só muito mais tarde decidiu dar contornos literários à trajetória da sua família. O resultado do mergulho de Salim no seu passado é "Nur na escuridão", recém-lançado pela Topbooks, e o longo tempo de amadurecimento do livro — que começou a ser escrito em 1981, sob o impacto da morte do pai, e foi reescrito seis vezes — valeu a pena: ele acaba de ser premiado como o melhor romance do ano pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

Trabalhando fatos acontecidos com pitadas de ficção — o único capítulo totalmente calcado na realidade é o último, justamente o que descreve a morte do pai de Salim e talvez o mais emocionante — o autor teve que lidar com seus próprios fantasmas.

— Havia episódios em que eu tinha que parar e respirar, porque eram coisas muito fortes que vinham à memória, como a morte de meu irmão caçula às vésperas do Natal — conta Salim, que começou a rabiscar seus primeiros contos (devidamente rasgados) aos 10, 12 anos de idade e hoje, aos 75, é autor de 18 títulos entre contos, romances e novela. — Foi o meu livro mais difícil de escrever. Mas narrar as mortes da família funcionou como uma espécie de catarse.

"Nur na escuridão" é um romance circular, onde os personagens vão e voltam no tempo diversas vezes, entre as décadas de 20 e 80, dando a oportunidade ao leitor de mastigar e reinventar sua própria história.

— Acho que o autor escreve e o leitor reescreve um livro — afirma Salim que, nos anos 40 e 50, em Florianópolis, onde mora até hoje, criou e dirigiu a revista de literatura "Sul" e, nos anos 70, quando morava no Rio para fugir de perseguições políticas em sua terra, foi um dos fundadores e editores da revista "Ficção", que lançou diversos autores nacionais e tornou-se um marco na área.

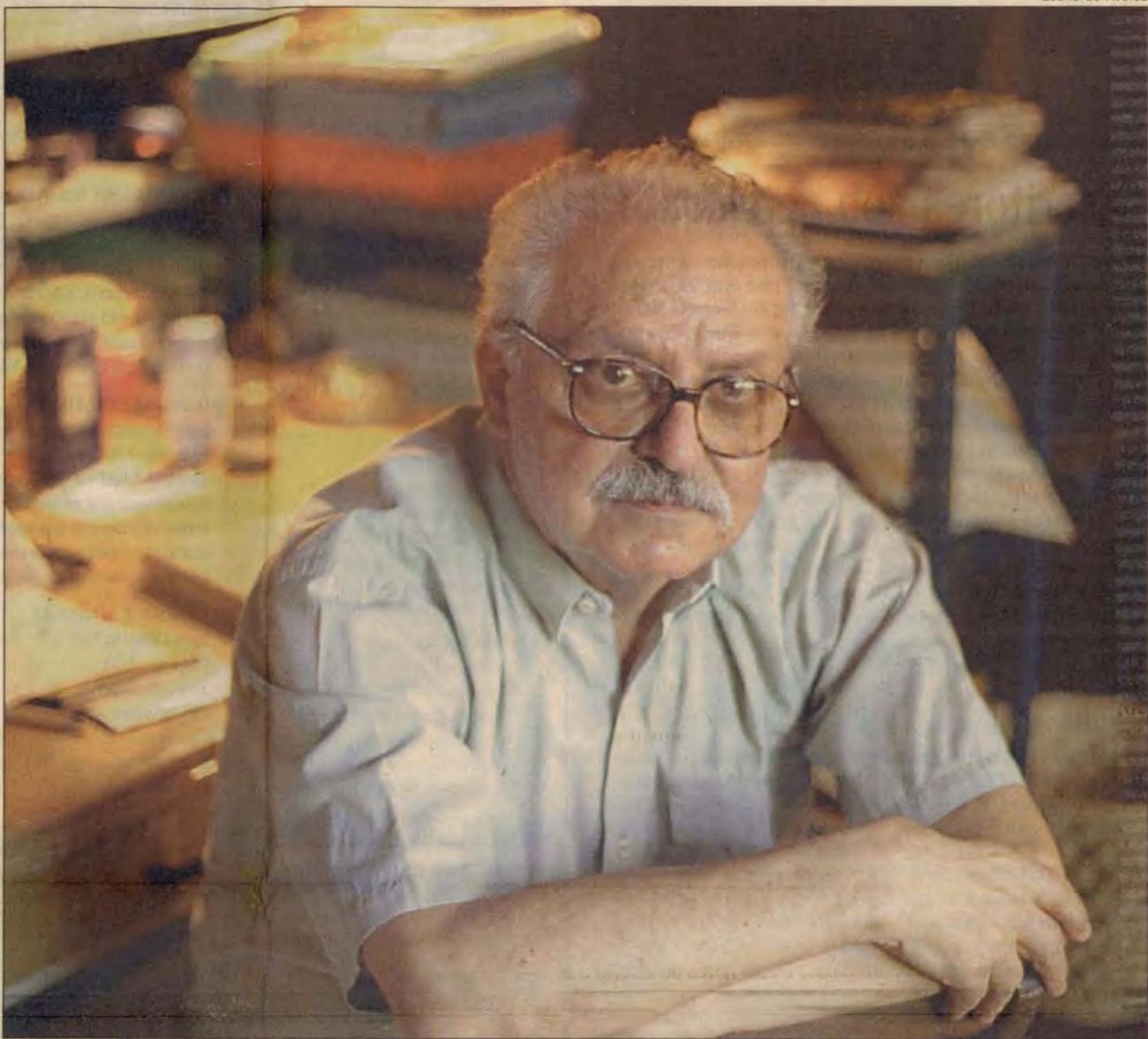
Vidas marcadas pelo destino

Em "Nur" o leitor vai acompanhando, como lembra o escritor, uma história marcada por diversos maktub ("estava escrito", em árabe, língua da qual, aliás, Salim confessa só saber palavras), entre eles o desvio accidental de rota. A família de Yussef/José saiu da pequena cidade interiorana de Kfarssouroun, no Líbano, com destino aos Estados Unidos. Mas roubados por um patricio na parada em Marselha, foram obrigados a esperar pelo dinheiro enviado pelos parentes nos EUA. Com ele, pagaram a pensão e pegaram o primeiro navio que zarpava. Só que ele não ia para a América do Norte, e sim para a tropical América do Sul, especificamente para o Rio. Yussef, por sorte, já tinha uma irmã morando em Magé. De lá eles cruzaram o país para fincar raízes na pequena Biguaçu, perto de Florianópolis, onde o pai decidiu tentar uma nova vida.

— Como todo árabe, libanês, ele também começou mascateando, embora não gostasse dessa vida, e foi tentar melhorá-la em Biguaçu, onde ficou — conta Salim. — Ele lia as cartas dos patricios que enriqueceram para valer, mas nunca deixou de ser um comerciante malsucedido. "Nur" é o retrato de pessoas que não se realizaram economicamente, mas que nunca pensaram em sair do país.

Por isso o Brasil é também personagem de "Nur". Ele é visto através dos olhos dessa família, que presencia episódios como a Intentona Comunista e o Brasil na Segunda Guerra.

— É tudo filtrado pela história dessas pessoas e por isso o suicídio de Getúlio Vargas, por exemplo, é minimizado, já que os acontecimentos familiares são mais fortes e é isso que fica. Acho que somos aquilo que a infância nos faz. Sou um libano-biguaçuense e se minha família não foi exitosa financeiramente, deixou uma herança cultural enorme. ■



SALIM MIGUEL, que nasceu no Líbano e cresceu no Brasil: emoção e catarse ao narrar vida e mortes em sua família de imigrantes

'Nur' recupera uma história ainda por contar

Texto envolve o leitor pela emoção e pela visão do mundo a partir do olhar 'estrangeiro'

Nur na escuridão, de Salim Miguel.
Editora Topbooks, 258 páginas. R\$ 25

Marcelo Rollemberg

A população de descendentes de libaneses no Brasil passa dos seis milhões de pessoas, um número semelhante aos habitantes do próprio Líbano. Essa multidão de filhos, netos e bisnetos de emigrantes que saíram lá do outro lado do mundo e vieram fazer a vida em um novo país, no entanto, não foi o suficiente para produzir uma bibliografia consistente a respeito de um povo que largou para trás tudo o que tinha e decidiu construir uma nova história em terras e costumes estranhos. É até irônico, ao se levar em consideração a bela tradição de contadores de histórias do mundo árabe, uma tradição que talvez tenha encontrado, nesse século, Khalil Gibran como seu maior expoente. Afinal, a saga dos libaneses que aportaram no Brasil é vasta, tratando desde mascates até poderosos donos de bancos, e merece ser bem registrada.

O romance do jornalista e escritor Salim Miguel, "Nur na escuridão", cuida de recuperar um pouco dessa história ainda não totalmente contada. E quem melhor do que o autor para fazer isso? Filho de libaneses, ele chegou ao Rio ainda criança, com pais e alguns parentes, sem saber ao certo o que fazer da vida, mas indo em frente — de resto, a mesma disposição que marcou todos seus patricios que empreenderam o mesmo caminho do Oriente Médio até os trópicos distantes. A primeira palavra que o velho Yussef, o patriarca da família, aprendeu foi "luz" ainda no cais da Praça Mauá,

dita por um motorista de táxi. Foi o suficiente para acreditar que tudo daria certo. Como, de fato, deu.

É justamente Yussef, ou "seu José", como passou a ser chamado no Brasil o pai de Salim Miguel, o fio condutor dessa história autobiográfica com tantas idas e vindas. É ele quem dá o tom e é a partir dele que se desenrola toda a lembrança do autor.

O Brasil através de um rádio de pilha

O grande mérito de Salim Miguel nesse seu romance é envolver o leitor de duas formas aparentemente distintas, mas que se intercomunicam: uma, narrar, sem pieguices, mas com as doses certas de emoção, a construção de uma vida nova em um lugar tão diferente. A outra é contar um pouco da história recente do Brasil e até mesmo do mundo a partir de uma ótica diferenciada, "estrangeira", se o termo for permitido, e vista de longe do foco dos acontecimentos, observada do interior de Santa Catarina.

Afinal, "seu José" tinha como amigo mais fiel um radinho de pilha que lhe dava todas as informações necessárias e que ajudou a todos da família a se sentirem mais brasileiros. É essa mutação de libaneses em "libano-biguaçuenses", como gosta de repetir o autor, que faz o romance tão agradável quanto importante. Por que uma coisa é ter nascido em um país. Outra, talvez até mais séria, é adotar uma nova terra como opção e passar a se sentir parte dela. No final das contas, é essa a grande lição do velho Yussef/José e sua família. ■

MARCELLO ROLLEMBERG é jornalista e escritor

Um livro muito especial

Sílvio Coelho dos Santos

Professor Emérito, UFSC

Nur, na escuridão, de Salim Miguel, foi escolhido como o melhor romance de 1999, pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Uma grata e merecida surpresa. Salim é um veterano da literatura e do jornalismo, tendo inúmeros livros publicados, entre eles A morte do tenente e outras mortes e Primeiro de abril: narrativas da cadeia.

Com este novo livro, entretanto, Salim Miguel trouxe para o cenário deste final de século a saga dos imigrantes, no caso, uma família de libaneses, a sua própria família. O livro é ao mesmo tempo uma reflexão sobre a transitoriedade da vida e uma lição de como são construídos os valores éticos e o sentimento de pertencimento no interior de uma família que vive a experiência de emigrar. A casualidade dos fatos e da tomada de decisões, o encontro de parentes, as novas amizades, o aprendizado de uma nova língua e de uma nova cultura, aparecem travestidos em acontecimentos aparentemente simples, mas cheios de significados. Significados que aos poucos vão sendo descobertos pelo leitor, através de uma magistral construção literária. O perto e o longe; o ontem e o hoje; o lá e o aqui; o real e o imaginário; são referências

que o autor utiliza para narrar as memórias do pai e as suas próprias. A linearidade da narrativa tem como eixo as diversas mudanças da família; o nascimento e crescimento dos filhos; a competência do pai para se tornar um bom socializador de informações, apesar dos insucessos econômicos; a capacidade da família em se adaptar a diferentes ambientes culturais, superando o preconceito étnico; a luta de todos para garantir a sobrevivência; e a morte que volta e meia chega como tragédia, ceifando entes queridos.

Como pano de fundo, o autor não deixa de dar um perfil sobre o Líbano; sobre as expectativas dos emigrantes; sobre as redes de informação e de relações nos países de destino; sobre as exigências burocráticas feitas para aqueles que se lançavam a aventura de sair; sobre as ajudas anônimas recebidas durante as diferentes etapas da viagem; sobre as impressões dos que viviam a experiência em relação as ansiedades decorrentes da aventura e do desafio de migrar.

Nur, na escuridão, é um grande livro. Um livro que foi muito além da narrativa de uma saga familiar, transformando-se numa sutil análise sócio-econômica e política sobre a imigração libanesa no Brasil. Um oportuno lançamento da editora Topbooks.

PCR

Costa Ramos

LITERATURA

Prêmio marca os 50 anos de carreira de Salim Miguel

Escritor libanês radicado em Santa Catarina obtém grande reconhecimento com o romance autobiográfico "Nur na Escuridão". Por **Claudia Barcellos**, de Passo Fundo

Autor de 20 livros, nascido no Líbano em 1924 e vivendo em Florianópolis, Salim Miguel já ganhou, em 1999, pelo mesmo "Nur na Escuridão" (Topbooks), o prêmio de romance do ano da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA). Agora, acaba de receber o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, dividido com Antônio Torres, autor de "Meu Querido Canibal" (leia abaixo). Concorreram 190 romances escritos em língua portuguesa e publicados nos últimos dois anos.

Originalmente, o prêmio é de R\$ 100 mil, o maior do país para escritores. Mas com a mordida dos impostos e o compartilhamento com Torres, Miguel levou para casa, no ano em que completa seu cinquentenário na literatura, um cheque de pouco mais de R\$ 35 mil.

Salim Miguel conta que sempre soube que seria jornalista e escritor, porque começou a se interessar por ler e escrever antes mesmo de ser alfabetizado. "Recortava pedaços de papel pardo da vendola que meu pai tinha, cortava letras e palavras de jornais. À noite, as pessoas se reuniam nas portas das casas e eu fazia um relato em cima de um dos acontecimentos do dia, o que já era um tipo de reportagem, de texto", relembra.

Depois de aprender a ler, "As Mil e Uma Noites" foram sua grande paixão. "Há alguma coisa desse livro em toda a minha obra ficcional", afirma. "Lá pelos 8 anos, nem bem alfabetizado, comecei a ler desbragadamente e comecei a escrever pouco depois, embora tivesse o bom senso de nunca ter publicado nada disso."

Mas, ao mesmo tempo em que escrevia ficção, anotava reflexões sobre o que estava lendo. Durante anos leu para um livreiro, poeta e cego, que virou importante



Salim Miguel: escritor, jornalista e crítico já está trabalhando em novo livro

personagem em mais de um livro dele. O pai, imigrante libanês, era pobre e não tinha como comprar livros. Salim Miguel lia na biblioteca do grupo escolar e pegava emprestados livros de alguns parentes e amigos.

A paixão que nascia o levou à livraria da pequena cidade catarinense de Biguaçu, onde fez uma proposta ao livreiro. "Ele também tinha igual fome de leitura e disse assim: 'Podes ler aqui, o tempo que tu quiseres, em voz alta, para mim.' Eu tinha cerca de 10 anos. Perguntei se eventualmente não poderia levar um livro para casa. Ele disse que não, que se eu levasse não leria para ele. Então, durante uns quatro anos eu li em voz alta absolutamente tudo o que se possa imaginar", fala.

Aos 10 anos leu, pela primeira vez, uma peça de Shakespeare, "As Alegres Comadres de Win-

dor". Poesias de Castro Alves e Olavo Bilac, romances de José de Alencar, livros de aventuras, tudo isso compunha a salada literária em que o talento do escritor se desenvolvia.

O autor publicou seu primeiro livro em 1951: "Velhice e Outros Contos", que foi inspirado e concebido no tempo em que ele era agente do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Quando as pessoas eram mais velhas, a primeira coisa que faziam era me convidar para entrar. Iam, então, preparar um cafezinho. Começavam a falar e não paravam. Eu brinco dizendo que o IBGE não resolveu minhas finanças, mas agradeço pelas histórias que ouvi. O livro tem oito contos, cinco baseados no que ouvi como agente censitário", conta.

Miguel transformou-se em um

homem de letras na acepção mais exata da palavra, porque além de escritor também fez crítica literária para o "Jornal do Brasil" durante oito anos, além de editar duas importantes revistas literárias, "Sul" e "Ficção". Nesse período, conheceu profundamente a literatura hispano-americana.

"Durante 40 anos trabalhei com jornalismo cultural e lia uma média de cinco horas diariamente", conta o escritor, que há cerca de cinco anos descobriu sofrer de uma doença na retina, que lhe deixou apenas a visão periférica no olho direito e a perda de 25% da visão do olho esquerdo. Não pode ler mais. Isso o levou a adquirir uma gastrite, porque vive sob constante tensão, já que passou grande parte da vida imerso nos prazeres da literatura. E, claro, à depressão. Isso não impede, porém, que ele trabalhe num novo texto, o romance "Viver a Vida — Narrativas de um Exílio no Rio de Janeiro".

Entre seu primeiro livro, publicado aos 27 anos, e "Nur...", Miguel escreveu outros 18, entre os quais 3 de crítica literária. O título do romance premiado, aliás, intriga todo mundo, até mesmo a grande parte dos 6 milhões de imigrantes libaneses no Brasil, por causa da palavra "nur", que em árabe quer dizer luz. E traduz um importante momento para a família, que conheceu a palavra "luz" assim que chegou ao país.

Em "Nur na Escuridão" ele narra o difícil começo dele, dos pais e dois irmãos, que chegavam a uma terra distante e desconhecida. E toca, profundamente, nos temas que lhe são caros, abordados em toda sua obra: velhice, morte, tempo, memória, vistos sob os aspectos psicológico e social. "Os temas que todos os escritores trabalham são poucos. A maneira de tratá-los é que nos difere", conclui.

NAS BANCAS



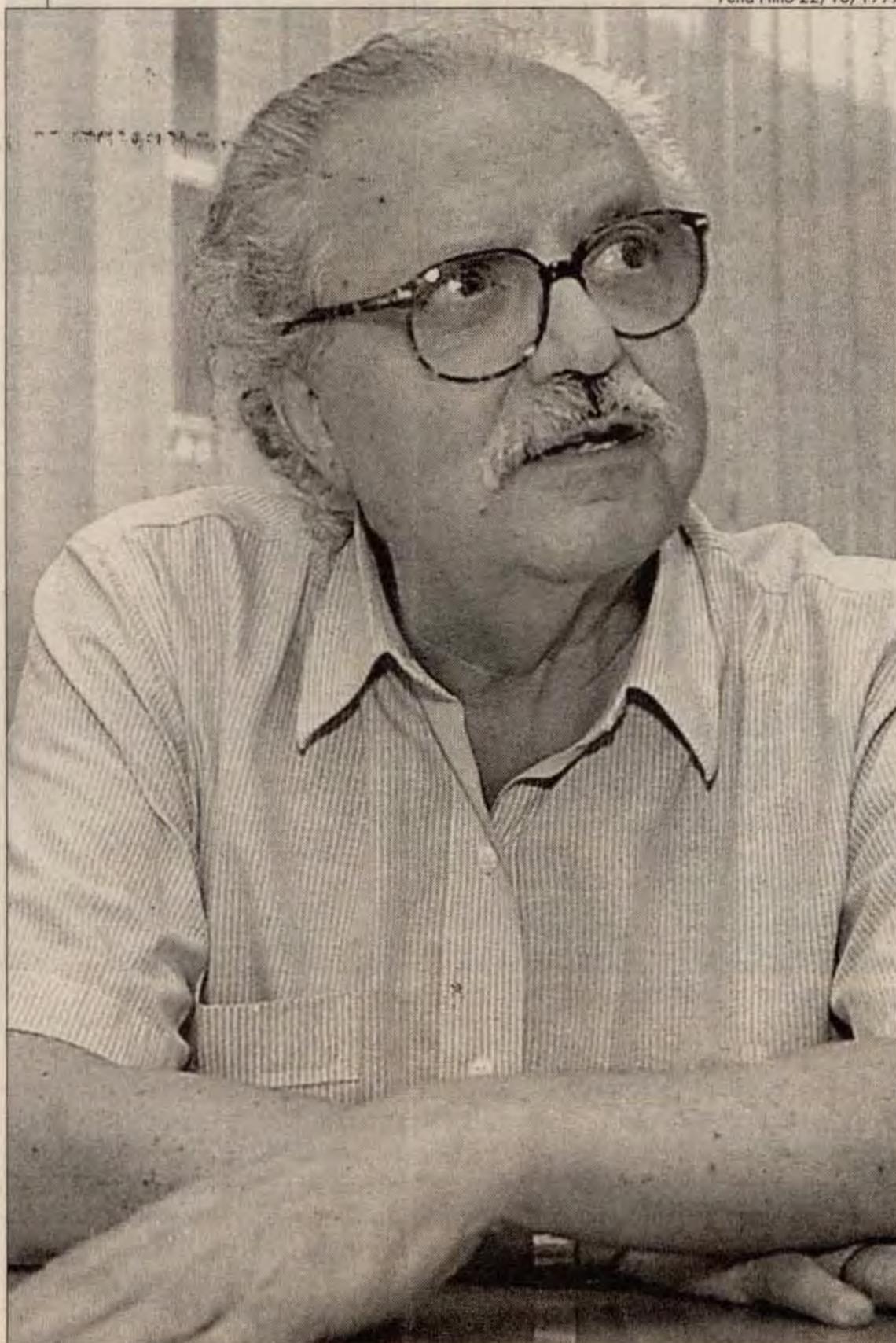
ITAMAR FRANCO
CONHEÇA AS
PROPOSTAS
ECONÔMICAS DE UM
DOS NOMES MAIS
FORTES DA CORRIDA
PRESIDENCIAL.



APPLE
LIVRO NARRA A
SEGUNDA ARRANCADA
DE STEVE JOBS NA
CULTUADA FABRICANTE
DE COMPUTADORES.

Salim Miguel anuncia nova obra para este ano

Pena Filho 22/10/1999



Reconhecimento: Salim pretende investir valor em pesquisas

Escritor recebe o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura durante evento realizado em Passo Fundo

Joinville — O escritor Salim Miguel já sabe o que fazer com os R\$ 50 mil recebidos, terça-feira, durante a 9ª Jornada Nacional de Literatura, que acontece em Passo Fundo (RS). Ele, que dividiu o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura com Antônio Torres, autor do romance "Meu Querido Canibal" (Editora Record), deve investir a quantia em uma nova pesquisa, da qual prefere resguardar o tema.

Segundo ele, mais do que o dinheiro que, descontados os impostos, fica em R\$ 35 mil, o que vale é o reconhecimento do trabalho. Prova disso é o interesse da Editora Topbooks, do Rio de Janeiro, em lançar, nos próximos meses, a terceira edição de "Nur na Escuridão", obra com a qual ganhou o prêmio. O romance do escritor radicado em Santa Catarina concorreu com outros 190. Difícil, a seleção final reuniu dez obras brasileiras e uma de autoria moçambicana. Além de destacar as publicações de Torres e Miguel, a jornada também concedeu menção honrosa para o gaúcho José Clemente Pozenatto, autor de "A Coca-nha" (Mercado das Letras).

Para Salim Miguel, só o fato de ter ficado entre os 11 finalistas já significa uma vitória. "Isso é muito importante, nos motiva a continuar", disse. O escritor, que permanece no Rio Gande do Sul até sábado, participou, ontem à tarde, de uma roda de "conversa paralela" sobre literatura, atividade que se repete amanhã, às 15 horas, na companhia de Lauri Maciel. Com 20 livros publicados, sendo 17 de ficção, conto, romance e novela, e três de crítica literária, o autor anuncia, ainda para este ano, uma nova obra. O trabalho deve reunir 50 críticas sobre escritores brasileiros e estrangeiros.

Essa foi a segunda edição do Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura, que foi instituído durante a 7ª Jornada Nacional de Literatura. O jornalista Sinval Medina, com "Tratado da Altura das Estrelas", foi quem venceu a primeira, em 1999.

Variedades Gastronomia

CAIO CEZAR/DC/FLORIANÓPOLIS



Receitas
com café
para aquecer
o Inverno

DIÁRIO CATARINENSE

SEXTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 2004

CULTURA

Luz de Salim Miguel em francês

Professora de Literatura Brasileira em La Rochelle, Luciana Rassier está traduzindo o romance *Nur na Escuridão*

FÁBIO BIANCHINI

A professora Luciana Rassier, que há 10 anos leciona Literatura Brasileira na França, está traduzindo para o francês o romance *Nur na Escuridão*, de Salim Miguel, objeto de sua tese de pós-doutorado.

A edição, prevista para lançamento no início de 2006, será a primeira de um livro do escritor em outro idioma.

Luciana havia elaborado sua tese de doutorado sobre a obra do escritor paulista Raul Nasser. Para o pós, procurava um autor do Sul do Brasil, que tornou-se sua especialidade nos últimos anos. Foi quando uma amiga brasileira enviou-lhe a obra de Salim. "Apaixonei-me pelo livro. Chamou-me a atenção a questão da imigração, tempo e memória e o tratamento da História do Brasil com a história do personagem", ressalta.

Poucos meses depois, almoçava, durante um encontro de universidades na França, com uma colega da Universidade de Brasília que acabara de conhecer. "Comentei que acabara de ler um livro maravilhoso de um escritor chamado Salim Miguel e que gostaria de saber como entrar em contato com ele", lembra. Por coincidência, a interlocutora era Regina Del Castanho, nora de Salim, casada com Luís Felipe, filho do escritor e também professor universitário, que tratou das apresentações. Luciana conheceu pessoalmente o escritor ontem, em visita ao Brasil de férias e para firmar convênios para intercâmbio de alunos, professores e estágios da Universidade de La Rochelle, onde leciona, com as instituições do Sistema Acafé.

Luciana já fez traduções, para lançamento na França, de outros sul-brasileiros. O primeiro foi *Pequod*, do também músico Vítor Ramil, em 1999. Depois, foram lançadas obras de Charles Kiefer, Assis Brasil, Neil Lisboa e E.T. Lisboa. A percepção do leitor médio francês sobre literatura brasileira, explica, é baseada em Paulo Coelho e Jorge Amado, mas isso começou a mudar a partir das edições do Fórum Social Mundial de Porto Alegre. "A cidade ficou em evidência. Quando eu falava na Universidade que eu me formei em Porto Alegre, as pessoas já sabiam do que se tratava", conta Luciana, que nasceu em Pelotas. Esse interesse gerou a coleção *Um Outro Brasil*, elogiada pelo suplemento literário do jornal francês *Le Monde*.



TEMPO E MEMÓRIA: Luciana esteve na Ilha para conhecer pessoalmente o autor

Ela foi para a França após fazer mestrado em literatura francesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1994. Por meio desse trabalho, surgiu a oportunidade de ensinar literatura brasileira na Universidade de Montpellier, uma das mais antigas da Europa: tornou-se universidade em 1280; antes disso, era associação de faculdades de medicina e direito. Lá, fez trabalho de mestrado sobre Guimarães Rosa e o período de aulas, inicialmente planejado para ser de dois anos, estendeu-se por mais quatro.

Em 2003, trocou Montpellier por La Rochelle, onde trabalha atualmente, no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas

às Negociações Internacionais. A maior parte dos alunos, principalmente na instituição anterior, conta, é de franceses que se apaixonam pelo Brasil e de filhos de portugueses, que migraram para a França durante e ditadura de Salazar. "O interesse por língua portuguesa lá é mais ou menos como o por francês aqui, é minoritário", diz.

Salim já havia publicado contos e artigos na Itália e enviou uma versão em inglês do primeiro capítulo de *Nur na Escuridão* para uma editora norte-americana que estuda a publicação do livro nos Estados Unidos.

fabio.bianchini@diario.com.br

Apreciações e ensaios sobre a Gente da Terra

DORVA REZENDE

Em uma espécie de complemento do seu livro *Estrangeiros - releituras*, editado pela Letras Contemporâneas, em 2003, em que tecia apreciações sobre seus escritores favoritos de fora do país (como Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Agostinho da Silva, Miguel de Unamuno, Garcia Lorca, Ernesto Sabato, Jorge Luís Borges, Juan Rulfo e Ernest Hemingway, entre outros), Salim Miguel lança agora pela combalida Editora Lunardelli o livro *Gente da Terra*.

Em uma breve nota à guisa de prefácio, Salim diz ao que veio a publicação: "Desde meus primeiros escritos, sempre me preocupei com temas referentes a nossa gente e a nossa cultura, mas, pela primeira vez em um livro trato apenas da gente catarinense. (...) Oxalá estas lembranças sirvam para pôr o foco de atenção sobre figuras e temas da nossa cultura."

No livro, Salim Miguel presta uma homenagem aos amigos (escritores, professores, desenhistas, escultores), pessoas que foram importantes, de um modo ou de outro, em sua vida, também literária. O primeiro texto, o mais extenso de todos, é *Um retrato de Othon D'Eça*, no qual ele lembra, entre comentário sobre a obra do homenageado, que o autor de *Homens e Algas* foi um dos poucos a tentar libertá-lo quando esteve preso durante 48 dias no quartel da Polícia Militar, logo após o Golpe de 1º de abril de 1964.

Composto de textos já publicados e revisados, *Gente da Terra* prossegue lembrando figuras como o professor e desembargador Henrique da Silva Fontes, o médico e poeta Arthur Pereira e Oliveira, o desembargador e humanista Hercílio Medeiros Filho, o livreiro Odilon Lunardelli, o desenhista Domingos Fossari, o escultor e poeta da pedra Mario Avancini, os escritores Miro Moraes e Silveira de Souza, o ilustrador e artista plástico Tércio da Gama, o bibliófilo Iaponan Soares, o escritor e crítico de arte Harry Laus, o ficcionista e grande amigo Guido Wilmar Sassi, o cronista Hamilton Alves, além de alguns ensaios sobre o Contestado e sobre obras de catarinenses como Adolfo Boos Júnior, Holdemar de Menezes, Edla Van Steen, Deonísio Silva, Godofredo de Oliveira Neto e Péricles Prade.

Gente da Terra: Perfis - anotações, de Salim Miguel. Editora Lunardelli (Florianópolis). 118 págs. R\$ 20

PRÊMIO PASSO FUNDO ZAFFARI & BOURBON:

Dois autores dividem os R\$ 100 mil

O Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, de R\$ 100 mil foi dividido pelos autores Salim Miguel, com "NUR na escuridão" e Antônio Torres com "Meu Querido Canibal". Os dois tiveram suas obras premiadas como os melhores romances em Língua Portuguesa, que foram publicados há dois anos que antecederam a realização dessa Jornada. Esse é o maior prêmio na área tanto no Brasil quanto no mundo. A "Cocanha", de José Clemente Pozenatto recebe menção honrosa.

Já o escritor Sinval Medina foi o vencedor da 1ª edição do prêmio, da última Jornada. Neste ano, concorreram 190 romances, sendo o maior percentual de escritores do Rio de Janeiro, 34,66%, depois São Paulo, com 21,10% e do Rio Grande do

Sul, com 19,50%. Também teve a participação de escritores de Moçambique, e a seleção final contava com 11 escritores. Já a Comissão Julgadora foi composta pelos escritores Ignácio de Loyola Brandão, Luís Coronel, Deonísio da Silva, e pelos professores doutores Paulo Becker e Tânia Rösing.

Antônio Torres

"Para mim é uma honra dividir o prêmio com esse grande companheiro que é Salim Miguel, que é tanto um jornalista quanto um escritor importantíssimo para todos nós e para as letras deste país. Ele não apenas divulgou a literatura contemporânea do Brasil como do mundo, então, para mim é uma honra dividir esse prêmio", afirmou o escritor Antônio Torres.

Para Torres, o prêmio não foi dividido, mas sim somado, acrescentando força na literatura do país. Em 1998, ele foi reconhecido pelo governo francês como Chevalier des Arts et des Lettres, que significa, homem das letras em território francês. Um dos seus primeiros reconhecimentos, apesar de ter seu livro, "Essa terra", traduzido na Alemanha, Holanda, Itália, Inglaterra, Israel e nos Estados Unidos. No ano de 2000, Torres recebeu, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Machado de As-

sis, pelo conjunto de sua obra, no total de 12 livros publicados.

Conforme o autor de "Meu Querido Canibal", esse foi um dos reconhecimentos mais importantes na sua carreira. A obra premiada, em Passo Fundo, fala sobre a vida e histórias pelo lado dos perdedores e não ganhadores, como sempre se conta; uma peculiaridade que a torna um dos melhores romances de língua portuguesa.

Salim Miguel

"Meu romance me acompanha mesmo antes do meu nascimento, na verdade, ele é em termos ficcionais a trajetória de uma família de imigrantes libaneses pelos caminhos do Brasil, principalmente, no Rio de Janeiro e em Santa Catarina. Desde dez anos, dizia ao meu pai que queria ler e escrever, e ele me respondia: espero que consigas sobreviver com isso no Brasil", contou Salim Miguel.

Ele declarou que não consegue viver de direitos autorais, mas sim da palavra de jornalista, de homem envolvido com o cinema, de ex-editor e de ex-dono de gráfica, que "culminam uma carreira de 50 anos dedicados ao livro, a palavra e a tornar o Brasil com uma sociedade um

pouco melhor do que temos". Miguel ainda disse que o que diferencia um autor de outro é a maneira de abordar cada um dos temas, pois em "NUR na escuridão", conforme o autor teve capítulos reescritos nove vezes, e sendo inicialmente de mais de 500 páginas, mas que foi publicado com 250 páginas.

"Um grande escritor é aquele que reescreve e corta como diria Nelson Rodrigues, como quem corta a própria carne. O tema que abordei já foi tratado por dezenas e centenas de escritores, mas estou dando para esse tema um tratamento diferenciado, como não ser um romance histórico", finalizou Miguel. A palavra nur do título da obra é árabe e significa luz.



Para Torres, o prêmio não foi dividido, mas sim somado, acrescentando força na literatura do país



"Não consigo viver de direitos autorais, mas sim da palavra", declarou Salim Miguel

Escrita

SCHNEIDER CARPEGGIANI

E-mail: xxxcarpe@hotmail.com



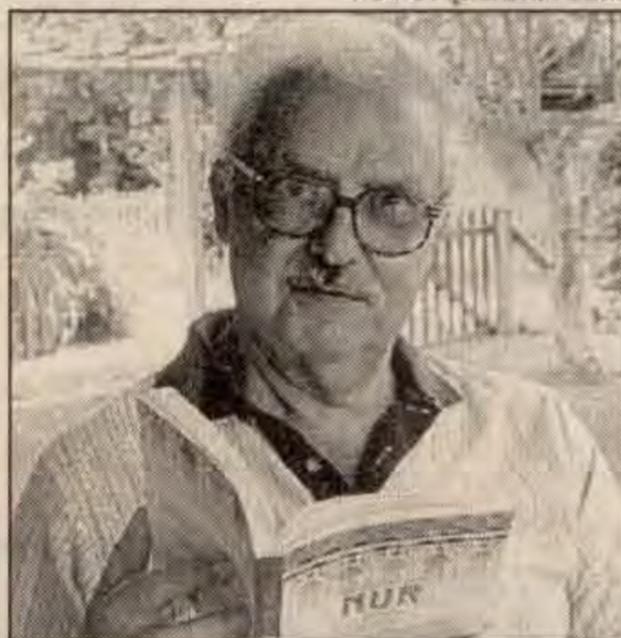
A porção libanesa do Brasil

FOTOS: JC IMAGEM

No ano em que comemorou os 50 anos do lançamento do seu livro de estréia, a coletânea de narrativas curtas *Velhice e Outros Contos*, o escritor de origem libanesa Salim Miguel recebeu o maior prêmio literário da América Latina, o Zaffari & Bourbon (que viabiliza o pagamento de R\$ 100 mil para o vencedor). A honraria foi concedida por conta do seu romance *Nur* ('luz' em árabe) *na Escuridão*, originalmente lançado em 1999, pela Topbooks. A premiação de Miguel foi dividida ainda com Antônio Torres, pelo seu *Meu Querido Canibal*.

Antes de receber o Zaffari & Bourbon, *Nur na Escuridão* já havia rendido outros bons frutos para o escritor: o romance foi eleito como o melhor de 1999 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Também reconhecido pelo seu trabalho como jornalista e crítico literário, Miguel relembra em *Nur na Escuridão* a trajetória de



migração da sua família do Líbano para o Brasil, durante a 2ª Guerra Mundial. De acordo com o autor, o projeto de escrever o livro serviu também como uma homenagem à colônia libanesa residente em território brasileiro. Atualmente, o País conta com mais de seis milhões de descendentes libaneses.

"Com esse livro, eu quis que os descendentes de libaneses descobrissem que eles também lutaram e trabalharam na formação Brasil. Por isso, misturei fatos reais da his-

tória da minha família com ficção, para, dessa forma, mais pessoas verem a sua saga refletida no livro."

O início da obra é um enorme fio condutor de imagens, que funciona como um velho álbum de fotografias: em 1927, uma família libanesa composta por três adultos, na faixa dos 20 anos, e três crianças chegam ao porto da Praça Mauá, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Na verdade, o real destino escolhido era os Estados Unidos, mas por uma série de desencontros na França, a família tem de mudar a sua rota para o Brasil.

Essa não foi a primeira vez que Miguel utilizou fatos da sua biografia para compor suas obras. Em 64, amargou 48 dias de cadeia, por conta da sua militância contra a ditadura militar. A experiência inspirou os livros *Primeiro de Abril: Narrativas de Cadeia e Narrativas de um Exílio no Rio*.

LITERATURA *Obra do escritor libanês radicado em Santa Catarina tem raízes no trabalho jornalístico e nas origens orientais*

Salim Miguel ganha Troféu Juca Pato

FRANCESCA ANGIOLILLO
DA REPORTAGEM LOCAL

O jornalista e escritor Salim Miguel, 78, foi anunciado vencedor do Troféu Juca Pato, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira de Escritores com patrocínio da **Folha**.

O prêmio é concedido anualmente, desde 1963, a um intelectual que tenha publicado uma obra relevante para a cultura nacional no ano anterior. Salim Miguel foi candidato único.

No caso de Miguel, a obra que rendeu o reconhecimento foi "Eu e as Corruíras" —que já era, em si, uma homenagem: a coletânea, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul, comemorava os 50 anos da carreira literária do jornalista libanês, que chegou a Santa Catarina aos três anos de idade.

"A primeira coisa que eu diria [sobre o prêmio] é que isso reativa o interesse pela obra do escritor", diz Miguel, por telefone à **Folha**. "Com isso, as pessoas vão se perguntar por que Salim Miguel, e não outro escritor, recebeu o Prêmio Intelectual do Ano."

"Em segundo lugar, é um incentivo para alguém que trabalha como jornalista em livros há mais de 50 anos", diz o autor de sua carreira, marcada pelo "esforço para entender o bicho-homem".

As intenções de Miguel encontram eco no ofício que o aclama vencedor. O documento classifica "Eu e as Corruíras" como o coroaamento da obra de "um grande incentivador das artes e da literatura", que "sempre incorporou aos seus escritos uma visão nacionalista da literatura e um sentimento de soberania nacional em suas apreciações críticas".

O ofício destaca ainda o comprometimento de Miguel com "a linha do pensamento brasileiro" e o lembra como intelectual que se bate pela "persistência da luta em

defesa dos nossos valores e da justiça social".

Na biografia de Salim Miguel —jornalista que "fez de tudo, até horóscopo", trabalhando entre Santa Catarina e Rio de Janeiro—, o momento crucial dessa luta encontra lugar em sua prisão, no ano de 1964, pelo regime militar.

A experiência está registrada em "Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia", escrito numa incógnita segunda pessoa —porque, conta, não quis se "colocar demais", porque "estava preso com

outros 60", e buscou evitar o distanciamento excessivo que julgava resultar a terceira pessoa.

"Costumo dizer que sou, basicamente, jornalista profissional; são raríssimos os que vivem de direitos autorais de seus livros", afirma o autor de mais de 20 títulos —"15 ou 16", calcula, de ficção, nutridos com frequência no exercício da reportagem.

"Trabalhando para a revista 'Manchete', percorri todo o Brasil; conheço todos os Estados brasileiros à exceção de dois, Mato

Grosso do Sul e Acre."

"Às vezes, em conversas, anotava incidentes que não tinham nada a ver com o trabalho para a revista —mas que deram em contos e romances. Resultado dessa mescla está, por exemplo, em "A Voz Submersa". Publicado originalmente pela editora Global, o romance está esgotado, mas Miguel sonha com que volte ao prelo, por conta do Juca Pato.

"Voz", conta Miguel, parte de histórias que não puderam sair na imprensa, por causa da censura.

"A base do romance é o assassinato do estudante Édson Luís, no restaurante Calabouço, em 68." No livro, uma mulher ("já problematizada") assiste à morte do secundarista. O romance acompanha as consequências que o fato tem sobre sua vida pessoal.

Outra fonte fundamental na literatura de Salim Miguel está em sua própria origem libanesa. "No meu caso, em boa parte dos meus 16 livros de ficção, ela aparece direta ou indiretamente."

É o caso de um de seus roman-

ces mais recentes, "Nur na Escuridão" ("não é nu, é Nur, com r", frisa), que conta a saga da "nova descoberta do Brasil" por uma família de imigrantes libaneses e como ela se transforma, "sem perder suas raízes", em uma família de brasileiros.

No próximo dia 13, culmina a fase de homenagens a Miguel: na data, o escritor que se forjou entre a redação e as histórias das Arábias contadas pelo pai, vira doutor honoris causa pela Universidade Federal de Santa Catarina.

João e Maria

Ópera em 3 Atos
Libreto de ADELHEID WETTE
Baseado na história dos IRMÃOS GRIMM
Música de ENGELBERT HUMPERDINCK
Tradução de DANTE PIGNATARI e JAMIL MALUF

Direção Musical e Regência
JAMIL MALUF

Direção Cênica
FLÁVIO DE SOUZA

Cenários e Figurino
FERNANDO ANHÊ

Elenco
DENISE DE FREITAS
ANDREA FERREIRA
PAULO SZOT
LUCIANA BUENO
REGINA ELENA MESQUITA
GUIOMAR MILAN
EDNA D'OLIVEIRA

TEMPORADA
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

JUN 07 e 11 20h30
JUN 09 17h
Ingressos de R\$ 15,00 a 100,00

JUN 13 18h
Ingressos de R\$ 10,00 a 50,00

ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO
CORAL INFANTO-JUVENIL DA ESCOLA MUNICIPAL DE MÚSICA
ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO
Participação Especial IMAGOCIA DE ANIMAÇÃO

Realização

PATRONOS do THEATRO MUNICIPAL de SÃO PAULO

THEATRO MUNICIPAL de SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL de Cultura

São Paulo

manobristas no local: R\$ 10,00 (exceto dia 13)

U R A

PERFIL

Tricampeão de copas literárias

Vencedor de três dos maiores prêmios para escritores brasileiros, Salim Miguel vive sem o assédio das editoras

GERALDO HASSE*
de Florianópolis

O escritor líbano-catarinense Salim Miguel vive em estado de graça desde o lançamento de "Nur na Escuridão", o livro em que narra a saga de sua família no Brasil desde a chegada em 1927. Em menos de três anos ganhou três dos maiores prêmios literários brasileiros, façanha não alcançada antes por nenhum medalhão das letras nacionais. Sorte? Coincidência? Competência? Conchavo?

Nada como bela história de imigrante para tirar do semi-anonimato um autor de duas dezenas de livros. Salim tinha então três anos, mas nunca esqueceu a primeira lição sobre a língua portuguesa, recolhida num entardecer de maio, no burburinho da Praça Mauá. Foi seu batismo no aprendizado do vocabulário da nova pátria.

Anoitecia no porto do Rio de Janeiro quando o recém-chegado casal de libaneses Youssef e Tamina pediu a um motorista de táxi que o levasse, e às suas crianças, a um endereço anotado num pedaço de papel. O lusco-fusco impedia a leitura do rabisco. Aflito, o chefe da família exclama "nur, nur" e arrasta o motorista para baixo de um poste de luz, onde ambos conseguem finalmente identificar o destino inicial da família, num subúrbio carioca. Algumas semanas depois, os Miguel encontram porto definitivo em Biguaçu, pequena cidade do litoral de Santa Catarina, onde a história continua.

Palavra por palavra, o pequeno Salim penetrou tão fundo no universo da língua luso-brasileira que se tornou um profissional. Aos dez anos, quando o pai lhe perguntou o que gostaria de ser na vida, já não tinha dúvida: "Quero ser leitor e escritor." Para ter acesso aos livros, fez amizade com o poeta J. Mendes, o cego dono da única livraria de Biguaçu. Podia ler qualquer livro do estoque, desde que o fizesse em voz alta, dividindo o prazer da leitura com o amigo destituído de "nur" nos olhos.

Ao entrar na adolescência, já conhecia Machado de Assis, Eça de Queiroz e centenas de escritores de todo o mundo. Com 18 anos, era um agitador cultural em Florianópolis, membro de um grupo de voluntários das artes com claras aspirações literárias e vagas intenções políticas. Varou livros, criou uma revista, empregou-se em jornal, fundou livraria, escreveu contos, críticas e roteiros de cinema, editou livros. Era tão engajado que chegou a ser preso em abril de 1964. Estava na cadeia (onde ficou por 48 dias) quando soube da depredação seguida da queima de livros da livraria Anita Garibaldi, que fundara anos antes, no centro de Florianópolis.

Sete décadas depois de chegar ao Brasil, quando se dispôs a iniciar sua maior obra, a palavra "nur" estava na ponta da língua. Ela lhe serviu para abrir a história e compor o título.

A consagração de Salim Miguel começou em 1999 com o Prêmio Romance do Ano, oferecido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Em 2001 dividiu com Antonio Torres os R\$ 100 mil do Prêmio Zaffari, criado por uma rede de supermercados do Rio Grande do Sul. Este ano, foi agraciado com o Troféu Juca Pato, atribuído pela União Brasileira de Escritores (UBE). Recebe-o no dia 30 de agosto, na Casa de Mario Quintana, em São Paulo. Fora o Zaffari, o escritor catarinense nunca ganhou dinheiro com direitos autorais, mas não se queixa. "A crítica foi sempre muito generosa comigo", diz. Seus mais de 20 livros (contos, novelas, romances, críticas e ensaios) foram escritos em horas vagas ou roubadas da atividade regular como jornalista, primeiro em Florianópolis depois no Rio, onde viveu por 15 anos. Na ex-capital foi redator de "Fatos & Fotos", repórter de "Manchete" e diretor de "Tendência", da Bloch Editores. De volta ao Estado de origem, trabalhou até se aposentar como diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nos últimos anos, foi prejudicado por uma deficiência visual. Para ler, precisa de uma lente, mas conta com a ajuda da companheira

Eglê Malheiros, poeta e tradutora com quem se casou há 55 anos (tiveram cinco filhos). Ela lê para ele, revisa seus textos e (nas entrevistas à imprensa) preenche os raros lapsos de sua memória.

Salim sente-se honrado por fazer parte da galeria dos escolhidos pelo Juca Pato, troféu criado em 1963 pela "Folha de S. Paulo" em parceria com a UBE. Com raras exceções, acha que a companhia só o engrandece. Como os gaúchos Erico Veríssimo e L. F. Veríssimo e o potiguar Luís da Câmara Cascudo, é um dos poucos premiados fora do eixo Rio-São Paulo. Acredita que talvez não tenha tantos méritos quanto outros escritores, mas toma os prêmios como recompensa pelo trabalho como operário das palavras. Algo envaidecido na sua modéstia, confessa que nunca quis ser sócio de outra entidade a não ser o sindicato dos jornalistas. Não faz parte nem do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. A Academia Biguaçuense de Letras, por exemplo, não perdoa a humildade do filho mais ilustre da cidade.

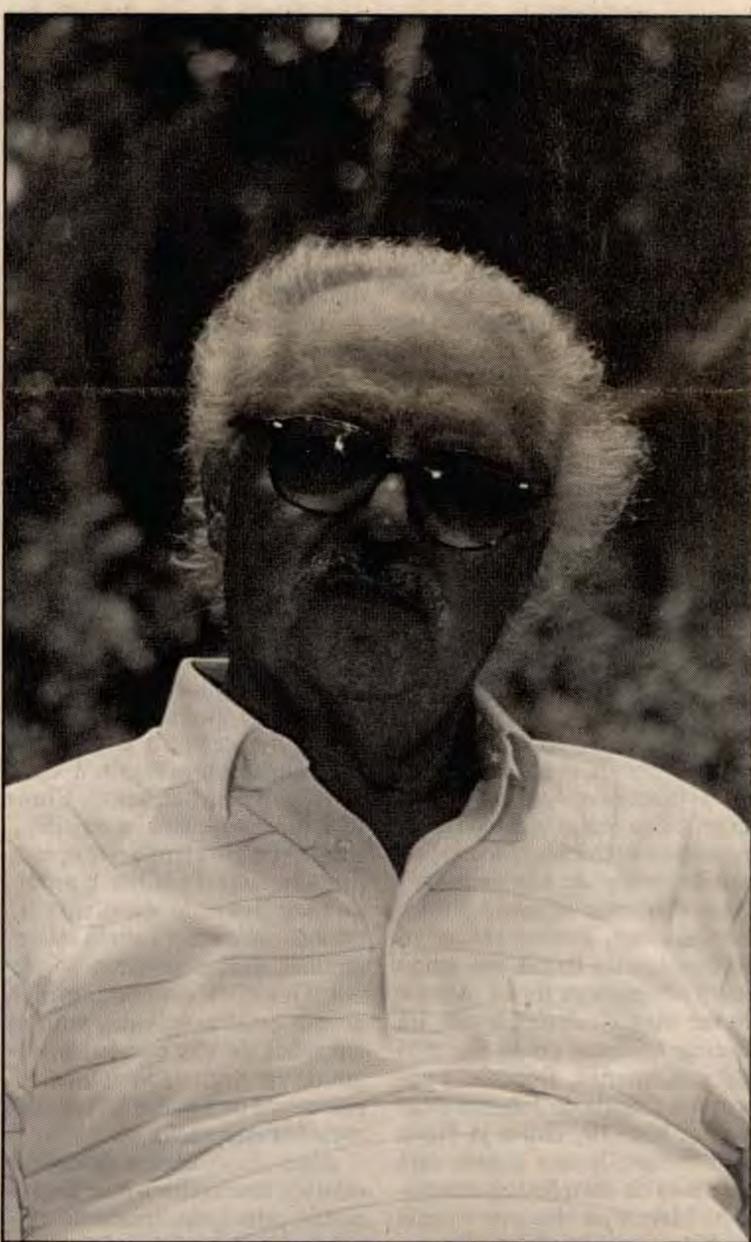
Em seus textos nota-se a busca ansiosa pela precisão, mas melhor ainda é ouvi-lo. Grande contador de histórias, Salim Miguel faz

única que manifestou interesse real foi uma quarta, a carioca Topbooks, que lançaria a primeira edição em novembro de 1999.

Até hoje Salim acha que podia ter segurado o livro mais um pouco, a fim de lhe dar "mais uma enxugadinha..." Sem notícias do resultado da venda da segunda edição, satisfaz o afã de cortar preparando textos antigos, uns publicados, outros inéditos, para novos livros.

Tem por sair este ano pela editora Movimento uma coletânea de 25 textos sobre escritores brasileiros, entre eles seis sobre o poeta catarinense Cruz e Sousa (1861-1897). Aprontou para edição uma vintena de ensaios críticos sobre escritores estrangeiros, de Eça de Queiroz a Vladimir Nabokov, de quem recomenda especialmente o romance "Fogo Pálido", que inclui entre as 100 maiores obras da literatura universal. Finalmente, acabou de preparar "Gente da Terra e Outras Gentes", coletâneas de textos sobre personalidades catarinenses — sem editora.

Como se explica que o escritor mais premiado do Brasil não tenha editoras batendo à porta? Salim Miguel não se constrange por "não vender". Como crítico por



Salim Miguel, autor de "Nur": "Escrever é cortar"

pausas espertas (para dar ao interlocutor tempo de anotar e compreender o que acaba de dizer) e tem memória fabulosa. Conhece profundamente a literatura brasileira e mundial. Não hesita em mexer com as palavras é um trabalho árduo. "Escrever é cortar."

Não há melhor exemplo disso do que "Nur", cujo copião, baseado num manuscrito de seu pai Youssef — que trocou a profissão de professor no Líbano pela de dono-de-venda no Brasil — tinha inicialmente perto de mil páginas. Da primeira versão, concluída em 1995, resultaram 500 páginas. No ano seguinte, encostou a obra e se dedicou a tarefas mais urgentes.

Entre outras coisas, preparou uma coletânea de textos críticos, foi a Guadalupe a falar sobre o escritor mexicano Juan Rulfo ("uma temeridade", reconhece) e escreveu o ensaio "Como Imagino a Editora de uma Universidade", editado pela Universidade de São Carlos. Em seguida, escreveu a novela "Confissão Prematuras", publicada em 1997 pela Letras Contemporâneas. Só então voltou a "Nur", cortando trechos que não se enquadravam na estrutura de um romance-memorial. Com as sobras, lançou em 1997 "Onze de Biguaçu Mais Um", livro de contos. Ao dar "Nur" por concluído, com 360 páginas, na virada de 1998 para 1999, Salim Miguel enviou cópias para três editoras. A

mais de 50 anos, sabe de dezenas de escritores mantidos no ineditismo por falta de demanda do público leitor e de interesse do mercado editorial. E conta que só pôde condicionar ao Juca Pato — para escritores regulares, não para eventuais — porque soltou em 2001 pela editora Insular "Eu e as Corruiras", antologia de crônicas já publicadas na imprensa.

Depois do sucesso de "Nur", o veterano escritor catarinense (78 anos) percebeu que poderia lançar um novo livro todo ano — desde que tivesse histórias novas, tão saborosas quanto a saga de sua família. Aí está a dificuldade: Salim Miguel não é escritor "inspirado", que escreve copiosamente. Devido ao vício profissional de escrever para sobreviver na imprensa, a maioria dos seus textos é fruto de muita "transpiração".

Há meses está empacado em "Viver a Vida", narrativa de um exílio carioca. Não é ficção nem realidade. Como ele explica, é "memória. Como ele explica, é memória", sua especialidade. O autor não se preocupa em esclarecer o que é uma coisa e o que é outra. Seus escritos são todos ancorados na vida real, mas o compromisso fundamental não é com a verdade factual e, sim, com a liberdade de criação. Seu grande desafio, agora, é tornar-se popular.

* Especial para a Gazeta Mercantil

Ronaldo Cagiano

escritor e funcionário público, Brasília

Estou lendo " **Nur nos Trópicos**", editora Topbooks, de **Salim Miguel**. Trata-se de uma narrativa auto-biográfica do autor catariense, nascido no Líbano. Nessas memórias ele restaura as lembranças de sua chegada ao Brasil, em meio às incertezas comuns a todo imigrante. Salim Miguel é um dos melhores ficcionistas nacionais. Radicou-se em Santa Catarina, uma terra bem diferente da cultura, dos costumes e da linguagem do clã de Youssef. No seu belo livro ele narra a trajetória de uma família, que tem no pai o elemento catalisador. Aqui chegam para a nova vida, mas têm no desconhecimento da língua a primeira barreira. E é justamente a nova língua que vai dar ao escritor o suporte metafórico e semântico para erguer seu edifício ficcional, a partir do qual vai sentir-se menos estrangeiro em terra alheia. Vale a pena.



Padre Geraldo Magela Teixeira

reitor da PUC/Minas

Estou acabando de ler " O Século XXI-Reflexões sobre o Futuro", de Eric J. Hobsbawm. É uma espécie de continuação a " Era dos Extremos", através de uma longa entrevista a Antonio Polito. O historiador evita dar uma previsão, mas projeta o próximo século a partir dos dados mais importantes do passado e das tendências e problemas visíveis no presente. Hobsbawm acredita que enquanto houver sonho e utopia o mundo vai se salvar. Se não acreditasse no sonho, não teria lutado contra o fascismo. Hoje sente que sua luta valeu a pena para a humanidade. Termina dizendo que espera que seu neto, Roman, de apenas dois anos, goste do sítio em que vive e possa " encontrar uma sociedade à altura de suas esperanças e aspirações. É isto o que qualquer homem do século XXI merece". É um livro que vale a pena ser lido.

145

MINAS GERAIS

DE MINAS

Jornal "Estado de Minas"
19 11 00

da cidade.

Salim

A Editora Topbooks está lançando a terceira edição do romance *Nur - Na Escuridão*, do escritor catarinense Salim Miguel. A obra, que já mereceu o título de Melhor Romance do Ano, conferido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, está na lista das leituras recomendadas para os candidatos ao Vestibular da UFSC.



exposição de zebu
em Minas

“Precisamos
ir devagar com
o andar na
hora de tomar

uma decisão tão grave
quanto esta.”

EDUARDO SUPLICY

senador (PT/SP), manifestando-
contra a expulsão dos “radicais” do F

“Governar é a arte de criar
problemas cujas soluções
mantenham a população em

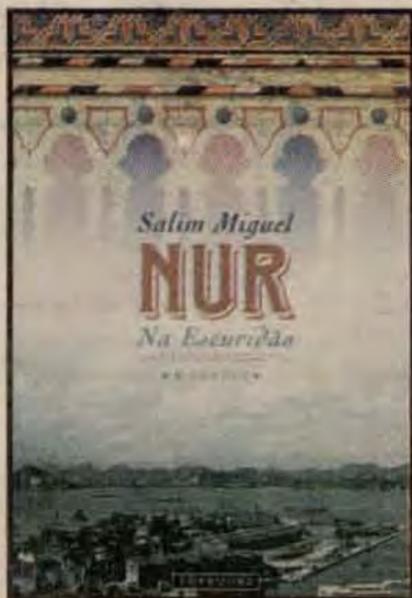
o Armando e o Mário Pereira (editor de Opinião) são minhas, mas as respostas eu tirei de textos 214 pags. R\$ 15

Estante

SUGESTÕES

Nur na Escuridão, Salim Miguel
Top Books, R\$ 20,90

Homenageado da Feira de Rua do Livro 2003, junto com a esposa, Eglê Malheiros, Salim Miguel não poderia ficar ausente das prateleiras dos estandes. Seu 18º livro remete a suas origens quando conta a trajetória de uma família libanesa que chega ao Brasil durante a terceira década do século passado, como aconteceu com Salim. Apesar da semelhança, não é autobiográfico.



Criando Meninos, Steve Biddulph
Fundamento, R\$ 25,90

Bestseller na Inglaterra, Itália, França e Austrália, a obra de Biddulph propõe-se a servir de guia para pais preocupados com os desafios que encontram para criar seus filhos de sexo masculino. Aborda temas como a atuação diferenciada da testosterona no comportamento de crianças e adolescentes e a importância do esporte na saúde e na formação dos valores e personalidade.



O Papa e o Herege, Michael White
Planeta, R\$ 27

No século XVI, em plena vigência da Inquisição, o ex-padre dominicano Giordano Bruno lançou teorias radicais que abalaram dogmas da cultura ocidental, com um sistema de pensamento abrangente. Julgado, foi condenado à fogueira após quase oito anos de prisão e torturas e transformou-se no primeiro mártir da ciência. Seus restos mortais foram reduzidos a pó com marteladas.



Na Ilha do Dragão, Maristel Alves dos Santos. Coleção Vaga-Lume / Editora Ática, R\$ 14,50

Quatro adolescentes vão passar alguns dias em uma bela ilha, sem imaginar que o paraíso ecológico esconde perigos e mistérios originados na história *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson. A situação se complica quando chegam ao lugar um garoto mimado e esnobe e seu pai, um empresário que pretende construir um hotel de luxo.



Feira de Rua do Livro de Florianópolis.

Hoje, sua casa é uma janela sem grades, mas as cicatrizes estão lá. Durante 471 dias, Rodrigues conviveu com pessoas que jamais imaginaria encontrar. Passou por privações e humilhações, desenvolveu uma gastrite, mas sobreviveu com dignidade. E seis meses, o livro está em sua quarta edição e figura entre os mais vendidos no país.

O drama vivido em cenário apertados, em celas com 23 camas para mais de 50 pessoas serviu também para ensinar algumas lições a Rodrigues. Para sentir-se útil, dava aulas de matemática e português. "Engraçado, pois ficava cercado por homens de muita musculatura e pouca massa cinzenta comenta o autor.

Vidas do Carandiru, Humberto Rodrigues. Geração Editorial, 300 pags. R\$ 25



* *Ne pas oublier!!!
Par le Archive du Monsieur SALIM Miguel.*

C2

Domingo, 9/9/2001

ANEXO

RAUL SARTORI

E-MAIL: sartori@matrix.com.br

CAMINHO DE FÉ EM SC

Mesmo sem ser santa, ainda, a beata Madre Paulina vem provocando atos de fé dignos de Santiago de Compostela. Com uma frequência cada vez maior, a ainda pequena Nova Trento, onde fica seu santuário, vê passar por suas ruas dezenas de peregrinos, vindos dos mais diferentes pontos do Brasil. Ali encerram caminhadas de centenas de quilômetros, pagando promessas.

Expurgo?

Será que dois grandes prêmios — melhor romance de 1999, da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), e da Jornada Literária de Passo Fundo, conquistado semana passada — darão a "Nur na Escuridão", de Salim Miguel, o direito de figurar na lista de obras recomendadas para o vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2003 e seguintes? Pode ser, mas também não. Para fazer a lista, a Comissão Permanente de Vestibular (Coperve) respeita pesquisa com indicações feitas por professores de ensino médio. Nas últimas, Paulo Coelho e Sidney Sheldon pontearam nas preferências.

Premiado

□ Escritor Salim Miguel recebeu, terça-feira, em São Paulo, o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte pelo livro *Nur na escuridão*, eleito como o melhor romance brasileiro de 1999 por uma comissão formada por respeitados críticos do país. Embora não haja um prêmio em dinheiro, a condecoração da APCA é referência entre escritores e artistas, pelo caráter de isenção e rigor que sempre teve.

□ *Nur*, claramente autobiográfico, narra a trajetória de uma família de libaneses, que se instala em Biguaçu nos anos 20, muda-se para Florianópolis, cria raízes na região e acompanha as transformações e os revezes políticos do país durante várias décadas, incluindo a revolução de 1930 e a implantação do Estado Novo.

□ Salim viajou acompanhado do diretor geral da FCC, o doce Iaponam Soares, que aproveitou a passagem por São Paulo para retomar contatos com escritores, visitar sebos e aumentar o acervo do Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, que mantém em sua residência, no bairro do Balneário, na Capital.

Salim Miguel faz palestra na UFRJ

Escritor foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte

O escritor Salim Miguel faz uma palestra na próxima quarta-feira, a partir das 10h30m, no auditório G2 da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Miguel é o autor do livro "Nur na escuridão", que conquistou o prêmio de melhor romance de 1999 da Associação Paulista

de Críticos de Arte.

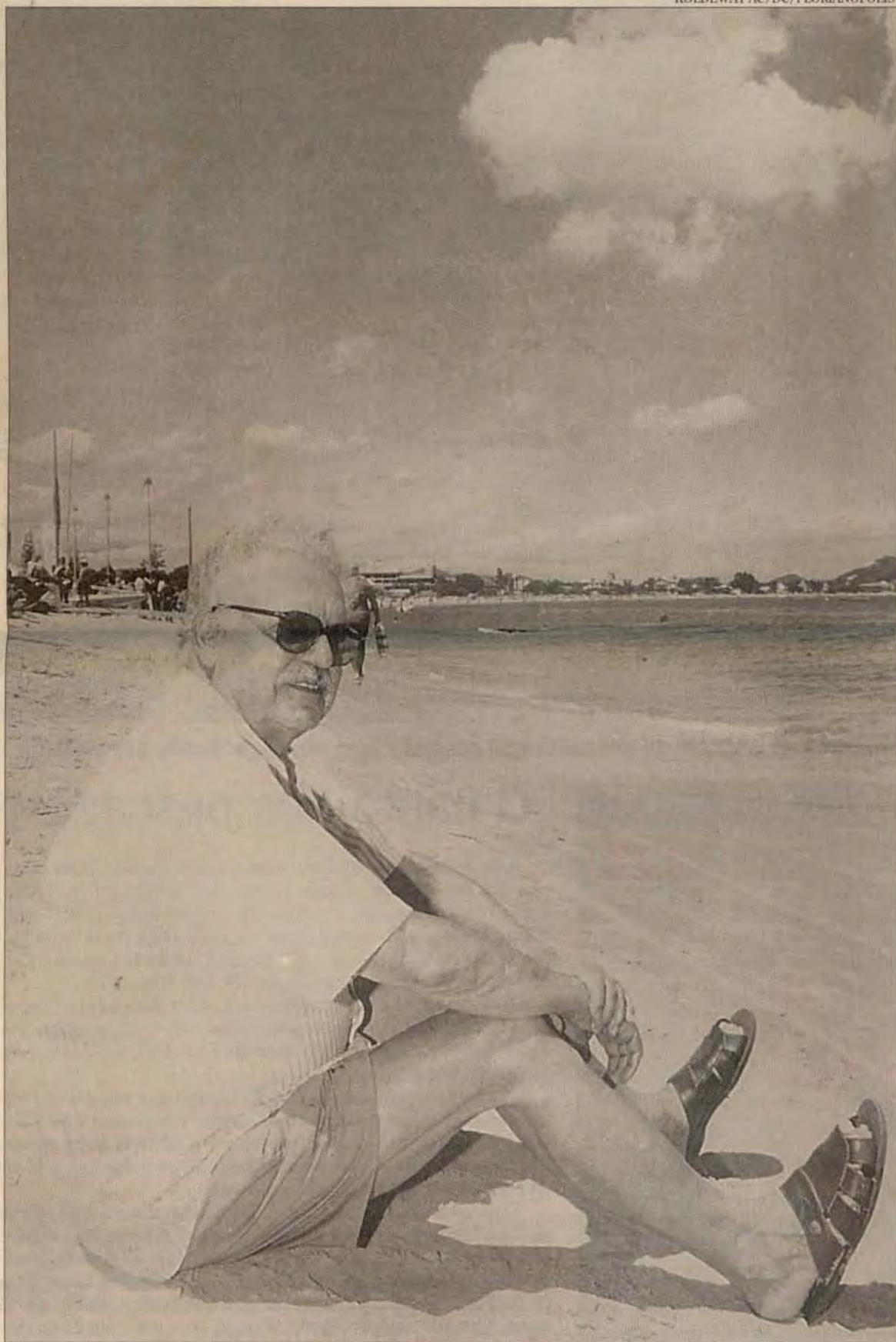
Apesar de ser ficcional, o livro é baseado na chegada de Salim e seus pais ao Rio, em 1927, vindos do Líbano. O escritor chegou ao Brasil com 3 anos. Como a família foi viver numa área de colonização alemã, ele aprendeu árabe e alemão, antes mesmo de ser alfabetizado em português.

Entre os anos 40 e 50, ele criou a revista "Sul", sobre literatura, que tinha correspondentes em todo o país. Em 50 anos de carreira, Salim conheceu autores como Marques Rebelo e Graciliano Ramos. Ele lançou 18 livros, que ganharam elogios de escritores como Carlos Drummond de Andrade e Wilson Martins. ■

Gente Escritor à beira-mar

SALIM MIGUEL, PREMIADO COMO AUTOR DO MELHOR ROMANCE DE 1999, FREQUENTA AS PRAIAS DA ILHA DESDE 1943

KOLDEWAY AC/DC/FLORIANÓPOLIS



Apesar do trator que quase o atropelou, Salim elogia a Cachoeira do Bom Jesus

ALEXANDRE WINCK

Intelectual vai à praia, sim, e tem muito a dizer a respeito. O jornalista e escritor Salim Miguel, de 75 anos, premiado como autor do Melhor Romance Brasileiro de 1999 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) por sua obra "Nur", é um frequentador e admirador das praias de Florianópolis desde 1943. Só que nunca havia passado por uma situação como a deste ano. Ele vinha caminhando pela manhã na Cachoeira do Bom Jesus, como faz todos os dias, quando um trator - proibido de circular nas praias - que puxava uma lancha veio para cima dele, como se tivesse intenção de atropelá-lo. Depois de escapar por pouco, Salim Miguel tentou reclamar com a moça que dirigia o veículo e recebeu uma saraivada de palavras. "Se tivesse uma arma, me dava um tiro".

O escritor vê nisso um claro exemplo da forma desorganizada e predatória como vem sendo praticado o turismo em Florianópolis. Ele acha que as praias estão ficando cada vez mais poluídas com a invasão descontrolada. "Na praia não se pode construir edifício de seis andares", critica. Cita a própria Cachoeira do Bom Jesus como exemplo. Numa faixa de um quilômetro existem três marinas improvisadas. Outro fator que o desagrada é a falta de integração do roteiro turístico com o artístico e cultural. "Quando chove todo mundo corre para o shopping, como se não existisse mais nada".

Para ele, a responsabilidade pelos problemas cabe não somente ao descaso das sucessivas administrações municipais como também aos empresários ávidos

por lucro que não se importam com as conseqüências para a cidade. Na opinião de Salim, a Capital catarinense se torna uma das cidades mais caras do país durante a temporada de Verão, já que o comércio aproveita a grande presença de pessoas em Florianópolis para abusar. "Eles aumentam tudo antes a temporada e depois não baixam".

Salim Miguel faz questão de lembrar que, apesar das críticas, ainda considera as praias da região entre as mais belas do Brasil e a Ilha, um ótimo lugar para se viver. "Já recebi propostas de trabalho fora, mas deixarei meus ossos aqui". Ele tem observado vários amigos seus, de cidades grandes e badaladas como Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, escolherem Florianópolis para morar. "O problema é que, sem planejamento urbano, sem participação

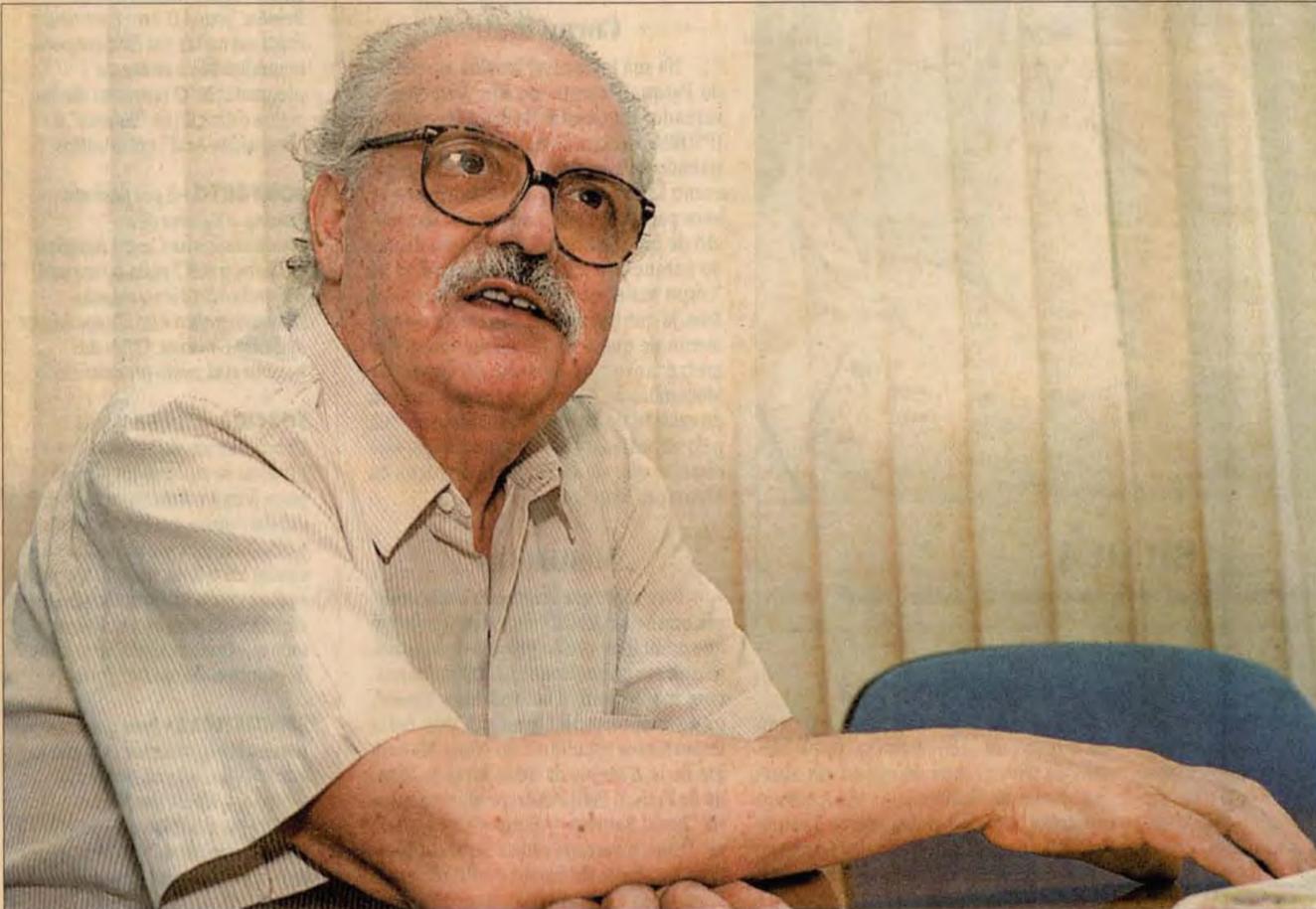
Salim pede planejamento urbano e espaço para participação da comunidade

da comunidade, isso aqui vai virar outra Balneário Camboriú, cheia de paredões de cimento armado. Nem os turistas vão querer mais vir".

Jornalista com 35 anos de carreira e autor de 18 livros, Salim Miguel sabe bem o que significa um governo que não ouve as opiniões das pessoas que são afetadas por suas decisões. Logo após o Golpe Militar de 1964, ficou preso durante 48 dias no quartel da Polícia Militar. Além disso, viu a livraria que ele criou, chamada Anita Garibaldi, mas conhecida por todos como "Livraria do Salim", ter os seus livros jogados no meio da rua e queimados. "A casa já nem era mais minha mas ainda era associada à minha pessoa". Hoje leva uma vida bem mais sossegada na Cachoeira, ao lado da escritora Eglê Malheiros, com quem é casado há 48 anos, mesmo que de vez em quando ainda tentem lhe passar o trator por cima.

O Brasil sob a ótica dos libaneses

Cléber Gomes



Por meio da vinda de sua família para o País, Salim Miguel narra as mudanças sociais em romance histórico

CARLOS DAMIÃO
ESPECIAL PARA O ANEXO

Nenhum catarinense pode desconhecer a trajetória do escritor Salim Miguel. Mais que isso, ninguém pode ignorar a importância de Salim como o líder do Grupo Sul, o movimento que trouxe o modernismo para Santa Catarina, a partir de 1947. Autor de 18 livros, roteirista de cinema, jornalista, editor de livros, crítico literário, Salim poderia considerar sua missão intelectual inteiramente cumprida — mereceria, quem sabe, o repouso tranqüilo da leitura (ou releitura) dos livros que mais lhe agradam. Mas não: Salim Miguel se recusa a ceder à tentação da aposentadoria, da passividade. Para sorte dos leitores catarinenses e brasileiros, que podem ter acesso à sua mais recente criação, "Nur na Escuridão", publicado pela respeitável editora Topbooks e eleito como o melhor romance de 1999 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

É impossível protelar a leitura de "Nur na Escuridão". Uma vez iniciado o desafio de abrir o volume de 258 páginas, é impressionante a rapidez com que se lê o que o mestre escreveu. Quem tem algum tempo nestas férias, com certeza poderá superar a leitura em não mais do que três "sentadas", de três horas cada uma.

O romance de Salim é certamente o mais importante da literatura de Santa Catarina durante a década de 90. E é ainda um dos fundamentais de toda a nossa história literária. Fluidez da narrativa, riqueza de personagens e situações, domínio absoluto das cenas — que muitas vezes remetem à semelhança com o roteiro cinematográfico — garantem o prazer da leitura e, muito mais, a convicção de que Salim Miguel superou-se, tornou-se maior do que parecia ser.

INCERTEZAS

Temos na obra a trajetória de uma família de libaneses que chega ao Brasil em 1927, desembarcando no Rio de Janeiro rumo às incertezas de um País que ainda não conseguira modernizar suas estruturas arcaicas tanto na política quanto na economia. (Terá modernizado alguma vez?). Trata-se da história do próprio Salim, de sua família, de seu fascinante pai, Yusef (ou Zé Gringo, ou Seu Zé), de sua cândida mãe (Tamina), irmãos, patrícios, amigos, personagens do cotidiano, no Rio, em Biguaçu, em Florianópolis.

Mas não é, ao contrário do que se possa pensar, apenas um livro biográfico (com subsídios fornecidos pela autobiografia escrita pelo pai). É um exercício literário superior, grandioso, muito além das insignificâncias do dia-a-dia, que preserva uma das características de Salim Miguel — a paixão pela memória (ou pelo passado que não é passado, no dizer do citado William Faulkner). Situações familiares criadas (ou lembradas) pelo autor remetem a histórias semelhantes, de muitos de nós, descendentes de tantas etnias que formaram a gente catarinense. As dificuldades vividas pela família, que saiu de um Líbano sem perspectivas, rumo a um país de futuro — não, não era o Brasil, eram os Estados Unidos — mas que, por desacertos do destino, acabou no Rio de Janeiro, foram semelhantes às de tantos outros imigrantes.

TRANSFORMAÇÕES

"Nur na Escuridão" consegue penetrar no ambiente da família de Yusef para traçar os elementos fundamentais da história brasileira do século 20, de 1927 a 1983. A perspectiva do Brasil, da ótica dos libaneses, é que é interessantíssima e por isso motivou o romance de Salim Miguel. O que Yusef vê — melhor, escuta pelo rádio ou lê pelos jornais — são fatos que talvez os brasileiros da "gema" não tenham se apercebido, vivendo a história ou nela interferindo. Yusef é um democrata, mas sobretudo um progressista, um homem com os olhos voltados para o bem-estar coletivo (coisa que o neoliberalismo renega crimosamente), para a realização humana e social. Yusef observa as transformações, espanta-se com a dinâmica e a velocidade dos fatos.

Está certo, Yusef é o pai, que por vezes parece autoritário ou repressor. Mas é um personagem que precisa dar conta dos problemas de sua casa, da criação de seus oito filhos. E, se isso não é fácil nos dias de hoje, imagine-se nas primeiras décadas do século, entre duas guerras mundiais e com a sociedade submetida a governos fracos ou fortes demais (no mau sentido). Yusef, no entanto, nunca estará ausente. Estará sempre conduzindo os seus, como um maestro que tem sob seus cuidados uma orquestra de músicos imperfeitos.

Biguaçu ganha destaque em "Nur na Escuridão"

Quatro cenários são marcantes nesse Brasil encontrado pela família libanesa: o Rio de Janeiro, primeira parada, primeiros desacertos, ilusões desfeitas; São Pedro de Alcântara, a colônia alemã que recebe mal o "invasor" árabe, concorrente "perigoso" do fechado comércio local; Biguaçu, o lugar que marca definitivamente a vida da família; e Florianópolis, o abrigo final, a cidade em que, enfim, Yusef consegue se estabelecer com relativo sucesso — e onde consegue fincar sua primeira (e única) casa própria.

Biguaçu, que antecede a Capital como ponto de fixação, tem importância especial no universo mítico do escritor. Talvez Salim possa ter exagerado, ao longo de sua vida e de sua obra, a dimensão exata do que significou/significa Biguaçu para sua família. Mas a verdade é que a cidade, pequenina à época, representou o primeiro passo para a solução dos muitos problemas acumulados desde a chegada ao Brasil. Foi ali que Yusef deu início ao seu comércio mais estável, mais constante, apesar dos maus pagadores e do movimento, às vezes, muito fraco.

Mas foi no balcão de sua "venda" que Yusef testemunhou a história, ouvindo o rádio Philips que comprara com sacrifício, lendo os jornais atrasados, ouvindo os "cau-

sos" dos personagens do lugar. E foi em Biguaçu que o autor do romance tomou contato com a literatura possível, com os livros aos quais poderia ter acesso, e com a matéria-prima que viria a povoar sua imaginação — personagens reais e irreais de um mundo mítico e, sobretudo, fantástico (veja-se o poeta cego, alguém que impressiona e fascina).

PERSONAGENS

Nesse universo, em que se sobressaem os problemas comuns a todas as famílias normais, convivem os personagens externos, adicionais — mas nunca figurantes. Há o casal que vai morar com a família de Yusef num casarão da praça 15 de Novembro, em Florianópolis. O libanês subloca a casa que aluga para obter um "a mais" no difícil orçamento doméstico de um pequeno comerciante. E os meninos, o mais velho à frente, desenvolvem fantasias extraordinárias em relação à mulher do locatário — uma bela fêmea, que povoa o imaginário erótico infanto-juvenil com poses provocantes e situações delicadas. Há um clima de filme *noir*, de denso mistério, de claro-escuro ambiental, que Salim, muito provavelmente, capturou da sua extraordinária cultura cinematográfica.

Mas há, sem dúvida, outros personagens maravilhosos e misteriosos (seriam verdadeiros?), colhidos pela memória do autor e alinhados ao final da obra no capítulo Perfis. Um deles, Ti Adão, será inesquecível para todos que tiverem o privilégio de ler "Nur na Escuridão". Negro, ex-escravo, de idade incerta (talvez cem anos), Ti Adão freqüenta a venda de Yusef, conta histórias, de um jeito peculiar, difícil de ser transformado em literatura. Mas Salim consegue realizar o que planejou durante muitas décadas: elaborar o perfil do negro feiticeiro, contador de "causos" e, mais que isso, um personagem marcante da literatura fantástica. Alguém que lembra a ficção de García Márquez ou de José J. Veiga.

É preciso ler, é preciso desvendar esse mundo criado por Salim Miguel, elaborado passo a passo, com os critérios de um artista que cria uma obra única, indivisível, indissolúvel da realidade e da fantasia. "Nur na Escuridão" é a leitura mais agradável e instrutiva para estes meses quentes, para estes primeiros dias do ano 2000 — um ano em que as perspectivas de vida para os brasileiros talvez se afigurem melhores que em 1999 e, sem dúvida, muito superiores a tudo pelo que passaram esses libaneses ao longo de 72 anos de Brasil. (CD)

SAGA PREMIADA

Roteirista, jornalista, editor de livros, crítico literário, Salim Miguel teve seu "Nur na Escuridão" eleito como o melhor romance de 1999 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte

Trecho

"(...) As despesas aumentam, vã a luta, o armazém mal dá para o sustento. Os filhos saem em busca de emprego, necessário conciliar estudo e trabalho, dois vão servir de caixeiros em outras casas comerciais, o mais rebelde abre uma banca de jornais e revistas, não demora acrescenta-lhes livros, em um dos cafés, na rua Felipe Schmidt; pouco mais de um ano, já está com livraria, em sociedade com um amigo, na esquina da Praça 15 com a rua Conselheiro Mafra. Ao ser questionado, retruca: se não deixa de ser comércio, pelo menos me encontro com os livros.

Aos poucos, para todos da família, a descoberta da cidade, seus encantos e seus mistérios, seu inexplicável fascínio. Nos domingos havia a ida às praias, Coqueiros e Estreito, por vezes uma aventura maior, até a Lagoa da Conceição ou Canasvieiras.

Pelas noites, os cafés, os bares, o papo interminável sob a figueira da Praça 15, a cerveja no Miramar. Os cinemas. As meninas. O "footing", em duas frentes, dentro da praça em busca das empregadinhas ou de programas mais picantes, e nas primeiras quadras da rua Felipe Schmidt, os rapazes parados vendo o desfile das moçoilas da melhor sociedade.

Pai e mãe compreendem que, afinal, o destino ancorou-os ali para sempre. Está escrito: não sairão daquela vidinha. Conformaram-se. Esperanças agora são os filhos. Que começaram a se desprender. Em busca de caminho próprio. Quem sabe neles a realização que procuraram ao aventurar-se, de tão longe, para outra terra..."

**Ano Novo, Milênio Novo, Vida Nova...
Que tal começar com
uma PISCINA!?!?**

Visite nosso
ShowRoom

SOLO
MÁQUINAS AGRÍCOLAS E PISCINAS
47 433-4855



Saga familiar, um mergulho na memória

Em Nur - Na Escuridão, escritor Salim Miguel recria a trajetória de sua família do Líbano a Santa Catarina na segunda metade dos anos 20

Mário Pereira
FLORIANÓPOLIS

Carne, ossos, nervos, músculos, um corpo vivo. Vitalidade, estranhamento, realismo pungente. *Nur - Na Escuridão*, o novo romance de Salim Miguel, leva o leitor a mergulhar num universo às vezes inquietante, mas sempre estimulante porque o autor soube dar-lhe vida. Uma vida sólida e única, retirada da memória do autor que a reconstrói com sua reconhecida habilidade de um mestre da palavra. A memória é manancial rico em matéria-prima para o escritor. Mas este poço profundo também oferece riscos ao criador de histórias que não souber lidar com o material que dele retira, primeiro pela seleção e, depois, pela transformação. E Salim Miguel, como poucos, sabe lidar com ele e elevá-lo à condição de criação literária de primeira linha. Já o sabíamos desde a leitura do seu *Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia*, a vigorosa narrativa de sua sofrida convivência com o irracionalismo e a violência da ditadura dos generais.

Salim novamente mergulha na memória e emerge com a saga da sua família que saiu do Líbano em busca de melhor vida e desembarcou no Rio de Janeiro em 1927 para, depois, deitar raízes em Biguaçu na generosa terra catarinense. Deixar para trás a terra natal, cortar laços para reatá-los num recomeço em geografias distantes, experiência pela qual passaram milhares ou milhões

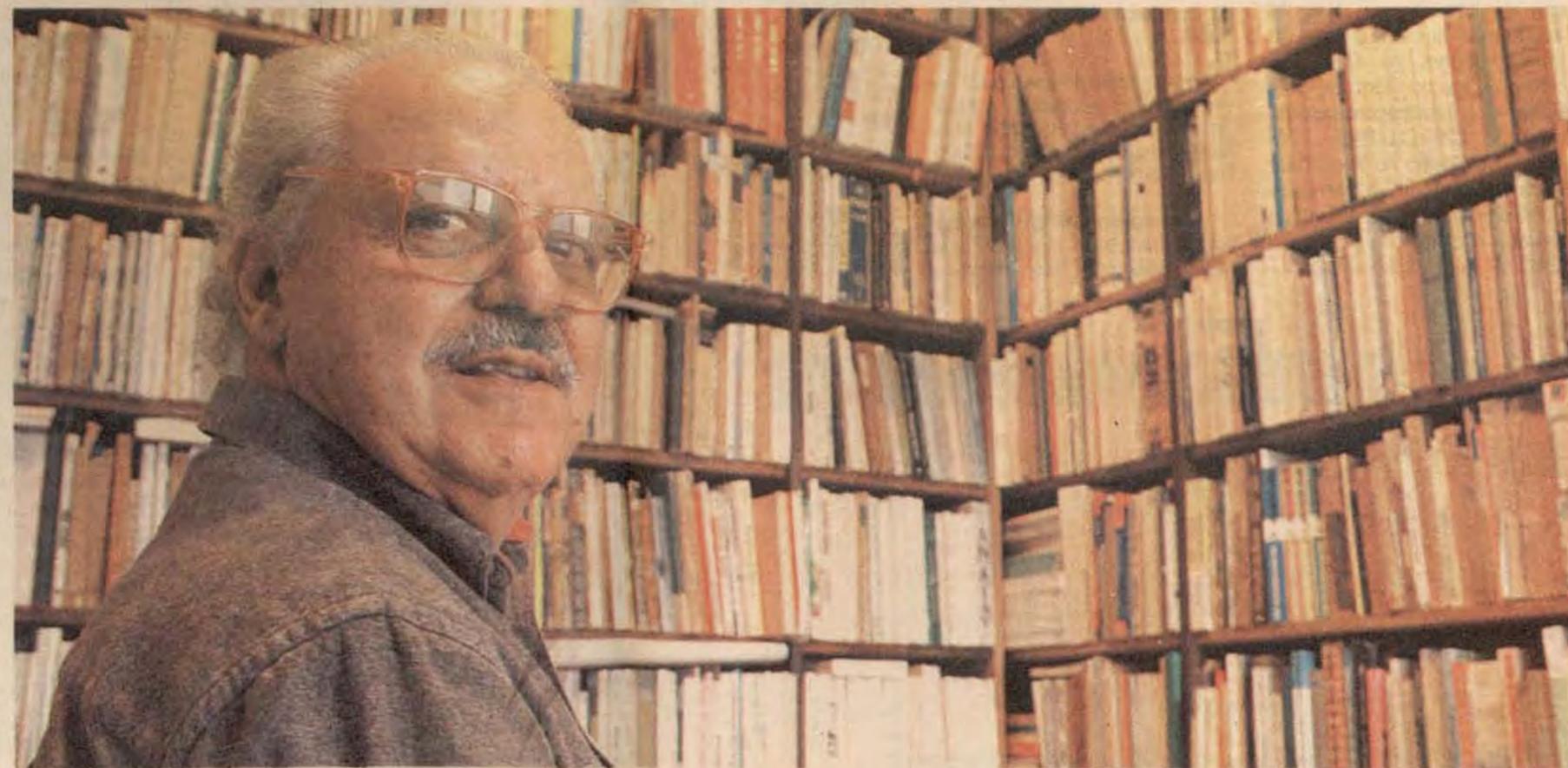
de famílias que, desde o final do século passado até tempos recentes, vieram "fazer a América" é material farto para a escrita, e no entanto poucas têm sido as narrativas que conseguiram dar-lhe o *status* de obra literária acabada. *Nur* é uma delas.

Se há bibliografia farta sobre a imigração européia no Sul do Brasil - a alemã e a italiana, principalmente -, pouco ou quase nada existe sobre a inestimável contribuição que os representantes de antigos povos do oriente, legatários de culturas milenares, como os libaneses, deram à construção do país nesta sinfonia de etnias. E no entanto os descendentes de libaneses no Brasil somam mais de 6 milhões. Salim é um deles.

Com seu estilo claro, cuja aparente simplicidade é fruto de uma sofisticada técnica na lida com a palavra escrita, Salim Miguel vai montando um amplo panorama desta saga familiar, em capítulos que avançam e recuam, se afastam e se entrelaçam, justapondo-se como cenas de um filme que emociona em sua humanidade de carne e osso. O livro foi considerado pela Associação Paulista de Críticos de Arte como o melhor romance do ano passado, e quem o ler conferirá que sobram razões para tanto. Não por outras, Salim alinha-se entre os melhores ficcionistas

brasileiros contemporâneos.

★ *Nur - Na Escuridão* - Salim Miguel. Editora Topbooks (Rio de Janeiro). 258 págs. R\$ 25,00

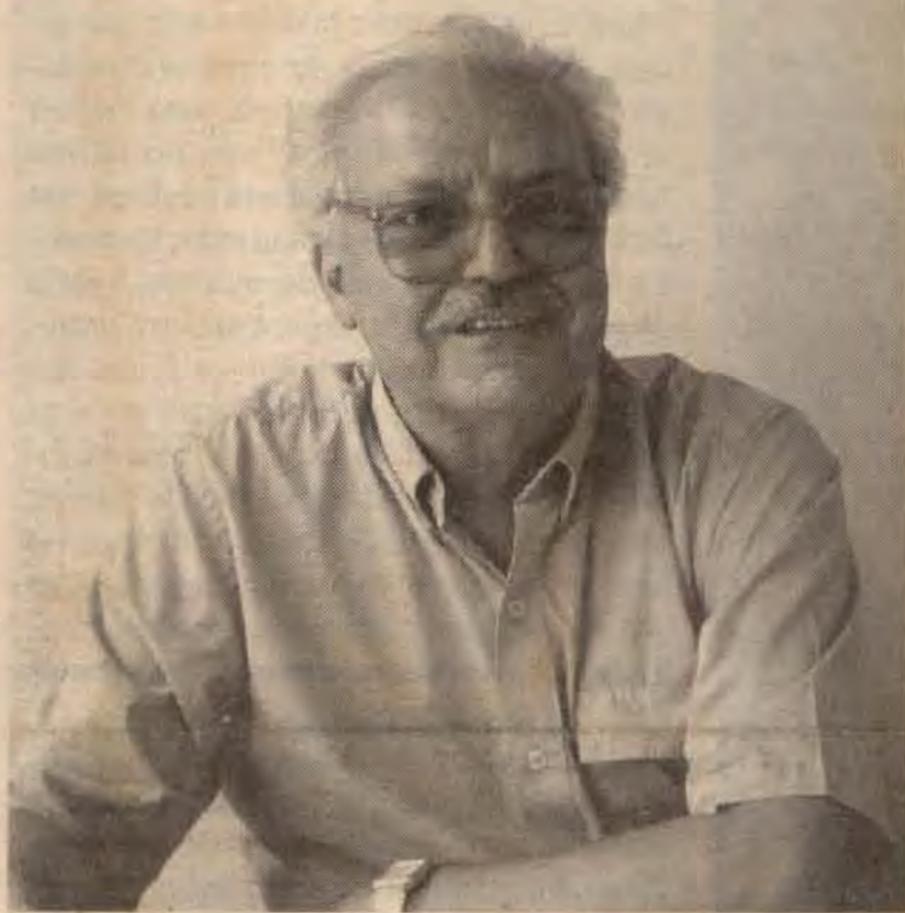


ROBERTO SCOLA/DC/SET 96

LÍBANO-BRASILEIRO: Mestre das palavras, Salim Miguel transforma suas recordações em belas e inquietantes páginas de literatura

O jornalista Salim Miguel lançará seu 18º livro

Para o seu livro Não
Fazer em lugar nenhum



O escritor Salim Miguel

Salim Miguel nasceu em 1924, no Líbano. Sua mãe, Tamina, era de Amiun, e seu pai, José, de Kfarsouroun, lugarejo próximo a Amiun. Em 1927, a família mudou-se para o Brasil. Primeiramente morou, por pouco tempo, em Magé/RJ, e, em seguida mudou-se para Santa Catarina.

Miguel é jornalista profissional, escritor, argumentarista e roteirista de cinema. Trabalhou na imprensa no Rio de Janeiro e em Florianópolis. Foi correspondente de órgãos de imprensa e tem colaboração esparsa na maioria dos Estados. Conceituado jornalista, já possui 17 livros publicados entre eles: romances, contos, críticas e depoimentos. O seu décimo oitavo livro, um romance, será lançado em outubro, pela Topbooks, do Rio de Janeiro.

O romance "NUR-na escuridão", é a história de uma família de imigrantes libaneses pelos caminhos do Brasil; a chegada à nova terra, a adaptação, sempre difícil, aos novos hábitos e costumes; o pai, sem nenhuma vocação para o comércio, tendo que primeiro mascatear, depois abrindo armazém de secos e molhados. Este romance busca recuperar um pouco de tudo isso, de maneira ficcional. Embora tenhamos cerca de seis milhões de descendentes de libaneses espalhados pelo vasto território brasileiro, a literatura a respeito é rarefeita. Com este livro, o autor quer ajudar a recuperação do passado, não apenas de sua família, mas do mundo e da cultura árabe e de sua influência em terras brasileiras.

055 - SARTORI, Raul. Jubileu. **A Notícia**. Florianópolis, 21 ago. 2001. Anexo, C2.

Jubileu

Cineastas, artistas, jornalistas e literatos, num total de dez nomes, uniram-se numa iniciativa de raro apreço por um amigo. Cada um está produzindo um texto inédito sobre os 50 anos de vida literária daquele que todos eles admiram, o escritor Salim Miguel. Os artigos estão sendo reunidos num livro para lançamento em setembro.

UDESC - FAED - IDCH - COLEÇÃO SALIM MIGUEL

DANIEL CONZI/DC



CATARINENSE: Destaque de Literatura em Passo Fundo

Livro *Nur na escuridão* dá prêmio a Salim Miguel

VARIEDADES

Prêmio para Salim Miguel

▼ PASSO FUNDO

Os escritores Antônio Torres e Salim Miguel são os vencedores do prêmio de literatura Zaffari & Bourbon, concedido na 9ª Jornada Nacional de Literatura, que começou hoje, em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Cada um dos escritores vai receber R\$ 50 mil. Torres foi premiado por *Meu querido canibal*, lançado pela Editora Record e Salim Miguel por *Nur na escuridão*, editado pela Topbooks. Até a próxima sexta-feira, mais de dez mil pessoas devem participar das atividades literárias da Jornada, que inclui uma *Jornadinha*, organizada especialmente para as crianças.

MEU CLÁSSICO

Salim Miguel, escritor

“Comecei a ler e a aprender a gostar de livros lendo o soneto a Carolina de Machado. Mas depois me marcou mais a prosa machadiana, já que nunca escrevi um poema decente. Quanto ao livro que eu escolheria para meu clássico, o livro de minha vida, é difícil. Foram muitos, mas se tiver que escolher um, escolho ‘O vermelho e o negro’ de Stendhal. Um romance numa linha tradicional nada tradicional, romance de formação deformada, onde o crescimento do protagonista se faz pela necessidade de ascensão”.



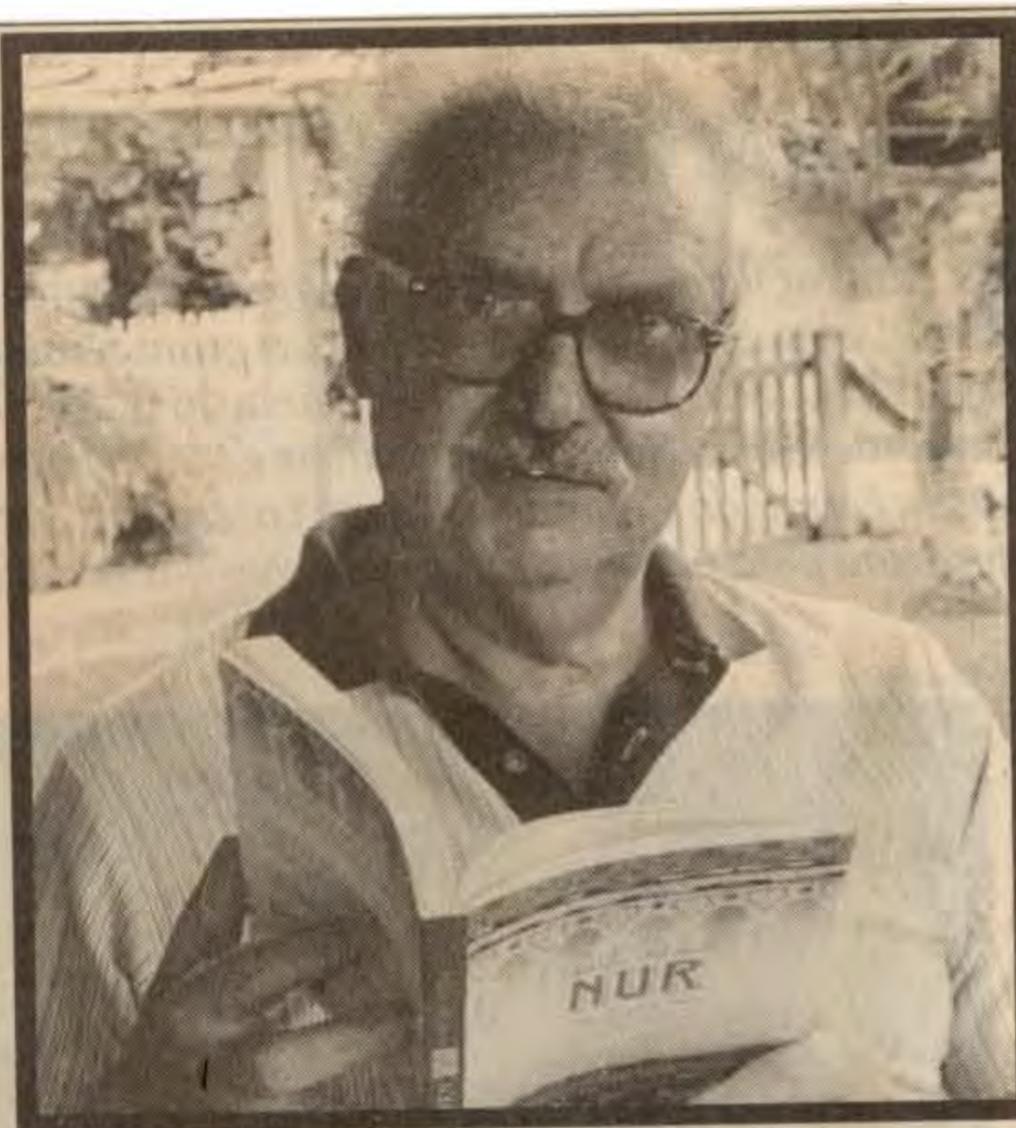
LIVRO

Entre ficção e vida real

Uma família libanesa chega ao Brasil em 1927 e não tem ninguém para recebê-la no cais do porto do Rio de Janeiro. O fato é um marco na vida do escritor, jornalista e crítico literário Salim Miguel (foto), que fazia parte da família e tinha, então, três anos. Virou ponto de partida para um romance: Salim lança hoje no restaurante Carpe Diem (104 Sul), às 19h30, o livro *Nur na Escuridão* (Editora Topbooks).

Trata-se de romance biográfico, mas também é ficção. "Ao mesmo tempo em que traço a saga de uma família de imigrantes libaneses pelos caminhos do Brasil, procuro interligá-la aos fatos marcantes do período. Claro que o tratamento é ficcional, os acontecimentos são reelaborados. Não estava fazendo romance histórico, mas aproveitando elementos da realidade para criar uma ficção", diz o autor que se considera líbano-biguaçuense, por ter vivido até os 19 anos em Biguaçu, na Grande Florianópolis, onde a família fixou residência.

Foi na capital catarinense que Salim liderou o Grupo Sul, movimento artístico cultural que atuou em Santa Catarina nas décadas de 40 e 50. Estreou na literatura em 1951, com *Velhice*



e *Outros Contos*. Em 1984, contou a experiência de ter sido prisioneiro na ditadura militar em *Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia*. Morou no Rio durante 15 anos (1964-1979). Foi nessa época que assinou, juntamente com a mulher Eglê Malheiros e com Marcos Farias, a adaptação e o roteiro para cinema de *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. *Nur na Escuridão* é o 18º livro de Salim Miguel. Com ele, o autor ganhou o prêmio de melhor romance de 1999 da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Maior encontro literário do país abre hoje no RS

▼ PASSO FUNDO

Começa hoje o maior encontro de literatura do país. Ao todo, mais de 10 mil pessoas estão inscritas para participar dos debates que ocorrem debaixo de lonas de circo na cidade gaúcha de Passo Fundo.

O tema da 9.ª Jornada Nacional de Literatura é *2001 - Uma Jornada na Galáxia de Gutenberg: da Prensa ao E-Book*.

Uma série de encontros e mesas-redondas estão previstos para discutir o passado e o futuro dos livros. Uma réplica da prensa de Gutenberg (vinda da Alemanha) estará exposta na cidade durante o evento, que

termina na sexta-feira. Até lá, mais de 4.000 adultos e até 2.000 crianças por dia nas "jornadinhas" terão participado do evento. Segundo a organização, liderada pela professora de literatura da Universidade de Passo Fundo, Tânia Rösing, mais de cem autores estarão presentes - entre eles, o argentino-canadense Alberto Manguel, autor de *No Bosque do Espelho*, e o chileno Antonio Skármeta, de *O Carteiro e o Poeta*. Entre os brasileiros, estão Antônio Torres, de *Essa Terra*, e Ignácio de Loyola Brandão, de *Zero*.

As Jornadas de Literatura surgiram há 20 anos, como uma sugestão do escritor Josué Guimarães aceita por Tânia. Começaram

regionais, mas, com o bom resultado alcançado pela organização, já na segunda edição se tornaram um evento nacional, levando escritores de todo o país a cada dois anos à cidade, que tem 166 mil habitantes e fica a cerca de 300 quilômetros de Porto Alegre. Neste ano, será entregue, pela segunda vez, com apoio da prefeitura da cidade e da empresa Zaffari & Bourbon, um prêmio de R\$ 100 mil para o melhor romance (na edição de 1999, o prêmio foi para o escritor Sinval Medina, com o romance *Tratado da Altura das Estrelas*). Entre as 11 obras escolhidas que participam da disputa deste ano, estão *O Pintor de Retratos*, Luiz Antônio Assis Brasil, *O Sétimo*

Juramento, da moçambicana Paulina Chiziane, e *Desordem*, de Márcio Souza.

Leitores se preparam em grupos formados meses antes do evento

A fórmula das Jornadas Literárias baseia-se num princípio: para participar do encontro com um autor, é preciso estar preparado para discutir suas obras. "O evento funciona porque o objetivo é nobre, e porque encontrei gente do mesmo tipo, que não se importa com o cansaço e com o desgaste", explica Tânia. Segundo o escritor Roberto Drummond, autor de *Hilda Furacão*, nas viagens que fez pelo Brasil e pelo mundo, nunca viu nada como em Passo Fundo.

LITERATURA • CARREIRA, PRÊMIO RECÊM-CONQUISTADO E PERSPECTIVA DE NOVOS PROJETOS DO ESCRITOR CATARINENSE SALIM MIGUEL

Mais transpiração do que inspiração

Uma das maiores ansiedades do escritor é ver no livro publicado outras possibilidades de abordagem

GLAUCO SILVESTRE

CERCADO POR CINCO MIL LIVROS EM UMA PEQUENA SALA do apartamento no bairro Carvoeira, espaço suficiente para apenas metade dos livros - outros cinco mil ficam na casa de praia - o escritor, jornalista profissional, argumentista e roteirista de cinema Salim Miguel, chega aos 77 anos no auge de sua capacidade criativa, já pesquisando dados para seu próximo livro, o 22º de sua carreira.

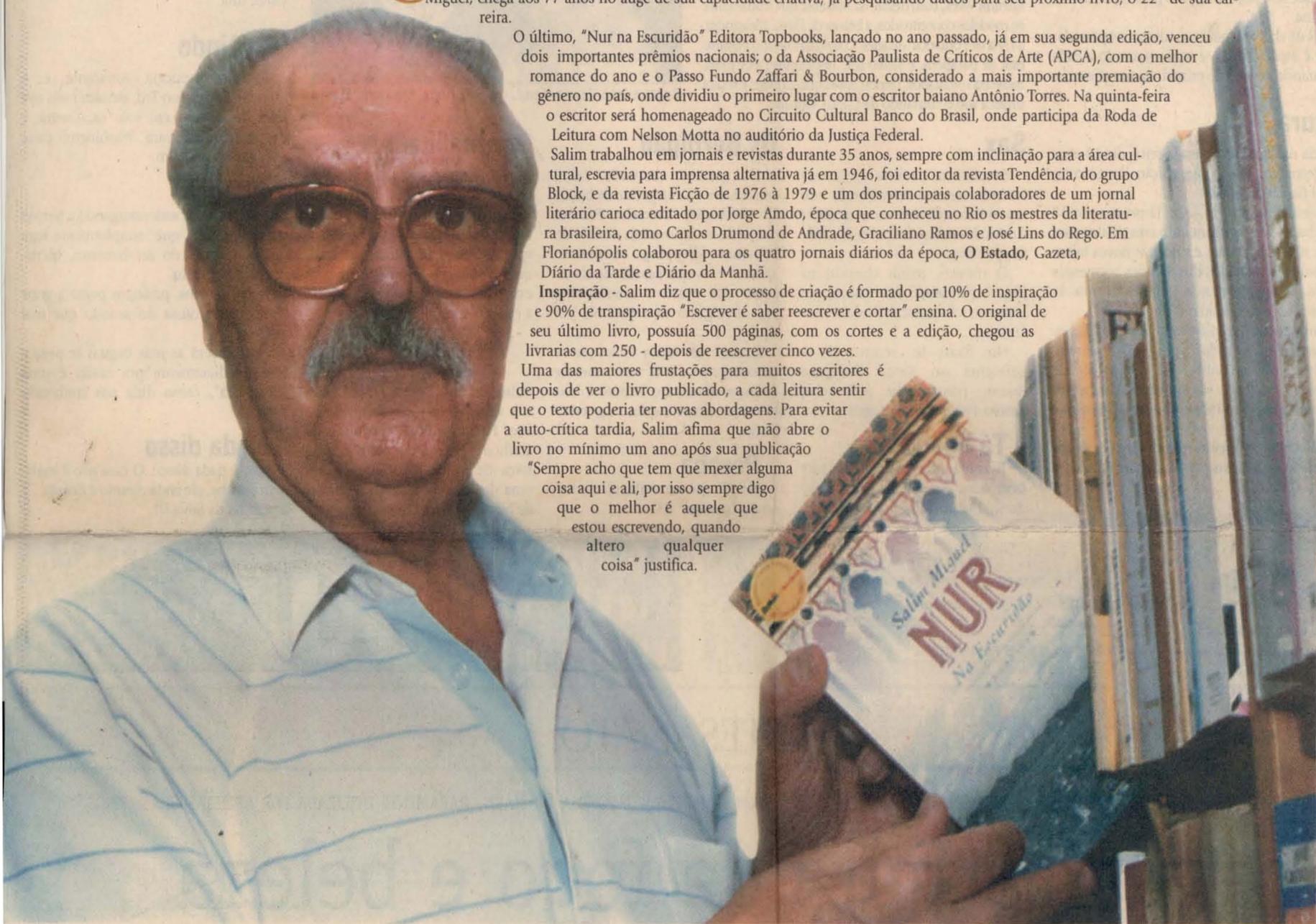
O último, "Nur na Escuridão" Editora Topbooks, lançado no ano passado, já em sua segunda edição, venceu dois importantes prêmios nacionais; o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), com o melhor romance do ano e o Passo Fundo Zaffari & Bourbon, considerado a mais importante premiação do gênero no país, onde dividiu o primeiro lugar com o escritor baiano Antônio Torres. Na quinta-feira o escritor será homenageado no Circuito Cultural Banco do Brasil, onde participa da Roda de Leitura com Nelson Motta no auditório da Justiça Federal.

Salim trabalhou em jornais e revistas durante 35 anos, sempre com inclinação para a área cultural, escrevia para imprensa alternativa já em 1946, foi editor da revista Tendência, do grupo Block, e da revista Ficção de 1976 à 1979 e um dos principais colaboradores de um jornal literário carioca editado por Jorge Amado, época que conheceu no Rio os mestres da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Em Florianópolis colaborou para os quatro jornais diários da época, O Estado, Gazeta, Diário da Tarde e Diário da Manhã.

Inspiração - Salim diz que o processo de criação é formado por 10% de inspiração e 90% de transpiração "Escrever é saber reescrever e cortar" ensina. O original de seu último livro, possuía 500 páginas, com os cortes e a edição, chegou as livrarias com 250 - depois de reescrever cinco vezes.

Uma das maiores frustrações para muitos escritores é depois de ver o livro publicado, a cada leitura sentir que o texto poderia ter novas abordagens. Para evitar a auto-crítica tardia, Salim afirma que não abre o livro no mínimo um ano após sua publicação

"Sempre acho que tem que mexer alguma coisa aqui e ali, por isso sempre digo que o melhor é aquele que estou escrevendo, quando altero qualquer coisa" justifica.



Do enigma ao começo de tudo

EMBORA HAJA UMA PISTA LOGO na primeira página do livro, a primeira pergunta de quem lê o livro é: O que é "Nur"? Símbolo, nome de mulher, liberdade, luz... Pode ser tudo isso ou nada. A sugestão é para que o leitor decifre o enigma, pois um texto é tanto mais intrigante quanto maiores as possibilidades que a leitura oferece. Além da fruição, ele precisa provocar e fazer pensar.

O romance de Salim Miguel é baseado em fatos reais, trabalhados ficcionalmente. Resgata a saga de uma família de imigrantes libaneses que, almejando ir para os EUA, acaba trilhando os caminhos do Brasil.

O núcleo central transcorre entre a década de 20 e 50. Sem cronologia li-linear, circula pelo Líbano, Rio de Janeiro e Santa Catarina, aqui mais especificamente Biguaçu e Florianópolis. Montado como um jogo-de-amar, sua estrutura não é de um romance convencional. Comporta labirintos, meandros, idas e vindas, interrogações, alegrias e desencantos, dúvidas e certezas, e também ratificações e retificações.

A arte de transformar realidade em ficção acompanha Salim desde o ingresso na li-

teratura em 1950. Na primeira obra "Velhice e Outros Contos" publicada pela Editora Sul, o livro faz uma adaptação das histórias que ouviu de alguns entrevistados quando trabalhou no senso demográfico daquele ano. "São relatos de experiências traumatizantes dessas pessoas. Quando estão sozinhas, elas procuram alguém para contar e soltar seus fantasmas" lembra Salim.

Como usou os relatos verídicos das pessoas para criar a ficção, pensou duas vezes antes de publicar, temendo ser injusto com os entrevistados - dúvida que esqueceu quando ouviu o relato do escritor americano Willian Folker. Ele conta que, como trabalhava em correios, violava as correspondências para ler as histórias e criar seus personagens nos romances. "Folker dizia que é mais fácil conhecer as pessoas pelo que escrevem e na conversa cara a cara, do que pela memória". Desde a primeira publicação na década de 50, lançou 21 livros, 16 entre ficção, conto e romance.

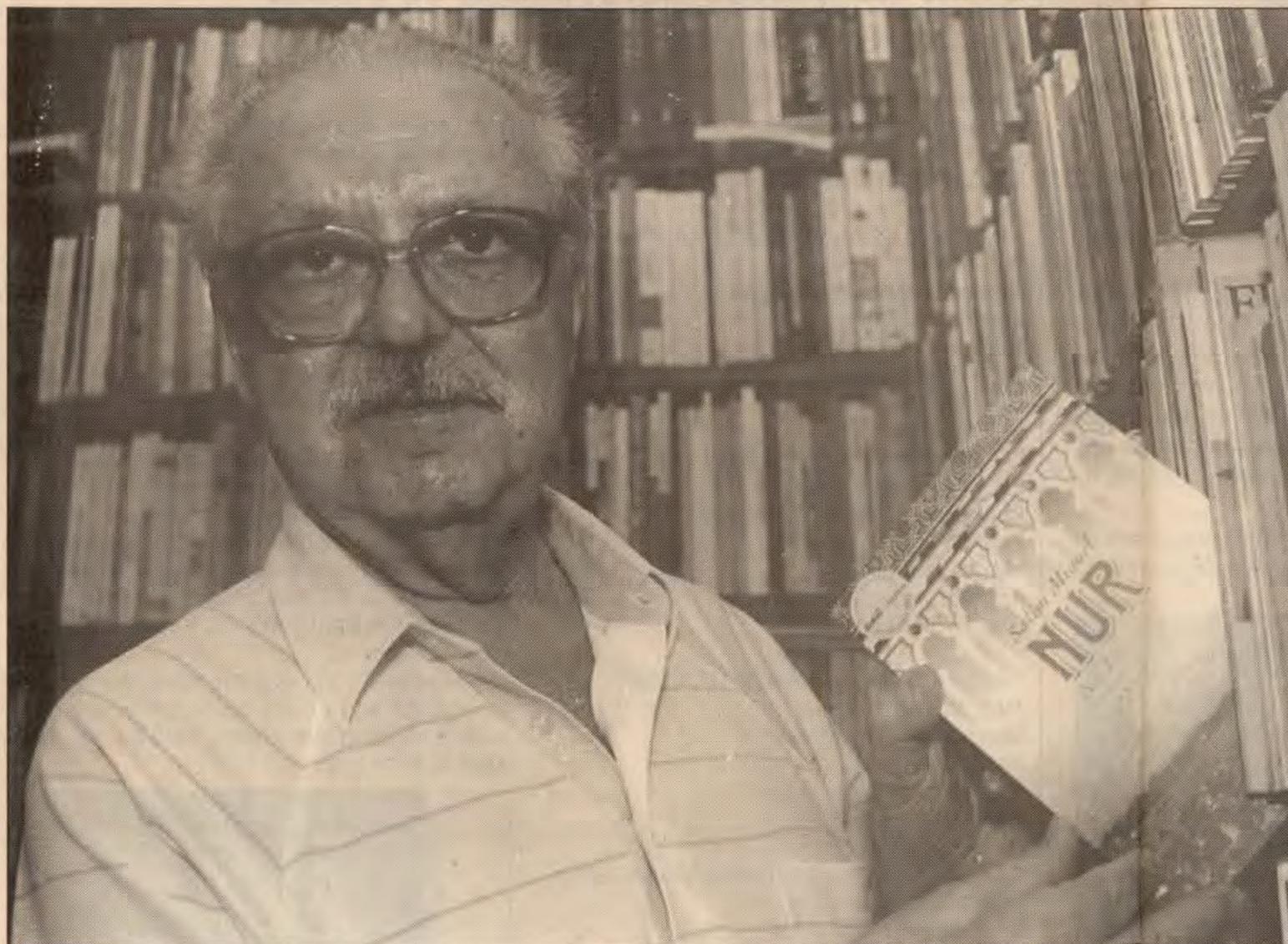
O escritor catarinense vai ser homenageado no Circuito Cultural Banco do Brasil que começa no dia 12 em Florianópolis.



TRABALHO • AUTOR DO ROMANCE PREMIADO FALA DAS DIFICULDADES EM CHEGAR AO CIRCUITO NACIONAL DE LITERATURA NO BRASIL

A realidade de um escritor catarinense

Novos projetos e perspectivas à vista dão o tom para a continuidade da carreira de Salim Miguel



O dinheiro do prêmio que recebeu vai ser usado pelo escritor para a pesquisa do seu próximo livro, uma continuação de "Primeiro de Abril", de 1994

econômica do país. "Santa Catarina tem muitos escritores que não deixam nada a desejar aos já consagrados. Quem consegue publicar, dificilmente sai do circuito catarinense" lamenta. **Narrativas da cadeia** - Os R\$ 50 mil que recebeu do prêmio Passo Fundo Zaffarri & Bourbon, serão destinados para a pesquisa do seu próximo livro, uma continuação da publicação de "Primeiro de Abril" de 1994. O livro conta sua experiência no alojamento do quartel da polícia durante 48 dias, quando foi preso com outras 60 pessoas por ocasião do golpe militar, no governo do então governador Celso Ramos, de quem foi assessor de imprensa anos antes.

A PESAR DO CRESCIMENTO de lançamentos de livros de escritores catarinenses, Salim Miguel afirma que o reconhecimento pelo talento local ainda está distante. Costuma dizer que sempre viveu da palavra e não de direitos autorais. "A literatura catarinense dificilmente atravessa a ponte Hercílio Luz" sentenciou. Acredita que o difícil ingresso dos escritores catarinenses no eixo Rio - São Paulo e até no Rio Grande do Sul, se dá pela dificuldade de distribuição das editoras, falta de incentivo do governo e a própria situação

Vem aí mais uma Feira do Livro

COM O CRESCIMENTO DAS PUBLICAÇÕES, do comércio de livros literários no Brasil e de títulos de autores catarinenses - que culminou com a premiação do romance de Salim Miguel, Nur na Escuridão - abre nesta semana no Beira-Mar Shopping a 16ª Feira do Livro de Florianópolis e 2ª Bienal do Cone Sul, que vai de 13 a 23 de setembro, entre 14 e 22 horas.

A feira é um dos maiores eventos culturais locais, com abrangência estadual e nacional. Vai reunir escolas, universidades, fundações e leitores de todas as idades e dos mais diversos gostos literários.

O objetivo do evento é de promover o movimento literário, o desenvolvimento educacional e cultural, o hábito de leitura e o interesse pela pesquisa. O lançamento da feira reunirá expositores, apoiadores e os vencedores do I concurso literário "Roteiro de uma viagem pela imaginação", realizado pela Câmara Catarinense do Livro. Participaram do concurso alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental das Instituições de Ensino de todo o Estado. E os trabalhos foram apresentados em forma de poesia e crônica.

A 16ª Feira do Livro vai acontecer na área de eventos no 6º piso do Beira-Mar Shopping e a expectativa de público para esse ano é de 50 mil pessoas.



Saga de uma família libanesa

O escritor Salim Miguel lança hoje às 19h30 no Carpe Diem o romance *Nur na escuridão*

JOSEANA PAGANINI

O escritor e jornalista Salim Miguel tinha apenas três anos quando desembarcou com o pai, a mãe, o tio e dois irmãos, no cais do porto do Rio de Janeiro. O ano, 1927. Vinham do Líbano para o Brasil em busca de melhores oportunidades de vida, perfazendo o caminho e o destino de tantos outros conterrâneos que imigraram para o novo continente. Começava aí a saga brasileira da família Miguel que o escritor reconstituiu em *Nur na escuridão* (Topbooks), a ser lançado hoje, no Carpe Diem, a partir das 19h30. Pelo livro, o autor, que tem 18 obras publicadas, recebeu o Prêmio de Melhor Romance de 1999 concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Salim Miguel conta que *Nur na escuridão* começou a nascer em 1952 em temas que foram sendo explorados em várias narrativas, até que, 43 anos depois, tomou forma própria. "O escritor não sai atrás de temas, são os temas que o procuram. E esse tema me procurou com razão porque é parte da minha vida", avalia.

A palavra árabe "nur" significa "luz", em português. Foi esta a primeira palavra que o pai Yussef aprendeu na língua de sua nova pátria. Miguel resolveu utilizá-la em árabe no título, primeiro, para causar um estranhamento no leitor e provocar a curiosidade em relação ao livro, segundo, porque "nur" é, para o escri-

tor, a síntese visual do romance.

Em *Nur na escuridão*, é a memória que comanda o desenrolar da narrativa. Nascido em Kfarssouroun, uma vila no Líbano, Salim Miguel reconstrói a trajetória da família, que, depois de passar alguns meses em Magé, estado do Rio de Janeiro, se estabeleceu definitivamente na pequena e desconhecida Biguaçu, nos arredores de Florianópolis. A cidade, na qual o escritor viveu até os 19 anos, se tornou um espaço mítico para muitas das obras de Miguel.

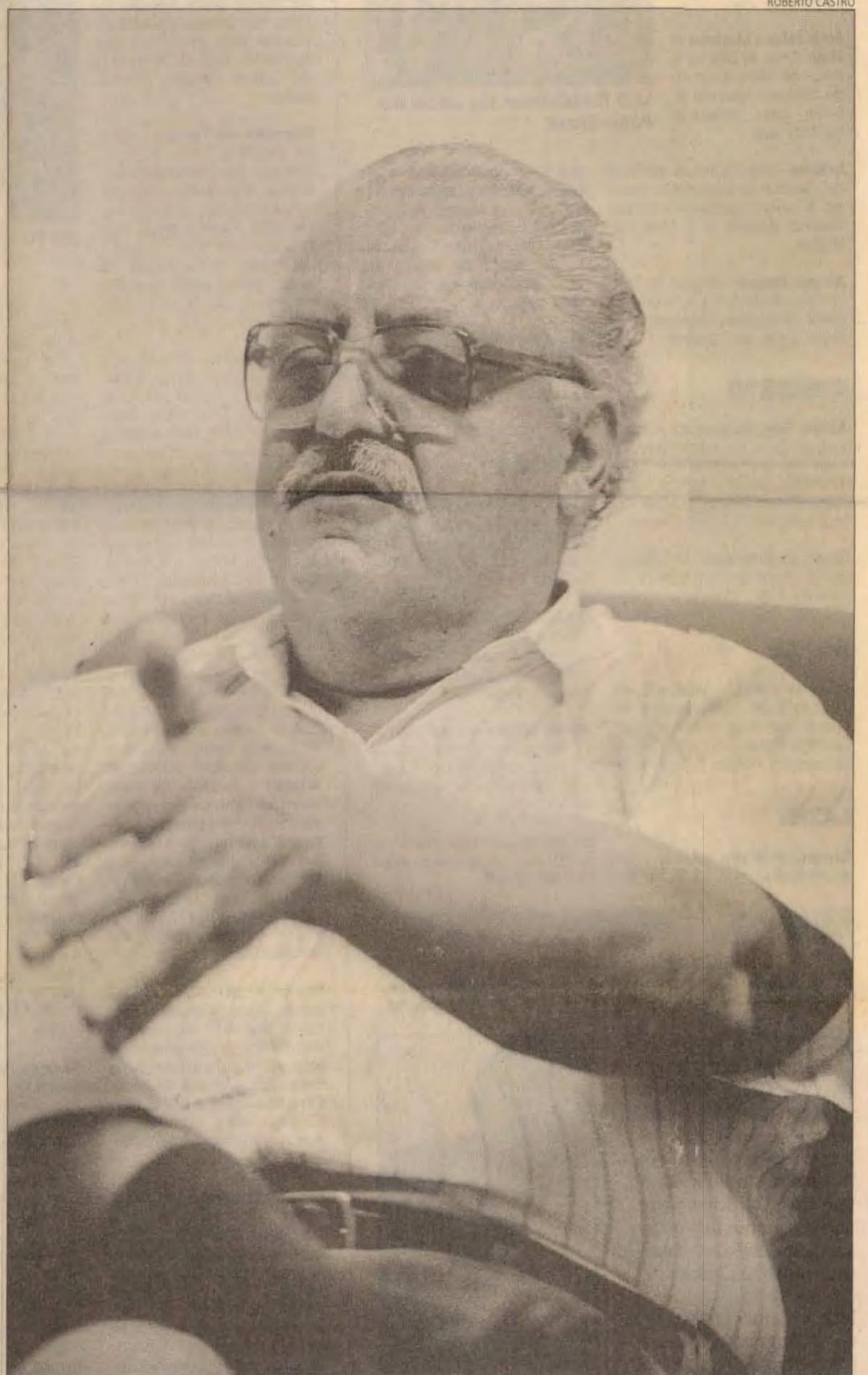
Para escrever o romance, Salim pesquisou bastante a história da família. Inclusive encomendou uma tradução para o português do relato de memórias que o pai deixou escrito em árabe. É em torno do patriarca, professor que, no Líbano, sonhava em ser escritor e, no Brasil, se tornou um simples comerciante, grande contador de histórias e admirador da poesia de Omar Khayam e Gibran Kalil Gibran, que a narrativa se desenrola. Foi pela voz do pai que o menino Salim ouviu pela primeira vez os contos de *As mil e uma noites*, que o acompanhariam desde então. "Até hoje, quando sinto necessidade de retomar as minhas raízes árabes, leio *As mil e uma noites*", conta.

Mas, apesar da inspiração biográfica do livro, o autor esclarece que evitou dar à narrativa um caráter de romance histórico. *Nur na escuridão* parte da vivência da família, sim, mas o

que se lê ali é uma realidade ficcionalizada. Três camadas de memória se misturam: a do pai em seu relato, a do filho, que se deixa entrever por trás da narrativa em terceira pessoa, e a da história do Brasil, memória coletiva que permanece como pano de fundo para a saga dos libaneses. É também a memória quem determina a estrutura da obra. A narrativa de Miguel não segue uma seqüência linear. Ao contrário, é fragmentária e seletiva de acordo com uma lógica afetiva.

O resultado é um painel comovente das esperanças e amarguras, das vitórias e derrotas de uma família que se lançou à desconhecida tarefa de adotar um novo e distante país como pátria. Nesse sentido, a aventura existencial dos Miguel narrada por Salim se assemelha a dos outros imigrantes, libaneses ou não, que aportaram em terras brasileiras no final do século passado e início deste. Além de consagrado pela crítica, o autor revela que o romance tem alcançado grande aceitação junto aos descendentes de libaneses no Brasil, que hoje são mais de seis milhões, algo próximo à população do Líbano. "Ao contrário da imigração italiana e alemã, que deixou uma literatura a respeito, praticamente não existe relatos sobre a vinda de libaneses para o País", acrescenta.

Nur na Escuridão - Autor Salim Miguel. Lançamento hoje, no Carpe Diem, a partir das 19h30.



ROBERTO CASTRO

NO LIVRO Salim Miguel narra as aventuras e desventuras, vitórias e derrotas de imigrantes

A Cultura em O Estado

Suplemento
Especial
85 anos

Ao longo de sua história, Jornal cumpriu importante papel no desenvolvimento da cultura catarinense, revelando talentos e incentivando o debate literário entre artistas e intelectuais.

A cobertura cultural em **O Estado** ganhou um reforço definitivo quando Altino Flores entrou para a história do jornal. O jornalista, professor e intelectual foi uma das figuras mais importantes para o jornal em que atuou como diretor entre 1925 e 1930 e do qual foi proprietário entre 1930 e 1945. Influente homem de letras e também servidor público, Altino Flores foi uma figura surpreendente e polêmica em todos os seus 90 anos de vida (ele faleceu em 1982).

Para administrar o jornal, Flores cercou-se de personalidades proeminentes da cultura de Santa Catarina, entre os quais o grande jornalista e escritor regionalista Tito Carvalho. Sob seu comando, **O Estado** valorizou a cultura local como nunca havia sido feito anteriormente em Santa Catarina. Ele defendeu valores catarinenses e criou polêmicas com o grupo de artistas e escritores que formavam o **Círculo de Arte Moderna**, o **Grupo Sul**.

Esse grupo foi o responsável pela implantação do modernismo em Santa Catarina, mais de 20 anos após sua eclosão em São Paulo. Poucos anos antes de morrer, Altino Flores deixou sua opinião a respeito do **Grupo Sul** registrada em uma entrevista concedida com exclusividade a **O Estado**. "Eles (do **Grupo Sul**) que eram muito inteligentes, aliás, tinham a revista 'Sul' e nela escreviam suas críticas, ou escreviam sobre autores. Certa vez, num artigo sobre Goethe, notei vários erros, que procurei corrigir na minha coluna do jornal. Eles reagiram e criou-se a polêmica. Voltei ao ataque, escrevendo outros artigos, intitulados 'Goethe, os novos e os velhos'. No fim tudo acabou bem e reuni esses artigos num livro"

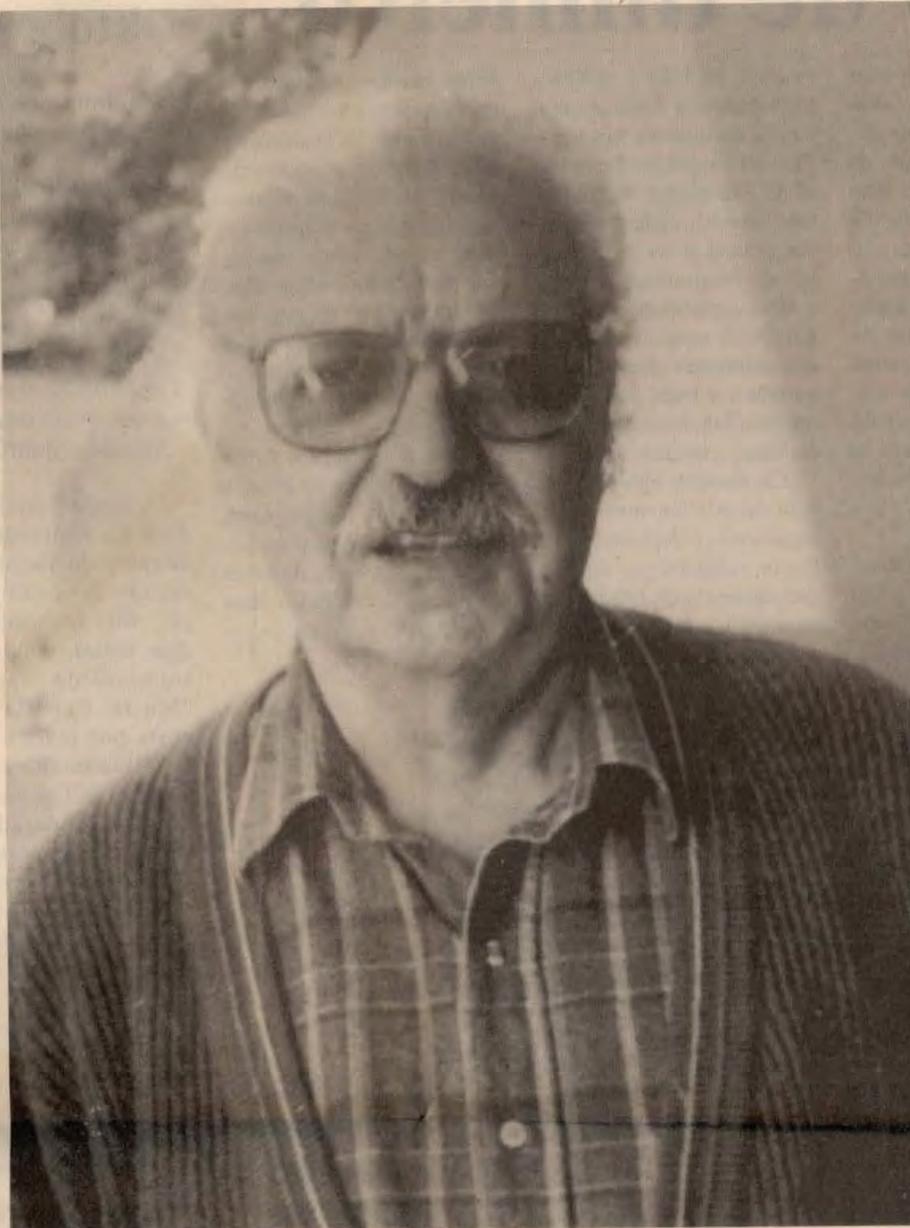
Os moços a que Altino Flores se refere são os atualmente consagrados Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires, Osvaldo Mello Filho, entre outras figuras marcantes da cultura catarinense.

Sobre os talentos culturais da época em que atuou à frente do jornal, Altino Flores era realista: "Não existia, a bem da verdade, uma cultura elevada". Mas ele destaca nomes de contribuintes que atuaram a seu lado naqueles tempos: como o já

citado Tito de Carvalho, o cronista José Diniz (influenciado pelo famoso João do Rio, diretor da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro), Cássio da Luz Abreu e Gustavo Neves. "Esse último, principalmente, por mais longo tempo e sempre primando pela maneira serena e concisa com que glosava os fatos".

"Enquanto sob minhas ordens **O Estado** foi sempre um jornal noticioso", afirmou o intelectual na entrevista. E nem poderia deixar de ser, já que o período em que ele administrou o diário esteve entre os mais conturbados da história. Ele passou por uma crise econômica em 1929, uma revolução no Brasil em 1930, a maior das guerras mundiais entre 1939 e 1945. Mas o professor sempre encontrava espaço, em meio às notícias pesadas, para publicar suas considerações sobre o mundo da cultura em especial sobre a literatura.

Grupo Sul - Polêmicas à parte, mesmo com as diferenças entre Altino Flores e o movimento que comandavam, o **Grupo Sul** encontrou espaço para divulgar suas idéias a partir de 1948. Nessa época **O Estado** não pertencia mais ao polêmico professor. A abertura foi proporcionada pelo então diretor do jornal, Rubens de Arruda Ramos, de quem Salim Miguel, um dos coordenadores do grupo de artis-



O escritor Salim Miguel foi um dos principais colaboradores do Jornal

blicação de um romance seriado, "The Lost Day" (O Dia Perdido), assinado por James F. Wingate, um inglês que era apresentando como sendo "tão importante quanto James Joyce". Na verdade o tal inglês era um pseudônimo assinado pelo grupo, e cada capítulo foi escrito por um membro do movimento.

Participaram dessa brincadeira, entre outros, Salim Miguel, Ody Fraga, Aníbal Nunes Pires e Paulo Taulois. A narrativa durou 10 capítulos, mas nunca chegou a ser concluída, mesmo assim causou sensação no estado. Consta que um leitor chegou a procurar o grupo para comentar

a obra e chegou a afirmar que já lera aquele texto em algum lugar antes.

O **Grupo** encerrou suas atividades em 1958, mas seus antigos integrantes prosseguiram atuando nas mais diversas áreas culturais: literatura, cinema, teatro. Alguns nomes alcançaram projeção nacional, como Eglê, Ody e Salim. Este último, continuou colaborando com **O Estado** até 1965, quando mudou para o Rio de Janeiro com Eglê e seus filhos. Ao retornar à Santa Catarina, em 1979, voltou a escrever sobre literatura para o jornal, até 1984.

Altino Flores dirigiu O Estado entre 1925 e 1930. Nesse período criou polêmica e incentivou o debate cultural em todas as áreas

tas, já afirmou ter uma visão correta do que estava acontecendo no mundo da arte.

A colaboração dos jovens escritores e artistas de Florianópolis marcou sua época no jornal, pelo caráter polêmico da criação cultural inovadora e pelas discussões que se sucederam. Esta passagem foi marcada por dois fatos principais. O primeiro foi a própria série de debates estéticos e ideológicos com Altino Flores, que ficou conhecida como "polêmica entre velhos e novos".

O segundo fato foi a pu-

Aproveite que você está bem pertinho do seu jornal e dê um beijo nele de Feliz Aniversário.

Uma homenagem da Unisul aos 85 anos do Jornal "O Estado"



UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

Grupo Sul divulgava suas idéias em O Estado

História pela visão do romancista ganha o prêmio

A 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo premia dois livros de história, escritos pela estratégia de dois romancistas. O 2º Prêmio Passo Fundo Zaffari Bourbon de Literatura entregou R\$ 35360 (com o desconto do Imposto de Renda) a Salim Miguel e Antônio Torres. José Clemente Pozenatto, recebeu menção honrosa pelo seu livro "A Cocanha".

A obra "NUR na escuridão", de Salim Miguel, foi lançada no segundo semestre de 1999 e conquistou naquele ano o prêmio de melhor romance do ano, atribuído pela Associação Paulista de Críticos de Arte em São Paulo. "Isso teve uma importância significativa para a carreira do livro, porque no Brasil qualquer prêmio ou o que vai se ganhar financeiramente podem ajudar na caminhada dos livros", comenta Miguel.

Segundo o escritor, os temas com o que o escritor trabalha são praticamente os mesmos, o que diferencia um do outro são as maneiras de abordá-lo. "No meu caso, NUR, tem capítulos que foram escritos nove vezes e o livro tinha inicialmente mais de 500 páginas e foi publicado com 250 porque eu acho que o grande escritor é aquele que reescreve e corta como quem corta a própria carne", esclarece.

Torres, presente pela segunda vez nas jornadas literárias de Passo Fundo ganhou o prêmio pelo seu 12º livro, "O Meu Querido Canibal". No ano passado o autor recebeu o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra que já conta com 12 títulos. "Creio que o livro, como parte desse volume de obras, contribuiu para esse prêmio. 'O meu querido canibal' não ganhou individualmente nenhum prêmio. Ele já entrou numa coletiva, é o primeiro prêmio individual", acrescenta o escritor.

O Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura contou com 190 obras inscritas, a maioria delas de escritores brasileiros, mas autores internacionais marcaram presença. A seleção final contava com 11 escritores. A Comissão Julgadora foi composta pelos escritores Ignácio de Loyola Brandão, Luís Coronel, Deonísio da Silva, e pelos professores doutores Paulo Becker e Tânia Rosing.

Contando histórias históricas

"NUR na Escuridão" trata da imigração libanesa no Brasil. Seu autor, Miguel, afirma que não é um romance histórico nem uma história da família. O livro

FOTO JOÃO VICENTE RIBAS / DM



Os vencedores, da esquerda para a direita: Salim Miguel, Antônio Torres e José Clemente Pozenatto acompanha uma família de libaneses da década de 20 até 50, de maneira que essa família vai conhecendo e deixando de ser libanesa para ser brasileira.

"O primeiro capítulo tem muitas palavras em árabe, mas a medida que vai se avançando no livro as palavras em árabe vão desaparecendo, porque eu quero mostrar que essa família de brasileiros", justifica Miguel. Segundo ele, NUR está em caixa alta por significar "Luz" em árabe.

"O meu querido canibal" tem como personagem o índio Cunhambebe, que, na opinião de Torres, é o primeiro grande guerreiro do país, já que foi o primeiro chefe supremo da Confederação dos Tamoios, organização de resistência do nativo à colonização.

"A história indígena nesse país está reduzida a notas de rodapé de páginas. Foram quatro anos fazendo pesquisas que tornaram o meu livro uma canibalização não só da história como da literatura. O escritor hoje que não tiver esse olhar para a história ele estará perdendo muito, porque a história estará enriquecendo o seu imaginário", conclui.

Homenagens revivem os 20 anos de Jornada de Literatura

Passo Fundo começa a viagem pela época da prensa ao encontro do e-book

Com chuvas e atraso na programação, inicia a 9ª Jornada Nacional de Literatura em Passo Fundo. A longa cerimônia de abertura enfatizou os 20 anos do evento e prestou homenagens a nomes consagrados da literatura nacional. Apresentações artísticas, com 120 artistas, marcaram a evolução do livro, com a encenação da figura de Gutenberg e as múltiplas linguagens ganharam a tradução simultânea para os sinais.

A escolha do tema "2001 Uma jornada na galáxia de Gutenberg: da prensa ao e-book" debate a história do livro e a sua estrutura na evolução das tecnologias. Na retrospectiva do evento, autoridades e escritores lembraram a primeira Jornada de Literatura, em 1983.

Naquela época foram somente nove escritores e 150 participantes, no Salão de Atos da Reitoria da UPF. Neste ano, são esperados 4,5 mil participantes, que terão a oportunidade de conferir 115 escritores. Além da inovação das múltiplas lonas do Circo da Cultura, a 9ª Jornada Nacional também lançou a primeira Jornadinha Nacional, para aproximadamente 6 mil crianças.

O esperado ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, transmitiu sua mensagem através de uma gravação exibida em telão. Ele ressaltou a importância da leitura e lançou a campanha "Tempo de Leitura", que acontece de 10 a 14 de setembro em todas as escolas do país. A campanha procura incentivar o hábito de ler e contará com o auxílio de escri-

FOTO JOÃO VICENTE RIBAS / DM



Até Gutenberg apareceu na festa da literatura tores, artistas e contadores de história.

As homenagens

A 9ª edição da Jornada de Literatura homenageou alguns escritores que participaram da primeira Jornada de Literatura Sul-Riograndense. Antônio Carlos Resende, Armindo Trevisan, Carlos Nejar, Deonísio da Silva e Sérgio Capparelli receberam das mãos das jornadas o troféu Roseli Dolesky Pretto, comemorativo aos 20 anos das jornadas literárias.

Através de painéis no palco, com o seu rosto, foram homenageados os escritores Mário Quintana, Josué Guimarães e Cyro Martins. Em nome da família de Josué Guimarães, um dos primeiros incentivadores das Jornadas, o sobrinho Nino Machado recebeu o troféu.

Mas a maior emoção do público foi embalado ao som de "Tieta do Agreste" e pela melodia instrumental de "Gabriela". Essa foi a homenagem da Jornada para o escritor Jorge Amado, falecido recentemente, que também ganhou um painel de seu rosto.



Os homenageados exibem o troféu Roseli Pretto e os quatro volumes do livro dos 20 anos da Jornada

Torres e Salim Miguel dividem prêmio

Jornada literária em Passo Fundo começa com anúncio de vencedores do Zaffari & Bourbon

Leonardo Aversa/16-12-99

Arquivo

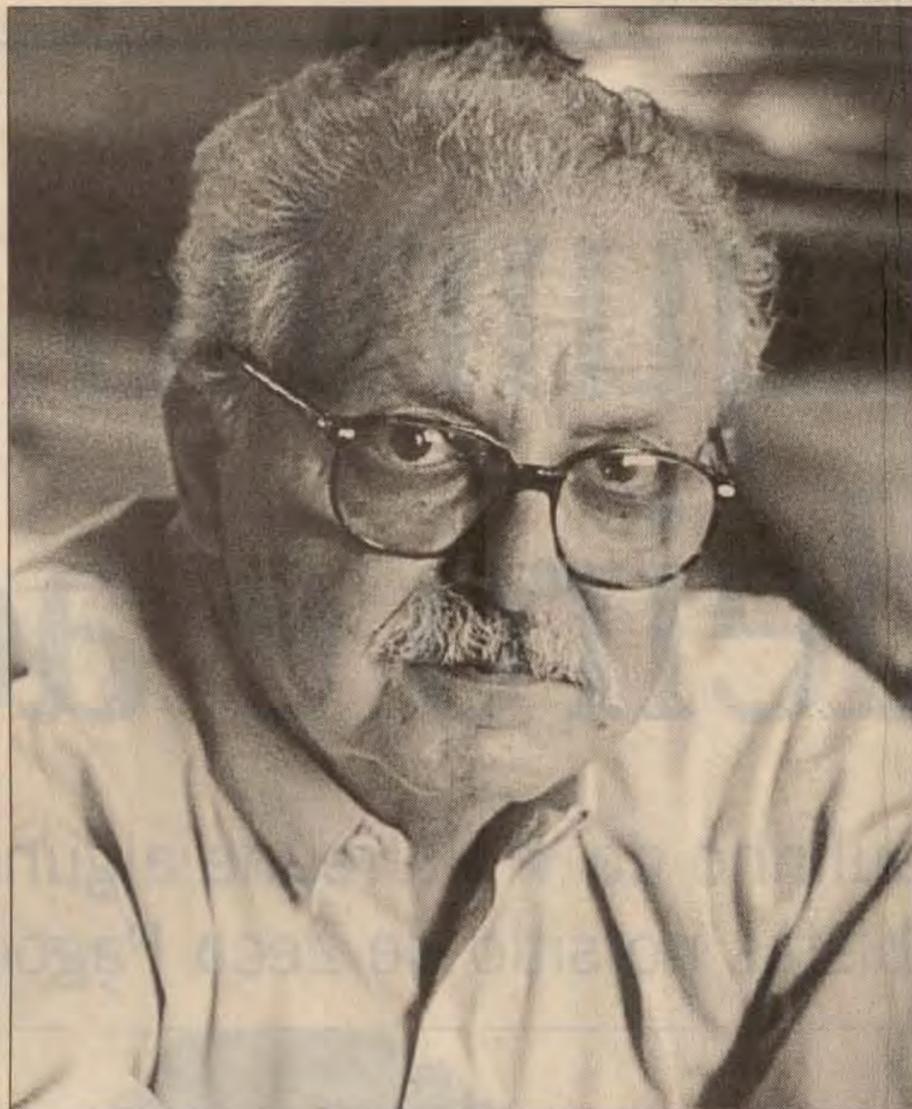
Antônio Madalena

Especial para O GLOBO • PASSO FUNDO

Deu empate: os escritores Antônio Torres e Salim Miguel vão dividir o prêmio de literatura Zaffari & Bourbon, de R\$ 100 mil, o maior do país. A divisão do prêmio foi decidida por unanimidade pela comissão julgadora, reunida em Passo Fundo, cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde foi inaugurada ontem a 9ª Jornada Nacional de Literatura, que até sexta-feira promete reunir mais de dez mil pessoas para debates sobre livros. Os dois escritores foram escolhidos entre 11 finalistas — como Rubem Fonseca, José Sarney, Patrícia Melo — com obras publicadas nos últimos dois anos.

Torres foi premiado por “Meu querido canibal” (Record), ficção histórica inspirada no índio Cunhambebe, o terrível devorador de portugueses. No ano passado, o escritor também obtivera R\$ 50 mil pelo prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras para o conjunto da obra. Salim Miguel — que este ano comemora 50 anos da publicação de seu primeiro livro, “Velhice e outros contos” — recebeu o prêmio por “Nur na escuridão” (Topbooks), baseado na história da sua família libanesa que chegou ao Brasil em 1927. “Nur” significa “luz” em português, a primeira palavra que o pai de Salim aprendeu quando chegou no país. Em 1999, o livro também fora premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

Além de decidir dividir o prê-



SALIM MIGUEL, autor de “Nur na escuridão”: 50 anos de literatura

mio de R\$ 100 mil, a comissão julgadora — formada pelos escritores Deonísio da Silva, Ignácio Loyola Brandão, Luis Coronel e pelos professores Paulo Ricardo Becker e Tânia Roesing — concedeu uma menção honrosa ao escritor gaúcho José Clemente Pozenato por seu livro “A cocanha”. O escritor se tornou conhecido nacionalmente quando seu livro “O quatrilha”, sobre colonos italianos, foi adaptado para o cinema.

Em 1999, ano em que pela primeira vez o Zaffari & Bourbon foi concedido, o escritor gaúcho Sinval Medina ganhou os R\$ 100 mil sozinho. Ontem,

quando muitos escritores ainda chegavam a Passo Fundo, era grande a expectativa em torno da premiação. A divisão do prêmio surpreendeu os participantes, frustrando alguns deles, pois na prática o Zaffari & Bourbon deixou de ser este ano o maior prêmio que um escritor pode receber no país.

Ziraldinho e Ruth Rocha participam da Jornadinha

No seu primeiro dia, o evento foi um sucesso. O público, em clima festivo, lotava a Jornada. Embora não houvesse mais ingressos para participar dos debates na lona de circo,



ANTÔNIO TORRES: prêmio por “Meu querido canibal”

muitas pessoas não arredavam pé, esperando alguma assistência de última hora. Segundo a organização, depois de encerradas as inscrições, foi grande o número de voluntários que se ofereceram para trabalhar gratuitamente na Jornada a fim de participar das atividades.

Hoje de manhã tem início a Jornadinha, para crianças da pré-escola a quarta série, com o espetáculo “Jovem Drummond”, com o ator Vinícius de Oliveira, que estrelou o filme “Central do Brasil”. Ruth Rocha e Ziraldinho são alguns dos escritores que estarão conver-

sando com as crianças, revezando-se entre uma das quatro lonas menores com capacidade para 500 crianças.

Na segunda-feira à noite, foi inaugurada a exposição “Prensa de Gutenberg”, na qual se pode ver uma réplica do século XVII da prensa utilizada por Gutenberg. A réplica veio da Alemanha especialmente para a Jornada. Em outra exposição, “Vida e obra de Gutenberg — Evolução da escrita”, há quadros que contam a história da escrita e um fac-símile da Bíblia impressa por Gutenberg que também veio da Alemanha. ■

Salim Miguel é premiado em Passo Fundo

Natália Vianna
especial para *Gazeta
Mercantil Santa Catarina*

O escritor Salim Miguel recebeu o *Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura*, entregue ontem durante a *9ª Jornada Nacional de Literatura*, em Passo Fundo (RS). O catarinense, que concorreu com seu livro *Nur na escuridão*, dividiu o prêmio de R\$ 100 mil com o escritor Antônio Torres, pelo romance *Meu Querido Canibal*. A *Cocanha*, de José Clemente Pozenatto recebeu menção honrosa.

O prêmio, um dos mais importantes da literatura

nacional, é conferido dentro de um dos maiores eventos da área na atualidade. Salim concorreu com outros nove autores de todo o país e uma escritora de Moçambique. Entre eles, nomes como Rubem Fonseca e Domingos Pellegrini. Os 11 romances indicados foram escolhidos entre 190 obras inscritas no concurso. Esta é a segunda edição do Prêmio que foi instituído durante a *7ª Jornada Nacional de Literatura* em 1997. O vencedor da primeira edição, em 1999, foi o jornalista Sinval Medina, com o livro *Tratado da Altura das Estrelas*. ■

Evento premia escritores

Antonio Torres e Salim Miguel dividem R\$ 100 mil em jornada no Sul

RODRIGO ALVES

PASSO FUNDO, RS – O baiano Antonio Torres e o catarinense Salim Miguel foram os dois escritores premiados pela 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, aberta anteontem no Rio Grande do Sul. Um dos momentos mais esperados da jornada, a divulgação do prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, o mais alto do país, surpreendeu ao dividir entre dois nomes os cobiçados R\$ 100 mil.

O baiano Antonio Torres e o catarinense Salim Miguel foram escolhidos respectivamente por

seus livros *Meu querido canibal* (Record) e *Nur na escuridão* (Topbooks). *Nur* em árabe significa luz. “Se ganhasse sozinho ficaria constrangido”, revelou um modesto Torres, dizendo-se honrado e orgulhoso em dividir o prêmio com o colega. “É a culminação de uma carreira de 50 anos dedicados ao livro”, completou Miguel.

Tanto Salim como Torres já tinham recebido prêmios importantes recentemente. Torres foi premiado com o Machado de Assis (um dos maiores do Brasil, no valor de R\$ 50 mil) pelo conjunto da obra, e o romance de Miguel foi eleito o melhor do

ano pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Outros dois fatos ligam os vencedores: ambos são jornalistas e os dois livros têm caráter histórico. *Meu querido canibal* narra a saga do líder tupinambá Cunhambebe, enquanto *Nur na escuridão* fala da imigração libanesa.

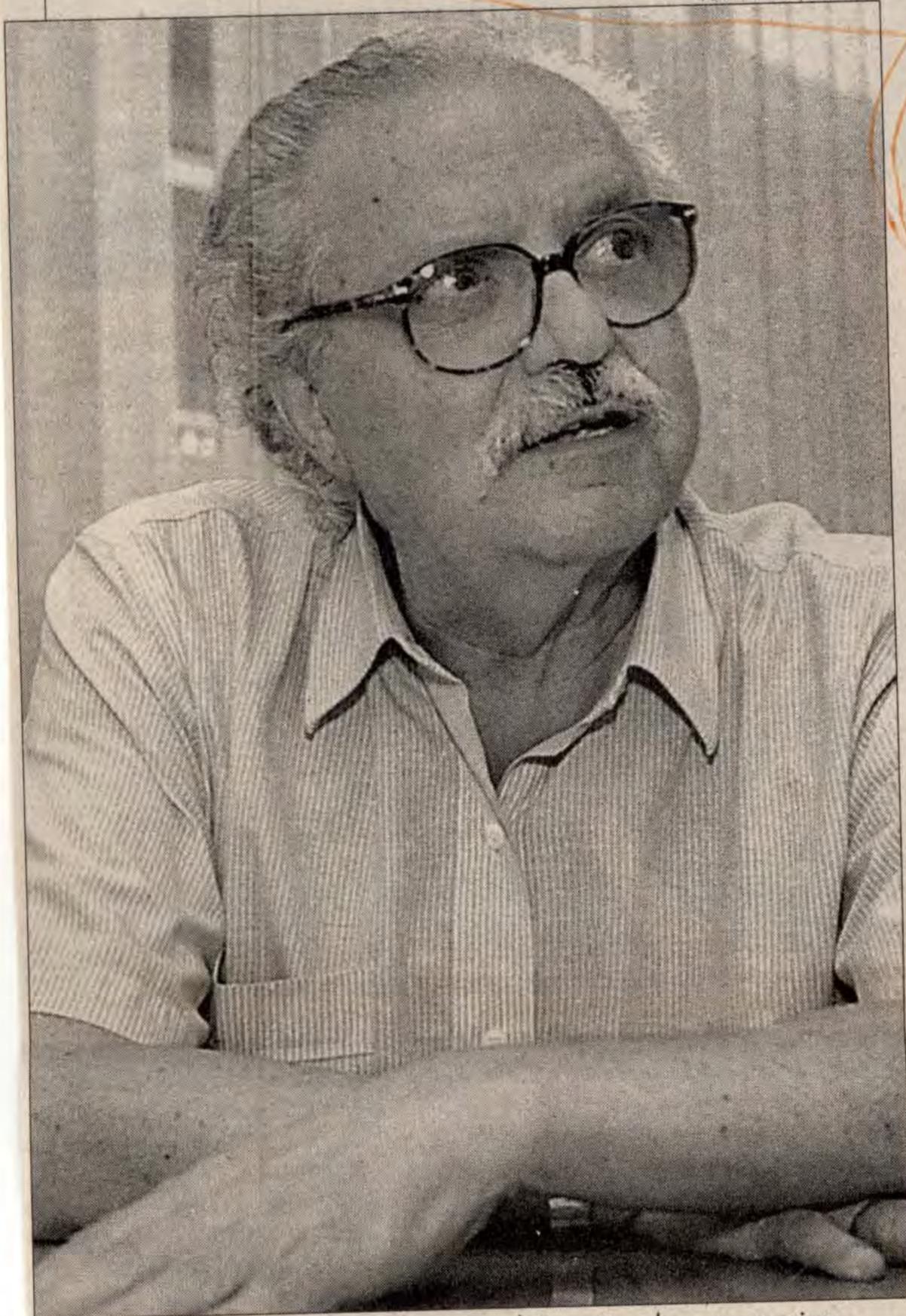
Corsário – Salim Miguel, que já trabalha em seu novo romance, baseado em anotações do período em que foi preso político, ressaltou a importância da jornada. “É o encontro literário mais importante do Brasil”, elogiou. Antonio Torres vai empregar o dinheiro em pesquisas para seu novo livro, sobre o corsá-

rio francês René Duguay-Trouin, projeto no qual ele já vem trabalhando há bastante tempo.

A entrega do prêmio encerrou a cerimônia de abertura, que contou ainda com homenagens a autores como Mário Quintana, Josué Guimarães e Jorge Amado. As vaias ficaram por conta do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, que não compareceu e apenas gravou uma mensagem em vídeo, desagradando ao público. O evento promove várias mesas-redondas antes do encerramento, sexta-feira, uma aula-espetáculo de Antônio Nóbrega.

Salim Miguel anuncia nova obra para este ano

Pená Filho 22/10/1999



Reconhecimento: Salim pretende investir valor em pesquisas

Escritor recebe o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura durante evento realizado em Passo Fundo

Joinville — O escritor Salim Miguel já sabe o que fazer com os R\$ 50 mil recebidos, terça-feira, durante a 9ª Jornada Nacional de Literatura, que acontece em Passo Fundo (RS). Ele, que dividiu o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura com Antônio Torres, autor do romance "Meu Querido Canibal" (Editora Record), deve investir a quantia em uma nova pesquisa, da qual prefere resguardar o tema.

Segundo ele, mais do que o dinheiro que, descontados os impostos, fica em R\$ 35 mil, o que vale é o reconhecimento do trabalho. Prova disso é o interesse da Editora Topbooks, do Rio de Janeiro, em lançar, nos próximos meses, a terceira edição de "Nur na Escuridão", obra com a qual ganhou o prêmio. O romance do escritor radicado em Santa Catarina concorreu com outros 190. Difícil, a seleção final reuniu dez obras brasileiras e uma de autoria moçambicana. Além de destacar as publicações de Torres e Miguel, a jornada também concedeu menção honrosa para o gaúcho José Clemente Pozenatto, autor de "A Coca-nha" (Mercado das Letras).

Para Salim Miguel, só o fato de ter ficado entre os 11 finalistas já significa uma vitória. "Isso é muito importante, nos motiva a continuar", disse. O escritor, que permanece no Rio Gande do Sul até sábado, participou, ontem à tarde, de uma roda de "conversa paralela" sobre literatura, atividade que se repete amanhã, às 15 horas, na companhia de Lauri Maciel. Com 20 livros publicados, sendo 17 de ficção, conto, romance e novela, e três de crítica literária, o autor anuncia, ainda para este ano, uma nova obra. O trabalho deve reunir 50 críticas sobre escritores brasileiros e estrangeiros.

Essa foi a segunda edição do Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura, que foi instituído durante a 7ª Jornada Nacional de Literatura. O jornalista Sinval Medina, com "Tratado da Altura das Estrelas", foi quem venceu a primeira, em 1999.

Prêmio Zaffari & Bourbon sai para autores consagrados

Antônio Torres (baiano) e Salim Miguel (catarinense, nascido no Líbano) dividiram o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura. Ambos são veteranos jornalistas, autores de várias obras, e consagrados pelo público e pela crítica. São conhecidos pelo cuidado com a linguagem, fazendo parte de uma espécie de tendência literária, que tem profundas raízes na Literatura Brasileira, desde o século XIX.

Pág. 12



Prêmio dividido (R\$ 100 mil) - dois escritores: Salim Miguel e Antônio Torres

Dois autores consagrados ganham o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura

A edição do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura contou com a participação de 190 obras literárias. Os estados que mais livros escreveram foram Rio de Janeiro (34,66%), São Paulo (21,10%) e Rio de Grande do Sul (19,50%). Do Exterior teve a participação de escritores de Moçambique (1,05%). As obras inscritas foram publicadas entre junho de 1999 e 30 de maio de 2001.

O JULGAMENTO

A Comissão Julgadora do Prêmio Passo Fundo de Literatura Zaffari Bourbon foi presidida pela professora Tânia Rösing, contando ainda com a participação do professor Paulo Becker, também da Universidade de Passo Fundo, os escritores Deonísio Silva e Ignácio de Loyola Brandão e o poeta Luiz Coronel. Foram selecionados 11 finalistas: Meu querido canibal, de Antônio Torres; O clarão, de Betty Milan; O caso da Chácara Chão, de Domingos Pellegrini; A Cocanha, de José Clemente Pozenatto; Saraminda, de José Sarney; O pintor de retratos, de Luiz Antônio de Assis Brasil; Desordem, de Márcio Souza; Inferno,

de Patrícia Melo; O sétimo juramento, de Paulina Chiziane; O doente Molière, de Rubem Fonseca; Nur na escuridão, de Salim Miguel.

Durante 45 dias a Comissão Julgadora leu e analisou as obras inscritas e decidiu, por unanimidade, escolher os romances Meu querido canibal, de Antonio Torres, e Nur na escuridão, de Salim Miguel. Também decidiu conceder Menção Honrosa ao romance A cocanha, de José Clemente Pozenatto.

A revelação dos vencedores e a entrega do Prêmio foram feitas durante a abertura da IX Jornada Nacional de Literatura e I Jornadinha Nacional de Literatura.

APOIO

A realização desse, que é o maior prêmio literário do Brasil, só foi possível graças ao apoio financeiro da Companhia Zaffari Comércio e Indústria/RS, que garantiu o fornecimento dos recursos necessários para o pagamento do prêmio. Para que esse patrocínio fosse possível o deputado Beto Albuquerque teve um papel importante, como foi salientado durante as solenidades

realizadas no Circo da Cultura.

VENCEDORES

Os vencedores São dois veteranos jornalistas e autores já consagrados. Antônio Torres é baiano, tendo começado muito cedo no jornalismo, trabalhando no Jornal da Bahia, mais tarde mudou-se para São Paulo, trabalhando como repórter e chefe da seção de esportes do Jornal Última Hora. Mais tarde, trocou o jornalismo pela publicidade. Estreou na literatura em 1972, com o romance Um cão uivando para a lua. Seu livro Essa terra já foi traduzido para o holandês, hebraico, alemão, italiano, espanhol e francês.

Salim Miguel exerceu o jornalismo durante 40 anos. Nasceu em Kfrarssouron, no Líbano, em 1924, vindo para o Brasil aos três anos de idade. Sua família acabou se fixando em Santa Catarina. Estreou na literatura, em 1951, com Velhice e outros contos. Preso político, em 1964, exilou-se no Rio de Janeiro, onde continuou trabalhando como jornalista. Retornou, mais tarde para Santa Catarina, onde vive. Nur na escuridão é seu 18o. livro publicado.



Os vencedores da esquerda para direita: Salim Miguel, Antônio Torres e José Clemente Pozenatto.

PRÊMIO PARA SC

É o provincianismo às avessas, o praticado pela mídia das grandes metrópoles brasileiras em relação às “províncias”. A coluna Swann, no jornal “O Globo” de ontem, ignorou que o escritor catarinense Salim Miguel também foi vencedor, dividindo R\$ 100 mil do Prêmio de Literatura Zaffari & Bourbon, concedido pela 9ª Jornada Nacional de Literatura, que está acontecendo em Passo Fundo (RS), ao melhor romance publicado nos últimos dois anos no Brasil. O matutino carioca informou a seus leitores que Antônio Torres levou sozinho a premiação. Com “Nur na Escuridão” Salim Miguel ganhou em 2000 o prêmio de melhor romance publicado no País em 1999, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Para o prêmio de Passo Fundo houve 190 inscritos e Salim ficou entre os 11 finalistas, junto com José Sarney, Patrícia Melo e Rubem Fonseca, dentre outros cotados.

"Este livro tem me dado sorte", diz Miguel

MARCIA FEIJÓ

O escritor catarinense Salim Miguel, que dividiu prêmio literário com o baiano Antônio Torres, continua sua participação na 9ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo (RS). Hoje, ele fará parte de uma Conversa Paralela (bate-papo com o público) junto com o gaúcho Lauri Maciel.

Em entrevista ao Diário Catarinense, por telefone, Miguel contou detalhes sobre seu novo livro e suas impressões do evento.

Viver a Vida: Narrativas de um Exílio no Rio, que irá narrar o exílio de Salim Miguel e sua família no Rio de Janeiro, durante a ditadura militar, já está com pelo menos em terço pronto. Segundo o escritor, deverá ser finalizado no primeiro semestre do ano que vem. O dinheiro recebido

com este prêmio servirá para financiar o trabalho. Salim Miguel começou a escrever *Viver a Vida* nos primeiros meses de 2001. Mas conta que foi interrompido por outros compromissos, como convites para palestras e a participação na Jornada de Literatura.

O novo livro dá seqüência a *1º de Abril - Narrativas da Cadeia*, outro livro de memórias escrito por ele, que termina com a família de Miguel se mudando para o Rio. *Viver a Vida* inicia com a chegada à Cidade Maravilhosa. Uma coincidência aliás, com *NUR na Escuridão*, título que deu o Prêmio Passo Fundo ao catarinense. Este último abre com seus antepassados, imigrantes libaneses, desembarcando no Brasil, justamente na mesma cidade.

Salim Miguel afirma que a indicação para o prêmio o pegou de surpresa. "Eu já fiquei satisfeito

por ter sido finalista. Mas procurei manter os pés no chão. Eu acho que muitos estavam pensando como eu: 'Eu cheguei até aqui, mas posso não ser o premiado dessa vez.' Havia outros indicados com muita qualidade." O apreço da crítica por *NUR*, entretanto, já havia sido declarado. O romance já havia sido escolhido como Melhor Romance pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, em 1999. "Este livro tem me dado sorte, ou então tem qualidade. Em dois anos já me deu dois prêmios de âmbito nacional. E acredito que fui o primeiro escritor de Santa Catarina a receber ambos."

Bate-papo com o catarinense lotou o Teatro Municipal

Ontem Salim Miguel falou para um grupo de terceira idade, que lotou o Teatro Municipal Múcio

de Castro. "Eu já estou quase na quarta idade, mas meu primeiro livro, publicado há 50 anos, se chamava *Velhice e Outros Contos*. Eu acho que as pessoas gostaram da conversa, porque eu falei quase 2 horas. Tive que pedir para parar, porque estava ficando cansado", brinca ele.

Salim Miguel elogia a estrutura da Jornada. Antes do evento acontecer, os inscritos para as palestras passam por encontros preparatórios, onde as obras são discutidas.

"Esta preparação deve ser imitada em palestras com estudantes e universitários. Assim as pessoas já chegam sabendo um pouco sobre o escritor. Elas não sabem apenas que o Salim Miguel é escritor e jornalista. A maioria já leu a obra. Assim, elas perguntam, tiram dúvidas, dentro daquilo que já haviam lido", diz ege

Escritor catarinense concorre a prêmio

GLAUCO SILVESTRE

O LIVRO "Nur na Escuridão" do escritor catarinense Salim Miguel, foi selecionado para a final de um dos maiores concursos de literatura do país. A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo premia as obras publicadas entre maio de 1999 e maio de 2000.

Participaram 180 escritores. Entre os 11 selecionados com o catarinense, estão Rubens Fonseca, Luiz Antônio de Assis Brasil, Domingos Pelegrini, e Antônio Torres.

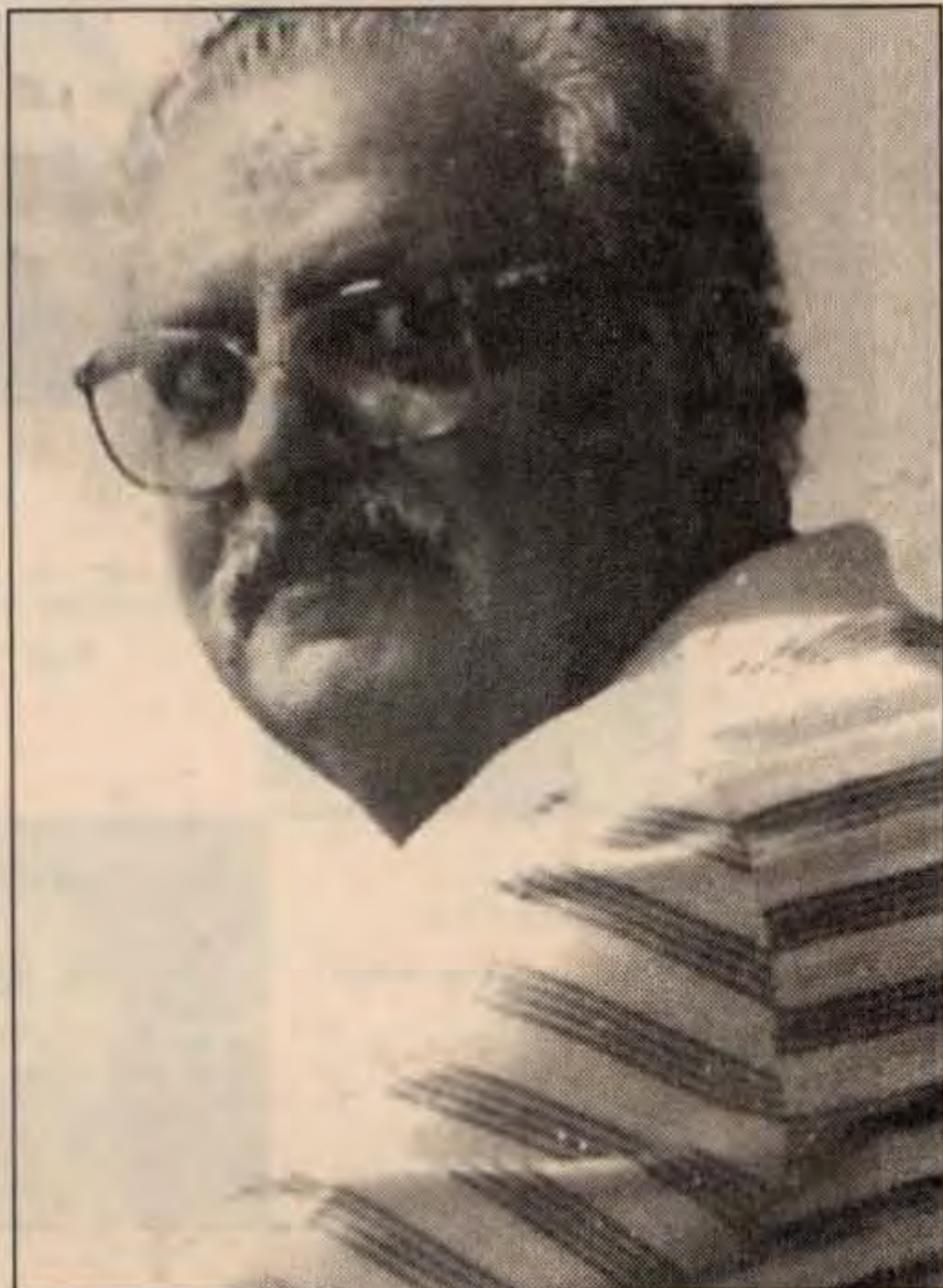
O prêmio para o vencedor é de R\$ 100 mil. A cerimônia de premiação acontece dia 28 de agosto em Passo Fundo RS, e deve contar com a presença de outros 10 escritores de outros países. O nome do vencedor será revelado no dia.

O Livro "Nur na Escuridão" relata as dificuldades da Imigração Libanesa para o Brasil, a integração e as transformações sociais no país, principal-

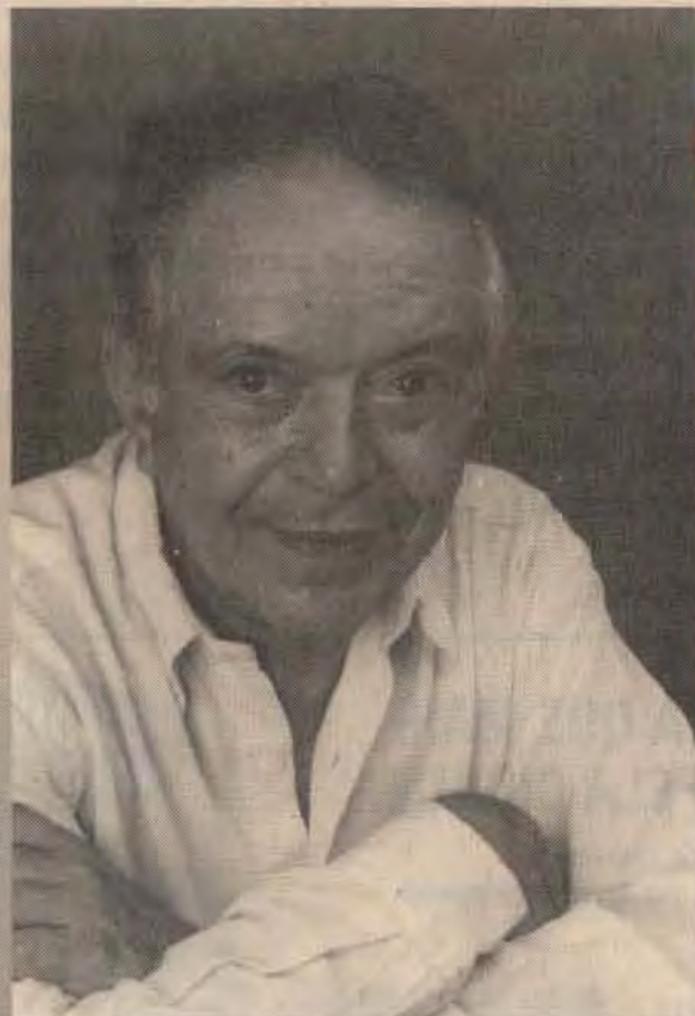
mente entre a década de 20 e 50. Segundo Salim, 70% do livro são relatos que se passaram com sua família entre Biguaçu e Florianópolis. Hoje a população de descendentes libanezes no Brasil chega a 6 milhões, maior que a do Líbano.

A obra é publicação da editora Topboocks do Rio de Janeiro. Salim Miguel tem 20 obras publicadas, a primeira "A velhice e outros contos" de 1951 e a última "Eu e as Corroíras" de 2001, pela Editora Insular.

Foto arquivo/OE



Escritor tem obras publicadas desde 1951



Nosso querido **Antônio Torres**

Meu querido canibal, o mais recente sucesso de Antônio Torres, acaba de receber o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon, da Jornada Literária de Passo Fundo. A Editora Record mais uma vez parabeniza Torres, um dos mais importantes escritores brasileiros deste século, e cumprimenta, ainda, Salim Miguel, também vencedor do prêmio.



www.record.com.br

Salim Miguel recebe homenagem

O escritor Salim Miguel será homenageado durante o Circuito Cultural Banco do Brasil, que acontece de 10 a 16 deste mês em Florianópolis. O catarinense vencedor do prêmio da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (dividido com o baiano Antônio Torres) participará da Roda de Leitura com Nelson Motta, que acontece na quinta (dia 13), no auditório da Justiça Federal.

A programação do Circuito (CCBB) foi apresentada ontem na superintendência regional do banco, na Praça XV, na Capital. Durante a próxima semana, haverá exposições, mostras de vídeo e cinema (ver box), seminários, apresentações com músicos locais e um show com Fernanda Abreu (abertura da Electric Circus).

Para a Roda de Leitura com Nelson Motta, no antigo Cecomtur (Rua Arcipreste de Paiva, ao lado da Catedral), o ingresso será um quilo de alimento não perecível. Os ingressos para o show de Fernanda Abreu no Teatro Ademir



SHOW NACIONAL: Fernanda Abreu estará dia 15 no Teatro do CIC

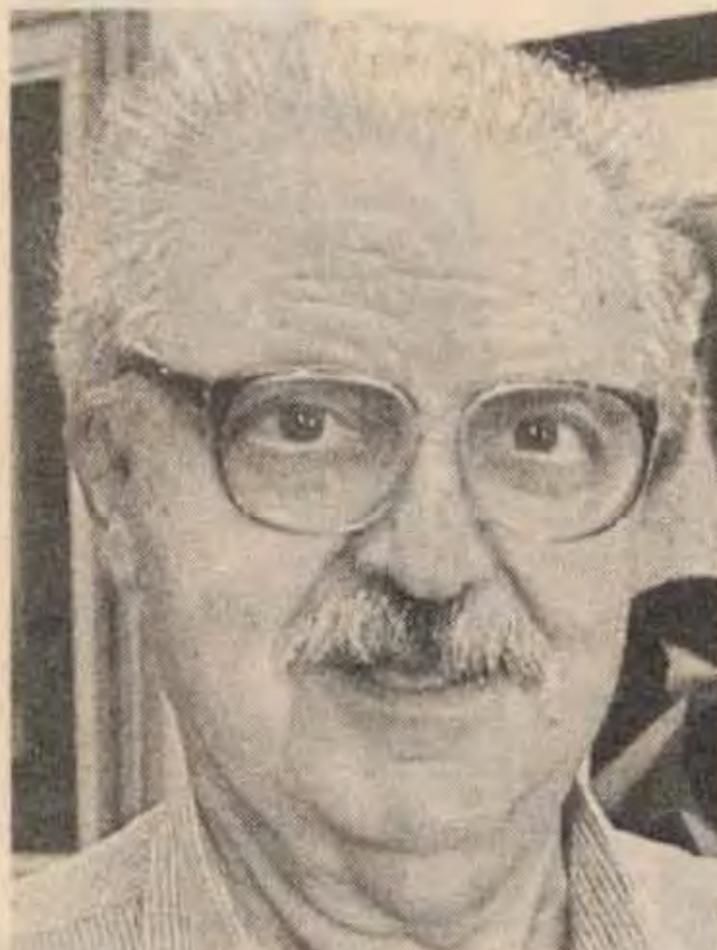
Rosa, no Centro Integrado de Cultura, custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), mais um quilo de alimento, que será doado a instituições assistenciais catarinenses.

O projeto já foi realizado em 17 cidades brasileiras, arrecadando cerca de 45 toneladas de alimentos. Em Santa Catarina, o CCBB acontece apenas em Florianópolis,

mas o banco estuda pedidos de cidades como Jaraguá do Sul, Joinville, Blumenau, Itajaí e Chapecó.

Estão incluídos na programação dois seminários, de Cobertura Jornalística Cultural (na Unisul) e de Cultura, Marketing e Cidadania (no auditório da Justiça Federal), e um curso de Formação de Platéia em Música.

O personagem



Salim Miguel

Aos 77 anos, o escritor, que é um patrimônio vivo da cultura catarinense, comemora o cinqüentenário do lançamento de seu primeiro livro. Ele também recebeu este ano dois dos maiores prêmios literários nacionais com seu romance *Nur - Na Escuridão*. De quebra, foi o líder da pesquisa DC que enumerou os 12 melhores escritores catarinenses em atividade, e esta semana será homenageado na Unisul e pelo Circuito Cultural Banco do Brasil. Semana cheia para o homem de letras.

078 - MENEZES, Cacau. Salim é sucesso. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 06 jul. 2000. Cacau Menezes, p.55.

Salim é sucesso

Continua a fazer enorme sucesso o último livro do escritor catarinense Salim Miguel, *Nur na Escuridão*, escolhido pela Associação Paulista de Críticos de Arte como o melhor romance do ano.

□ Na última edição da revista *Vogue*, que comemora 25 anos, Salim Miguel é um dos 11 destaques em Literatura, escolhidos por um grupo de consultores da revista para a reportagem *Quem Faz Acontecer na Cultura Brasileira*.

□ Completam a lista, além de Salim, Rubem Fonseca, Rachel de Queiroz, Wilson Martins, Marilena Chauí, Ziraldo, Paulo Coelho, Affonso Romano de Sant'Anna, Luís Antônio de Assis Brasil, Ana Miranda e Menalton Braff.

LITERATURA

CRIS GUTKOSKI

Não tinha livros em casa o menino que 70 anos depois dividiria com Antonio Torres o 2º Prêmio Passo Fundo Zafari & Bourbon de Literatura. O pai queria mas não podia comprar esses luxos. Galgar montanhas, porém, já era uma constante na história daquela família de imigrantes libaneses, e Salim Miguel, pirralho recém-alfabetizado, entrou numa livraria e propôs tomar os volumes de empréstimo, devolvendo-os intactos. Nada feito. O livreiro, cego, preferia que ele lesse ali mesmo, em voz alta, uma diversão solidária que se prolongou por anos e ajudou a formar o escritor de ficção e de crítica literária.

Nur na Escuridão, premiado na semana passada em Passo Fundo, foi reconhecido também pela Associação Paulista de Críticos de Arte como melhor romance de 1999. É um relato comovido de transplantes vários, geográficos, econômicos e emocionais, por que passaram os pais de Salim desde que deixaram o Líbano, em 1927, e aportaram no Brasil sem dinheiro, sem emprego, órfãos da língua e ainda desconhecendo as dimensões do país-continente. As pausas da narrativa, muita vírgula e pouco ponto, e o movimento pendular do tempo fazem jorrar livremente as lembranças, imagens e frases inteiras que a memória do menino guardou por décadas. Estão lá a primeira palavra ouvida em português, a primeira manifestação de racismo, a primeira mulher recendendo a sexo - "tudo nela chama atenção", e as últimas jóias que a mãe vendeu para pagar dívidas e tocar a vida. A primeira, a segunda e a terceira mortes na família, antes do fim do patriarca, "um excelente professor no Líbano e um péssimo comerciante no Brasil", define o primogênito.

O leitor onívoro tomou impulso nas dificuldades financeiras, e o escritor, 20 anos depois, enredou-se no mesmo incentivo. Sem emprego, Salim virou recenseador do IBGE, em 1950, e pôde entrar nas casas de dezenas de brasileiros que lhe contavam histórias fantásticas. Os mais velhos, sobretudo, os mais falantes. As confidências receberam tratamento ficcional e foram publicadas em *A Velhice e Outros Contos*, em 1951. Bateu a dor da consciência da exposição pública de sentimentos privados, mas Salim lembrou que até o grande William Faulkner havia violado correspondências para melhor descrever seus personagens. Sentiu-se em boa companhia - "Eu não pedi que as pessoas me contassem, não violo o segredo delas" - e foi em frente na literatura.

Sonhos sólidos, páginas impressas

Filho de desterrados libaneses, preso político no Brasil da ditadura, o escritor catarinense Salim Miguel revisa sua trajetória e fala de seu obstinado amor pelos livros

As mudanças abruptas de casa, a violência do desterro que marcou os pais repetiram-se na biografia do filho vidrado em livros. Em 1964, Salim tinha 40 anos, esposa e quatro filhos para sustentar como jornalista em Florianópolis, e precisou fugir da repressão policial aceitando um salário insuficiente na Agência Nacional do Rio de Janeiro. Em três meses, acumulou dívidas com seis pessoas e dois bancos. As coisas só se equilibraram porque ele arrumou um segundo emprego, nas revistas da Bloch Editores, e passou a trabalhar das 8h às 23h. Saiu do Rio demitido, 14 anos depois, por usar uma tarja preta em apoio à primeira greve dos jornalistas profissionais da capital fluminense.

Sempre fui um homem de esquerda - ele frisa, falando longamente na sala de estar do hotel em Passo



Pelo romance "NUR na Escuridão", Salim Miguel recebeu na semana passada o prêmio da Jornada Literária de Passo Fundo

Fundo, depois de um bate-papo no Teatro Municipal com um grupo da terceira idade.

Salim Miguel está com 77 anos. Tem 18 livros publicados, e mais um a caminho. Não faz muito, de 1993 a 1996, dirigiu a Fundação de Cultura de Florianópolis. Antes, por oito anos, foi diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Editou a revista literária *Ficção*, nos anos 70, e foi um dos líderes do Grupo Sul, movimento que marcou a vida cultural catarinense nas décadas de 40 e 50. Aquele senhor de suspensórios fala sem parar e parece não ter tido tempo para ficar quieto. Junto com a mulher, Eglê, integrou-se à programação da 9ª Jornada Nacional de Literatura. Best-seller na feira do livro do Circo da Cultura, precisou dar bronca na editora, a Topbooks, porque ficaram de mandar 200 exemplares de *Nur na Escuridão* e só chegaram 100 a Passo Fundo. Filho de desterrados, ex-fugitivo no próprio país, Salim sabe dar valor à solidão dos sonhos e das páginas impressas.

PRIMEIRAS LETRAS, RECORTADAS

"Brincando, mas nem tanto, digo que comecei a escrever antes de aprender a escrever. Tinha lá os meus oito anos e recortava pedaços de papel pardo da vendola do meu pai, cortava letras de palavras de jornais (eu ainda não tinha sido alfabetizado), colava aquilo, fazia traços na perpendicular, na horizontal, na vertical, fazia círculos, pontilhados. De noite, as crianças se reuniam nas portas das casas. Daí, ou eu fazia um relato em cima daquilo, que já era uma maneira de fazer reportagem, ou reinventava histórias que meu pai me contava, lá da terra dele, do Líbano. Eu recitava principalmente uma leitura que me marcou para sempre, que foram *As Mil e Uma Noites*. Há alguma coisa desse livro em toda a minha obra ficcional."

PROPOSTA INDECENTE

"Lá pelos oito anos, nem bem alfabetizado, passei a ler desbragadamente, e comecei a escrever pouco depois, embora tivesse o bom senso de nunca ter publicado nada. Ao mesmo tempo em que escrevia ficção, eu anotava reflexões sobre aquilo que estava lendo, criando ainda. Durante anos, li para um livreiro, poeta e cego. Meu pai era muito pobre e não tinha como comprar livros. Li os poucos da biblioteca do grupo escolar, mais alguns de parentes e amigos, e de repente decidi ir à livraria fazer uma proposta para o livreiro. Cheguei lá e ele não aceitou. Mas me fez outra: ele também tinha igual fome de leitura. E disse: "Podes ler aqui o tanto que tu quiseres, mas em voz alta para mim". Eu tinha uns 10 anos. Durante uns dois, três, quatro anos, eu lia em voz alta absolutamente tudo o que você pode imaginar. E já anotava criticamente o que estava lendo. A minha vocação era para a crítica. Eu lia Shakespeare, Castro Alves, Olavo Bilac, José de Alencar, aventuras de Tarzan, de escritores como Robert Louis Stevenson."

O CRÍTICO

"Hoje me considero não uma sumidade, mas uma relativa autoridade em literatura hispano-americana, porque durante oito anos fiz crítica literária para o *Jornal do Brasil*, como frila fixo. Li todos os escritores da década de 60 a 70, a fase mais produtiva, e escrevi sobre todos eles. Jorge Luis Borges, Ernesto Sábato, Bioy Casares, Leopoldo Marechal, que pouca gente conhece, o uruguaio-argentino Horácio Quiroga, Onetti, e na Colômbia, Álvaro Mutis e García Márquez. No Chile, além do Neruda, José Donoso. Por incrível que pareça, conhecemos muito pouco da literatura latino-americana, e eles nos conhecem menos ainda. O primeiro livro que li em espanhol foi *Dom Segundo Sombra*, do Ricardo Güiraldes, um clássico. Foi publicado em 1926, e em meados da década de 30, em Biguaçu, eu já estava lendo. Até hoje não sei como ele chegou lá. Publiquei os meus primeiros textos de crítica logo que comecei a publicar ficção, em fins da década de 40. Primeiro num jornal de Florianópolis, e depois como free lance para jornais e revistas do Rio. Nos 50 anos da morte do Machado de Assis, cometi um texto sobre o nosso maior escritor, dizendo que, mesmo nos romances mais realizados, que eram verdadeiras obras-primas, ele era também um contista."

A ESTRÉIA COM O IBGE

"Meu primeiro livro saiu em 1951, *A Velhice e Outros Contos*. Esse eu devo ao IBGE. Estava mais ou menos desempregado, o Brasil atravessava uma crise, me candidatei para ser recenseador e fui aprovado. Com sacola, manual de instrução e formulário, batia nas portas. Quando eram pessoas idosas, velhos, a primeira coisa que eles faziam era abrir a porta, me mandar entrar e sentar. Serviam cafezinho. Começavam a conversar e não paravam. Nessa idade, a pessoa resolve reavaliar a vida e ver o que poderia ter feito diferente. Se o IBGE não melhorou minhas finanças, devo a ele o fato de ter publicado meu primeiro livro. O agente deflagrador do processo narrativo é um agente censitário, que sou eu. São oito contos, cinco resultaram do meu trabalho no IBGE. Publiquei meu primeiro livro aos 27 anos. Para o Brasil daquela época, eu já era um velho. Todo mundo achava que devia publicar o primeiro livro aos 18. Só que ninguém era Rimbaud."

CADÊ O NOVO DRUMMOND?

"Até cinco anos atrás fui um devorador de livros. Conheço e tenho absolutamente tudo que se publicou nos últimos 50 anos no Brasil. Não compreio tudo, comprei uma parte, mas, como exercia efetivamente a crítica, as editoras me mandavam os títulos. Acho que a literatura brasileira atravessa ciclos de produtos mais ricos e menos ricos. Temos a afirmação de alguns nomes, mas não vejo uma grande revelação, não vejo alguém que diga "Vou marcar o meu momento e vou marcar um momento na literatura brasileira". Na poesia, por exemplo, não tem ninguém que me encha os olhos como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Mario Quintana,

Manuel Bandeira... Não vejo, com a ressalva de que pode ter aparecido alguém importante nos últimos cinco anos. Com as dimensões continentais do Brasil, a gente sabe o que acontece em Santa Catarina, sabe um pouquinho do Rio Grande, mas não tem como saber o que vai pela Bahia, Maranhão, Amazonas."

LEITOR COM SAUDADES

"De cinco anos para cá, estou com problema visual. Tive que reduzir drasticamente a leitura. O problema não tem cura, se chama retinopatia degenerativa, um palavrão. A retina vai perdendo a capacidade e aos poucos vão surgindo neovasos, que sangram. Tenho visão periférica na vista direita e, na esquerda, uns 20% da visão prejudicados. Li quatro a seis horas por dia durante mais de 60 anos. Hoje arranjei uma gastrite crônica, vivo sob tensão e depressão."

LUZ NA ESCURIDÃO

"Muitos descendentes de libaneses que compram o livro me escrevem querendo saber o que é *NUR*. Não é dialeto, é uma palavra culta. A pessoa acaba perdendo suas raízes. Ninguém tem obrigação de continuar sabendo o que são as palavras árabes, com exceção de quibe e Maktub. Sempre tive bom jeito para títulos. Mas este devo ao meu filho que trabalha na imprensa do Rio (*Antonio Carlos Miguel, crítico musical de O Globo*) e a minha mulher. Costumo dizer que não tenho nenhuma culpa, mas, dos meus cinco filhos, três trabalham na imprensa. Quando o livro foi aceito pela editora, eu estava em dúvida com o título. E, de repente, os dois me disseram assim: "Usa aquela palavra que aparece no primeiro capítulo, que quer dizer luz." Ia causar um estranhamento. E não é que funcionou? O *NUR* puxou o livro. Tenho que dizer que não é ruim. No ano em que saiu, ganhou o prêmio de melhor romance do ano atribuído pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. "Luz na Escuridão" ia parecer auto-ajuda, não me lembrei disso, mas é perfeito. No início do livro, estamos em 1927 e esta família desce no cais do porto da Praça Mauá. É a minha família. Avanço até 1979, quando o patriarca, já bem idoso, tenta recuperar o passado. E conta como chegou ao Brasil. No anoitecer, no cais do porto, ele só tem uma caderneta onde está rascunhado em português o endereço de um parente que morava no Rio. A irmã do meu pai morava em Magé. Meu pai não sabia absolutamente nada do que estava no rascunho. Ele chamou um motorista de táxi, mostrou o endereço, acendeu um palito de fósforo, que se apaga, acende o segundo, se apaga, luz é a primeira palavra em português que a família ouve. Para meu pai, uma pessoa que havia sido um excelente professor no Líbano e um péssimo comerciante no Brasil, ela tem uma série de símbolos."

A VELHICE DESDE JOVEM

"Eu parei 18 anos de publicar, não de escrever... Durante muito tempo publiquei pouquíssimo, alguns contos, rasguei muito, porque não estava achando que eu tinha o que dizer. Os temas dos escritores são poucos, a maneira de cada um tratá-los é que define e diferencia um

escritor do outro. Escolhi como temas velhice e morte, tempo e memória, o psicológico e o social. Se a pessoa percorrer meus 20 livros, incluindo os três de crítica literária, vai encontrar como constante, até obsessiva, esses temas. Na verdade, se me pedirem uma explicação lógica, talvez hoje até eu tivesse. Mas isso me acompanha desde a primeira infância, não sei porque naquela época eu já tinha essa obsessão pela velhice e pela morte. Talvez porque essa marca de pessimismo dos árabes, esse Maktub, que quer dizer 'estava escrito', seja um componente. Embora cético e descrente, às vezes o Maktub mexe com minhas certezas."

O PRÊMIO

"Ter ficado entre os 11 finalistas num universo de 190 romances publicados nos dois últimos anos, já é um prêmio. Me perguntaram qual era a expectativa: era a mesma dos outros 10 autores. Por que não eu ganhar esse prêmio? Estava em igualdade de condições. Podia ganhar o Rubem Fonseca, que era mais nome do que eu, Domingos Pellegrini, Patrícia Melo, Assis Brasil, Márcio Souza, Antonio Torres, que também ganhou. Com exceção de Patrícia e da moçambicana, conheço a obra de todos os finalistas. Meu livro não era inferior ao deles."

O PRÓXIMO LIVRO

"Acho importantíssimo trabalhar, se não a gente caduca. Principalmente estando velho... O que nos mantém é a atividade. Publiquei em 1994 *Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia*, contando a minha experiência como preso durante o golpe militar de 1964. Demorei a publicar porque não queria fazer um livro com mágoa, com ressentimento, queria algo racional sobre o que foi aquilo. Fiquei 48 dias preso, com mais 60 pessoas, num alojamento no quartel da polícia militar de Florianópolis. Não consegui prosseguir com esse livro, que é de memórias ficcionalmente trabalhadas, com a narrativa na primeira pessoa do singular. Querida algo distante de mim, mas a terceira pessoa dava um distanciamento que não me interessava. Escrevi na segunda pessoa. O livro que estou começando agora não vai ser muito grande, mas já tem título: *Viver a Vida: Narrativas de um Exílio do Rio*. Cheguei ao Rio com um emprego na Agência Nacional, que era órgão de divulgação do governo federal. Como o Brasil é um país surrealista, fui demitido do emprego de assessor de imprensa do governo do Estado, mas não perdi o posto no Rio. O escritor Adonias Filho assumiu como chefe e conseguiu segurar o meu emprego. Em Florianópolis, continuavam pressionando para que eu voltasse a ser preso e mais, demitido. No começo, eu ganhava, vamos dizer, 60 reais de salário e pagava 80 reais de aluguel de apartamento. Sobrevivi pedindo emprestado a quatro irmãos, a dois cunhados e a dois bancos, até arranjar um segundo emprego nas empresas Bloch. A minha mulher passou a traduzir inglês, francês, espanhol, alemão, italiano... Imagine fazer isso e ainda cuidar de quatro filhos que nunca tinham chegado perto de um apartamento, que tinham entre quatro e 10 anos. Durante anos, eu trabalhava das 8h às 23h."



O romance *NUR na Escuridão* (Topbooks, 260 páginas, R\$ 25) valeu para Salim Miguel um prêmio de R\$ 100 mil, dividido com o baiano Antônio Torres, autor de *Meu Querido Canibal*



A Universidade de Passo Fundo agradece aos patrocinadores por ajudarem a escrever uma nova página no apoio à cultura deste país.



A consagração de dois Brasis

O catarinense Salim Miguel e o baiano Antônio Torres dividem o 2º Prêmio Passo Fundo

CRIS GUTKOSKI

Surpresa no 2º Prêmio Passo Fundo Zaffari Bourbon de Literatura: os cobiçados R\$ 100 mil foram divididos pelo baiano Antônio Torres e pelo catarinense Salim Miguel.

Eles são autores, respectivamente, de *Meu Querido Canibal* (Record, 190 páginas, R\$ 22) e *NUR na Escuridão* (Topbooks, 260 páginas, R\$ 25), dois romances com focos diferenciados na História do Brasil. Torres volta ao tempo do Descobrimento e Salim, às primeiras décadas do século 20, quando desembarcaram no Rio os imigrantes libaneses.

Além de Torres e Salim, o gaúcho José Clemente Pozenato também foi lembrado. Levou uma menção honrosa pelo romance *A Cocanha*. Os premiados souberam da notícia às 17h de ontem, junto com um público de aproximadamente 4 mil pessoas que lotou o Circo da Cultura na abertura da 9ª Jornada Nacional de Literatura. Torres e Salim se declararam honrados com a divisão:

– Dada a qualidade dos concorrentes, ficaria até constrangido de receber o prêmio sozinho – disse Antônio Torres, logo depois, elogiando a companhia do catarinense, jornalista e editor da antiga revista *Ficção*, que publicava narrativas curtas inéditas da literatura brasileira.

Salim Miguel está completando em 2001 50 anos dedicados ao livro. Já foi gráfico, livreiro, distribuidor, editor, crítico literário e escreve também para cinema. *NUR na Escuridão* é seu 20º livro e demorou cinco anos para ficar pronto. Em 1999, foi reconhecido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte como o melhor romance do ano. Salim confessa que chegou a reescrever por nove vezes alguns dos capítulos.

Cada um dos escritores receberá cerca de R\$ 35 mil, já descontado o Imposto de Renda

A história da adaptação dos imigrantes do Líbano – que é a história de vida da família do autor – nas terras brasileiras começa em 1927, em desembarque atrapalhado no Rio, e termina 30 anos depois, com a morte do patriarca em Santa Catarina.

– Escritor é aquele que reescreve, que faz cortes no texto como quem corta a própria carne – disse Salim.

Nascido em Junco, no interior da Bahia, Torres estreou

na literatura em 1972 com *Um Cão Uivando para a Lua*. Seu livro mais famoso e mais traduzido é *Essa Terra*, de 1976, que dramatiza o retorno de um imigrante nordestino de São Paulo a sua terra natal. “Essa Terra tem no lastro biográfico a sua força original”, escreveu o poeta Afonso Romano de Sant’Anna sobre a obra. Torres é autor de 12 livros, entre eles *Balada da Infância Perdida* e *Um Táxi para Viena D’Austria*. Em 1999, o escritor baiano recebeu da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Sobre o personagem premiado, seu querido canibal, o índio Cunhambebe, homem de dois metros de altura, amigo dos franceses e inimigo dos portugueses nos primeiros anos da Colônia, Torres fala com paixão:

– Ele era o chefe dos tamoios, chefe da resistência dos nativos ao colonizador, e fazia a terra tremer. Meu livro é uma canibalização da história e da literatura. E eu tive um trabalho de cão para descobrir a história do ponto de vista dos nativos.

Os dois escritores já têm planos de livros novos, e o di-

nheiro do prêmio trouxe alento: vai financiar as pesquisas. O próximo personagem de Torres será um pirata francês que assaltou o Rio em 1711.

– Vai ser uma superprodução transatlântica – define.

Salim Miguel vai contar suas memórias em *Viver a Vida: Narrativas de um Exílio no Rio*. Ele foi preso após o golpe de 1964, quando era chefe da Agência Nacional em Santa Catarina, e fugiu da repressão escondendo-se no Rio. Trabalhava como jornalista das 8h às 23h e mal pagava o aluguel. Feliz, abraçado por amigos, o escritor posou para fotos com o cartaz do cheque de R\$ 100 mil e, passada meia hora da entrega do prêmio, disse que ainda nem sabia direito o valor total da parte que lhe cabia. Anote aí, Salim: R\$ 35.360 líquidos, já descontados o Imposto de Renda.



Miguel e Torres, autores de “NUR na Escuridão” e “Meu Querido Canibal”, respectivamente, usarão o prêmio para financiar seus novos projetos

clicRBS

www.clicrbs.com.br

Confira no ClicRBS outras informações sobre a Jornada Literária de Passo Fundo

Clarão de Nur

E. NEQUETE

.....
É missal de evocação e, entre claros e escuros da memória, a ciganear nas páginas do passado, o autor, Salim Miguel, vai sobrepondo imagens – ligeiros desenhos a lápis, aqui e ali, a nanquim, sem preocupar-se em colorir o retrato que, no correr da obra, resulta na figura do pai. Do libanês que se aventurou ao Brasil. Temos, então, à vista, velha fotografia em branco e preto, já gasta nas bordas à força de manuseada. Mas é um ser humano e não um naufrago do esquecimento. Agora, Nur, na *Escuridão* (este o título do livro) faz de Yusef, o pai, parente querido de quantos leiam a singela e comovente história do homem que amou o Líbano e amou o Brasil; que amou de amor intenso a mulher, pri-

meira namorada e amante eterna; que amou os filhos e tanto amou a poesia, que, mais do que fazer negócios, gostava mesmo era de mascatear lendas, fábulas, máximas e versos da herança ancestral – a maior riqueza trazida por ele na bagagem.

PERSONAGEM. O encantamento de Nur (luz, em árabe) mora no fato de que Salim, partícipe do drama, sabe conter-se e enxugar lágrimas que lhe turvariavam a real visão daquele pequeno mundo, no desejo de descrevê-lo em veracidade. Objetivo plenamente cumprido em todo o desenrolar do romance-testemunho. Seria Yusef a personagem principal? Não!

À medida que se lê Nur, percebe-se o legítimo centro de atração a que nos impele o tirocínio do autor. Ele consegue recompor a casa libanesa, o senso tribal da famí-

lia libanesa, capaz até de se dispersar pelo mundo, porém não perde jamais o anseio de união. Chegar à velhice, para o libanês, que bênção!- Poderá fazer do tempo o que quiser, jogar gamão, brincar com os netos e ser o primeiro a ser servido e o primeiro a ser consultado face a qualquer problema. No pátio comum, que une as várias moradias, êi-lo, à tardinha, aguardando a reverência dos membros do clã.

Nem somente Yusef e nem somente o clima da casa libanesa valorizam o extraordinário trabalho de Salim Miguel, já premiado e digno de mais prêmios. É um álbum de retratos, que a gente folheia para reencontrar fisionomias de gente, que a gente juraria ter conhecido.

Aceite nossa reverência, primo Yusef!

082 - ARAUJO, Paulo. Plano piloto. **Correio
Brasiliense**. Brasília, 28 set. 2000. p. 7.



UDESC - FAED - IDCH - COLEÇÃO SALIM MIGUEL

083 - MACHADO, Ricardinho. Em alta. **A Notícia**. Florianópolis, 10 abr. 2000. Variedades, p. 5.

Em alta

Não só a temperatura subiu neste veranico, mas a literatura catarinense também está em alta nesse mês de abril. Salim Miguel recebeu uma condecoração da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pelo livro “Nur na Escuridão” e é o entrevistado de amanhã de Leda Nagle, às 4 da tarde, na TV Cultura. E os escritores Alcides Buss e Olsen Jr. concorreram ao prêmio nacional de literatura, o reconhecido Jabuti.

Daí críticos já terem anotado a influência do cinema na minha escrita. No caso específico deste livro, imaginei-o em blocos, o primeiro compacto, que retraça a trajetória da família e a adaptação ao novo chão. Depois fios que complementam e ratificam ou retificam o que vinha sendo relatado. Outros blocos se juntam até o final, que de certa forma retoma o início.

A tradição da narrativa árabe e a pesquisa formal de uma literatura de vanguarda se encontram neste livro?

SM - Pelo menos é o que pretendi. E não só neste. Quem sabe, mais neste! A literatura árabe através da tradição oral, tão presente nas lendas e narrativas de meus pais, e dos livros que fui conseguindo; a vanguarda, pelas intermináveis leituras que venho fazendo (sou um leitor compulsivo) e de certo faro para o que é válido e mais me toca... Este romance é narrado numa terceira pessoa, que comporta várias e diferenciadas vozes.

Quais suas leituras preferidas?

SM - Leio de tudo. Na infância e adolescência lia o que me caía nas mãos, do pior ao melhor. Reconsidero: o que é melhor para alguém de 10-12 anos, ler e se emocionar com Buridan, ou **Os Mistérios da Torre de Nesle**, de Michel Zecavo, ou **As Dores do Mundo**, de Schopenhauer? Com o tempo fui descar-

tando o que me parecia supérfluo. Passei a ler mais ficção, ensaio, crítica, poesia. Agora, seleciono o que leio, releio mais.

A imigração (tanto voluntária quanto forçada, caso dos escravos africanos) foi um processo crucial para a formação do Brasil. No entanto, é quase ausente de nossa literatura. Como seria possível explicar este fato?

SM - Não creio que esteja tão ausente assim. No caso da gente africana vinda para cá escravizada, que em fins do século XIX, constituía metade da nossa população, a ideologia dominante combatia os pretensos males da mestiçagem e lutava por 'cartas de branquicidade'. A população negra era considerada 'os braços' que ajudaram a fazer a Nação, a mente e o coração não contavam. Quanto aos outros grupos, os europeus eram desejáveis, 'et pour cause', já orientais e levantinos... No presente, outras vozes já se fazem ouvir, valorizando o fato de sermos um cadinho, em que as diversas etnias só fazem enriquecer o patrimônio cultural do país. Sempre atento, o preto velho Ti Adão me sopra que é preciso fazer muito mais.

Considera este seu melhor livro?

SM - Não. Meu melhor livro é aquele que estou escrevendo. Um escritor nunca se deve dar

por realizado. O aperfeiçoamento precisa ser um processo contínuo. Quero prosseguir na busca, enquanto viver.

Biguaçu e personagens recorrentes são uma constante em sua obra. Qual o motivo?

SM - No início não foi uma escolha consciente, mas em dado momento me dei conta. Fiz de uma cidade real uma cidade mítica. Personagens me perseguem, querendo mais espaço. Hoje, por exemplo, nem sei quanto existe no preto velho Ti Adão e no cego, poeta e livreiro João Mendes (para quem li por quase seis anos, numa média de 5-6 horas por dia) do que eles realmente eram e do que lhes fui adicionando. Não me largam. Estão dentro de mim, como Biguaçu.

Vivendo há 70 anos no Brasil, em que você julga que permanece vinculado às origens libanesas?

SM - É estranho. Criança e jovem me rebelava. Deixei de estudar o árabe, muito embora a insistência de meu pai lembrando-me que um homem que sabe dois idiomas vale por dois. À medida em que fui envelhecendo, vi que meu pai tinha razão. Cada vez mais me sinto um líbano-biguaçuense. Mas minhas raízes são-estão no Brasil.

Novos meios como a Internet e o CD-Rom implicam na busca de nova literatura? Estes novos meios estariam tirando prováveis leitores dos livros ou poderiam ser usados como aliados?

SM - A falta de leitores é um

problema crônico entre nós. Necessitamos de uma profunda mudança na estrutura do país, menos miséria, mais saúde, mais e melhores escolas, bibliotecas nos bairros, incentivo à leitura. Para quem sabe ler, nada substitui o fascínio de um livro, que o autor escreve e o leitor reescreve. Os novos meios podem ser um aliado? Podem. Ou também um adversário. Tudo depende de como sejam usados esses suportes. Termino com uma frase modelar de Alberto Manguel, autor do excelente *Uma História da Leitura*, que retrucando a opinião de Bill Gates de que o livro vai acabar, ironizava: afirmar isto Gates escreveu um livro...

“NUR na Escuridão”

O que é nur?

Nome de mulher, luz, símbolo, liberdade?

Pode ser isso tudo ou nada. Muito mais ou muito menos. Quem sabe um signo premonitório.

E NUR na escuridão?

Embora haja uma pista logo na primeira página do livro, fica a sugestão ao leitor para que decifre o enigma, pois um texto é tanto mais instigante quanto maiores possibilidades de leitura oferece. Além da fruição, ele precisa provocar e fazer pensar.

O romance é calcado em dados reais, trabalhos ficcionalmente. Busca resgatar a saga de uma família de imigrantes libaneses que, almejando ir para os Estados Unidos, acaba trilhando os caminhos do Brasil. Bem como a complexa adaptação à nova terra. Maktub! Começa e se fecha em fins dos anos 70 e início dos anos

80. O núcleo central transcorre entre as décadas de 20 e 50. Sem cronologia fixa, circula pelo Líbano, Rio de Janeiro, Santa Catarina, aqui mais especificamente Biguaçu e Florianópolis. Montado como um jogo-de-armar, sua estruturação não é a de um romance convencional. Comporta labirintos, meandros, idas-e-vindas, interrogações, alegrias e desencantos, dúvidas e certezas, ratificações e retificações.

Os descendentes de libaneses no Brasil ultrapassam 6 milhões, mais que a população do Líbano. No entanto, a bibliografia a respeito é extremamente rarefeita. Este livro visa ser mais uma contribuição para alargar o conhecimento de uma etnia, parte do leque das etnias constituidoras do diversificado universo sócio-cultural brasileiro.



MAGAZIN MODERNO

Enxovais

- Cama
- Mesa
- Banho

A saga de imigrantes libaneses nos caminhos do Brasil

Antoninha Santiago
de Florianópolis

Jornalista, contista, romancista, crítico, argumentista e roteirista, Salim Miguel aproveita todas estas facetas para contar a saga de uma família de imigrantes libaneses no Brasil em *Nur – na escuridão*, que está sendo lançado a partir das 20h de hoje no Museu Cruz e Sousa, em Florianópolis. Em Santa Catarina, o livro editado pela Topbooks do Rio de Janeiro, terá ainda mais um lançamento na Câmara de Vereadores do município de Biguaçu no dia 3 de dezembro. Isto porque, segundo o autor, que se define como um libano-biaguaçuense, boa parte do livro se passa nestas duas cidades.

Nascido no Líbano, Salim Miguel chegou ao Brasil em 1927 com três anos de idade e, aos quatro anos, a família já se encontrava em Santa Catarina sendo que, em Biguaçu, o escritor viveu até os 19 anos. Não por acaso, *Nur*, como seus trabalhos anteriores, tem referência aos relatos dos pais sobre a própria história

Salim Miguel lança hoje no Museu Cruz e Sousa *NUR – na escuridão*, sua 18ª publicação

além do sempre relido *Mil e uma noites*. Entretanto, para traçar um retrato do Brasil das décadas de 20 a 50, Miguel recorreu a pesquisas e consultas que permitiram a ambientação de seus personagens ficcionais em fatos históricos reelaborados.

Jogo de armar

Sem obedecer uma cronologia fixa, em *Nur* Salim Miguel circula pelo Líbano, Rio de Janeiro, Florianópolis e Biguaçu, montando a estrutura do livro como um jogo de armar, sem a linearidade de um romance convencional. “Uma história que comporta labirintos, meandros, idas-e-vindas, interrogações, alegrias e desencantos, dúvidas e certezas, retificações e ratificações”, descreve o autor. Para narrar a saga de uma família libanesa que, de mudança para os EUA, passa por imprevistos

que acabam por alterar a rota e os planos fazendo com que venham parar no Brasil, Miguel se inspirou também na biografia do pai e história da própria família, recentemente também resgatada em livro.

Se referindo ao relato auto-biográfico do pai, traduzido do libanês por Alia Haddad, Salim Miguel explica que “a leitura do livro ao mesmo tempo me ajudou e me criou problemas. Por exemplo, um incidente de viagem que meus irmãos e eu considerávamos esclarecido (a mudança de nosso destino) era diferente do que conhecíamos. Isto criou um impasse até que me dei conta de que não estava fazendo um romance histórico mas aproveitando elementos da realidade para criar uma ficção”.

Assim, ambientes e vivências de infância estão presentes em boa parte de sua obra ficcional cuja escrita

tem forte influência da linguagem cinematográfica “como muitos críticos já perceberam”, lembra Miguel. Isto porque o processo de criação do autor não se dá a partir de situações estanques, organizadas. “O que me aciona é um som, uma imagem, uma paisagem”, descreve. “Pronto o livro, começo a reescrever e a montar como quem monta um filme.”

No caso de *Nur, na escuridão*, o autor imaginou a obra em blocos. O primeiro, compacto, retrata a trajetória da família e a adaptação ao novo chão. Depois, fios que complementam e ratificam ou retificam o que vinha sendo relatado. Outros blocos se juntam até o final, que de certa forma retoma o início”, descreve Salim Miguel. Desta forma, misturando fatos e lugares reais com a ficção, o autor mais uma vez utiliza Biguaçu, sua cidade de infância e adolescência, e personagens recorrentes, para compor *Nur – na escuridão*: “Fiz de uma cidade real uma cidade mítica. Personagens me perseguem, querendo mais espaço. Eles estão dentro de mim, como Biguaçu”, admite o escritor. ■

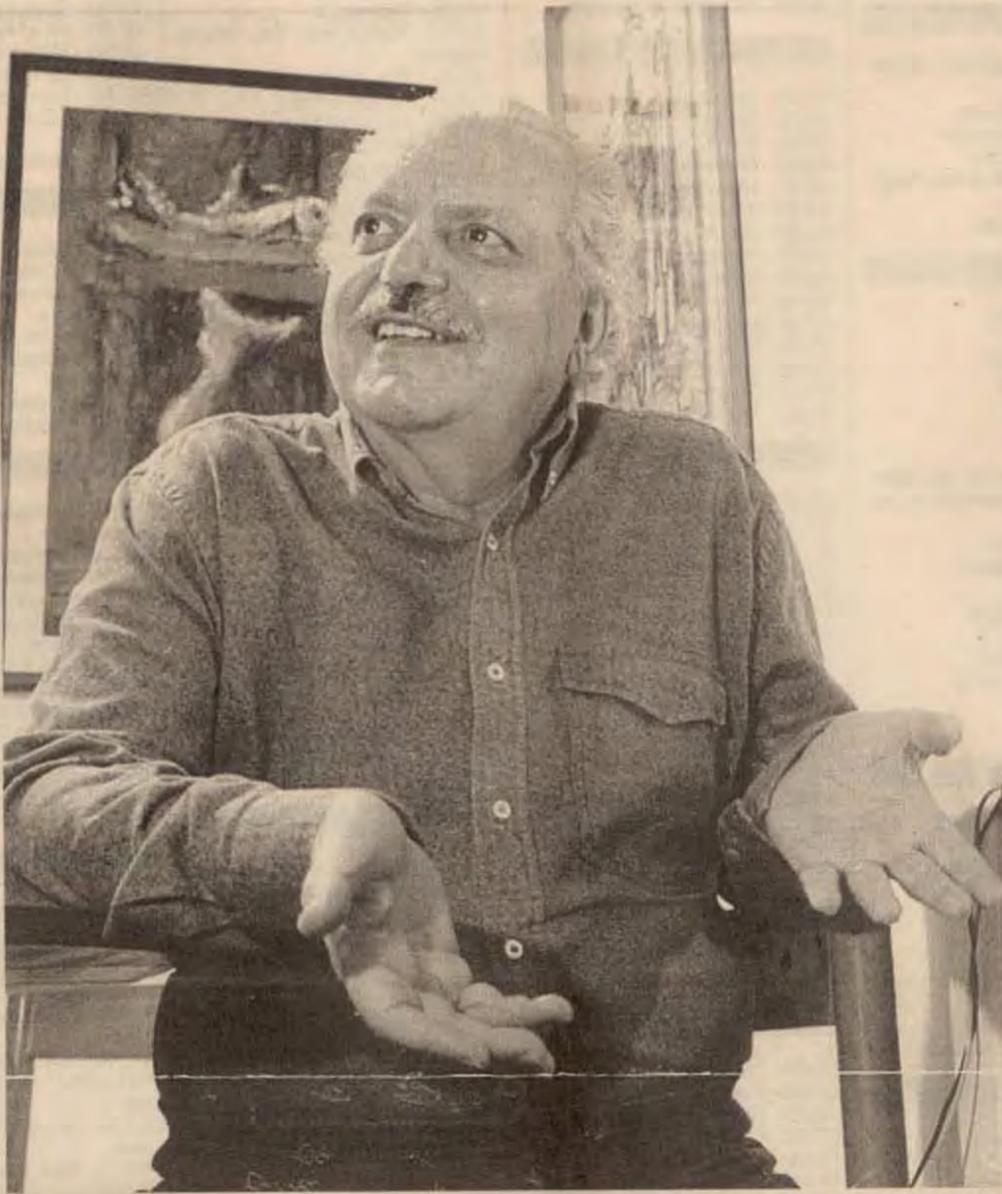
A saga de uma família libanesa

Escritor Salim Miguel lança amanhã o livro *Nur - Na Escuridão e joga luz no passado de SC*

Valéria Rivoire
FLORIANÓPOLIS

O escritor e jornalista Salim Miguel lança amanhã, às 20h, no Museu Cruz e Sousa, em Florianópolis, seu 18º livro. *Nur - Na Escuridão* é um romance que retrata o Brasil das décadas de 20 a 50 através das histórias de uma família de imigrantes libaneses. A obra da Topbooks Editora, do Rio de Janeiro, possui 258 páginas e é um dos poucos trabalhos lançados no Brasil que fala da etnia libanesa.

Natural de Farssouroun, Líbano, Salim Miguel chegou ao Brasil ainda criança. Depois de deixar o interior do Rio de Janeiro, ele seguiu com a família para Biguaçu, onde permaneceu dos cinco aos 19 anos. "Costumo dizer que sou um cidadão líbano-biguaçuense", brinca o escritor. O livro faz um passeio entre Biguaçu e Florianópolis, dá um pulo ao interior do Rio de Janeiro, passa rapidamente por dois municípios libaneses e em Marselha, na França, traçando o trajeto destes imigrantes. "São apenas fragmentos de minha gente que estão no livro", adianta. O projeto é um antigo sonho seu. Foram quase dois anos trabalhando na busca de informações através de pesquisa, depoimentos e levantamentos de dados. O resultado é uma obra curiosa que não teve a pretensão de narrar a história do Brasil, mas sim contá-la através das situações vividas por integrantes de uma família libanesa.



ROBERTO SCOLA/DC

Diário Catarinense - O que quer dizer a palavra árabe Nur?

Salim Miguel - Quer dizer luz, mas pode ser símbolo, liberdade, o nome de uma mulher, um dos nomes de Alá, ou um signo premonitório. Há vários significados e eu procurei jogar com todos eles dentro da estrutura do romance.

DC - Do que se trata o romance?

SM - Fala de uma família de imigrantes libaneses no período entre 1927 até a década de 50. Sua história se confunde com a história do Brasil e suas transformações com a queda de Washington Luiz, a vitória de Getúlio em 1930, a chamada Intentona Comunista de 1935, o golpe de 1937, a guerra de 1939, a entrada do Brasil na Grande Guerra. Tudo vai sendo visto, não através de um elemento histórico, mas a partir desta família de imigrantes. Cinqüenta por cento da história se passa entre Florianópolis e Biguaçu onde morei dos cinco aos 19 anos. Outra parte vai para o interior do Rio de Janeiro, em Magé onde foi o primeiro lugar que a família morou. Há ainda uma pequena parte que em Marselha, na França, e em dois municípios libaneses, o Amiun, cidade natal de minha mãe, e Farssouroun, onde nasceu meu pai, eu e minhas duas irmãs. A família aumentou depois no Brasil e em São Pedro de Alcântara, que também está no livro, nasceu minha primeira irmã brasileira.

DC - Trata-se de uma ficção que fala

MUITOS NOMES: Salim Miguel diz que *Nur* pode ser símbolo, liberdade e signo

de uma família, mas que tem como pano de fundo a história do Brasil. Como é esta família?

SM - São seis pessoas e é a minha própria família, ou melhor, fragmentos de minha família. Os nomes são todos verdadeiros. Já preveni meus parentes para que não procurem no livro a sua história. Os elementos básicos são montados em cima do que ia acontecendo. Por exemplo: o primeiro capítulo que se chama *Luz*, começa com o desembarque no dia 18 de maio de 1927, no cais do porto da Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Isso está nas seis primeiras linhas. De repente, já não se está mais no cais do porto. Passamos para as histórias de um velho, que é o meu pai, que conta como foi a sua chegada ao Brasil.

Sem saber para onde ir, ele lembra que anotou numa caderneta o nome e endereço de um patrício. Ele chama um motorista de táxi que conhece o local. O motorista é negro e seu filho, com apenas três anos de idade, fica muito espantado porque no Líbano não existiam negros. Este motorista terá uma importância mais tarde na vida desta criança e que é contada mais adiante. E assim o livro segue com situações deste tipo.

"Tive a preocupação de fazer com que o leitor entendesse as muitas palavras em árabe sem que fosse preciso usar chamadas de pé de página"

Diário Catarinense - O senhor passou por quatro editoras para poder lançar o livro. Como foi esta busca?

SM - Passei por quatro editoras. Uma de São Paulo e três do Rio de Janeiro. Duas não me responderam, a terceira aprovou o livro no início do ano, mas depois entrou em crise. Era uma grande editora brasileira que não convém citar o nome, pois esteve praticamente pra fechar. Se interessou mas me pediu para que eu segurasse o projeto. Resolvi segurar até conseguir outra. De repente, a Topbooks do Rio, que também havia recebido o projeto, me telefonou dizendo que o livro estava aprovado.

DC - A editora Topbooks já conhecia seu trabalho?

SM - Sim, inclusive me conhecia como jornalista.

A editora é comandada por José Mário Pereira, que também é um jornalista. Ele ficou muito entusiasmado com o livro também pelo fato de estarmos entrando no ano 2000. Pois a obra é sobre uma etnia que, praticamente, não tem literatura no Brasil, embora os descendentes de libaneses no país sejam em torno de seis milhões de pessoas, o que corresponde à população do Líbano.

DC - Como você explica esta falta de referência literária da etnia libanesa, já que há tantos descendentes no país?

SM - O que acontece é o seguinte: somos dezenas de etnias, mas qual é a que predomina? A alemã e a italiana. Então, o que existem de livros tanto na área de ficção como de estudos destas duas etnias é imponderável, não tem como contar. Das outras etnias já é menos e de sírios e libaneses é mais raro ainda. Tem um estudioso em Santa Catarina que está fazendo um levantamento de tudo que existe de documentos, artigos, depoimentos, livros reportagens de sírios e libaneses. Ele disse que não chegam a 300 títulos reunindo tudo. Então o meu romance chega num momento oportuno?

DC - O livro tem 30 capítulos divididos em cinco blocos. Esta divisão foi feita justamente para ajudar o leitor neste vácuo no tempo?

SM - Sim. O primeiro bloco é o mais extenso com mais de 20 capítulos. Nele é narrado a história da família e dos períodos que ela vai atravessando. Depois segue com outros vários blocos, um deles chamado *Fios* que traz coisas que não foram definidas no primeiro, mas que serão resolvidas neste. Já *Perfis* traz algumas pessoas que marcaram a vida da família. Em *Mortes* são narradas as perdas de seus integrantes. Como dá pra notar, não se trata de um romance linear com começo, meio e fim, embora eu ache que ele tem fluência, ou seja, a pessoa vai gostar da história, vai se envolver.

DC - Como foi a escolha do título do livro, que não deixa de ser curioso?

SM - Ele teve três títulos. O primeiro era *Makut Tub* que significa "estava escrito, aquilo que tem pra acontecer, acontece". Neste meio tempo apareceu um livro com este mesmo nome, então tive que trocar. O segundo era *Sementes* porque pouco antes do meu pai falecer, em 1981, ele me viu muito abalado e pediu para que eu sentasse ao seu lado na cama. Pegou na minha mão e disse: "o que você queria, que eu ficasse pra semente?" Acontece que me alertaram que com este título meu livro iria acabar nas prateleiras de agricultura (risos). Depois surgiu *Nur - Na Escuridão* que foi uma idéia de meu filho. Fiquei em dúvida e perguntei para o editor José Pereira o que ele achava e ele respondeu: "Ou este título vai ajudar a alavancar as vendas ou não, vamos tentar."

DC - O senhor utiliza muitas palavras árabes no livro. Como o leitor vai entender seu significado?

SM - Tive a preocupação de fazer com que o leitor entendesse estas palavras sem que fosse preciso usar chamadas de pé de página. Perderia o sentido e não seria mais um romance. É um torneio de frases pelo qual eu não preciso explicar colocando em seguida da palavra seu significado. A maneira como eu resolvi isso foi simples. Tem um capítulo, por exemplo, que se chama *Nard* que em português quer dizer gamão, o jogo. O leitor vai saber do que se trata no desenvolvimento do capítulo.

Cultura catarinense é condecorada

Fotos Jean Bastos

Nove personalidades das artes e do jornalismo são agraciadas com medalha instituída pelo governo

MAURÍCIO OLIVEIRA

Florianópolis — Nove personalidades da cultura catarinense foram agraciadas ontem pela manhã com a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa, instituída pelo governo do Estado em 1995 e desde então concedida anualmente. Pela segunda edição consecutiva o caderno *Anexo*, do jornal *A Notícia*, foi um dos indicados. A escolha dos homenageados é feita em votação secreta pelo Conselho Estadual de Cultura. “É uma tarefa que nos dá muito prazer, porque nomes de destaque não faltam. Santa Catarina tem um meio cultural profissionalizado, no sentido de saber como as coisas devem ser feitas”, considera o diretor-geral da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Iaponan Soares, que também preside o Conselho Estadual de Cultura.

A solenidade no Palácio Cruz e Sousa, comandada pelo governador Esperidião Amin, teve duas premiações especiais. O livreiro Odilon Lunardelli, que morreu há pouco mais de um ano, foi lembrado com a condecoração recebida pelo filho dele, Luiz. E os promotores do Festival de Dança de Joinville foram homenageados pelo fomento à arte. Em vez de receber o prêmio, o prefeito Luiz Henrique da Silveira preferiu repassá-lo a três bailarinas que, devidamente caracterizadas, representaram a paixão da cidade pela dança. “Nada mais justo, já que o festival movimentou toda a comunidade”, diz o prefeito.

No dia 4 de dezembro, duas bailarinas do Balé Bolshoi vão selecionar entre 12 mil estudantes da rede pública de Joinville os 90 que receberão bolsas de estudo, com oito anos de duração, para a escola de dança que a célebre companhia russa está abrindo na cidade em parceria com a Prefeitura. As 210 vagas restantes, que serão pagas pelos alunos, estarão sendo disputadas pelos mais de 5 mil candidatos de toda a América Latina já inscritos.

GRUPO SUL

O *Anexo* foi representado na cerimônia pelo jornalista Sílvio Melatti, que há dois anos edita o caderno. Por sugestão do governador, ele recebeu a condecoração das mãos do diretor corporativo de *A Notícia*, Henrique de Carvalho. Outro nome familiar aos leitores do jornal também foi lembrado: o crítico musical Ilmar Carvalho, 72 anos. Colaborador de publicações históricas como “O Pasquim” e “Última Hora”, ele está preparando um livro sobre o cantor Cartola.

O pintor Heidy de Assis Corrêa, o Hassis, 73 anos, foi homenageado pela produtiva carreira. Autodidata, ele trabalhou com publicidade e foi um dos nomes do Grupo Sul, que revolucionou as artes catarinenses na década de 40. A obra é marcada pela inspiração no folclore ilhéu.

Salim Miguel, outro expoente do Grupo Sul, recebeu a medalha das mãos da insepa-

rável companheira Eglê Malheiros. O escritor nascido no Líbano há 75 anos foi roteirista do primeiro longa-metragem catarinense, “O Preço da Ilusão”, rodado em 1957. Jornalista, trabalhou em publicações de destaque nacional, como “Manchete” e “Fatos e Fotos”.

ORGULHO CATARINENSE

O filósofo, tradutor e jornalista Alcídio Mafra de Souza, 74 anos, ex-diretor do Museu Nacional de Belas Artes, não pôde comparecer à cerimônia para receber o prêmio por motivos de saúde. Quem também não apareceu foi o jornalista e cineasta José Henrique Nunes Pires, o Zeca Pires, 38 anos, diretor da Cinemateca Catarinense e do Departamento Artístico-Cultural (DAC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), representado pela mulher.

A pesquisadora e diretora de teatro Edith Kormann, 78 anos, autora do livro “Teatro na Educação Artística”, falou em nome dos premiados. “Esse tipo de solenidade é bem coisa de nós, catarinenses”, disse. O “gancho” foi aproveitado pelo governador Esperidião Amin no seu discurso. “Nós todos temos esse orgulho, que não é arrogante, de sermos catarinenses. Um orgulho consciente das nossas singularidades”, afirmou Amin.



ANEXO Editor Sílvio Melatti (E) recebe a medalha das mãos do diretor corporativo de *A Notícia*, Henrique de Carvalho



LETRAS Escritor Salim Miguel e a sua inseparável Eglê Malheiros



DANÇA Prefeito Luiz Henrique da Silveira e as dançarinas representando o Festival de Joinville

Frases

“Santa Catarina é um estado rico em recursos humanos, fortuna que atinge todas as áreas, inclusive a cultural”

■ IAPONAN SOARES, diretor-geral da Fundação Catarinense de Cultura

“É um orgulho ter como colegas uma plêiade tão ilustre”

■ EDITH KORMANN, discursando em nome do grupo de homenageados

“Nosso Estado vive uma extraordinária condição de tolerância, no mais amplo e humano sentido da palavra”

■ ESPERIDIÃO AMIN, governador

PISCINAS

VAMOS... MERGULHE DE CABEÇA!!!

Visite nosso Showroom

SOLO

MÁQUINAS AGRÍCOLAS E PISCINAS

47 433-4855

R. Rio Grande do Sul, 464
JOINVILLE SC

A Saúde e a beleza de sua boca começam aqui

No CEIP, Centro Especializado em Implantodontia e Periodontia, o tratamento de sua saúde bucal é realizado por profissionais experientes e capacitados. Além disso, nossa equipe está preparada para tornar seu sorriso ainda mais bonito, fator fundamental em sua apresentação.

CEIP
Centro Especializado em Implantodontia e Periodontia

Dr. Rafael Oliveira Rivas

Especialista em Implantodontia - Ponta Grossa/PR
Especialista em Periodontia - Bauru/SP

Rua: Blumenau, 314 - Sala 08 - Fone/Fax: (47) 422.8205 - Centro - Joinville

Críticos de arte elegem melhores

SÃO PAULO – A Associação Paulista de Críticos de Arte divulgou ontem os vencedores de seus prêmios relativos a 1999, nas áreas de artes visuais, cinema, dança, literatura, música erudita, música popular, teatro, teatro infantil, televisão e rádio.

Em artes visuais, o prêmio principal (Grande Prêmio da Crítica) foi conferido ao Instituto Cultural Itaú. Em cinema, *Santo forte*, de Eduardo Coutinho, foi escolhido o melhor filme. Luiz Carlos Vasconcelos e Fernanda Torres ficaram com os prêmios de melhor ator e melhor atriz, por seu desempenho em *O primeiro dia*. A companhia Estúdio Nova Dança ganhou o Grande Prêmio da Crítica relativo a dança. Márcia Milhazes foi eleita melhor coreógrafo, por *A rosa e o caju*. José Alcides Pinto recebeu o prêmio principal de literatura, pelo conjunto da obra. O de melhor romance ficou com o catarinense Salim Miguel, por *Nu na escuridão*.

O prêmio mais importante de música erudita foi destinado a João Dias Carrasqueira. O pianista Miguel Proença conquistou o de melhor instrumentista. Como melhor regente, Ricardo Kanji. Em música popular, Lenine venceu na categoria melhor disco, com *Na pressão*, Zeca Baleiro foi escolhido o melhor cantor e Mônica Salmaso a melhor cantora. Em teatro, a montagem de *Navalha na carne*, de Plínio Marcos, garantiu ao grupo Tapa a vitória na categoria espetáculo. Antunes Filho foi eleito o melhor diretor, por *Fragmentos troianos*. Coube a Antônio Fagundes o prêmio de melhor ator (*Últimas luas*) e a Suely Franco (*Somos irmãs*) o de melhor atriz. Em teatro infantil venceu o espetáculo *O terror dos mares*. O grande prêmio de televisão foi conquistado pela versão de Guel Arraes para o *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna.

089 - MILLEN, Mânia; PIRES, Paulo Roberto. Luzes da memória. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 jul. 1999. Prosa & Verso, p. 5.

Luzes da memória

• Salim Miguel entregou à Topbooks os originais de “Nur — Na escuridão”. Aos 75 anos, um dos fundadores da antológica revista “Ficção” volta às suas origens para narrar a chegada ao Brasil, na década de 20, de uma família libanesa em Santa Catarina. O romance, cujo título quer dizer “luz” em árabe, tem como pano de fundo a História do Brasil até os anos 80.

090 - SARTORI, Raul. Romance. **A Notícia**. Florianópolis, 15 nov. 1999. Anexo, p. B2.

Romance

O mundo literário catarinense e até brasileiro estará em festa. Salim Miguel está anunciando para dia 30, no Palácio Cruz e Sousa, e dia 3 de dezembro, na Câmara de Vereadores de Biguaçu, sua cidade natal, o lançamento de seu romance "Nur na Escuridão", um retrato do Brasil nas décadas de 20 a 50 visto através de uma família de imigrantes libaneses. A editora é a Topbooks, do Rio, com promoção da Fundação Catarinense de Cultura, Departamento Artístico-Cultural da UFSC e Grupo Arcos de Biguaçu.

Mérito catarinense

Governo do Estado faz entrega de medalha a sete personalidades das artes e do jornalismo

FLORIANÓPOLIS

Como ocorre todos os anos, o Conselho Estadual de Cultura e o governo do Estado fazem hoje a entrega, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, da Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa a sete personalidades de destaque nas artes e no jornalismo catarinenses. A solenidade começa às 11h e terá a presença do governador Esperidião Amin e do diretor-geral da Fundação Catarinense de Cultura, Iaponan Soares, que também preside o Conselho Estadual de Cultura. Concedida há três anos, a Medalha do Mérito foi criada por um decreto governamental e contempla autores de obras literárias, artísticas, educacionais ou científicas de reconhecido valor. A indicação dos nomes é feita pelo Conselho Estadual de Cultura, através de votação secreta.

Este ano, o falecido editor Odilon Lunardelli, um dos pioneiros na publicação de livros de autores catarinenses, será um dos homenageados. Desde a década de 60, ele abriu espaço para o lançamento de novos escritores, tendo criado a Feira do Livro de Florianópolis, que já se encontra na 14ª edição.

Os promotores do Festival de Dança de Joinville também serão destacados. Isso se deve à importância deste evento na divulgação do Estado, na formação de novos bailarinos e de platéias para a dança em Santa Catarina. Criado em 1983, ele já promoveu a apresentação de 60 mil bailarinos, atingindo um público superior a um milhão de pessoas. Hoje, o Festival é um dos principais eventos de dança da América Latina.

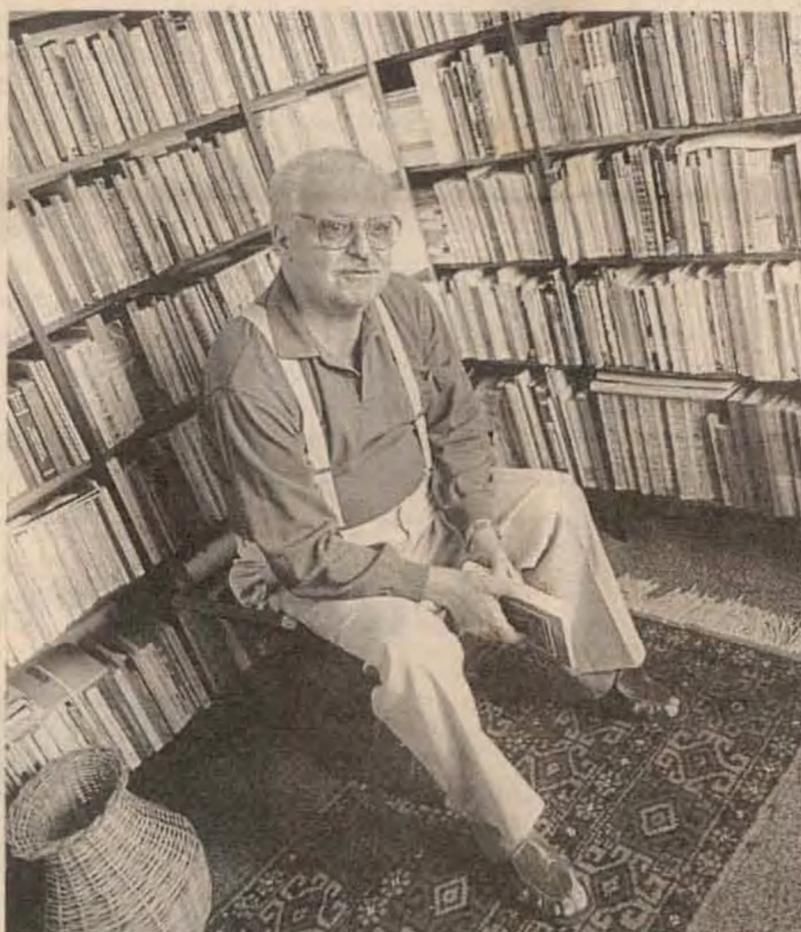
Entre os outros condecorados está o escritor Salim Miguel, um dos fundadores do Grupo Sul, autor de dezenas de romances e livros de contos e jornalista com passagem pelas revistas Manchete e Fatos & Fotos. O cineasta Zeca Pires, diretor de *Ponte Hercílio Luz - Patrimônio da Humanidade* e co-diretor do curta-metragem *Manhã* e do documentário *Farra do Boi* e o jornalista e crítico musical Ilmar Carvalho, que já passou pelo *Correio da Manhã*, *Pasquim*, *Última Hora*, *O Dia* e *Tribuna da Imprensa*, também serão homenageados. Outro jornalista indicado é Silvio Melatti.

Os demais homenageados são o crítico Alcídio Mafra de Souza, ex-diretor do Museu Nacional de Belas Artes e o consultor do Iphan, Hiedy de Assis Corrêa, o Hassis, artista plástico que teve grande influência na evolução da pintura catarinense a partir dos anos 60, e a pesquisadora e diretora de teatro Edith Kormann que teve uma atuação marcante na área das artes cênicas, especialmente no Vale do Itajaí.



BANCO DE DADOS/DC

PINTURA: Hassis renovou as artes plásticas nos anos 60



IVONE MARCARINI/DC/NOV 95

LITERATURA: Salim Miguel foi integrante do Grupo Sul



ROBERTO SCOLA/DC/NOV 95

CINEMA: Zeca Pires dirigiu o documentário *Farra do Boi*



JAKSSON ZANCO/DC/MAR 96

TEATRO: Edith Kormann é também escritora e historiadora

092 - LIVRO. Diário Catarinense. Florianópolis, 26 nov. 1999. Visor. p.3.

Livro - Editora Toopboks, do Rio de Janeiro, promove o lançamento do romance *Nur-na Escuridão*, o 18º livro publicado pelo escritor catarinense Salim Miguel, na próxima terça-feira, às 20h, no Palácio Cruz e Sousa em Florianópolis.

093 - PEREIRA, Moacir. Salim. **O Estado**. Florianópolis, 30 nov. 1999. p. 2.

Salim

O escritor e jornalista Salim Miguel lança hoje à noite, no Palácio Cruz e Sousa, seu mais recente romance – “Nur na Escuridão”, editado pela Topbooks.

Dispensável dizer da qualidade e da importância de Salim Miguel para a cultura catarinense. Fundamental é adquirir e ler o livro, que viaja pela memória do Brasil desde o início do século.

094 - BALDISSEROTTO, Alexandra. Lançameto. Diário Catarinense. Florianópolis, 03 dez. 1999. Variedades, p. 4.

Lançamento

Acontece hoje em Biguaçu o lançamento do livro do escritor Salim Miguel, *Nur - Na Escuridão*. O local, que terá a presença do autor, será a Câmara Municipal no prédio da prefeitura de Biguaçu. O livro conta a saga de uma família libanesa tendo como pano de fundo os fatos históricos ocorridos no Brasil. O lançamento acontece das 19h às 22h.

Prêmio

O livro *Nur - Na Escuridão*, do escritor catarinense Salim Miguel, recebeu o prêmio de *Melhor Romance do Ano* conferido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). O romance foi publicado em novembro pela editora Topbooks, do Rio de Janeiro, e conta a história da chegada de uma família de imigrantes libaneses a Santa Catarina, em 1927, passando pelo impacto de sua adaptação à nova terra, e tendo como pano de fundo episódios como a Revolução de 30, a Intentona Comunista, a ditadura Vargas e a 2ª Guerra Mundial.

O prêmio da APCA é um dos mais respeitados do país.

Jornalista e escritor transforma a história de sua família em romance

Livro de Salim Miguel, que será lançado hoje, foi premiado pela APCA

Como jornalista, o escritor e crítico Salim Miguel sabe que uma boa história real pode ser o ponto de partida para uma aventura muito maior. E foi transformando a história de sua própria família em aventura literária que ele acabou conquistando com "Nur na escuridão" (Topbooks) o prêmio

de melhor romance do ano, dado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

O livro — que já teve um lançamento em Florianópolis, no fim de novembro, e que hoje ganha noite de autógrafos no Rio, às 19h, na livraria Paulo Francis, em Ipanema — traça os caminhos de uma família de imigrantes libaneses no

Brasil e é inspirado na trajetória de Miguel e de seus pais que, em 1927, desembarcaram no Rio, vindos do Líbano. Pouco depois, o futuro escritor e sua família foram para a pequena Biguaçu, Santa Catarina, onde Miguel foi alfabetizado em árabe e alemão antes de aprender o português.

Ao fazer ficção de sua pró-

pria história, Miguel — que além de romancista, contista e roteirista foi também um dos editores da revista "Ficção", responsável por revelar, na década de 70, vários talentos literários — acaba passeando também por décadas de História do Brasil, que se torna igualmente personagem de "Nur na escuridão". ■

A saga libanesa de Salim Miguel

Escritor lança hoje "Nur na Escuridão", seu 18º livro, baseado na história da imigração árabe

Florianópolis — A trajetória de uma família de libaneses que desembarcou no Brasil na década de 20 é o tema do novo livro de Salim Miguel, "Nur na Escuridão", que será lançado esta noite do Palácio Cruz e Sousa. Apesar de usar personagens reais e se inspirar na própria história familiar — ele chegou ao Brasil com três anos de idade —, Salim garante que a obra é uma ficção. "Já disse aos parentes para ficarem tranquilos", brinca o jornalista e escritor de 75 anos.

A história começa no dia 18 de maio de 1927, quando a família desembarca no cais do porto da Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Primogênito entre sete irmãos, Salim viu quatro deles nascerem no país adotado. "O livro mostra como os imigrantes não tinham idéia do que era o Brasil e lembra importantes momentos políticos, como a ascensão de Getúlio Vargas em 1930", antecipa o autor. Metade do romance se passa em Biguaçu e Florianópolis.

O 18º livro de Salim começou a ser escrito em 1994, mas teve que descansar na gaveta por alguns períodos para que o escritor desse à luz duas outras obras. Ao todo, entre pesquisas e entrevistas, foram dois anos de trabalho. Mas o maior trabalho parece ter sido a escolha do nome. A primeira idéia, "Sementes", seria uma homenagem ao pai de Salim, José Miguel, que morreu lúcido com quase 85 anos. "Nunca me esqueço da última coisa que ele me disse pouco antes de morrer: 'O que querias, que eu ficasse para semente?'" , conta o escritor.

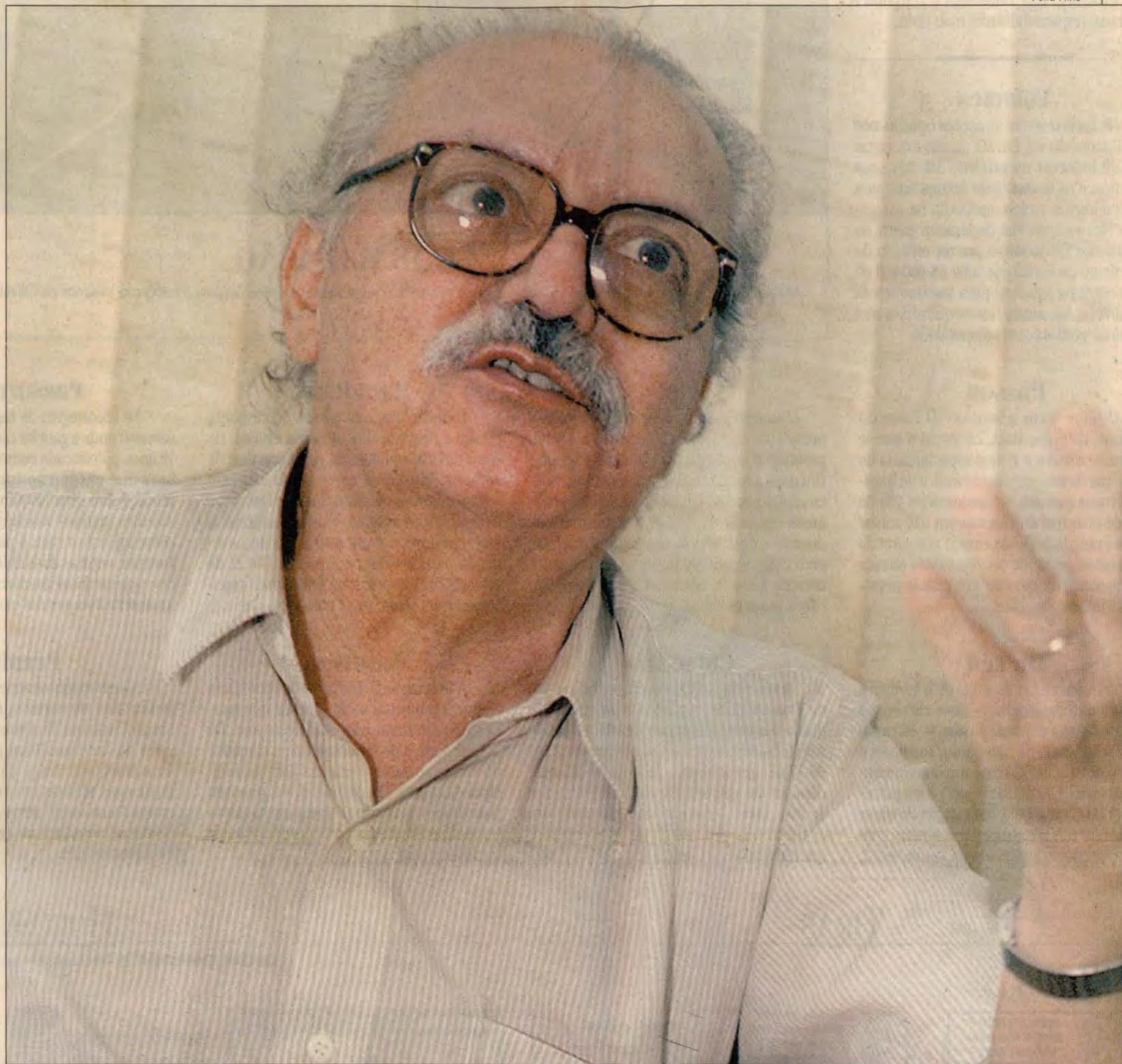
Diante do alerta dos amigos de que o livro poderia parar na prateleira de agricultura, Salim decidiu escolher outro nome. Pensou em "Maktub", que significa "está escrito". Alguns meses depois, surpreendeu-se ao saber que Paulo Coelho havia tido a mesmíssima idéia. Então finalmente se decidiu pela palavra árabe "nur", que tem vários significados: além de "luz" e "liberdade", é também uma das denominações de Alá (Deus em árabe).

MERCADO

De olho no mercado nacional, já que a bibliografia sobre o tema é pequena diante da importância da presença libanesa no Brasil — calcula-se que haja 6 milhões de descendentes —, Salim está lançando o livro pela editora Top Books, do Rio de Janeiro. "Santa Catarina tem excelentes editoras, mas o sistema de distribuição e divulgação continua concentrado no eixo Rio-São Paulo", justifica o autor. Mesmo assim, seu último livro, "Confissões Prematuras", publicado pela catarinense Letras Contemporâneas, já está esgotado, e a segunda edição deve chegar em breve às bancas — um ano depois do lançamento da primeira, o que em literatura não é fato comum.

Recentemente premiado com a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa, o escritor e colaborador do Anexo vive uma grande fase. "Este não é o meu melhor livro, porque o melhor sempre é o que eu estou escrevendo", despista. "Nur na Escuridão" será lançado em Biguaçu na sexta-feira ("Cada vez mais me sinto um libano-biguaçuense", diz Salim). A sessão de autógrafos está marcada para as 19 horas, na Câmara de Vereadores local. O lançamento em Joinville já está acertado com o prefeito Luiz Henrique: será em março, durante as comemorações de aniversário do município.

■ **O QUÊ:** lançamento do livro "Nur na Escuridão" (Editora Top Books, 258 páginas), de Salim Miguel. **QUANDO:** hoje, à 20 horas. **ONDE:** no Palácio Cruz e Sousa, Centro de Florianópolis. **QUANTO:** o livro custa R\$ 25,00.



REcriação O escritor "libano-biguaçuense" Salim Miguel: aventuras da imigração recontadas através de uma perspectiva literária

PRÊMIO

Fotos Divulgação



'Auto da Compadecida': prêmio de televisão para Guel Arraes



'Santo Forte', de Eduardo Coutinho: melhor filme deste ano



'Navalha na Carne': montagem do Grupo Tapa vence em teatro

APCA divulga a lista dos melhores de 99

Associação reduziu para sete o número de vencedores em cada uma das dez categorias, para dar mais agilidade à entrega, que será realizada em março, no Teatro Municipal

ANA WEISS

Especial para o Estado

O júri da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), composto por 50 profissionais, reuniu-se antea-tempem para decidir a lista dos ganhadores do troféu deste ano. Receberão a estatueta 70 artistas e instituições selecionados pelos críticos, em solenidade no Teatro Municipal, no fim de março, com patrocínio da SCIEquifax. Este ano, para valorizar ainda mais o prêmio, a diretoria da associação optou por reduzir o número de contemplados

Santo Forte, de Eduardo Couti-

nho, vai levar o troféu de melhor filme. Ainda em cinema foram eleitos Carlos Reichenbach (pela direção de *Dois Córregos*), os atores Luiz Carlos Vasconcelos e Fernanda Torres (*O Primeiro Dia*), Domingos de Oliveira e Priscila Rosenbaum (roteiro de *Amores*), Afonso Beato (fotografia de *Orfeu*) e Cláudio Torres (revelação como diretor de *Diabólica*).

Na categoria música popular, levarão o troféu Lenine (melhor disco, *Na Pressão*), Zeca Baleiro (cantor), Mônica Salmaso (cantora), Ira! (grupo), Jupiter Apple (compositor), Rebeca Matta (revelação) e Lobão (personalidade). Em música erudita foram es-

colhidos João Dias Carrasqueira, para o grande prêmio da crítica, Sérgio Vasconcelos Correia, pela *Sinfonia n.º 1*, Amaral Vieira (obra camerística), Miguel Proença (instrumentista), Sinfônica da RTC, Ricardo Kanji (regente) e a Gravadora Paulus.

O presidente da APCA, Luiz Carlos Merten, comenta que a decisão em reduzir o número de premiados para 70 foi referendada

em reunião geral da associação e está ligada principalmente à vontade de se imprimir maior agilidade à festa de entrega. "Nos anos anteriores, algumas cerimônias acabaram ficando muito longas", conta ele.

Osvencedores na categoria teatro de 1999 foram o espetáculo *Navalha na Carne*, do Grupo Tapa, Antunes Filho, por *Fragmentos Troianos*, Sandra Louzada (texto de *Somos Irmãs*), Antonio Fagundes (ator de *Últimas Luas*), Sueli Franco (atriz de *Somos Irmãs*), Daniela Thomas (cenário de *Pai*) e Lola Tolentino (figurinos do Grupo Tapa).

Em teatro infantil levarão a estatueta a peça *O*

Terror dos Mares (melhor espetáculo), a Cia Pia Fraus, pela direção de *O Malefício da Mariposa*, Eduardo Silva (ator), Sandra Vargas (atriz), *A Pequena Ópera Sobre Vão* (cenário), *Vincent* (iluminação) e *Imago* (música).

**CRÍTICOS
LEMBRARÃO
BARDI COM
HOMENAGEM**

O grande prêmio da crítica na categoria dança vai nesta edição para o Estúdio Nova Dança. Ainda na categoria, receberão o troféu da APCA Márcia Milhazes (coreógrafa), João Negreiros (criação-intérprete), Vera Sala (pesquisa), Verve Cia de Dança (estímulo), Sandro Borelli (bailarino) e Melissa Soares (bailarina).

Os críticos escolheram para o grande prêmio de artes plásticas o Instituto Itaú Cultural. Também foram escolhidos na categoria Bia Lessa, pela exposição *Brasileiro Que Nem Eu... Que Nem Quem?*, Flávio Carvalho (mostra com curadoria de Denise Mattar), Daizy Peccinini de Alvarado, Domênico Calabrone e a Coleção Pirelli-Masp. O arquiteto Pietro Maria Bardi, morto este ano, será homenageado com o prêmio de personalidade.

Em literatura serão contempla-

dos José Alcides Pinto, com prêmio especial da crítica, Carlos Nejar (poesia), Salim Miguel (romance), Betty Milan (crônica), Raquel Coelho (infantil), Marleine Paula Marcondes (ensaio) e a Escrituras Editora.

A minissérie *Auto da Compadecida* foi eleita para o grande prêmio de televisão, categoria que também vai premiar *Terra Nostra* (programa), Matheus Nachtergaele (ator), Débora Duarte (atriz), Lu Grimaldi (revelação), o telejornal SP-TV 1.ª Edição e Cazé (apresentador). Os vencedores em rádio são a Eldorado FM (jornalismo), a Jovem Pan AM (esportes), o programa de música Estúdio 1.200 (Cultura AM), Heródoto Barbeiro (âncora), a Cultura FM (especial Duke Ellington), o programa *Sintonia CBN* (variedades) e o programa *Memória*, da Rádio USP (arquivo).

099 - VASSALO, MÁRCIO. Livro é o melhor presente.
Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 dez. 1999.
Idéias/livros, p.4.

NUR NA ESCURIDÃO
Salim Miguel
Topbooks, 258 páginas
R\$ 25

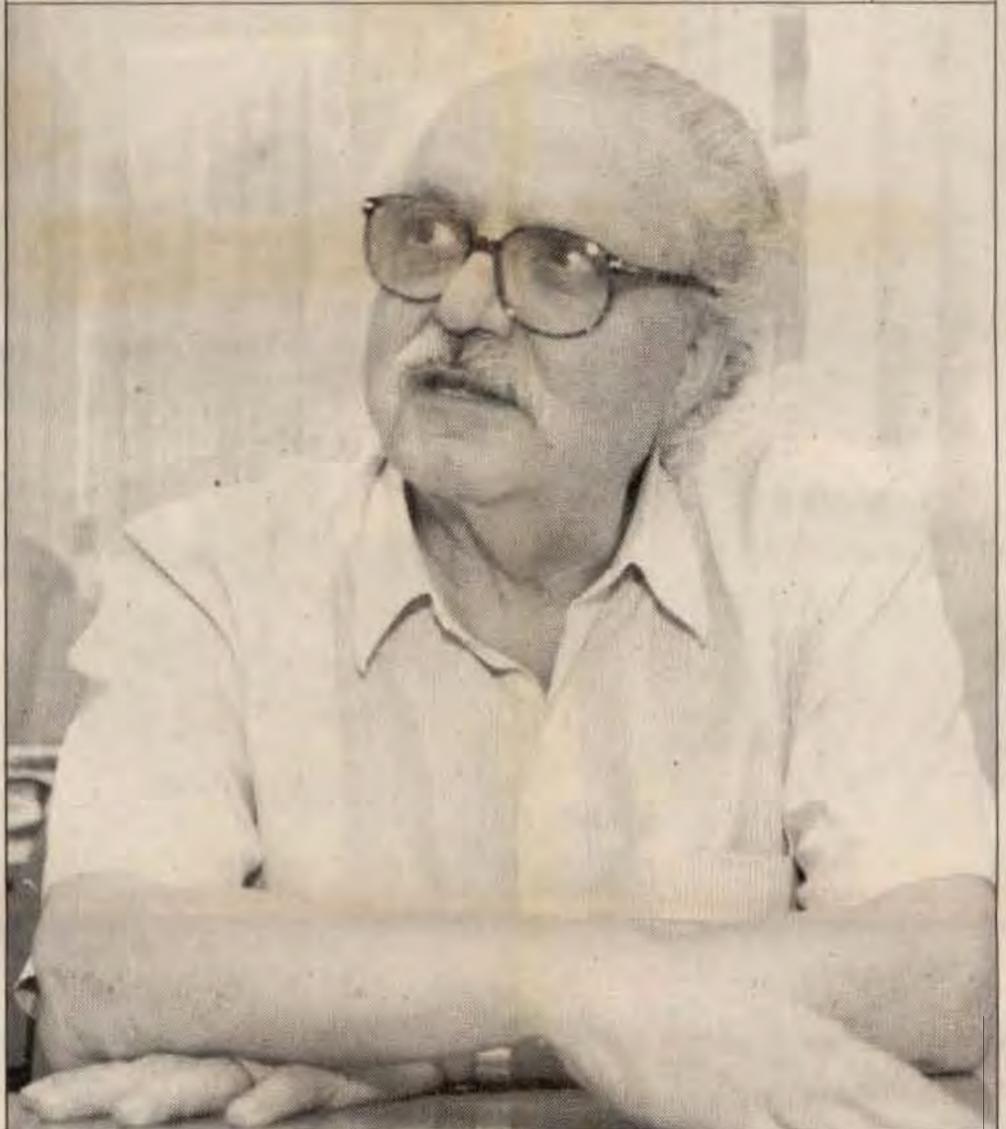
- Baseado em acontecimentos reais mas tratado de maneira ficcional, o romance fala da chegada ao Brasil de uma família de imigrantes libaneses.

Personagens da época

No esporte e nas artes, Santa Catarina tem expressão nacional e internacional.

Alguns nomes são reconhecidos como autênticos valores da nossa terra e da nossa gente

Arquivo AN



SALIM MIGUEL

Autor de 18 livros, Salim Miguel acaba de ganhar o prêmio nacional como autor do melhor romance do ano pela Associação Paulista dos Críticos de Arte - "Nur na escuridão", que se passa entre Biguaçu e Florianópolis, e trata da saga de uma família libanesa que imigra para o Brasil no começo do século.

Com cerca de meio século de contínua produção literária, Salim Miguel foi um dos líderes do movimento literário Sul, que marca capítulo inteiro da cultura catarinense nos anos 40 e 50. Sua obra já mereceu estudos e análises dos mais conceituados críticos do país, tendo, em 1991 sido lançado "Salim Miguel - literatura e coerência", sob a coordenação de Iaponan Soares, com textos especiais de 10 escritores e críticos que analisaram, então, 40 anos de produção literária do autor libano-biguaçuense nascido em 1924 e desde 1928 catarinense por adoção.

paratodos

• **A ELEIÇÃO** está organizada, 30 mil urnas eletrônicas no estado todo. Na última, foram 26 mil. Será uma eleição toda informatizada... Quem informa é o presidente, desembargador **Luis Carlos Guimarães**, presidente do Tribunal... • **A ESTILISTA** **Glorinha Pires Rebello** fez o levantamento: foram 72 réveillons black-tie no Rio de Janeiro. Fora os que ela não soube... • **IMPRESSIONANTE COMO** deu certo o negócio dos bares da **Cobal**... tudo lotado.... talvez pela segurança, ou talvez pela falta de opção, à noite não se consegue uma vaga no **Humaitá**... • **QUEM CHEGA** de Paris conta que a tempestade não livrou nem as maisons na **Av. Montaigne**, que tiveram letreiros e decorações externas arrancados, uma terra arrasada geral... • **NOS ANOS 70**, usamos lenços na cabeça que, anos depois, pareciam ridículos nas fotos. Agora, as meninas estão lá, no **Shopping da Gávea**, no **Metropolitan**, nas ruas de **Ipanema**, de bandana na cabeça... e acham lindo e, na verdade, é... tão historicamente feminino esse negócio de lenço... • **A LIVRARIA Paulo Francis** não tinha tradição de lançamentos. O editor **José Mario**, da **Topbooks**, resolveu botá-la no circuito e acertou. Primeiro foi o livro do **Dapieve**, agora foi "**Nur — na escuridão**", de **Salim Miguel**, que lotou a loja em **Ipanema** com gente como **Carlos Scliar**, **Israel Pedrosa**, **Silvano Santiago**, **Waly Salomão**, **Godofredo de Oliveira Neto**, **José Louzeiro**, **Mário Pontes**, **Laura** e **Cícero Sandroni**, **Fernando Pamplona**, **Rogério Sganzerla**, **Helena Inês**, **Edino Krieger**, **Ezequiel Neves**... Com esse elenco dando aval, precisa dizer mais sobre o **Salim**?... • **DE UMA** portuguesa que veio para o bug carioca: "A novela '**Terra nostra**' é o maior sucesso em **Portugal**, está naquele momento em que **Inácio** descobre que o filho não é dele"... como vemos, "**Força de um desejo**" tb é sucesso na terrinha...ö

102 - SARTORI, Raul. Segunda edição. **A Notícia**. Florianópolis, 01 jan. 2000. Anexo, p. C2

Segunda edição

Sete meses após ser lançado, o livro "Nur na Escuridão", melhor romance brasileiro de 1999 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, do escritor catarinense Salim Miguel, ganha a primeira reedição da Editora Topbooks, do Rio. A primeira tiragem, de 5 mil exemplares, está praticamente esgotada. A nova chega às livrarias por estes dias.

Ano encerra com sucessos na área cultural



Divulgação

Maria Ceiza e Kadu Carneiro: Cruz e Sousa revisitado



Divulgação

Salim Miguel: sucesso com "Nur..."



Divulgação

Berna Sant'Anna: monólogo premiado

Literatura, música, dança, cinema, teatro e artes obtiveram vários êxitos no fim de mais uma década

REGIS MALLMANN

Mais um ano encerra e os balanços se sucedem em todas as áreas, da política à economia, do universo social ao cultural. Somados prós e contras, 1999 deixa sua marca na história, não só pela força dos números que o fazem anteceder o tão esperado 2000 mas por acontecimentos. Viveu-se um ano pródigo em vários meios. Da literatura ao cinema, passando pelo teatro, dança e música, os artistas mostraram que há, e muita, vida inteligente e talentosa abaixo do eixo Rio-São Paulo.

Demonstração maior da força cultural e intelectual que povoa a capital Catarinense, a literatura deu mostras de uma força que há tempos não se via. Um número ímpar de livros lançados pelas editoras fez brotar no mercado local novas e instigantes obras, que vão da ficção ao romance, aos ensaios e à poesia. A primeira edição da Feira do Livro do Mercosul comprovou o vigor da palavra escrita no papel, que, mesmo com o advento da informática, mantém um nicho intocado de consumidores que buscam no livro o aperfeiçoamento o lazer e o sonho. A coroação do ano veio no começo de dezembro com o prê-

mio de melhor romance de 99, outorgado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), para "Nur - Na Escuridão", de Salim Miguel.

As artes cênicas também demonstraram em 99 que estão muito bem. Foi um ano de êxitos com as premiadas montagens de "Livres e Iguais", do Teatro Sim Por Que Não - que levou seis troféus no 7º Festival Nacional de Teatro de Florianópolis Isnard Azevedo - e o monólogo "Dona Maria, a Louca" - que ressuscitou, literalmente dos escombros, o palco do Teatro da União Brasileira Recreativa Operária (Ubro), e que deu ainda a florianopolitana Berna Sant'Anna o prêmio de melhor atriz do mesmo Isnard Azevedo. Correndo por fora, com produções mais modestas, os grupos Armação e Experiência Subterrânea revelaram uma surpreendente energia, como diversas montagens menores de outras companhias, mas não menos importantes para o desenvolvimento do teatro local.

Nesse mesmo universo, o ano premiou não só a Capital mas Santa Catarina com a mostra "Fernanda EnCena", trazida para o Estado pela Tele Centro Sul e que proporcionou a rara, e talvez úni-

ca, oportunidade de se conhecer por completo a trajetória da "grande dama" Fernanda Montenegro. A própria atriz veio para se mostrar por completo, conversar, dar autógrafos e confirmarr para uma geração de novos atores que tudo é possível quando se aposta num ideal, numa esperança e, claro, no aperfeiçoamento de um talento. Artes visuais levaram multidões aos museus e galerias, com destaque para mostras organizadas pelo Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), Museu Vitor Meireles. Lamenta-se apenas a suspensão do Salão Vitor Meireles, abortado pelo governo depois de seis edições de sucesso.

PRODUÇÃO

Manifestação maior da expressão cultural brasileira, a música vem ganhando em Florianópolis impulsos para a profissionalização a cada ano que passa. Um número significativo de CDs foram lançados ao longo dos últimos 12 meses, com produções de rock, pop e MPB, além das referências à cultura "manezinha", que não deixa - e não deve deixar - de se fazer presente.

Jorge Coelho, Get Back, Asa de Morcego, Cibele Oliveira e Valdir Agostinho são alguns exemplos de que, mesmo não sendo nativo da terra, Florianópolis oferece todas as condições de se produzir um trabalho de qualidade, com apelo que pode vir ainda a render um bom retorno comercial, basta dar tempo ao tempo. A música erudita também ganhou impulso extra com o aumento do

número de concertos, a maioria promovido pela Pró-Música e pela Camerata Florianópolis, grupo que garantiu alguns dos melhores momentos musicais da temporada.

"Novembrada", de Eduardo Paredes, transpôs para o cinema a história recente da cidade. Em 30 minutos, o público pôde entrar em contato com o passado ao reviver o episódio que marcou uma geração de Florianopolitanos. Lima Duarte encabeçando o filme foi magistral ao interpretar o general-presidente João Figueiredo no confronto popular que este protagonizou no dia 30 de novembro de 1979. Sylvio Back também tomou um personagem-tema local para criar sua mais nova história-cinematográfica. Com "Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro", o diretor fez uma homenagem à vida e a obra do maior poeta simbolista brasileiro.

O ano teve ainda a realização do curta "Fronteiras", de Chico Faganello, que narra o "fim" da cidade de Itá com a construção da barragem que vai dar lugar a um lago gigantesco no Oeste Catarinense. "Claire de Lune" e "Andarilha" marcaram a presença do curso de cinema da Cinemateca Catarinense, berço, possivelmente, de novos talentos da sétima arte que devem mostrar uma nova e rica produção no futuro, de preferência próximo. Nas áreas elencadas e em outras, como a dança, que teve na 7ª Mostra de Dança de Florianópolis sua maior referência, o resultado pode ser considerado vitorioso. A torcida é para que 2000 seja melhor ainda.

Domingo, 02 de janeiro de 2000

Correio

Salim Miguel: Um bom texto é o que provoca e faz pensar

Salim Miguel, um libano-biguaçuense, costuma repetir que somos o que nos fez nossa infância. Nascido no Líbano, chegou ao Brasil, com três anos de idade; aos quatro, a família já se encontrava em Santa Catarina. Até os 19 anos residiu em Biguaçu, Grande Florianópolis. É jornalista profissional, contista, romancista, crítico, argumentista e roteirista. Foi sócio de gráfica, de distribuidora de livros, de livraria, de editora. Escreve livros e sobre livros há 50 anos. Trabalhou na imprensa em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. Foi correspondente de vários jornais e tem colaborado em publicidades de praticamente todo o País, e na Alemanha, Argentina, Portugal. Fez parte do Grupo Sul (1947/57), movimento que buscou arejar o ambiente cultural de Santa Catarina, com atuação na literatura, no teatro, nas artes plásticas, no cinema. Foi um dos editores da revista *Ficção* (RJ, 1976/79) que realizou um mapeamento da história curta, não apenas no Brasil, e recuperou ou revelou numerosos autores. Com sua mulher, Eglê Malheiros, é autor do argumento e roteiro do primeiro longa metragem realizado em Santa Catarina (1957/58). No Rio de Janeiro fez, com Eglê Malheiros e Marcos Farias, adaptação e roteiro de "A cartomante", de Machado de Assis e "Fogo morto", de José Lins do Rego. De 1983 a 1991 foi diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. De 1993-96 dirigiu a Fundação de Cultura de Florianópolis. Tem, como este romance *Nur na escuridão*, 18 livros publicados: organizou algumas antologias e participou de outras. Esteve em março do ano passado aqui em João Pessoa por ocasião das comemorações do cinquentenário deste suplemento, participando de palestras e debates juntamente com outros convidados.

Foto: Cláudio Lima



Salim Miguel e Sônia Von Disck (auditório da API - 26.03.99)

A ENTREVISTA

1 - Quem é Salim Miguel?

SM - Sou um libano-biguaçuense que desde criança se quis lendo e escrevendo. Ou vice-versa. Sou negado para as coisas mais simples e corriqueiras, trocar uma lâmpada, fazer um cafezinho, comprar um par de meias. Fui dependente de Tamina, minha mãe; agora de Eglê, minha mulher. Desatento para grandes fatos, sou muito atento a mínimas. Minha profissão sempre foi o jornalismo.

2 - Por que libano-biguaçuense?

SM - Cheguei ao Brasil com três anos de idade, em 1927. Nasci em Kfarssouroum, vilazinha do Líbano. A família morou uns meses em Magé/RJ, aos cinco já estava em Biguaçu, outra vilazinha próxima a Florianópolis/SC. Ali vivi até os 19 anos. Costumo dizer que somos o que nos fez nossa infância.

3 - O fato de ter aprendido a falar em árabe e estudar o alemão antes de ser alfabetizado em português influi de alguma maneira em sua literatura?

SM - O árabe, sim. Meus pais gostavam muito de ler, tinham facilidade para aprender, logo sabiam ler e escrever em português, à noite nos contava histórias - isso marca a gente. O alemão não creio, embora mais tarde tenha tentado retomá-lo para ler o original Thomas Mann, por exemplo.

4 - Houve neste novo livro a intenção de recuperar algo da tradição da narrativa árabe ou este estilo recorrente, cheio de meandros, é uma característica habitual em sua literatura?

SM - Diria que existem ambas as coisas. Desde meu

primeiro livro, se podem perceber recorrências e meandros, por certo influência dos relatos de meus pais e de minha paixão pelas "Mil e uma noites", que não canso de reler. Tal influência foi se ampliando, quem sabe mais neste.

5 - Quais foram as fontes em que você se baseou para escrever o livro? As próprias lembranças ou também buscou informações de outros?

SM - Houve bastante pesquisa e consulta. Ao mesmo tempo em que traço a saga de uma família de imigrantes libaneses pelos caminhos do Brasil, procuro interligá-la aos fatos marcantes do período. Claro que o tratamento é ficcional, os acontecimentos são reelaborados.

6 - Em que a leitura do relato autobiográfico de seu pai, traduzido para o português durante a elaboração do livro, contribuiu para a obra?

SM - Eu já estava com o livro estruturado quando conseguimos alguém que fizesse uma boa tradução, a doutora Alia Haddad, de Curitiba. A leitura, ao mesmo tempo, me ajudou e me criou problemas. Por exemplo, um incidente da viagem, que meus irmãos e eu considerávamos esclarecido (a mudança de nosso destino), era diferente do que conhecíamos. Isto criou um impasse, até que me dei conta de que não estava fazendo romance histórico, mas aproveitando elementos da realidade (e não é sempre assim?) para criar uma ficção.

7 - Os ambientes e vivência da infância estão presentes em boa parte de sua obra ficcional. Em que o tratamento dado a eles é distinto neste novo livro?

SM - Espero ter aprofundado o processo. Creio haver uma continuidade (não uma repetição) no que escrevo, uma ampliação de pontos de vista. Estruturei meus textos sempre no sentido de dar substância às minhas criaturas, fundindo o psicológico e o social. Retrabalho muito o que escrevo. No caso deste livro, o que se vai ler é a sexta versão. Publicado, fico achando que poderia mexer mais, pois escrever é saber contar como quem corta na própria carne. Outra constante no que escrevo é a obsessão com o tempo e a memória, a velhice e a morte.

8 - Mesmo que preocupado em contar uma história com começo, meio e fim, percebe-se uma intencional mistura da sequência. Em vez de oferecer algo mastigado ao leitor, existe a intenção de convitá-lo a participar da montagem deste quebra-cabeça? Como foi o processo de montagem do texto (no sentido de seleção e organização dos episódios)?

SM - Imaginei o livro como um jogo de montar. Ou quebra-cabeça. Me parece que um texto é tanto mais rico quanto maiores possibilidades de leitura oferece. Além da fruição, um bom livro é aquele que provoca, questiona, faz pensar. Cada escritor tem sua maneira de trabalhar o texto. Eu não faço planta-baixa, não organizo situações estanques, não, penso a priori nos personagens. Tudo vai surgindo à medida em que escrevo. O que me aciona é um som, uma imagem, uma paisagem. Pronto o livro, começo a reescrever e a montar, como quem monta um filme. Daí críticos já terem anotado a influência do cinema na minha escrita.

No caso específico deste livro, imaginei-o em blocos, o primeiro compacto, que retrata a trajetória da família e a adaptação ao novo chão. Depois fios que complementam e ratificam ou retificam o que vinha sendo relatado. Outros blocos se juntam até o final, que de certa forma retoma o início.

9 - A tradição da narrativa árabe e a pesquisa formal de uma literatura de vanguarda se encontram neste livro?

SM - Pelo menos é o que pretendi. E não só neste. Quem sabe mais neste! A literatura árabe através da tradição oral, tão presente nas lendas e narrativas de meus pais, e dos livros que fui conseguindo, a vanguarda, pelas intermináveis leituras que venho fazendo (sou um leitor compulsivo) e de um certo faro para o que é válido e mais me toca... Este romance é narrado num terceira pessoa, que comporta várias e diferenciadas vozes.

10 - Quais as suas leituras preferidas?

SM - Leio de tudo. Na infância e adolescência lia o

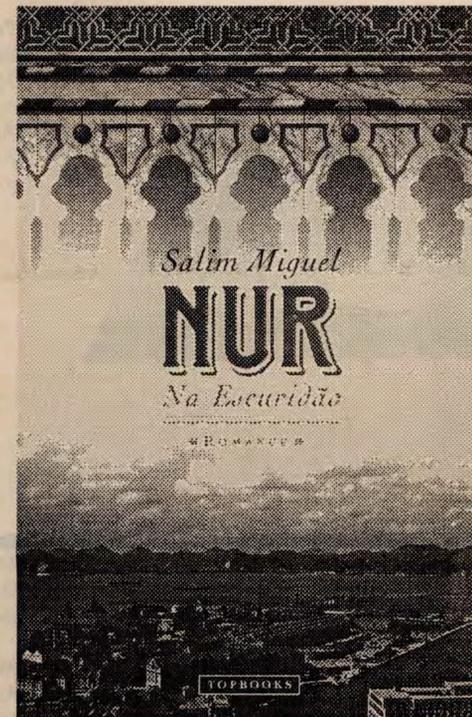
Domingo, 02 de janeiro de 2000

9

que me caía nas mãos, do pior ao melhor. Reconsidero o que é melhor para alguém de 10-12 anos, ler e se emocionar com Buridan, ou mistérios da Torre de Nesle, de Michel Zevaco, ou As dores do mundo, de Schopenhauer? Com o tempo fui descartando o que me parecia supérfluo. Passei a ler mais ficção, ensaio, crítica, poesia. Agora, seleciono o que leio, releio mais.

11 - A imigração (tanto voluntária quanto forçada, caso dos escravos africanos) foi um processo crucial para a formação do Brasil. No entanto, é quase ausente de nossa literatura. Como seria possível explicar este fato?

SM - Não creio que esteja tão ausente assim. No caso da gente africana vinda para cá escravizada, que, em fins do século XIX, constituía metade nossa população, a ideologia dominante combatia os pretensos males da mestiçagem e lutava por "cartas de branquicidade". A população negra era considerada "os braços" que ajudaram a fazer a Nação, a mente e o coração não conta-



vam. Quanto aos outros grupos, os europeus eram desejáveis, "et pour cause", já orientais e levantinos. No presente, outras vozes, já se fazem ouvir, valorizando o fato de sermos um cadinho, em que as diversas etnias só fazem enriquecer o patrimônio cultural do país. Sempre atento, o preto velho TiAdão me sopra que é preciso fazer muito mais.

12 - Considera este seu melhor livro?

SM - Não. Meu melhor livro é aquele que estou escrevendo. Um escritor nunca se deve dar por realizado. O aperfeiçoamento precisa ser um processo contínuo. Quero prosseguir na busca, enquanto viver.

13 - Biguaçu e personagens recorrentes são uma constante em sua obra. Qual o motivo?

SM - No início não foi uma escola consciente, mas em dado momento me dei conta. Fiz de uma cidade real uma cidade mítica. Personagens me perseguem, queremos mais espaço. Hoje, por exemplo, nem sei quanto existe no preto velho TiAdão e no cego, poeta e livreiro João Mendes (para quem li por quase seis anos, numa média de 5-6 horas por dia) do que eles realmente eram e do que lhes fui adicionando. Não me largam. Estão dentro de mim, como Biguaçu.

14 - Vivendo há 70 anos no Brasil, em que você julga que permanece vinculado às origens libanesas?

SM - É estranho. Criança e jovem me rebelava. Deixei de estudar o árabe, muito embora a insistência de meu pai lembrando-me que um homem que sabe dois idiomas vale por dois. À medida em que fui envelhecendo, vi que meu pai tinha razão. Cada vez mais me sinto um libano-biguaçuense. Mas minhas raízes são - estão no Brasil.

15 - Novos meios como a Internet e o CD-Rom implicam na busca de nova literatura? Estes novos meios estariam tirando prováveis leitores dos livros ou poderiam ser usados como aliados?

SM - A falta de leitores é um problema crônico entre nós. Precisamos de uma profunda mudança na estrutura do país, menos miséria, mais saúde, mais e melhores escolas, bibliotecas nos bairros, incentivo à leitura. Para quem sabe ler, nada substitui o fascínio de um livro, que o autor escreve e o leitor reescreve. Os novos meios podem ser um aliado? Podem. Ou também um adversário. Tudo depende de como sejam usados esses suportes. Terminei com uma frase modelar de Alberto Manguel, autor do excelente *Uma história da leitura*, que retrucando a opinião de Bill Gates de que o livro vai acabar, ironizava: afirmar isto Gates escreveu um livro...

Nur na escuridão

É um romance calcado em dados reais, trabalhados ficcionalmente. Busca resgatar a saga de uma família de imigrantes libaneses que, almejando ir para os Estados Unidos, acaba trilhando os caminhos do Brasil. Bem como a complexa adaptação à nova terra. Maktub! Começa e se fecha em fins dos anos 70 e início dos anos 80. O núcleo central transcorre entre as décadas de 20 e 50. Sem cronologia fixa, circula pelo Líbano, Rio de Janeiro, Santa Catarina, aqui mais especificamente Biguaçu e Florianópolis. Montado como um jogo-de-amar, sua estruturação não é a de um romance convencional. Comporta labirintos, meandros, idas-e-vindas, interrogações, alegrias e desencantos, dúvidas e certezas, ratificações e retificações.

Os descendentes de libaneses no Brasil ultrapassam 6 milhões, igualando a população do Líbano. No entanto, a bibliografia a respeito é extremamente rarefeita. Este livro visa ser mais uma contribuição para alargar o conhecimento de uma etnia, parte do leque das etnias constituidoras do diversificado universo sócio-cultural brasileiro.

Bom tempo para relaxar e ler

Arquivo AN



Sombra e belas paisagens inspiram a uma boa leitura à beira-mar

Livros de expoentes da literatura catarinense são excelentes indicações para curtir na temporada

NORBERTO SILVA

Férias e um bom livro. Existe mais analogia entre estas duas instituições do lazer, do que possa, a princípio, parecer. Sob o guarda-sol, sobre uma rede no quintal, na varanda, ao som do mar, nada melhor do que uma boa leitura para tornar as férias exatamente agradáveis como programada. O turista que vem para a Ilha de Santa Catarina encontrará bons expoentes da literatura local.

A Associação dos Críticos do Estado de São Paulo, por exemplo, acaba de homenagear o último lançamento de Salim Miguel "Nur — luz em libanês — na Escuridão". O escritor relata desde a vinda de sua família, na década de 20, do Líbano, até um passado recente, num romance chamado de antológico pelos seus colegas.

As crônicas de Sérgio da Costa Ramos, uma leitura mais leve, como no livro "Plano Surreal", nos leva a conhecer um pouco do ambiente da ilha. Flávio José Cardoso com o seu "Longínquas Baleias", também mostra muito dos costumes da Ilha de Santa Catarina e é o filho preferido do autor, embora ele, como bom pai, não goste de admitir.

A interiorização de Silveira de Souza com a seleção de contos do livro "Relatos Escolhidos" carrega o leitor para a reflexão sobre a vida, com as histórias deliciosas desse veterano das nossas letras.

Quem já ouviu falar do Artista Bittencourt que foi sapateiro no século passado e economizava tudo o que podia para comprar escravos e alforriá-los em seguida? Essa forma de lutar contra a escravidão é trabalhada com apuro no livro "Um Largo e Sete Memórias" de Adolpho Boos. Quando procurar relatos rápidos e alegres, os livros mais indicados são "A Cabra Azul" e o "Detetive de Florianópolis" de Jair Francisco Ramos.

Voltando um pouco no tempo, para conhecer um pouco do passado da nossa literatura, uma passagem por "Noturno" de Raimundo Caruso, livro de fundo histórico é uma boa pedida. Se o argentino Jorge Luís Borges não morou aqui, o chileno Pablo Neruda passou pela nossa ilha. De qualquer forma, ambos projetaram sua luz até nós, que juntamente com a perspicácia e talento do catarinense, não deixará o turista voltar de "letras vazias", dessas férias.

Escrita

SCHNEIDER CARPEGGIANI / E-mail: xxx@hotmail.com

Sheila Cohen está voltando com o projeto *Pão e Poesia*. Os interessados, devem ligar para 326.2105.

Memórias longe da escuridão

O escritor Salim Miguel tem como uma das suas frases preferidas a seguinte: "Somos o que nos fez nossa infância". Nascido no Líbano, o autor chegou ao Brasil aos três anos de idade, no porto do Rio de Janeiro, em maio de 1927. No meio de tantos idiomas diferentes que sua família escutou na chegada — frances, inglês, espanhol, italiano e alemão — nenhum era o de sua pátria natal. Logo de cara, o sentimento de ser estrangeiro em uma terra estranha mostrou todo o seu peso esmagador. Um ano depois, estava morando em Biguaçu, Santa Catarina, onde residiu até os 19 anos. Essas e muitas outras lembranças da sua vida estão presentes no romance autobiográfico *Nur na Escuridão* (R\$ 25,00).

BANCO DE IMAGEM/JC



Com este livro, o 18º da sua carreira, além de participação e reunião de antologias, Salim Miguel tem recebido grandes elogios, principalmente pela forma

quase cinematográfica que relembra sua vida. "Imaginei Nur na Escuridão como um jogo de armar. Me parece que um texto é tanto mais rico quanto maiores possibilidades de leitura oferece. O que me aciona é um som, uma imagem, uma paisagem. Pronto o livro, começo a reescrever e a montar, como quem monta um filme", comentou Miguel.

Além da narrativa quase cinematográfica (presente, inclusive, em muitos autores atuais), o livro chama a atenção por buscar um meio termo entre a narrativa árabe e a pesquisa em busca de uma literatura de vanguarda. "Eu quis buscar unir a literatura árabe através da tradição oral, tão presente nas lendas de meus pais e a vanguarda pelas intermináveis leituras que venho fazendo".

O Líbano e o Brasil sob a luz de *Nur*

Em seu melhor romance, o catarinense Salim Miguel faz um memorial iluminado do encontro de dois universos

Escrever um grande romance é trabalho de décadas. Salim Miguel acaba de publicar uma das mais significativas narrativas brasileiras dos anos 90: *Nur na Escuridão* (Topbooks, 258 págs., R\$ 25), texto autobiográfico centrado na vida/vinda de sua gente, oriunda do Líbano, ao Brasil.

De um ponto de vista estrito, o autor não deve ter gasto mais do que alguns meses para escrever o livro – embora este tenha sido produzido, no interior das experiências afetivas da família, por no mínimo duas gerações. Daí ele aproveitar as memórias do pai, cujos trechos são transcritos no volume.

Muito mais que um documento da imigração libanesa para o país, o que temos nestas ficções é um memorial do encontro de dois universos, de duas línguas, que subitamente se mesclam. Já no título, vemos o enlace do árabe e do português. Em belíssimas páginas, ele narra como seu pai, recém-chegado ao Rio de Janeiro, aprende a primeira palavra portuguesa: luz (*nur*), imagem que o acompanhará por toda a

vida. Chegar às escuras e em condições econômicas precárias a um país e a uma língua tão diferentes e dominá-los pela força do trabalho é a saga do patriarca libanês, que, mesmo sem ficar rico, morre em paz por ter deixado sementes no país – os filhos e netos – e, podemos acrescentar, por ter legado à cultura brasileira um escritor/uma história. Descrevendo todo um ciclo social vivido na carne, Salim Miguel dá dimensão literária a seu povo, retratado artisticamente numa língua que a princípio foi tida como espessa escuridão.

É nesse sentido que este comovedor romance sofreu um longo amadurecer. Narrativa familiar, na acepção plena da palavra, pois há um amálgama da voz (língua) do pai com a do filho, *Nur* é a obra máxima do autor catarinense, escrita com a força atávica de seus antepassados. – MIGUEL SANCHES NETO



108 - SARTORI, Raul. Romance. **A Notícia**. Florianópolis, 03 fev. 2000. Anexo, p. C2.

ROMANCE • À exceção da imprensa paulista, “Nur na Escuridão”, o maravilhoso livro recém-lançado do autor catarinense Salim Miguel, já ganhou uma página em “O Globo” e será destaque na próxima edição da revista “República”.

Salim Miguel: "Nur da Escuridão"

O escritor catarinense é um dos últimos monstros sagrados da literatura brasileira.

Autor de 18 livros, editor da saudosa "Ficção", crítico literário, roteirista de cinema, publicitário, meu colega jornalista na legendária revista *Manchete* dos bons tempos, Salim é um dos remanescentes completos de um tipo de intelectual que não mais existe: o memorialista que cria um mundo, um universo próprio.

Seu mais recente livro "Nur da Escuridão" é a saga da imigração libanesa (que o desinformado chama de "turca") para o Brasil do novo mundo. Suas esperanças e glórias, fracassos e derrotas.

Desde a década de 60, quando tive contacto com sua obra, sempre achei que Salim é o Faulkner brasileiro. Embora não goste de comparações é preciso que se diga que o grande artista é aquele que cria universos próprios, logo identificáveis. Como não reconhecer logo nas primeiras linhas o mundo nebuloso de Faulkner? Como não identificar no diálogo rápido, o universo misterioso de Clarice Lispector? Como não ver no primeiro fotograma, no primeiro tiro, o filme de um John Ford? O quadro de um Pancetti, de um Portinari?

Mas não se confunda o romance monumental de Salim com descrição autobiográfica. É mais do que isso. É

a síntese regional e universal de todos aqueles que um dia emigraram para o mundo novo em busca de novos horizontes. E que cai como uma luva num Estado como Santa Catarina, com tantas raças e etnias.

A literatura é uma volta ao passado para abrir rumos ao futuro. E houve época -- podem crer -- em que se acreditava no futuro. Os olhos de um estrangeiro certamente viam o Brasil de uma maneira, de um ângulo diferente do nativo. Seus patrícios libaneses, seu fascinante pai (Yussef), sonhavam, batalhavam, e acreditavam num futuro.

Para que tudo isso não se perca nas brumas do esquecimento, Salim foi resgatá-lo numa espécie de inconsciente coletivo junguiano, na memória maltratada do passado, num afresco grandioso familiar. Em sua obra, o regional se torna universal. Eu diria: global!

Pois ser global não é ficar imitando o que vem de fora, mas justamente fazer alcançar o particular ao geral. A célula familiar em organismo social. O individual em coletivo. O regional em mundial.

Além de tudo, Salim é um dos últimos estilistas de nossa literatura, hoje tão pausterizada.

PAULO RAMOS DERENGOSKI
JORNALISTA EM SANTA CATARINA

110 - SARTORI, Raul. Redenção. A Notícia.
Florianópolis, 06 fev. 2000. Anexo, p. C2.

Redenção

O veterano e respeitado crítico literário carioca Ubiratan Machado mandou dizer à coluna, por amigos catarinenses, que concorda com tudo o que está se falando e escrevendo sobre o livro "Nur na Escuridão", de Salim Miguel. Particularmente, o qualifica como melhor romance sobre imigração escrito até hoje no Brasil. Quem já leu ficou impressionado com a obra, que finalmente está sendo notada pela mídia. A revista "Bravo" deste mês, em crítica de Miguel Sanches Neto, dedica-lhe uma página. Integralmente de retumbantes elogios.

111 - DUNDER, Karla; SAMPAIO, João Luiz.
Lançamentos: no Brasil. **O Estado de São Paulo.**
São Paulo, 20 fev. 2000. Cultura. p. D3.

Nur na Escuridão

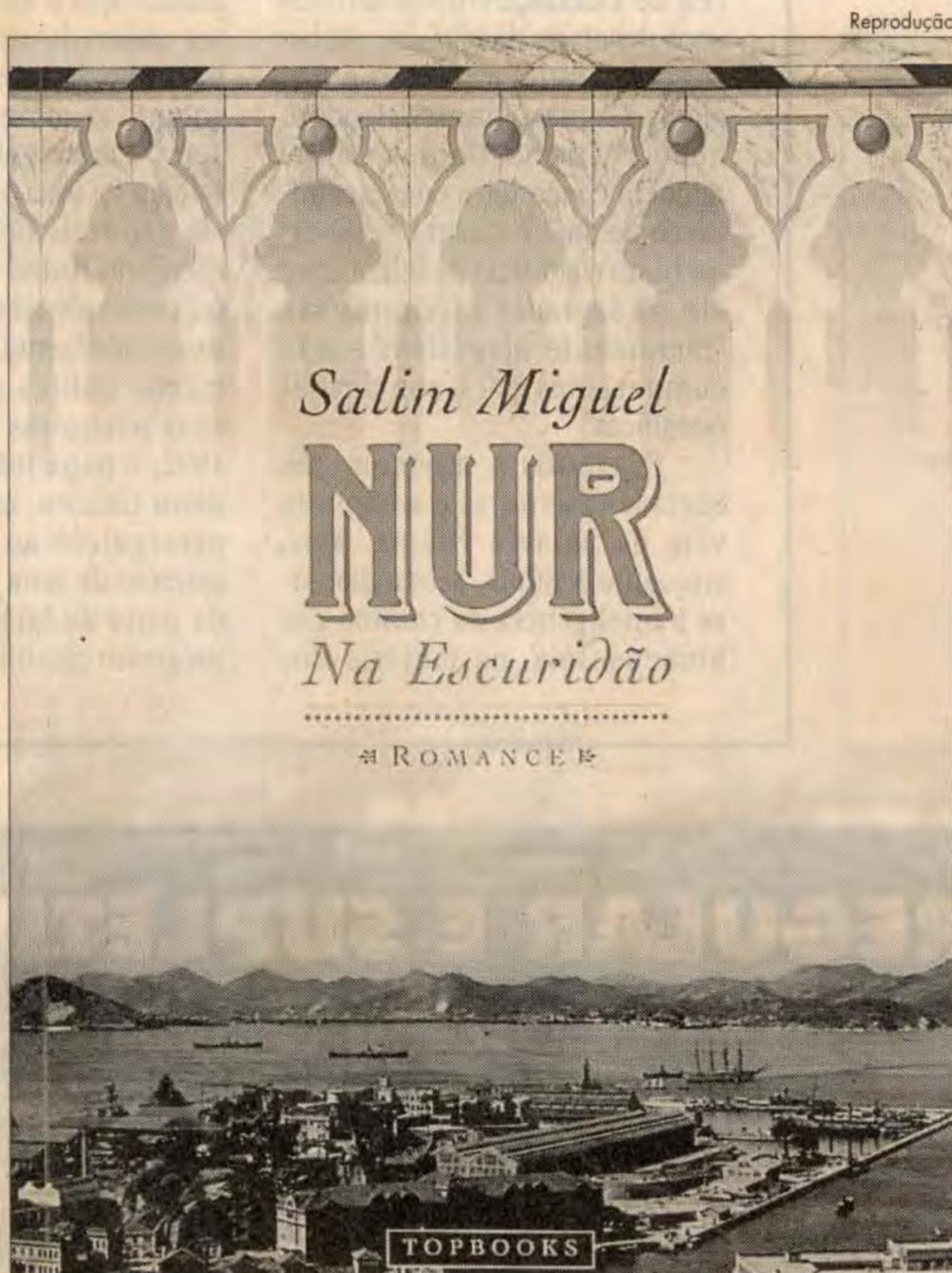
Salim Miguel

O que é nur? A pista está na primeira página do livro, mas fica a sugestão ao leitor para que decifre o enigma, pois um texto é tanto mais instigante



quanto mais possibilidades de leitura oferece. *Nur na Escuridão* (TopBooks, 258 páginas, R\$ 25), de Salim Miguel, é um romance baseado em dados reais trabalhados ficcionalmente. Busca resgatar a saga de uma família de imigrantes libaneses que, almejando ir para os Estados Unidos, acabam chegando ao Brasil. O núcleo central transcorre entre as décadas de 20 e 50, mas não possui uma cronologia fixa e circula pelo Líbano, Rio e Santa Catarina. A estrutura do romance não é convencional e ajuda a alargar os conhecimentos sobre a cultura dos libaneses.

112 - MENEZES, Ana Cláudia. Para ser lido fora de SC, escritor elege editora do Rio. **A Notícia**. Florianópolis, 20 fev. 2000. Anexo, p. C4.



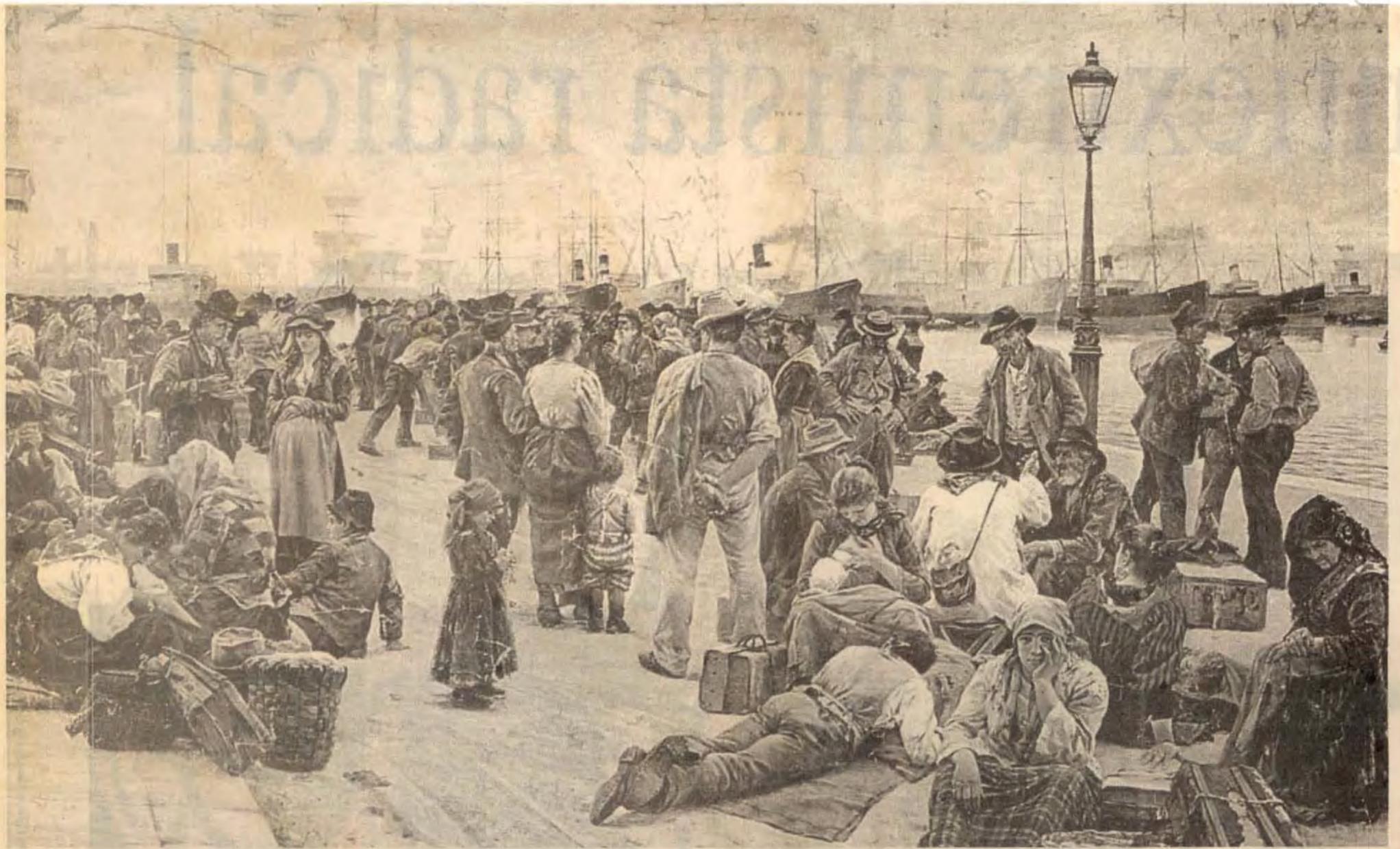
Reprodução

Para ser lido fora de SC, escritor elege editora do Rio

Florianópolis — A dificuldade em distribuir seus livros em outros Estados brasileiros levou o escritor catarinense Salim Miguel a assinar o contrato de edição de seu último livro, "Nur na Escuridão", com a editora carioca Topbooks. "Para o escritor, chega um momento em que ele quer atingir outro público", diz Salim, autor de 18 títulos publicados. O resultado foi melhor do que o esperado: a obra foi eleita o melhor romance de 1999 pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Dificilmente o romance teria repercutido fora de Santa Catarina se tivesse sido publicado por uma editora local. "Se não sai por editoras do Rio ou São Paulo, dificilmente o livro sai do Estado", lamenta o autor.

A dificuldade em distribuir os lançamentos da Editora Paralelo 27 fez o escritor e editor Olsen Jr buscar a parceria de uma colega no ramo, a Insular. Com cerca de 80 livros publicados, Olsen diz que em dez anos de atividade a situação pouco mudou. Para Francisco Pereira, que desde 1997 dirige a Editora Garapuvu, os editores devem ampliar a temática regional para atingir outros mercados, como Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul. "Com muito respeito a Santa Catarina, temos que publicar temas de interesse além da nossa fronteira", sugere Pereira, citando o livro "Sete Estações da Loucura", que inclui escritores de outros Estados, e "Contos Italianos", de Maximo Gorki, inédito no Brasil. A qualidade e o rigor literários, aliados à beleza gráfica, também são fundamentais para chegar à livraria. "Tem que usar a imaginação", recomenda. (ACM)

Capa do livro premiado de Salim Miguel: editora nacional



Memória joga luz sobre o passado

Salim Miguel conta a trajetória de uma família de imigrantes libaneses em texto ficcional e biográfico

NUR NA ESCURIDÃO
Salim Miguel
Topbooks, 293 páginas
R\$ 25

ELIANE TEJERA

Cais do porto, Praça Mauá, Rio de Janeiro, 1927. O jovem libanês recém-chegado ao Brasil aprende sua primeira palavra em português: luz, "nur" na sua língua natal, e a compreensão do termo é o primeiro clarão no novo território onde tudo são temores e trevas. Pouco a pouco, o autor de *Nur na escuridão* – prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte de melhor romance 1999 – vai nos revelando as razões da partida do Líbano da família formada pelo rapaz de 20 anos, sua ainda mais jovem esposa, o irmão desta, e os três filhos do casal. Entre eles, o primogênito Salim, que aqui chegava com apenas três anos de idade, nosso guia de viagem nessa narrativa feita de idas e vindas em busca de esclarecimento sobre os porquês, os dados exatos, as datas e os fatos, a relação dos caminhos individuais com o momento histórico.

Aparentemente, nada se esclarece sobre as questões de fundo, que permeiam a mente de um narrador que se quer ausente, que fala de si como de um outro, sem que no entanto consiga descolar-se de sua própria pele. Autobiografia *Nur na escuridão* é e não é. Uma dubiedade de que não foge o narrador, ao contrário, ele a expõe, realça, faz dela *leitmotiv* da narrativa. O recuo no tempo faz-se de muitos ouros recuos, fugas e negações de momentos e fatos, onde a elaboração de um "possível real" só encontra espaço nessa soma de memória e fantasia.

Ela é também base para a própria construção deste livro de dupla ou tripla natureza. Livro de memória, ficção e biografia, *Nur na escuridão* oscila ainda entre múltiplas formas. Da narrativa bem estruturada, linear, aos fragmentos, saltos não apenas temporais, mas essencialmente formais, como se a história que se constrói fugisse de si mesma, sem querer assumir-se como resgate de vida.

Ela se baseia na sabedoria

do jovem imigrante que já nasceu "velho", capaz de viver a vida nos ritmos da própria natureza, aceitando o destino / *maktub*, não por um gesto de fraqueza ou indiferença, mas na profunda consciência de que as lutas se fazem dentro da vida que se recebe e não fora dela.

Se o velho pai joga gamão com tanta seriedade é porque vive a vida em seu próprio fluir, aceitando com humildade o jogo do destino, sabedor de que terra, país, tesouros não são nada diante da riqueza maior que a vida lhe ofereceu desde muito cedo, o encontro do amor e da poesia, um único e mesmo objeto. Sabedoria que tem em si raízes profundas nos versos dos poetas libaneses, sementes lançadas na alma do jovem imigrante, que as trouxe consigo na bagagem e no coração, e que o autor nos oferece, como pequenas pérolas.

O filho intelectual não consegue concentrar-se no jogo, porque leva a vida a sério demais, quer domá-la, ser seu dono e guia, num constante interrogar-se sobre os porquês, as

causas da partida, da chegada, das tantas mudanças, dos silêncios e das mortes. Enquanto isso o pai simplesmente vive, sem porquês, ficando onde a vida prevê, partindo quando ela já não quer que fique.

E às perguntas do filho o próprio livro é a resposta, a luz, na iluminação desse caminho onde o autor afinal se revê, na busca de compreender a morte como a vida. A pálida vida da irmã Fádua, no seu aparente vazio e inutilidade, ganha agora novos contornos, na consciência de uma vida que simplesmente assim como veio se foi. O fato de não ter deixado uma prova material de sua passagem, sem lugar no registro da história, não lhe tira o lugar num registro mais profundo.

Nur na escuridão é livro de muitas arestas, informe, com bolsões, como se o autor tivesse desistido de dar-lhe um desenho final, num jogo feito de pequenos passos que avançam e recuam, estratégia de quem deseja mas não consegue elidir o encontro com a morte, a consciência de que

ela chega um dia.

Como que tentando driblá-la, o autor se perde em divagações, lança fiapos de lembranças que se cruzam e confundem numa seqüência desordenada. Num outro momento traça contornos nítidos, em bloco à parte, espesso e bruto, dos personagens curiosos de sua infância e adolescência, aqueles a quem, com o passar dos anos, sua imaginação deu cores e tintas, preenchendo-lhes a memória e a vida.

O autor reescreve, sob forma de romance, os versos de Omar Khayam, versos que o velho Yussef/José, incansavelmente repetia, porque eles lhe bastavam, porque eles lhe diziam o que era viver, em máximas feitas de sabedoria.

Resgate de passado, reencontro com as origens, *Nur na escuridão* é também poema presente, lição de vida. Com 18 livros publicados, Salim Miguel, como a própria vida, amadurece seu texto, ganha domínio das palavras e da forma.

Elaine Tejera é crítica de teatro e literatura e professora de Artes Cênicas da Universidade de Santa Catarina

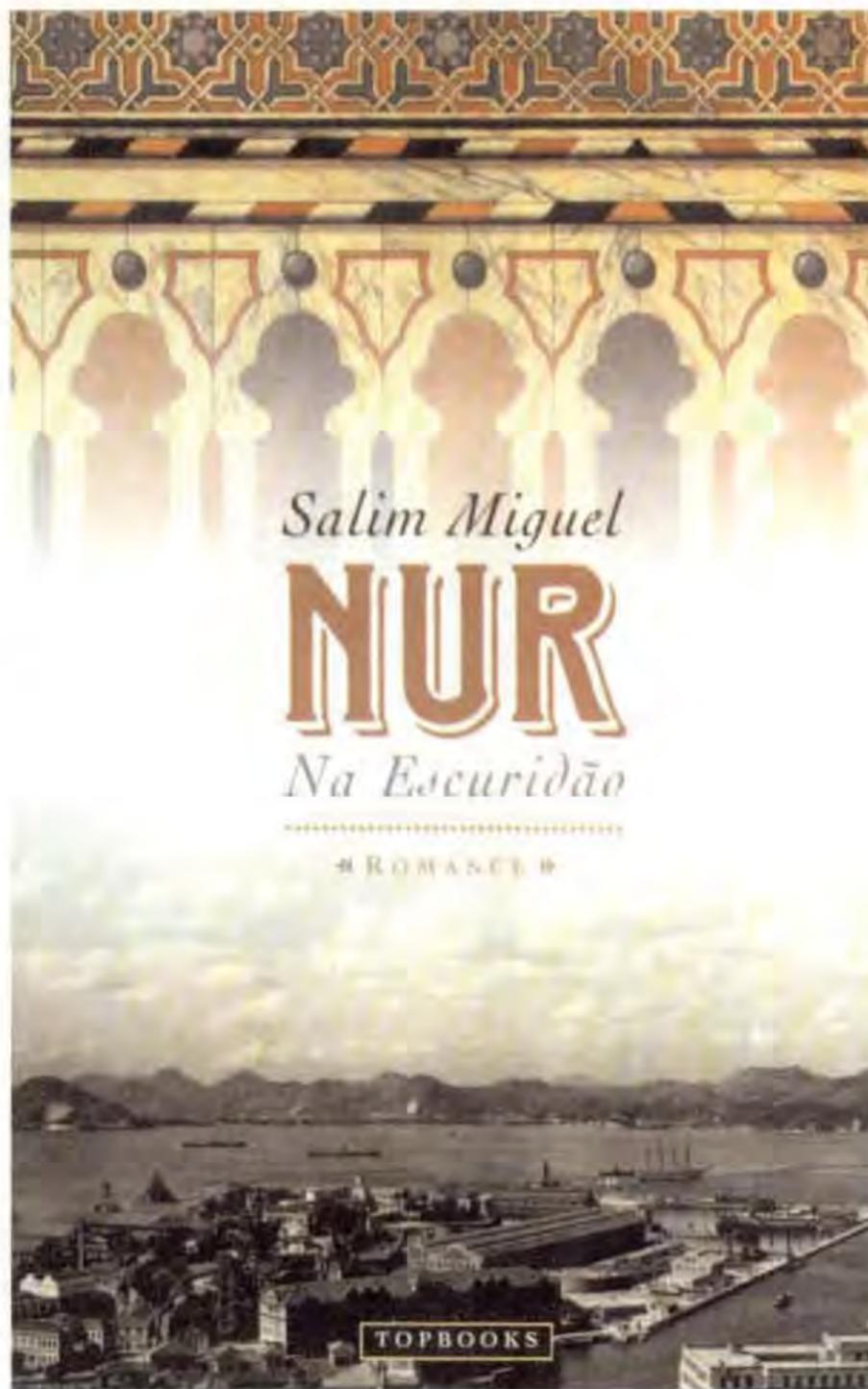
Nur na Escuridão

Através da crônica familiar, Salim Miguel desenvolve a memória da memória.

No princípio era a luz. Na mão do imigrante o endereço do destino, envolto na escuridão. A primeira palavra ouvida luz, na sua própria língua nur, que irá lhe abrir caminhos na poética adotada.

"Nur na Escuridão", romance autobiográfico de Salim Miguel (ed. Topbooks, 1999, 258 pg) é um trabalho literário que se enquadra naqueles ditos de tensão mínima, onde as personagens não sobressaem da estrutura poética e do entorno que condiciona suas ações. O que normalmente acontece neste tipo de literatura e que terminam por desgastar a obra, aqui não ocorre, as ações dos personagens são situadas, têm localização precisa geográfica, existem indícios aqui e ali da época, não obstante a estrutura do romance vai além da crônica simples de um imigrante, da cor local que torna a obra literária um simples passatempo histórico - geográfico.

O romance responde a todas as questões básicas da literatura, o texto criado fala numa voz em que se mistura a voz do narrador que se infere ser o filho, o relato do pai como fragmentos de um diário, a época vista em retrospecto como citações da memória, a história contada através não de um único personagem, mas da visão de dois narradores resultando num único ponto de vista e, no resgate íntimo da história vivida.



A história de uma vida, vai além do resgate da história da imigração, incomum aqui por se tratar de um libanês, daquele caldeirão árabe do Oriente Próximo, enquadrados como turcos exercendo o comércio mascate.

A escuridão do título é uma metáfora de

toda a saga familiar, a escuridão das condições econômicas precárias, a escuridão da língua desconhecida, a escuridão da memória. Essa é a grande lição que Salim Miguel nos passa, que a memória não possui lógica, ela flutua no tempo, nem sempre corresponde à verdade, é um processo de fragmentos, de camadas que se sobrepõem, de pequenos fios que puxados nos trazem imagens subitamente recuperadas.

A memória da história contada pelo pai passa a ser a memória do filho que narra os fatos, seriam verdade as lembranças de alguém, filtradas pela nossa própria memória?

O romance avança e recua como a própria memória do autor, as línguas se fundem, aos poucos as palavras árabes vão sendo assimiladas pelo leitor sem existir a tradução explícita, como ocorre na vida real. Do Habib pai vem a inspiração, das cenas nítidas, a luz na escuridão.

Esse memorial iluminado pela própria memória, foi premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) como o melhor romance de 1999, e sua leitura revela que existem fontes ricas dentro de cada um de nós, que podem ser resgatadas se se compreender que o passado é um eterno presente. (WQG)

115 - OS MELHORES de 1999. O Estado de São Paulo. São Paulo, 26 mar. 2000. Literatura, p. D19.

L i t e r a t u r a

GRANDE PRÊMIO DA CRÍTICA:.....	José Alcides Pinto pelo conjunto da obra (Topbooks)
POESIA:	Carlos Nejar <i>Livro de Silbion: edição comemorativa de 35 anos de poesia.</i> (Hucitec)
ROMANCE:	Salim Miguel <i>Nur na Escuridão/</i> (Topbooks)
CRÔNICA:.....	Betty Milan / O Século (Record)
LITERATURA INFANTIL:.....	Raquel Coelho/ No Caminho das Artes: Teatro (Formato)
ENSAIO:	Marleine Paula Marcondes/A Voz das Águas: A poesia de Olga Savary (Univ. de Coimbra/Colibri)
PRODUÇÃO EDITORIAL:.....	Escrituras Editora

AGENDA

Amanhã ■ Lucia Fidalgo autografa *Pedro: menino navegador* a partir das 16h30 no Museu Histórico Nacional (Av. Marechal Âncora, s/nº – Centro)

Segunda ■ O livro *Arqueologias Culinárias da Índia*, de Fernanda Camargo-Moro, será lançado às 19h, na Livraria Eça (Shopping Cidade, Av. Ataulfo de Paiva, 135 – loja 108 – Leblon).

Terça ■ O historiador Luiz Felipe Alencastro faz palestra dentro do projeto *Brasil 500: República das Etnias*, no Museu da República, às 18h30 ■ Roberto Muggiati autografa *A contorcionista Mongol* na Livraria do Museu da República.

Quarta ■ O teólogo e escritor Leonardo Boff faz uma palestra no Hospital

da Lagoa, às 10 horas, sobre seu livro *Saber cuidar* ■ O livro *Informática na Terceira Idade*, de Gilson Nascimento, vai ser lançado às 19h, na Livraria Ponte de Tábuas (Rua. J.J. Seabra, esquina com Rua Jardim Botânico) ■ O escritor Salim Miguel faz palestra às 10h30 na Faculdade de Letras da UFRJ, no Fundão, sobre seu livro *Nur na escuridão*.

Quinta ■ Na Fundação Planetário (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea), lançamento, às 20h de *Os sonhos atribulados de Maria Luísa*, de Mário Novello ■ Lançamento de *Fogo nas entranhas*, de Pedro Almodóvar, às 19h30, com show de Fausto Faucett em frente à livraria Dante (Rua Dias Ferreira, 45).

Com Rodrigo Alves

117 - COSTA, Célia; MILLEN, Mânia. Palestra. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 abr. 2000. Prosa & Verso, p. 5.

• **PALESTRA:** O escritor Salim Miguel, autor de “Nur — Na escuridão”, prêmio APCA de melhor romance em 1999, faz palestra na quarta-feira, dia 12, às 10h30m, na Faculdade de Letras da UFRJ, no Fundão.

Material inusitado em forma de arte

Trabalhos em desenho, gravura e pintura feitos de juta - material usado para transportar produtos alimentares e carregar areia e barro - estão na mostra *A Essência do Material*, de Ronaldo Linhares, que começa hoje às 19h30 no Espaço Oficina no Centro Integrado de Cultura. Estudante da 6ª fase de Artes Plásticas na Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, Ronaldo transforma a aparência rústica da juta em algo sutil.

Premiado na categoria Gravura, no 8º Salão de Novos Artistas em 1987, Ronaldo participa de coletivas e realiza exposições desde 1983. Ele aplica a essência da gravura - sua especialidade - também na pintura e desenho. Os desenhos trazem o volume da juta "gravado" no papel e nas pinturas também está embutido o processo de gravar: o barro e a areia misturados à água ou óleo são depositados dentro da embalagem, exercendo pressão pelo seu peso, causando o vazamento do pigmento por entre as tramas do tecido.

Lembranças - Natural de Florianópolis o artista iniciou a carreira através da xilogravura, em 1982. Nos anos seguintes aperfeiçoou-se também em litografia, serigrafia, policromia, além de conservação e restauração de documentos.

A inspiração para este trabalho veio das reminiscências da infância, quando brincava no porão em meio ao barro e tijolos que sustentavam sua casa, e o terreno acidentado de terra, onde escondia-se numa caverna. "A matéria com sua textura e o material expressivo que possui uma qualidade inerente é o que me interessa, é minha poética", explica o artista. A mostra vai até o dia 8 de dezembro.

Saga libanesa é tema de obra de Salim Miguel

"Nur na Escuridão", novo livro do escritor catarinense, será lançado dia 30

O escritor e jornalista Salim Miguel lança seu 18º livro, "Nur na Escuridão", retomando as histórias de imigrantes libaneses que vivem entre Biguaçu e Florianópolis, um dos assuntos prediletos do autor, ele próprio descendente de imigrantes dessa etnia.

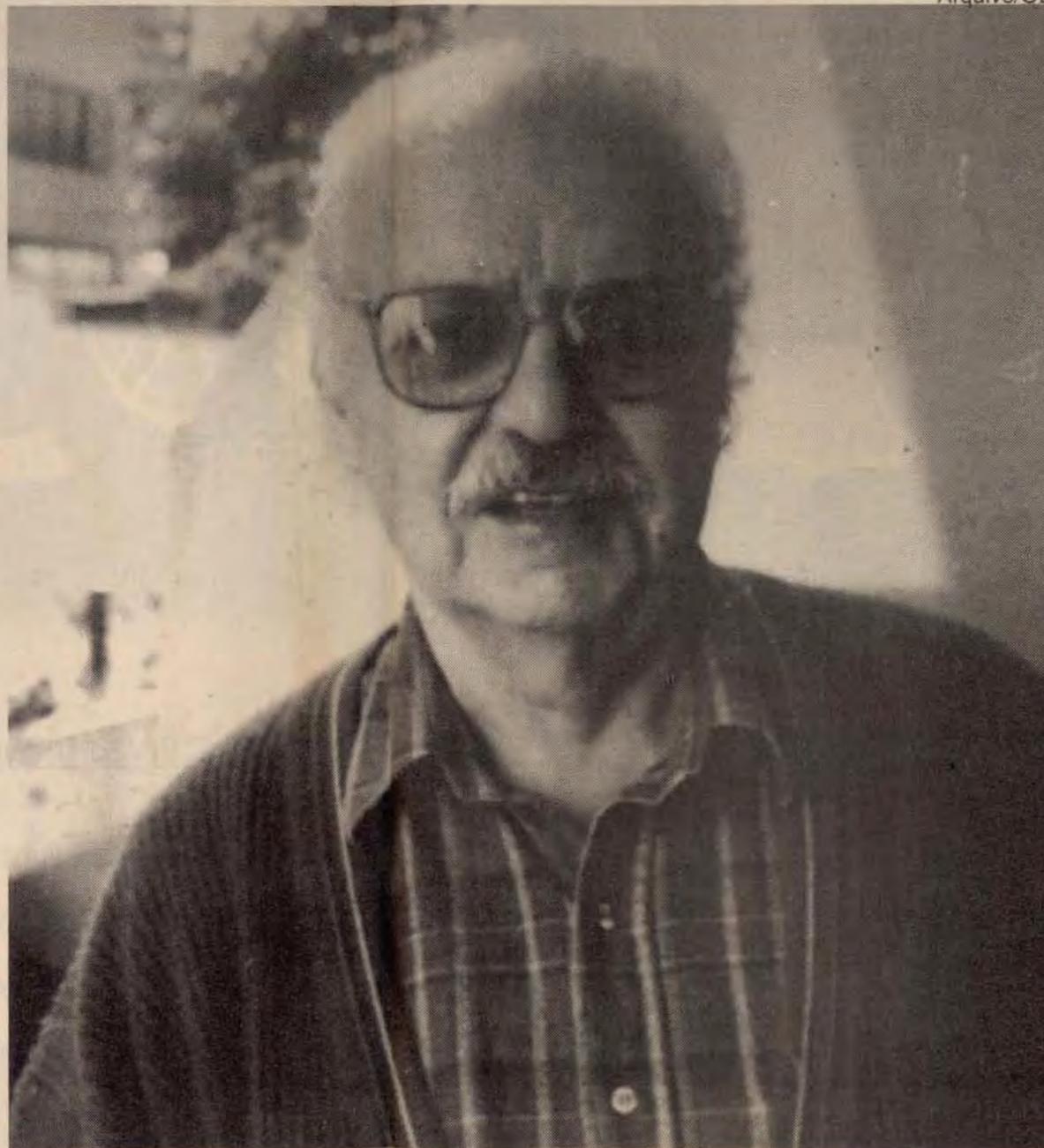
O lançamento acontece em Florianópolis, no Museu Cruz e Sousa no dia 30, a partir das 20 horas. No dia 3 de dezembro, o escritor realiza outro lançamento na Câmara de Vereadores de Biguaçu, a partir das 19 horas.

O autor de "A Morte do Tenente e Outras Mortes" (contos) e "A Voz Submersa" (romance) lança agora seu novo livro pela editora carioca Topbooks. "Nur na Escuridão" tem 258 páginas e custará em torno de R\$ 20,00.

O romance de fundo histórico "é um retrato do Brasil de 1927 até 1950 por meio de imigrantes libaneses", conta o escritor. Chegando numa terra nova, os imigrantes não falam uma só palavra em português e têm que se adaptar a novas relações sociais, costumes e hábitos do Brasil.

Daí o título. "Nur" quer dizer luz em libanês. "É um título simbólico, as pessoas estão chegando no escuro", lembra Salim. Um exemplo é a experiência de uma família que acaba de chegar ao Brasil e se depara com o movimento da Revolução de 30.

Assim, mesclando fatos da



Arquivo/OE

Salim Miguel é uma das raras vozes que fala da etnia árabe, cuja importância é enorme em todo o Brasil

história do país e situações envolvendo os imigrantes, o escritor é uma das raras vozes na literatura que fala da etnia árabe, cuja comunidade soma 6 milhões de pessoas no país, a maioria de libaneses e sírios. Bem o oposto da grande pro-

dução literária que existe sobre italianos e alemães, por exemplo, lembra o escritor.

O autor já publicou, entre outras, pelas editoras do Grupo Sul, Insular, Letras Contemporâneas e José Olympio Editora, e publica pela primeira

vez pela Topbooks.

Junto de uma intensa produção literária, Salim Miguel é um dos intelectuais catarinenses mais atuantes, dirigiu a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação Franklin Cascaes.

Prêmio a jornalistas e artistas

Sete personalidades de destaque nas artes e no jornalismo catarinenses receberão do governo do estado e o Conselho Estadual de Cultura, a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa, entregue hoje, às 11 horas, no Palácio Cruz e Sousa:

O escritor Salim Miguel, o cineasta Zeca Pires, os jornalistas Ilmar Carvalho e Sílvio Melatti, o crítico Alcídio Mafra de Souza, o artista plástico Hiedy de Assis Corrêa e a pesquisadora e diretora de teatro Edith Kormann.

Serão feitas homenagens ao editor Odilon Lunardelli (in memoriam) - um dos pioneiros na publicação de livros de autores catarinenses e criador da feira do Livro de Florianópolis, que já se encontra na 14ª edição - e aos promotores do Festival de Dança de Joinville.

A homenagem ao Festival de Dança de Joinville se deve à importância deste evento na divulgação do estado e na formação de novos bailarinos e de platéias para a dança em Santa Catarina. Criado em 1983, o Festival já promoveu a apresentação de 60 mil bailarinos, e foi assistido por público superior a 1 milhão de pessoas.

Concedida a três anos, a Medalha do Mérito Cruz e Sousa foi criada pelo decreto governamental nº 4.892 em 17 de outubro de 1994, e contempla autores de obras literárias, artísticas, educacionais ou científicas de reconhecido valor e a indicação dos nomes é feita pelo Conselho Estadual de Cultura através de votação secreta.

A solenidade terá a presença do governador Esperidião Amin e do diretor geral da Fundação Catarinense de Cultura, Iaponan Soares, que também preside o Conselho Estadual de Cultura.

"Nur" ganha prêmio de Romance do Ano

Livro do escritor catarinense Salim Miguel foi indicado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte

SÍLVIO MELATTI

Lançado há exatamente duas semanas, o livro "Nur na Escuridão", do catarinense Salim Miguel, acaba de ganhar um dos prêmios literários mais tradicionais do País. A obra foi escolhida como Romance do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) numa assembleia realizada segunda-feira para a escolha do prêmio Melhores de 1999 nas áreas de artes visuais, cinema, dança, literatura, música erudita, música popular, teatro, teatro infantil, televisão e rádio.

"Nur da Escuridão" se passa entre Biguaçu e Florianópolis. O romance trata da

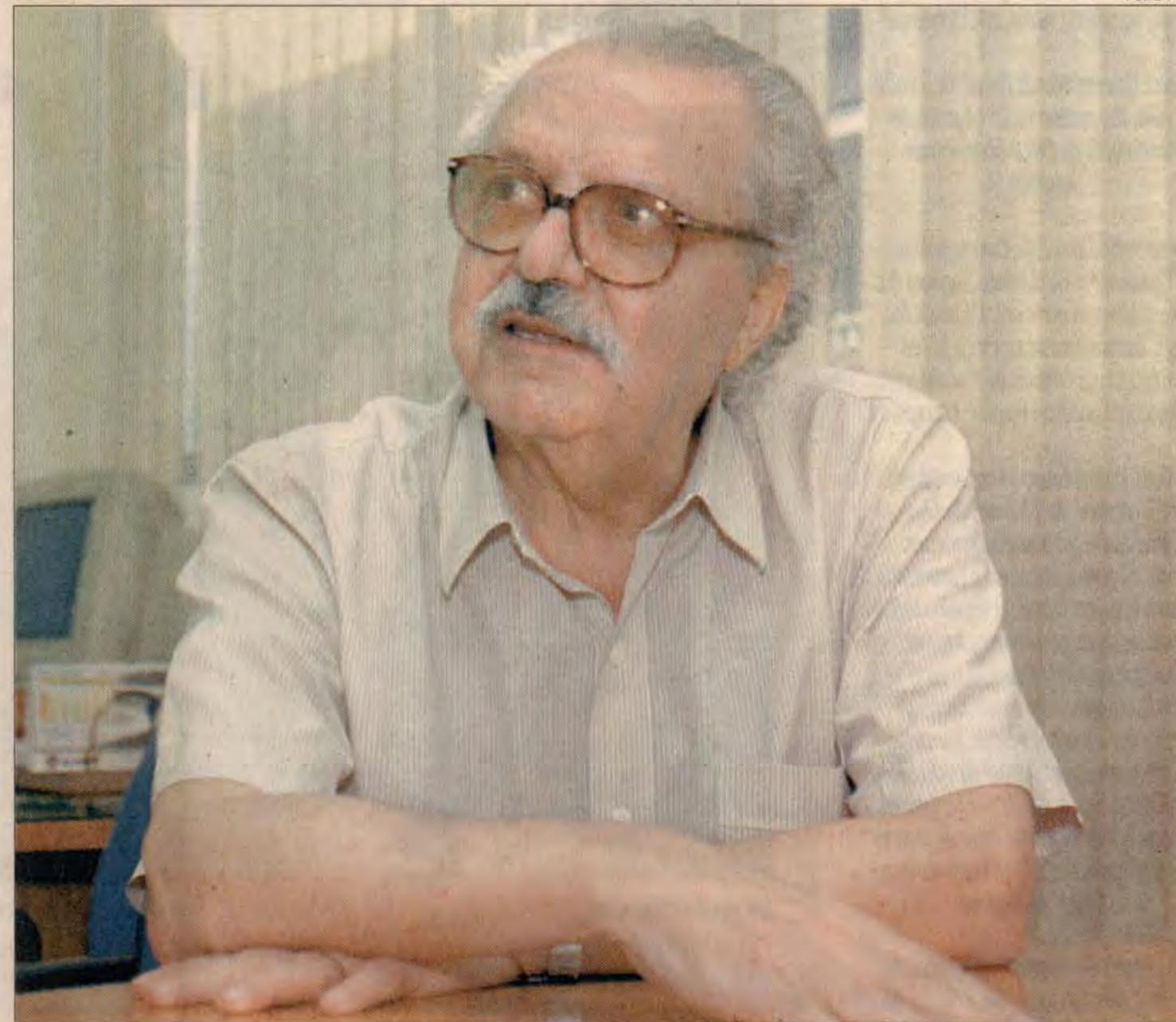
saga de uma família libanesa que imigra para o Brasil no começo do século. Salim Miguel viaja hoje para o Rio de Janeiro para participar da promoção do livro. Amanhã ele estará no programa "Sem Censura", da TV Educativa do Rio, que é transmitido para todo o Brasil entre 16 e 18 horas. Na sexta-feira fará o lançamento de "Nur" na Livraria Cidade, no bairro carioca de Ipanema.

Os outros prêmios da APCA ficaram concentrados, em sua maioria, no eixo Rio-São Paulo. O de melhor filme, por exemplo, foi para "Santo Forte" (vencedor do último Festival de Gramado), mas o de melhor diretor ficou com

Carlos Reichenbach, pelo filme "Dois Córregos". Na área de dança, a APCA outorgou o Prêmio Estímulo para a paranaense Verve Companhia de Dança, de Campo Mourão, que já se apresentou várias vezes no Festival de Dança de Joinville.

PRÊMIO DUPLO

Em literatura, a editora Topbooks foi duplamente agraciada. Além de compartilhar com Salim Miguel os louros pelo título de Romance do Ano, também é de seu catálogo o escritor que ganhou o Grande Prêmio da Crítica. José Alcides Pinto foi escolhido pelo conjunto da obra. Em poesia, os votos recaíram sobre Carlos Nejar, pelo "Livro de Silbion", da Hucitec. Como melhor instrumentista de música erudita, o pianista Miguel Proença, que passou recentemente por nossos palcos, foi o indicado. Confira a relação completa dos premiados nesta página.



SURPRESA Premiado duas semanas depois do lançamento, Salim Miguel viaja hoje para o Rio

120 - SARTOI, Raul. Glória. **A Notícia**. Florianópolis, 10 abr. 2000. Anexo, p. B2.

Glória

Salim Miguel anda muito requisitado e vive momentos de felicidade extrema por conta do sucesso do romance "Nur na Escuridão". Amanhã, em rede nacional, pela TV Educativa (TV Cultura em SC), participa do prestigiado programa "Sem Censura", das 16 às 18 horas, comandado por Leda Nagle. No dia seguinte, atende convite da Faculdade de Letras da Universidade Federal (UFRJ) para uma palestra, seguida de debate e lançamento do livro.

Eles dizem, eles fazem

Novidade

O escritor Autran Dourado colocou um ponto final em sua mais nova obra "Gaiola Aberta", que brevemente sairá pela Rocco. No livro ele relata os bastidores da vida política do presidente Juscelino Kubitschek, com quem trabalhou no governo de Minas e na Presidência da República. Toda a obra de Autran está sendo reeditada pela editora Rocco. Na Bienal do Livro de São Paulo saem quatro títulos: "Uma poética de romance", "Novelário de Donga Novais", "Um artista aprendiz" e "A serviço del Rey".

Lançamento

Reunindo poemas de seis dos seus sete livros publicados no Brasil entre 1979 e 1997, o poeta Reynaldo Valinho Alvarez está lançando "A faca pelo fio", uma co-edição da Imago com a Fundação Biblioteca Nacional. A poesia de Reynaldo tem sido muito bem recebida pela crítica em todo o mundo. Traduzido para o sueco, o italiano, o francês, o espanhol, o corso, o persa e o macedônio, ele teve seu primeiro livro de ficção publicado recentemente em Portugal e, em setembro, sai uma coletânea de seus poemas nas livrarias de Quebec, no Canadá. Em 99, seu livro "O sol nas entranhas" ganhou, na Itália, o Prêmio Camaiore Internacional de Poesia. Ficou em excelente companhia, anteriormente os poetas Evgueni Evtuchenko e Lawrence Ferlinghetti também foram premiados.

Concurso/Poesia

Atenção poetas brasileiros! Estão abertas, até o dia 20 de outubro, as inscrições para o Prêmio Nacional Gregório de Mattos - Poesia 2000" promovido pela Academia de Letras da Bahia e a Copene Petroquímica do Nordeste S/A. Ao vencedor caberá um cheque no valor de R\$ 15 mil e a publicação do livro por uma editora de projeção nacional. Informações: <letrasba@zaz.com.br>.

Concurso RFI

O Concurso de Contos Guimarães Rosa, organizado pela Rádio França Internacional para autores de língua portuguesa, está lançando sua edição 2000. Todos os escritores que quiserem participar têm até o dia 31 de agosto para se inscrever. No ano passado a RFI recebeu 1.063 originais. O vencedor foi o gaúcho Altair Martins, que levou 15 mil francos franceses com o conto "Humano". O prêmio Casa da América Latina, especial para autores de nacionalidade brasileira, foi para Sérgio Kleinsorge, de Porto Velho, Roraima. Informações <<http://www.rfi.fr>>.

Nota dez

O empresário doublé de escritor César Romano caminha no mundo da literatura de ajuda com força total. Com cinco títulos publicados ele já vendeu mais de 500 mil livros. Seu último lançamento é "A semente de Deus". César é fundador e executor do projeto Fábrica de Gente, que integra meninos de rua através do trabalho e profissionalização especializada. Até o momento, Fábrica de Gente já absorveu 3 mil crianças.

Novos ângulos

A historiadora portuguesa Maria Beatriz Nizza da Silva, professora da USP, decidiu abordar outro ângulo dentro dos estudos históricos investigando a escravidão, tema não muito freqüente entre seus pares. Selecionou 24 ensaios de historiadores brasileiros, portugueses e americanos e reuniu-os em "Colonização e escravidão" (Nova Fronteira). O resultado foi uma coletânea diferenciada onde o eterno estudo da escravidão negra do ponto de vista demográfico-econômico foi substituído por questões diversas como o cativo indígena, o posicionamento da Igreja, o enclausuramento dos escravos em irmandades.

RAPIDINHAS

Hoje, às 10h30, na Faculdade de Letras da UFRJ, no Fundão, o escritor

Salim Miguel faz palestra sobre seu livro "Nur na escuridão".

Às 19h, na Livraria Ponte das Tábuas (Rua Jardim Botânico, 585, lj A e B), o escritor Gilson Nascimento lança "Informática na terceira idade".

O professor de Direito da Faculdade de Curitiba Waldyr Grisard Filho aborda o direito de Família em "Guarda compartilhada - Um novo modelo de responsabilidade parental".

Fernanda Camargo-Moro aborda em "Arqueologias culinárias da Índia", as delícias culinárias e a arqueologia da Índia.

Na próxima 3ª feira, às 21h30, na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro Everardo Rocha, Luis Alberto Helsinger e Eustáquio Nunes falam sobre "Brasil 500 anos e a psicanálise brasileira". Informações: 543-4998.

O jornalista Ayrton Bafa, baseado em depoimentos de um agente do antigo Serviço Nacional de Informações, o temível SNI, lançou "Sol para os mortos".

Maria Célia Teixeira

122 - SILVA, Deonísio da; BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Especial Vogue: quem fez acontecer a cultura brasileira. **Vogue**. São Paulo, maio 2000. p. 58.

SALIM MIGUEL. Catarinense. *Nur na Escuridão*, lançado no ano passado, comoveu a crítica com a saga de uma família de imigrantes árabes no Sul do Brasil. Nur, em árabe, significa luz

SALIM MIGUEL

Sete meses após ser lançado, o livro *Nur na Escuridão*, do escritor catarinense Salim Miguel, ganha a primeira reedição. Atendendo aos pedidos das livrarias, a editora Topbooks, do Rio de Janeiro, está preparando a segunda edição da obra, premiada como o melhor romance brasileiro de 1999 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). O livro, de caráter autobiográfico, narra a saga de uma família de imigrantes libaneses que chega ao Brasil em 1927, tenta se estabelecer no Rio e acaba mudando para Biguaçu, na Grande Florianópolis, de onde se transfere, anos depois, para a capital catarinense. A nova edição deve ficar pronta no final de agosto.

Personagem

Salim Miguel, o brilho da palavra

Nur na Escuridão, seu 18º livro, foi escolhido o melhor romance de 1999

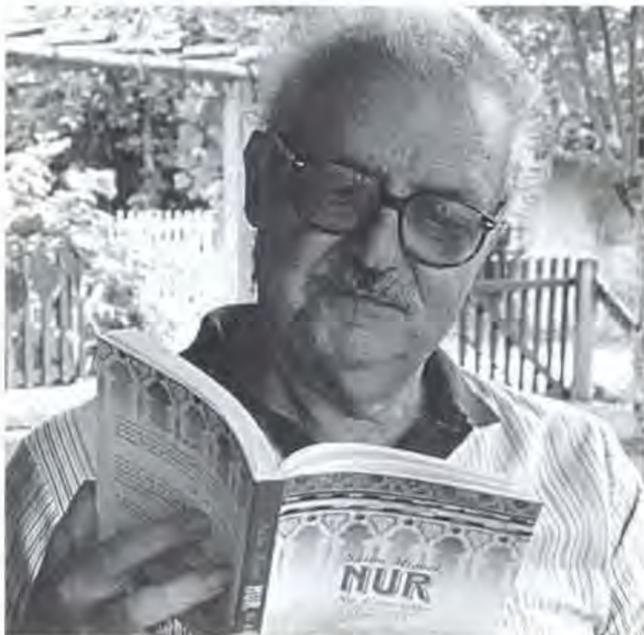
Dezoito de maio de 1927. Um menino de três anos chega ao Brasil, procedente de Kfarssouroun, no Líbano. Desembarca no cais do porto do Rio de Janeiro com os pais, duas irmãs mais novas e um tio. Ninguém sabia nenhuma palavra em português. O pai, Youssef, entrega um bilhete com um endereço a um motorista de táxi. Está escuro, o brasileiro não consegue ler, risca um fósforo e diz: “luz”. A chama se apaga, ele acende outro e repete: “luz”. No fim da vida, Youssef ainda se emocionava ao lembrar a primeira palavra que aprendera em português: Luz – ou *Nur* em árabe.

O menino de três anos hoje tem 76 e seu nome está gravado com destaque na literatura do país. Salim Miguel é jornalista, escritor e crítico literário há 50 anos. E durante muito tempo, servidor público federal, exercendo a função de Técnico em Comunicação Social, na Agência Nacional. Aposentado, não esconde o seu descontentamento com a situação atual: “FHC conseguiu implantar o pensamento único. Ele domina os meios de comunicação e impede qualquer notícia que seja desfavorável ao seu governo”.

Coerente com o que fez em toda a sua vida, Salim continua a lutar por um Brasil mais justo. Para ele, a saída é investir em educação “e cada um fazer o seu trabalho de formiguinha”. Crer, em meio à descrença. Lutar, mesmo que outros desistam. Acreditar, quando tantos desanimam.

O último livro, *Nur na Escuridão* (editora Topbooks), é uma lição de vida e conta a saga da família que veio do interior do Líbano para se estabelecer em Santa Catarina. Este 18º livro foi eleito o “melhor romance de 1999” pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Salim Miguel viveu em Biguaçu dos



Salim: saída é investir em educação

cinco aos 19 anos. Mudou-se para Florianópolis em 1943. Junto com a mulher, Eglê Malheiros, foi um dos fundadores do Grupo Sul, movimento artístico-cultural que agitou Santa Catarina nas décadas de 40 e 50. Estreou na literatura, em 1951, com *Velhice e outros contos*. Em 1957 escreveu, com Eglê, o roteiro do primeiro longa metragem realizado em Santa Catarina: *O preço da ilusão*.

Mas suas idéias pareciam incomodar os ditadores de plantão, que em 1964 não eram poucos. No dia 2 de abril foi detido “para averiguações” e permaneceu preso no Quartel da Polícia Militar por 48 dias. Solto, foi convidado pelo escritor Adonias Filho para trabalhar na Agência Nacional, no Rio de Janeiro, onde ficaria menos exposto à perseguição dos militares. “Ele me enviou a passagem, disse que o processo seria arquivado, e que era melhor ir para o Rio, porque conhecidos meus estavam de olho no cargo e desejavam a minha volta à prisão”.

E lá se foram: Salim, Eglê e quatro filhos. Viveram no Rio durante 15 anos, publicando livros e escrevendo em jornais.

Eglê também fazia traduções. Para complementar o salário da Agência Nacional, onde trabalhava à noite, Salim foi em busca de mais um emprego. Ainda lembra do teste, na revista Fatos e Fotos, a mais importante publicação brasileira da época. “Eram 20 páginas sobre pesca que eu deveria reduzir para oito”. Aprovado, atuou também na revista Manchete e nos últimos três anos em que esteve na Bloch Editores, foi redator-chefe da revista *Tendências*. Embora não tivesse participado da assembléia e considerasse o momento inoportuno, aderiu à primeira greve dos jornalistas do Rio e foi demitido. Salim também editou a revista literária carioca *Ficção*, que marcou época e lançou novos talentos.

Retornou a Santa Catarina em 1979. À convite do escritor Jair Hamms, coordenou diversos projetos literários, entre eles o Concurso Cruz e Sousa. Dirigiu a Editora da UFSC de 1983 a 1991 e a Fundação de Cultura de Florianópolis entre 1993 e 1996.

Associado do Sintrafesc, servidor público federal aposentado, Salim Miguel amarga, como sua categoria, cinco anos sem um único centavo de reajuste. E não economiza letras para resumir a tragédia do governo FHC: “Ele está entregando o país ao capital estrangeiro e acabando com o serviço público”.

Estampa

Estampa é uma publicação mensal do Sintrafesc. Cartas, textos, críticas e sugestões podem ser enviados para a Rua Nereu Ramos, 19 – sala 609 Fone/fax (48) 223-6452. jornal@intergate.com.br Jornalista Celso Vicenzi (SC 00274 JP). Design Renato Rizzaro. Tiragem 4.300 exemplares. Impressão Gráfica Agnus.

Fontes
Jornal Sem Terra, Jornal do Sintsep-GO, Jornal do Senado, Revista dos Bancários, Folha Sindical, Condsef, Jornal Público, Agenda Outros 500
www.servidor.gov.br
www.jubileu2000.org.br
Ilustração/capa Nicolielo

O grande clã de escritores

Cinco integrantes de família catarinense lançam livros no mesmo ano, e o número deve aumentar até dezembro

SÍLVIO MELATTI

Joinville – Poucas famílias no Brasil, talvez no mundo, podem ostentar a marca alcançada em 2000 pelo clã catarinense dos Miguel. O próprio patriarca, Salim Miguel, espantou-se quando se deu conta da coincidência: cinco integrantes da mesma família tiveram livros lançados no mesmo ano. E um sexto está em "trabalho de parto" literário, devendo publicar até o final do ano. Como se não bastasse, um sétimo membro familiar tem livro na praça, lançado em 1996.

Tudo começou com Salim, claro. Sua 18ª obra, "Nur na Escuridão" (Editora Topbooks), ganhou recentemente uma segunda edição por conta do prêmio de melhor romance do ano, dado pela Associação Paulista de Críticos de Arte. A primeira edição, de 3 mil exemplares, esgotou-se em sete meses, caso raro nas letras catarinenses. Mas o mais raro viria em seguida: depois do pai, três filhos e uma nora lançam livros quase simultaneamente, em lugares diferentes e áreas distintas.

Publicado no final do ano passado, "Guia de MPB em CD", de Antonio Carlos Miguel, também esgotou-se rapidamente e teve segunda edição em maio. O volume faz parte de uma série impressa com o selo da Jorge Zahar Editor, do Rio de Janeiro, e é único no gênero. Com a objetividade de um jornalista (Antonio Carlos é editor-assistente do segundo caderno do jornal "O Globo"), o autor traz indicações e comentários de cerca de 500 discos de 150 compositores e intérpretes da música popular brasileira, apresentando também pequenas biografias de cada artista.

Jornalista como o irmão e o pai, mas com doutorado em ciências sociais, Luis Felipe Miguel enveredou por um trabalho mais acadêmico. Ele acaba de lançar "Mito e discurso político" pela Editora da Unicamp. O filho caçula de Salim é professor da Universidade de Brasília e, nesta obra, analisa o conceito de mito a partir dos programas políticos apresentados durante a campanha eleitoral de 1994. Quando morou em Santa Catarina, Luis Felipe publi-

cou, pela Insular, "Revolta em Florianópolis: a novembrada de 1979".

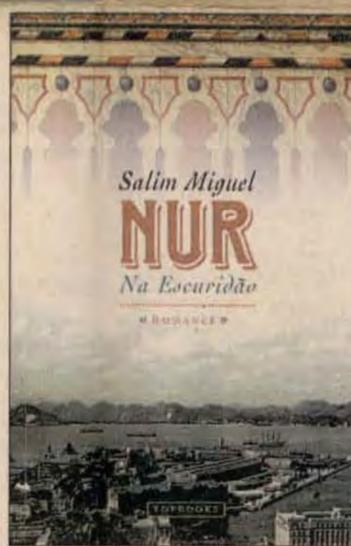
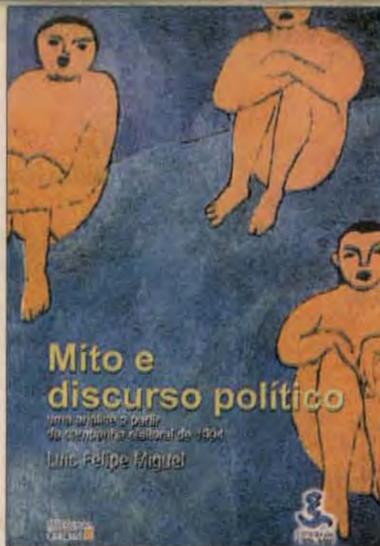
Sem romper a rede familiar, a catarinense Regina Dalcastagnè entra nessa história como mulher de Luis Felipe e autora de "A garganta das coisas", lançado no mês passado pela Editora UnB, da Universidade de Brasília, onde leciona literatura. No livro, Regina faz um mergulho teórico numa das obras mais radicais da literatura brasileira – o romance "Avalovara", de Osman Lins. Ela mostra que a leitura de "Avalovara" exige uma perspectiva múltipla, baseada em diferentes campos da arte e do conhecimento humano. Regina cursou comunicação social na UFSC, fez mestrado em literatura brasileira na UnB e doutorado em teoria literária na Unicamp. Além de "A garganta das coisas", publicou "O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro" (Editora UnB) e "Tramóia: histórias de rendei- ras", pela Insular.

PESQUISA

O livro mais recente dessa família de escritores é "A política das cotas por sexo", de Sônia Malheiros Miguel. Trata-se de um estudo sobre as primeiras experiências do legislativo brasileiro com o sistema de cotas eleitorais. Publicada pela ONG Cefemea e com apoio do BID, a obra não está à venda – é distribuída a instituições interessadas (pedidos para: SCN, Quadra 6, Bloco A, sala 602, CEP 70716-000, Brasília).

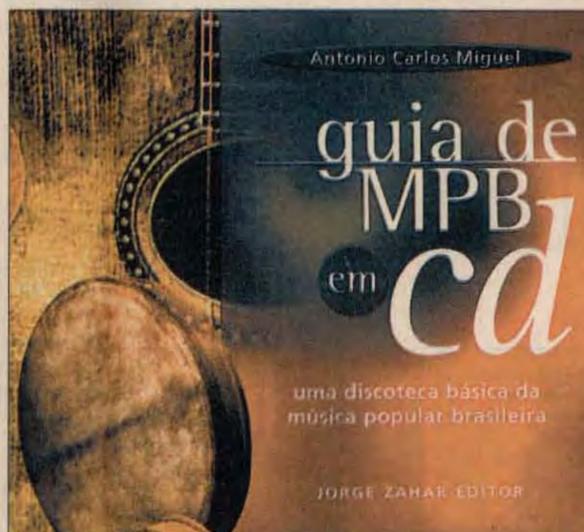
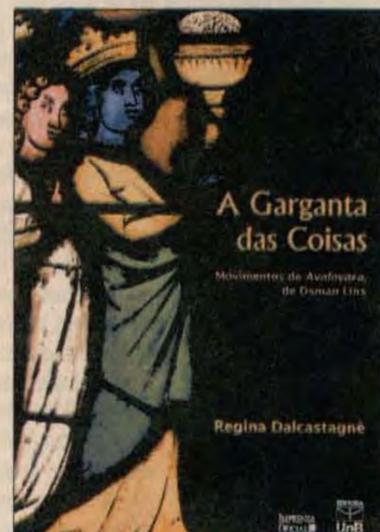
O filho mais velho de Salim e Eglê Malheiros, João José Miguel, também tem um livro publicado. "O caminho do mago", editado em 1996 pela Francisco Alves, traz uma visão contemporânea do tarô. Adepto de filosofias orientais, João José assina Veet Vivarta e hoje dirige a Andi (Agência Nacional dos Direitos da Infância).

Por último, mas não em último lugar, a mãe dessa prole letrada prepara sua quarta obra. Eglê Malheiros quer reunir seus contos e seus ensaios sobre literatura infantil num volume ainda sem título, a sair em data não definida – se depender de Salim, sai antes do final do ano, pois assim a família bate um recorde difícil de ser superado.



PATRIARCA

Salim e as capas de alguns livros da família: pais escritores geraram filhos idem, um feito pouco comum mesmo entre gerações de literatos



De volta ao Líbano

Tradução. Romance de Salim Miguel, "Nur na Escuridão", será lançado no Líbano amanhã

CAROL MACÁRIO

carolmacario@noticiasdodia.com.br

@carolmacario_ND

Salim Miguel, romancista, contista e jornalista de Santa Catarina, tinha pouco mais de três anos de idade quando desembarcou no porto do Rio de Janeiro em 1927. A saga da família de imigrantes libaneses, contada com realismo e emoção pelo autor de 89 anos no romance autobiográfico "Nur na Escuridão" (Editora Topbooks / 1ª edição), lançado em 1999, foi traduzido para o libanês e será lançado amanhã, em Beirute, sob o título "De Koura ao Brasil, Ida... Retorno".

Koura é a cidade dos pais de Salim, de onde no final da década de 1920 saíram, passando por Trípoli, Marselha e Dakar, até chegar à praça Mauá, no Rio. Salim, que não fala uma palavra em libanês, está feliz com o lançamento. É a primeira vez que uma obra sua é traduzida para o idioma de sua terra natal. O livro será lançado pela editora Dar Saer Machrek, que em português quer dizer Todo o Oriente. O lançamento será no salão principal da Feira do Livro de Antelias, em Beirute, capital do Líbano.

"Para mim é importante porque, em primeiro lugar, tem um retrato razoável daquela região toda. E em segundo, porque o tradutor mora em Curitiba", diz Salim Miguel. Ele explica a emoção: "O tradutor, Youssef Mousmar, disse que era uma honra traduzir o meu livro. Ele disse que se apaixonou pela obra quando leu", conta o autor, comovido por saber que sua obra toca tão profundamente as pessoas.

A versão árabe foi viabilizada com apoio do programa de tradução da Biblioteca Nacional. Salim Miguel tem mais de 30 livros publicados, alguns já traduzidos para outros idiomas, como o francês. "Consegui recentemente uma edição de 1971 de um livro que reúne 29 contistas brasileiros traduzidos para o alemão. Começa com Machado de Assis e termina com Salim Miguel", conta com orgulho o escritor. Sem nunca ter conseguido acesso à essa edição, recebeu há pouco da namorada de um dos netos, que o encontrou em um sebo em Berlim.

Salim Miguel passou a adolescência em Biguaçu, mudou-se para Florianópolis e nas décadas de 1940 e 1950 integrou o movimento modernista nas artes catarinenses, o Grupo Sul.

EM 1999
"Nur na Escuridão" ganhou o prêmio da Associação Brasileira de Crítico de Artes



De Koura ao Brasil. Romance autobiográfico, de 1999, conta a saga de sua família libanesa na vinda para o Brasil

EDU CAVALCANTI/ARQUIVONAN

ROCK IN RIO

Homenagem a Cazuzza

A cantora baiana Ivete Sangalo será uma das atrações nacionais no Palco Mundo do Rock in Rio 2013, que acontece nos dias 13, 14, 15, 19, 20, 21 e 22 de setembro na Cidade do Rock, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio.

Além dela, se apresentarão no festival as bandas Skank, Jota Quest, Sepultura, Kiara Rocks e o cantor Frejat. O anúncio foi feito ontem pela organização do evento. As datas dos shows serão divulgadas em breve. Estão confirmadas as bandas Capital Inicial (dia 14) e Tambour Du Bronx (dia 19).

O grande show que abrirá o festival vai homenagear Cazuzza. Na edição de 2011, o Rock in Rio prestou homenagem ao Legião Urbana. Intitulado "O Poeta Está Vivo", a apresentação, única e exclusiva para o festival, terá a curadoria de Frejat e direção musical de Liminha, com a participação de nomes como Ney Matogrosso, Maria Gadu, Bebel Gilberto, Rogério Flausino e Paulo Miklos.

Em parceria com a Sociedade Viva Cazuzza, o Rock in Rio vai chamar a atenção do público para o tema Aids.

Valdir Dutra apresenta

Teatro Infantil
Abertura da temporada 2013, com o sorteio de 3 bicicletas*

RECORTE ESTE ANÚNCIO E PAGUE R\$30,00 desconto para o titular, e 1 acompanhante (preço normal R\$ 60,00)

Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau

Divirta-se com os caçadores da floresta, Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau e a Vovózinha nesta fábula maravilhosa

Crianças acima de 1 ano de idade, e adultos, pagam ingressos separadamente.



*1 bicicleta para cada sessão

Data: 9 e 10 de março de 2013
Local: Teatro Álvaro de Carvalho - Fone: 3028-8070
Horário: Sábado 16h - Domingo 10h30 e 16h
Informações: 9982-3685

Ganhe 50% de desconto

APOIO:



Notícias do Dia
O MELHOR PARA QUEM VIVE A CIDADE





été 2005

56
Qantara
Magazine des cultures
arabe et méditerranéenne

خليل منصور
K. MANSOUR
45
SYRIAN & AMERICAN GROCERY

La Saga des Arabes d'Amérique

**Week-end
à Palmyre**

**Les tourments
de Boudjedra**

M 02530 - 56 - F: 7,50 € - RD



été 2005

56

Qantara
Magazine des cultures
arabe et méditerranéenne

édito

Amrîka, Amrîka...

Ceux qui, à la fin du XIX^e siècle, virent débarquer sur le continent américain les fils de paysans libanais et syriens, appelèrent ceux-ci tout simplement des « Turcos ». Ils appartenaient à l'Empire ottoman et fuyaient la famine que le commerce mondial infligeait à leurs terres, lesquelles produisaient une soie désormais trop chère. Mais plutôt que colons, ils se firent colporteurs et vendeurs ambulants ; un métier méprisé et inédit. Leurs frères qui, épuisés par le voyage en bateau, choisirent de s'installer en Afrique, ne firent pas autre chose. Avec le temps, les fils et les petits-fils des premiers arrivants s'intégrèrent au pays et commencèrent leur ascension sociale. Et en dépit de leur attachement à leurs traditions, ils ne formèrent jamais de ghettos. Loin s'en faut, puisqu'on les trouve bien représentés dans les professions libérales, la bourgeoisie et les classes moyennes. Plusieurs réussirent même à percer dans le monde politique. Notre dossier fait le point sur cette saga.

Aujourd'hui, l'eldorado américain fait plus que jamais rêver les Arabes depuis le Golfe jusqu'à l'océan Atlantique. Mais l'Amrîka, c'est plutôt les États-Unis, et ses promesses séduisent aussi bien de jeunes diplômés que des entrepreneurs de toutes sortes. Comme leurs prédécesseurs, ils ne retourneront pas chez eux. Cependant, le voyage étant plus aisé, la mixité plus courante, ils viennent grossir les rangs de cette nouvelle race internationale écartelée entre plusieurs pays ou continents. De plus en plus, il faudra compter avec eux.

Pour la première fois dans l'histoire des États-Unis, des Arabo-Américains se sont organisés en lobby visant à infléchir la politique étrangère. Des sénateurs d'ascendance arabe se prêtent volontiers à ce jeu, à la différence de prédécesseurs illustres du Département d'État, qui œuvrèrent au profit exclusif de leur administration.

Couverture: L'épicerie
K. Mansour à New York.

© ANDREAS FEININGER / MUSEUM OF THE CITY OF NEW YORK



sommaire

5 **actualité**

5 **Nouvelles d'ailleurs**
6 **Les sites du trimestre**
8 **Points de vue**
8 **Faux débats, fausses réformes** par Khaled el-Shâmi et Howaida Taha

10 **histoire**

10 **Portrait Rachid Boudjedra, l'homme aux rats** par Michel Lantelme
12 **Une page d'histoire**
12 **Beyrouth renaîtra-t-il ?** par François Zabbal

16 **arts**

16 **Exposition**
16 **Africa Remix: l'art d'un continent s'expose** par Ingrid Perbal
18 **Brèves art**
19 **Cinéma**

19 **Ahmed Zaki, le tigre noir au panthéon des stars** par Walid El Khachab
21 **Les films du trimestre** par Beltram Dumontier
22 **Musicales**

22 **Les musiques nomades à la conquête du monde** par Frédéric Deval
24 **Les CD du trimestre** par Rabah Mezouane

25 **dossier**

25 **La saga des Arabes d'Amérique** par Philip M. Kayal, Michael W. Suleiman, Elmaz Abinader, Milton Hatoum, Alberto Sismondini, Ignacio Klich et Eugenia Chahuan Chahuan

55 **ima**

55 **Infos IMA**

56 **villes**

56 **Villes en mouvement**
57 **Histoire de villes** par Marc Cheb Sun

59 **voyage**

59 **Saveurs**
59 **Rabat, délices de l'âme et du corps** par Alain Mordelet
62 **Invitation au voyage**
62 **Week-end à Palmyre** par Simone Lafleurriel-Zakri
68 **Carnet de route**
68 **Maghreb** par Ginette Cals

70 **littérature**

70 **Bonnes feuilles**
70 **Beyrouth, ville de perdition** par Muhammad Abi Samra
72 **Des idées et des livres**
72 **Cahiers de vie, cahiers de mort** par Salim Jay
75 **Poésie**
75 **Saadia Moufarreh** par Abdul Kader El Janabi
76 **Les livres du trimestre**
80 **Billet**
80 **Du danger des citations** par Ahmad Gunny

Le bulletin
d'abonnement
à Qantara
est en page 81

La Saga des Arabes d'Amérique

- 26 **Des Arabes en Amérique**
- 31 **Welcome ?**
1880-1914 : New York et les premiers immigrants arabes
- 34 **Écrits d'Amérique [1]**
Les écrivains nord-américains d'origine arabe
- 38 **Arabesques brésiliennes**
- 43 **Écrits d'Amérique [2]**
Les écrivains brésiliens d'origine arabe
- 46 **La diaspora en argentine**
- 50 **Les Palestiniens du Chili**
Une douloureuse intégration

Sao Paulo,
une vendeuse
de pain originaire
du Liban.



MEMORIAL DO IMIGRANTE, SÃO PAULO



© STUART FRANKLIN / MAGNUM PHOTOS

Les écrivains brésiliens d'origine arabe

En l'an 2000, le journaliste, essayiste et romancier renommé Salim Miguel a connu un grand succès au Brésil pour son roman *Nur na escuridão* (Lumière dans l'obscurité, 1999). L'auteur, né au Liban en 1924, vit depuis son enfance dans l'État de Santa Catarina, au sud du pays.

Le roman raconte l'émigration de la famille de l'écrivain, dont l'activité principale était le commerce, comme c'était le cas pour la plupart de ces immigrants orientaux appelés Turcs. Depuis la fin du XIX^e siècle, le 'ahl alkacha¹ forme un lectorat avide de journaux arabes édités au Brésil². Il est aussi très actif dans les activités littéraires traditionnelles, notamment dans l'élaboration de poèmes populaires de circonstances (*zajal*, *gazel*), en plein essor encore que cantonnée aux institutions arabes d'outre-mer.

Dans l'imaginaire littéraire, les Turcs occupent une place remarquable dans les narrations de plusieurs écrivains. Dans *Grande Sertão : veredas* (1956), João Guimarães Rosa fait intervenir Seo Assis Wababa, le patron d'un bazar perdu au fin fond du pays, marchand oriental qui vit plongé dans le bonheur d'être le chef d'une famille nombreuse et le père de la charmante Rosa'uarda³, parle un dialecte arabe, entretient des relations conviviales, en bref, le personnage qui déclenche la xénophilie du

En famille,
Sao Paulo, 2002.

1. Le peuple colporteur.

2. *Al Fayha* (1895), *Ar-Rakib* (1896), *Al-Barazil* (1896), *Al-Mundzir* (1899) pour n'en citer que quelques-uns.

3. Uarda signifie rose en arabe.

protagoniste Riobaldo. Autre exemple, celui de Jorge Amado et de son empathie pour ses protagonistes de l'épopée du cacao (comment oublier Nacib le patron et mari amoureux de *Gabriela girofle et cannelle*, Fadul Abdala de *Tocaia grande* et tous les héros de *La Découverte de l'Amérique par les Turcs* ?) Dans ses pages, Amado considère tous les Orientaux comme des Brésiliens à part entière.

Les frères Maalouf et la Ligue andalouse

Dans la première moitié du XX^e siècle, la constatation que la littérature arabe de l'émigration, en particulier au Brésil, était frappée d'immobilisme et de décadence, conduisit des intellectuels à prôner un renouveau littéraire. L'un des premiers versificateurs à emprunter un parcours artistique novateur fut Fawzi Maalouf (1899-1930). En 1921, il s'installa à São Paulo où il s'adonna tout à la fois au commerce et à la poésie ; il est salué comme l'un des plus grands poètes de sa génération pour *Sur le tapis de vent* (*Alâ bisât al-rîh*), poème en quatorze chants, publié à titre posthume et traduit en plusieurs langues. Chaque chant est composé de 16 vers à rime unique, hormis les deux premiers qui, en guise de prélude, ont une rime différente. Son œuvre se caractérise par sa tonalité radicalement pessimiste, expression d'un esprit qui se vit comme emprisonné sur terre, contraint à l'évasion dans une mort précoce.

Le 15 janvier 1933 fut créée al-'Usba al-andalusiyya, la Ligue andalouse. Le nom était puisé au patrimoine culturel arabe, tandis que son programme s'inspirait du mouvement précurseur de celui de Gibran, al-Râbita al-Qalamiyya. Les buts principaux que s'assigna la Ligue à sa création furent d'affranchir la littérature des entraves qui limitaient sa liberté, d'accomplir une fonction médiatrice entre l'Orient arabe et la littérature de l'émigration, ainsi que de donner au monde arabe l'occasion de lire les chefs-d'œuvre de la pensée occidentale. Parmi ses fondateurs se trouvaient les poètes Rachîd Alkhourî, Chafiq Maalouf, Chokrallah Aljurr, Elyâs Farhât et des savants tels 'Aql Aljurr, Tawfiq Qurbân, Tawfiq Dacoun, Alduktour Bichârah, Mousâ Kurayyim, très impliqués dans la théorisation de la versification. Une revue, *al-'Usbah*, sera éditée à partir de 1935, comptera 35 volumes et offrira toute la production littéraire de l'émigration arabe. De cet ensemble surgiront des productions inégales : la plupart

d'entre elles suivront un parcours similaire à celle de Rachîd Alkhourî, mieux connu sous le nom de *al-châ'ir al-qarawî* « le poète rural », par opposition au sobriquet de son frère resté au Liban, *al-châ'ir al-madani*, « le poète de la ville ». Le *Dîwân* reprend les thèmes et les images traditionnelles, vues de l'autre côté de l'Océan, en chantant Grenade l'Andalouse et Santos la Brésilienne, qui avait accueilli son auteur. Faire de la poésie, pour la plupart de ces écrivains, revenait à exorciser une nostalgie découlant de l'arrachement à la terre natale et d'un double exil linguistique et sentimental.

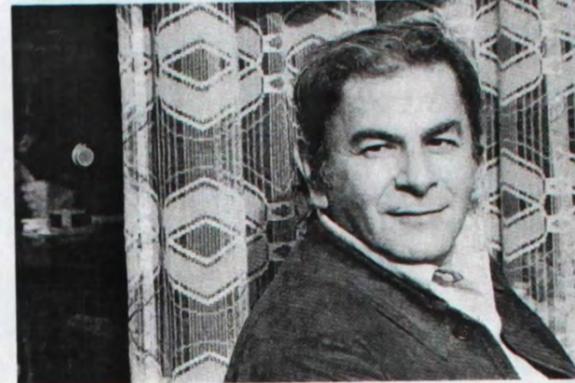
Chafiq Maalouf, pour sa part, postulait l'abandon de l'imitation en faveur de l'invention, la forme de la rime selon le goût de l'auteur et non par respect des canons esthétiques, sans pour autant renoncer à l'esprit de la langue et à son patrimoine d'images caractéristiques. C'est à lui que la quête de renouveau par le groupe *al-'Usbah* doit d'avoir pris un tour résolument créatif et novateur. L'art de Maalouf trouva sa consécration dans son chef-d'œuvre *'Abqar*, une épopée inspirée des mythes préislamiques. À travers douze chants, la vision de l'auteur prend une dimension ontologique, le poète se faisant le médiateur entre le surnaturel et les problèmes existentiels de l'homme : l'amour, l'art et la poésie, la haine, le désir, la vie et la mort.

À l'instar de la poésie andalouse, si novatrice dans ses thèmes et son harmonie, qu'elle doit pour l'essentiel à l'abandon de la monotone rime unique, la nouvelle poésie émigrée a insufflé à la poésie de sa patrie d'origine, à la fois savante et décadente, un esprit de fraîcheur, de sincérité, de spontanéité. Toutefois, pour perméable qu'elle ait été au dialogue interculturel et au métissage, la Ligue andalouse s'est tenue à l'écart des expériences contemporaines au Brésil, notamment du courant moderniste qui faisait alors rage à São Paulo.

Par-delà l'expérience de *al-'Usbah*, l'apport des Syro-Libanais à la richesse intellectuelle du Brésil est important : de nombreux cadres, avocats, journalistes, politiciens, artistes sont d'origine arabe. Dans le domaine des lettres, il faut considérer l'apport de l'écrivain et lexicographe Antonio Houaiss, signant le dictionnaire le plus complet de la langue portugaise. On ne saurait négliger la médiation culturelle opérée par des traducteurs, dont Jamil Almansur Haddad, qui introduisent la culture occidentale dans le pays.

Les auteurs contemporains : toujours l'exil

L'assimilation à la société locale, favorisée par les mariages mixtes, a transformé les Turcs en Brésiliens. Les enfants de la deuxième ou de la troisième génération ne maîtrisent plus l'arabe, qui se réduit à la langue de la mémoire collective, peu utilisée au quotidien, mais toujours vivante à l'occasion des festivités rituelles de la sphère, familiale, religieuse ou sociale.⁴ Le portugais sera désormais la langue des écrivains qui inscrivent leurs origines dans



© COLL. GALLIMARD

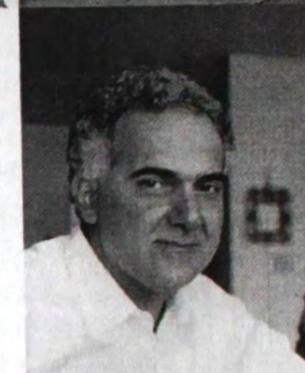
l'onomastique, ainsi que dans certaines stratégies narratives. Deux d'entre eux sont particulièrement représentatifs de ce courant.

Raduan Nassar (né en 1936), philosophe de formation, auteur de trois livres édités seulement (lorsqu'il édita le premier, souligna-t-il ironiquement, son œuvre littéraire était déjà achevée), secoue le paysage fictionnel brésilien des années soixante-dix. Peu de textes ont eu la puissance novatrice de sa *Maison de la mémoire* (1975). Plongée dans l'opacité d'une production routinière désormais exsangue qui se confond avec les débuts de la scène post-moderne, où la ville était l'espace privilégié de la narration, la fiction nationale avait pour signes caractéristiques l'errance, la fragmentation, des figures de l'imaginaire technologique, ou encore des récits de témoignage politique, des simulacres du deuil, liés à la dictature. Les nouveautés apportées par Nassar consistent dans l'atemporalité (choix d'un temps narratif mythique), la relation entre pouvoir et parole grâce à la liaison entre la culture brésilienne et celle en arrière-plan qui provient du Liban, ainsi qu'à la référence à des textes primordiaux du patrimoine culturel mondial tels que la Bible, le Coran et *Les Mille et Une Nuits*. L'auteur fait montre d'une fine connaissance de la littérature européenne. Ainsi, *La Maison de la mémoire* est une magnifique réinterprétation du *Retour de l'enfant prodigue* d'André Gide. L'existence d'un mot-clé absolu, fils de l'oralité, interprété sous forme de slogan comme « Maktub », symbole du pouvoir du destin, rattache le jeune protagoniste à la sagesse millénaire des ancêtres, lequel protagoniste détruit par la parole et par un acte incestueux la forteresse morale bâtie par la famille. Dans *Un verre de colère* (1978)⁵, on assiste à la déconstruction d'un amour qui dévoile le néant des relations humaines. Le récit, constitué essentiellement de dialogues, exprime la difficulté à exorciser « l'étrangèreté » des protagonistes par rapport à eux-mêmes, protagonistes incapables de sortir de leur coquille comme ils furent incapables de sortir des discours faits, tout en vivant un perpétuel exil.

Milton Hatoum (1952) a une formation d'architecte, détournée pour satisfaire un profond intérêt pour les lettres. Après des années de séjour en Europe, il partage son activité d'enseignant d'études littéraires



© FATIMA ROCCHA PERINI / ASK IMAGE



D.R.

À gauche :
Raduan Nassar.

Ci-contre :
Milton Hatoum.

Nostalgie.
Sur un mur,
à Fortaleza,
le dessin d'une
crique beyrouthine.

entre les universités de Manaus, sa ville natale, de São Paulo et des États-Unis. Le roman *Récit d'un certain Orient* (1989)⁶ raconte les vicissitudes d'une famille d'émigrés libanais en pleine Amazonie. Dans ce mélange d'exotisme levantin et tropical, c'est la ville qui retient l'attention du lecteur ainsi que le modèle narratif des *Mille et Une Nuits* : une nouvelle Schéhérazade revient à Manaus, la ville de son enfance, après une longue absence et relate à son frère, demeuré au loin, l'histoire de ce retour. Elle conte une première histoire qui forme un cadre imbriquant les autres. Il aura fallu attendre dix ans pour que l'auteur livre son second roman, *Deux frères* (2003)⁷. Le contexte est à peu près le même. On retrouve dans Manaus, à l'heure de sa décadence, l'histoire d'une famille libanaise immigrée accomplissant un travail de mémoire. Entre la narration biblique de Caïn et Abel, on ressent l'influence de Flaubert et de son *Cœur simple*. Le fils de la servante Domingas joue le rôle du narrateur. Ce roman est le drame de l'inceste quand rien ne peut rompre le charme des origines qui aboutit avec le deuil de l'exil, un parcours bien similaire à celui de Nassar. ●

Alberto Sismundini
est lecteur à l'université
de Coimbra (Portugal),
doctorant en littératures
comparées à l'université
de Sienne (Italie)

4. Milton Hatoum, dans *Récit d'un certain Orient*, présente une image de l'arabe langue des vieux tandis que le portugais est la langue des enfants qui, adultes, changeront naturellement d'idiome.

5. Paru en France dans un volume réunissant les deux ouvrages, *Un verre de colère* suivi de *La Maison de la mémoire*. Gallimard, 1985, trad. de Alice Raillard.

6. *Récit d'un certain Orient*, Seuil, 1993, trad. de Claude Fages et Gabriel Jacull.

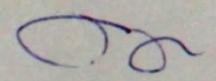
7. *Deux frères*, Seuil, 2003, trad. de Cécile Tricoire.

- Fátua

Alameda 2002 = processo
falamos de J. base no final de 2001
mas... não tinha ficado a
opinião simplista dos CIEPS.

- Uma proposta p/ corrigir o curso Lisami
obrigatório (primeira e segunda matéria) =
abrir as disciplinas dentro 150 hs pagas para
fazer o curso

Propostas Típicas = ^{Kadikléus} o livro de Plancher
o CVV de ~~de~~ três



Manuscript = os seguintes papéis
muito de inclusão